



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

MARCELÍ SILVEIRA DE LIMA SEABRA

FESTIVAL NACIONAL DA SERESTA NO RECIFE ANTIGO:
música e memória

Recife

2024

MARCELÍ SILVEIRA DE LIMA SEABRA

**FESTIVAL NACIONAL DA SERESTA NO RECIFE ANTIGO:
música e memória**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Música. Área de concentração: Música e Sociedade.

Orientador: Amílcar Almeida Bezerra

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Seabra, Marcelí Silveira de Lima.

Festival nacional da seresta no Recife antigo: música e memória / Marcelí
Silveira de Lima Seabra. - Recife, 2024.

184 p. : il., tab.

Orientador(a): Amílcar Almeida Bezerra

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Música, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. tradição inventada. 2. Festival da Seresta. 3. Recife. 4. música. 5. memória.
I. Bezerra, Amílcar Almeida. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

MARCELÍ SILVEIRA DE LIMA SEABRA

FESTIVAL NACIONAL DA SERESTA NO RECIFE ANTIGO: música e memória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Música. Área de concentração: Música e Sociedade.

Aprovada em: 22/03/2024.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Amílcar Almeida Bezerra (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor Doutor Climério de Oliveira Santos (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor Doutor Lucas Victor Silva (Examinador externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ao meu pai (*in memoriam*), com quem ouvi as primeiras canções românticas.

Ao meu amigo, Daniel Bueno, que foi uma fonte inesgotável de apoio técnico durante todo o processo. Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, pelo dom da vida e por sempre me mostrar o caminho certo.

À minha família, especialmente minha mãe, pelo apoio incondicional e incentivo, que serviram de alicerce para as minhas realizações, e por compreender a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Ao meu pai, em especial, que não se encontra mais entre nós, mas sempre torceu por meu sucesso, intercedendo a Deus por essa jornada, e pelas muitas horas que passamos juntos ouvindo música.

Ao meu sobrinho, Waldscemuller Silveira de Lima Júnior, pela companhia constante, por todo cuidado e preocupação, por me escutar com paciência e pelas muitas conversas.

Ao meu orientador, que, apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica, aceitou conduzir o meu trabalho de pesquisa nesta dissertação, pelas valiosas indicações e por mostrar que cada obstáculo é uma oportunidade de crescimento.

A todos os meus professores de curso, pela excelência da qualidade técnica de cada um, por ampliarem minha visão de mundo e enriquecerem minha experiência.

A Reginaldo Ribeiro da Silva, supervisor da hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emerenciano, pela dedicação, paciência e atenção, sempre solícito para que a pesquisa pudesse ser bem-sucedida.

A Sandro Vasconcelos da Silva, gerente de iconografia e museologia do Museu da Cidade do Recife, pela atenção, auxílio e dedicação em realizar a pesquisa junto comigo, facilitando o meu trabalho.

A Lucas de Lima Silva, Assistente de Documentação de Patrimônio Cultural, da Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais da Prefeitura do Recife, que não mediu esforços em me atender, providenciando os documentos que eu precisava.

Ao grande amigo Daniel Bueno, que foi uma das fontes mais importantes para a construção dessa pesquisa; sem ele, muita coisa não poderia ter sido dita neste trabalho.

A Jorge Simas, colega de turma, que muito contribuiu com esta pesquisa, participando de uma entrevista, através da qual, forneceu dados relevantes para este trabalho.

Às pessoas frequentadoras do Festival que foram entrevistadas, que dedicaram um pouco do seu tempo para responder ao questionário, fornecendo, assim, uma grande quantidade de dados que ajudaram a complementar esta pesquisa.

Ao amigo Armindo da Araujo Ferreira, pelas incansáveis horas de dedicação na correção deste trabalho.

A todos os meus colegas de curso que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Aos amigos Armindo, Priscila, Elizete, Mário, Robson, Cleacy, João e Bárbara, pelos momentos de descontração, que muito me ajudaram a aliviar as tensões.

A todas as pessoas que estiveram ao meu lado, ajudando de forma direta ou indireta durante todo o processo.

RESUMO

Realizado ininterruptamente entre 1995 e 2019, o Festival Nacional da Seresta é um evento anual promovido pela iniciativa privada, mas com apoio da Prefeitura do Recife (PE) e do Governo do Estado, e que acontece no bairro do Recife Antigo, centro histórico da capital pernambucana. Nesta dissertação, refletimos sobre a importância do Festival para o projeto de revitalização histórica do bairro e fizemos uma análise da curadoria para propor a hipótese de que o evento se enquadra na categoria de tradição inventada (Hobsbawm, 2002) com o objetivo de criar uma aura de nostalgia e boemia vinculada ao local, embora essa boemia seja modificada. A pesquisa mostrou, também, que, no Festival da Seresta, há um vínculo entre o conceito de seresta e a ideia de nostalgia; que o público mais velho tem o repertório do evento como referência de nostalgia e, por isso, com o passar do tempo, o público muda e, com ele, mudam as referências também. Procuramos, assim, contribuir para uma melhor compreensão dos papéis que a música pode desempenhar na atribuição de sentido aos lugares e na invenção de tradições.

Palavras-chave: tradição inventada; Festival da Seresta; Recife; música; memória.

ABSTRACT

Held uninterruptedly between 1995 and 2019, the Festival Nacional da Seresta is an annual event promoted by private initiative, but with the support of the Recife City Hall (PE) and the State Government, which takes place in the Recife Antigo neighborhood, the historic center of the Pernambuco capital. In this dissertation, we reflected on the importance of the Festival for the historical revitalization project of the neighborhood and made an analysis of the curatorship to propose the hypothesis that the event falls into the category of invented tradition (Hobsbawm, 2002) with the aim of creating an aura of nostalgia and bohemia linked to the place, although this bohemia is modified. The research also showed that, at the Festival da Seresta, there is a link between the concept of seresta and the idea of nostalgia; that the older audience has the event's repertoire as a reference for nostalgia and, therefore, with the passage of time, the audience changes and, with it, so do the references. In this way, we are trying to contribute to a better understanding of the role that music can play in giving meaning to places and inventing traditions.

Keywords: invented tradition; Serenade Festival; Recife; music; memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 –	Fachada do Bar Gambrinus	36
Foto 2 –	Interior do Bar Gambrinus	36
Foto 3 –	Restaurante Boi Voador	36
Foto 4 –	Ed. Chantecler com a localização do Gambrinus	37
Foto 5 –	O grupo Seresteiros de Olinda no interior do Gambrinus	37
Foto 6 –	O grupo Seresteiros de Olinda em frente ao Bar História, com o mini trio	37
Foto 7 –	Caminhada com os seresteiros na rua do Bom Jesus	38
Foto 8 –	Rua do Bom Jesus atualmente	38
Foto 9 –	Praça do Marco Zero com as indicações dos palcos	40
Foto 10 –	Vista aérea da Praça do Arsenal com a localização do palco	40
Foto 11 –	Praça do Arsenal vista do alto	41
Foto 12 –	João Paulo no Camarote	50
Gráfico 1 –	Percentual das noites temáticas	63
Gráfico 2 –	Percentual de artistas com quantidade de shows	69
Gráfico 3 –	Percentual de artistas que realizaram de 1 a 9 shows	69
Foto 13 –	Adílson Ramos: rei da seresta	71
Foto 14 –	Leonardo Sullivan	72
Foto 15 –	Agnaldo Timóteo	72
Foto 16 –	Daniela Souza e João Paulo Oliveira	90
Mapa 1 –	Localização aproximada de cada bairro no mapa da cidade do Recife	113
Foto 17 –	Lana Bittencourt deixando o palco, auxiliada pelo coordenador de palco	122
Foto 18 –	Waldick Soriano cantando sentado	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Local das primeiras 25 edições do Festival	42
Tabela 2 –	Artistas que apresentaram shows em homenagem a outros artistas	61
Tabela 3 –	Noites temáticas utilizadas no Festival	62
Tabela 4 –	Os 13 artistas que mais se apresentaram em temáticas diferentes	66
Tabela 5 –	As temáticas que mais se repetiram com os artistas que mais se apresentaram dentro dela	67
Tabela 6 –	Cantores que mais se apresentaram no Festival	69
Tabela 7 –	Dados pessoais dos entrevistados	109
Tabela 8 –	Distância dos bairros para o Marco Zero	113
Tabela 9 –	Outros gêneros musicais indicados pelas pessoas entrevistadas	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O tipo de repertório mais utilizado no Festival e o período no qual foi usado	65
Quadro 2 – Artistas que os entrevistados gostariam de ver no festival	128
Quadro 3 – Músicas que marcaram os entrevistados.	130

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	15
2	O BAIRRO DO RECIFE	21
3	O FESTIVAL	29
3.1	A HISTÓRIA	31
3.2	INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA	45
4	A CURADORIA	53
4.1	OS GRUPOS MUSICAIS QUE JÁ SE APRESENTARAM NO FESTIVAL	73
4.2	OS GÊNEROS MUSICAIS MAIS PRESENTES NO FESTIVAL	80
5	O PÚBLICO DO FESTIVAL	88
5.1	O PÚBLICO MAIS VELHO	88
5.2	O PÚBLICO MAIS JOVEM	90
5.3	OUTROS FREQUENTADORES	92
6	MÚSICA E MEMÓRIA	95
6.1	COMO SE DÁ O PROCESSAMENTO DA MÚSICA NA MEMÓRIA	96
6.2	MEMÓRIA E IDENTIDADES	101
6.3	INFLUÊNCIAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	105
7	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	109
7.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS	109
7.2	ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	114
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
	REFERÊNCIAS	143
	APÊNDICE A – FESTIVAL NACIONAL DA SERESTA – DATAS E ARTISTAS	160
	APÊNDICE B – ARTISTAS COM QUANTITATIVO DE SHOWS E OS ANOS EM QUE SE APRESENTARAM NO FESTIVAL	163
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA COM O PÚBLICO	166
	APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA COM JORGE SIMAS	167
	ANEXO A – PROJETO DE LEI nº 76/99 E OFÍCIO Nº 275/99-GP	168
	ANEXO B – PROJETO DE LEI Nº 76/99 REESCRITO	169
	ANEXO C – OFÍCIO Nº 275/99-GP REESCRITO	170
	ANEXO D - CONVÊNIO ENTRE DANIEL BUENO PRODUÇÕES E A FUNDAÇÃO DE CULTURA DA CIDADE DO RECIFE	171

ANEXO E – OFÍCIO À FUNDAÇÃO DE CULTURA DA CIDADE DO RECIFE	174
ANEXO F – CONTRATO DE EXCLUSIVIDADE DE ARTISTA	175
ANEXO G – EXTRATOS DE CONTRATOS DE INEXIGIBILIDADE DE ARTISTAS	176
ANEXO H – EXTRATOS DE CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS A ARTISTAS	177
ANEXO I - EXTRATOS DE PAGAMENTOS A OUTROS	178
ANEXO J – INFRAESTRUTURA	179
ANEXO K – POLÍTICOS	180
ANEXO L – PRODUÇÃO	181
ANEXO M – PÚBLICO	182
ANEXO N – MOMENTOS	183

1 INTRODUÇÃO

O Festival Nacional da Seresta, que acontece no bairro do Recife, teve sua primeira edição em 1995. Foram 27 edições ininterruptas, com exceção dos anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia no novo coronavírus – Covid-19. Trata-se de um evento de grande porte, realizado por instituição privada, mas com total apoio do poder público municipal e estadual. O evento foi criado como uma das ações do Plano de Revitalização do Bairro do Recife e tinha, basicamente, dois objetivos: embelezar o bairro, por isso, a sua realização naquele local, e ser um evento voltado para o público de mais idade.

O Festival consegue movimentar o bairro do Recife, contribuindo com o lazer das pessoas, o turismo, a valorização do local, o estímulo à cultura e às vendas no comércio local, favorecendo bares e restaurantes da região, gerando emprego e renda indiretos. Além disso, envolve muitos setores públicos e privados e proporciona shows gratuitos ao ar livre à população, principalmente ao público de mais idade, carente de opções de lazer musical voltados especificamente para ele, o que não ocorria naquela época.

Mesmo com esta dimensão, nem a academia nem qualquer outra esfera procurou estudar o evento ou parte dele. Analisando a literatura, verificou-se que não há qualquer documento acadêmico que fale a respeito do Festival ou de qualquer segmento a ele referido. Foram encontrados apenas alguns registros nos diários oficiais do Estado e do Município, além de pequenas reportagens jornalísticas. Isso chamou a atenção do cantor Altemar Dutra Jr., que, em um trecho de uma live realizada em São Paulo (2021), falou o seguinte:

Existe festival de seresta no Brasil todo. O maior é o festival da seresta de Recife. Cara, Recife é uma multidão... é lindo! (...) Um sucesso, lá em cima, sabe! Então, é muito legal, muito forte. [Se] Eu vou cantar Sentimental, por exemplo, se eu não quiser cantar mais nada, todo mundo canta... a multidão, sabe! As pessoas não sabem [do festival], isso não chega; não sei... isso não é interessante? As pessoas não falam, não é legal falar? Isso é cultura, isso é resgate da nossa música, a raiz (Altemar Dutra Jr., 2021).

O Festival é um evento da nossa cultura musical, porém nunca atraiu a atenção de alguém que desejasse escrever sobre ele no âmbito acadêmico. Essa total inexistência de trabalhos escritos concernentes ao evento ou a elementos ligados a ele, levou à escolha do tema desta pesquisa, que é falar sobre o Festival Nacional da Seresta e identificar as relações existentes entre o bairro do Recife, o evento e o público mais velho. Portanto, este trabalho se

torna relevante pelo seu caráter pioneiro e pela contribuição à academia e à população de modo geral.

A pesquisa buscou retratar o Festival a partir de alguns aspectos, tais como: a escolha do bairro para a realização do evento; a história da criação do Festival; a descrição da infraestrutura e logística para que ele aconteça; a curadoria; o público e os gêneros musicais mais presentes no seu repertório. Além disso, verificou-se que a relação do público mais velho, que é maioria, com o repertório da seresta é sentimental e nostálgica. Por essa razão, e para compreendermos melhor esta relação, este trabalho procurou, também, esclarecer, de forma sucinta, como a música se processa no cérebro e como a identidade musical se desenvolve para que, assim, haja um entendimento mais razoável sobre tal relação. Por fim, a partir de algumas entrevistas com frequentadores, com um músico e com o produtor musical do evento e de todo um levantamento de dados coletados na imprensa local, além de visitas a locais públicos com o intuito de angariar dados que auxiliassem neste trabalho, a pesquisa mostrou que o Festival Nacional da Seresta é um evento de grande importância, não só para a cidade, como para o bairro do Recife e, especialmente, para a população.

Este trabalho não tem o perfil de completude em relação ao tema, mas abre caminho para uma série de questionamentos que têm como finalidade o aprofundamento dessa discussão. Há lacunas que precisam ser preenchidas com outros trabalhos, enriquecendo, assim, o debate. Partindo dessa premissa, esta pesquisa viabiliza rumos que podem contribuir muito com a continuidade deste trabalho e com a academia.

1.1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para este trabalho, a pesquisa realizada foi de cunho exploratório. Gonçalves afirma que a pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Ela visa também a descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes (Gonçalves, 2005, p. 98). Esse tipo de revisão foi necessário pelo fato de não ter sido encontrada qualquer fonte acadêmica que falasse a respeito do Festival Nacional da Seresta.

Por esta razão, tivemos que fazer uma investigação em diversas fontes: jornais impressos (Diário de Pernambuco¹ e Jornal do Commercio²) e o Jornal Folha de Pernambuco³, na versão online. Também foram acessados outros documentos online, tais como: blogs, portais, rádio online, diário oficial do Estado de Pernambuco e do Município, e afins. Foram realizadas entrevistas com o músico Jorge Simas⁴ e com várias pessoas frequentadoras do Festival Nacional da Seresta; além disso, foi feita uma entrevista com o produtor musical do evento, Daniel Bueno, que durou 2 horas e 40 minutos, dividida em três partes, que aconteceram nos dias 09/05 e 06/06, ambas em 2023, e no dia 19/01/24, além de muitas conversas de maneira informal. Ademais, foram realizadas várias visitas agendadas em diversas instituições públicas com a finalidade de obtenção de dados que esclarecessem ou reforçassem a pesquisa.

Foi realizada, também, uma pesquisa bibliográfica acurada. Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 55) escrevem que a pesquisa bibliográfica "explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos". Entendemos que a pesquisa bibliográfica foi a mais adequada para abordar as questões acima descritas; para esse processo, foram escolhidos alguns autores para embasar as temáticas inerentes a cada parte. O primeiro capítulo trata da

¹ **Diário de Pernambuco:** fundado em 07/11/1825 pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão, é considerado o jornal mais antigo em circulação da América Latina, com uma tiragem de aproximadamente 22.504 exemplares diários. Pertence ao grupo Diário de Pernambuco (78%) e Diários Associados (22%), seu atual presidente é Carlos Frederico de Albuquerque Vital. Tem como slogan, a frase: "O jornal mais antigo em circulação na América Latina. O grande jornal dos pernambucanos" e, a partir de 15/02/2020, incluiu a frase "Rumo aos 200 anos" junto ao slogan. [Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Diario_de_Pernambuco. Acesso em: 10 jan. 2024].

² **Jornal do Commercio:** fundado em 03/04/1919 pelo empresário Francisco Pessoa de Queiroz. Pertence ao Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC), do grupo JCPM, com uma tiragem de aproximadamente 37 mil exemplares, além de 11 milhões de pageviews por mês, na versão online. Seu atual presidente é o empresário João Carlos Paes Mendonça. Encerrou suas edições impressas em março de 2021, migrando completamente para o formato digital. Em agosto de 2022, retirou o *paywall* (permite que você restrinja determinados conteúdos em seu site ou newsletter, exigindo que seus leitores se inscrevam para acessar seu trabalho) e, com isso, todo o seu conteúdo e as edições do dia em PDF passaram a ser disponibilizados de forma gratuita no site e aplicativo móvel. Seu slogan é "O maior e melhor jornal de Pernambuco. Pernambuco em primeiro lugar". [Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Commercio_\(Recife\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Commercio_(Recife)). Acesso em: 10 jan. 2024].

³ **Folha de Pernambuco:** fundado em 03/04/1998 pelo grupo empresarial EQM, do empresário Eduardo de Queiroz Monteiro (fundador, presidente e proprietário), tem uma tiragem de aproximadamente 28 mil exemplares por dia e 400 mil leitores. Em 2017, lançou, de forma pioneira no Estado, o formato *berliner* (tamanho 315cmx470cm, no lugar do standard que mede 600cmx750cm). Seu slogan é: "Compromisso com você". [Disponível em: <https://www.folhape.com.br/a-folha-de-pernambuco/>. Acesso em: 10 jan. 2024].

⁴ **Jorge Simas:** compositor e violonista de 7 cordas, nasceu em 1953 no Rio e radicou-se em Recife em 2007, vindo a receber o título de cidadão pernambucano, pela ALEPE, em 13/12/2022. Especialista em Choro e Samba, gravou mais de 5 mil faixas com os maiores intérpretes da música popular brasileira, tais como Beth Carvalho, Alcione, Jair Rodrigues, Clara Nunes, Elis Regina, Agê, Carlos Lyra, Jamelão, Moraes Moreira, Fagner, João Nogueira, Quarteto em Cy, Nara Leão, Elizeth Cardoso, Roberto Ribeiro, Noite Ilustrada, MPB-4, Toquinho, Emílio Santiago, dentre outros, e já se apresentou no festival da seresta várias vezes. Ganhou cinco prêmios: Concurso de Conjuntos de Choro da Cidade do Rio de Janeiro (1978); Troféu Manchete (1991); I Concurso de Choro da Cidade do Rio de Janeiro (1996) e dois prêmios Sharp, como melhor CD instrumental e melhor grupo instrumental. Gravou dois CDs: "Pela palavra" (2003) e "Carta ao rei" (2000); e participou do Festival Folk Tejo, em Portugal (1991) e do "Vail Jazz Party", festival de música instrumental realizado em Vail (Colorado, EUA) (1997).

descrição do evento em todas as suas nuances; o segundo, da relação entre música e memória; já o terceiro dispõe da análise das entrevistas. No segundo capítulo, escolhemos os autores Halbwachs (2006) e Frith (2001) para embasar a questão, mas também, mencionamos os autores Kandel (2006) e Levitin (2010) para falarmos rapidamente, do ponto de vista biológico, como acontece o processamento da música na memória; isso para uma melhor compreensão da relação público-repertório-artista no Festival da Seresta.

Quanto à sua natureza, a pesquisa teve caráter qualitativo. Conforme Triviños (1987, p. 132), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo, como base, a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno, como, também, suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, tentando prever as consequências. Ainda de acordo com o autor, é desejável que a pesquisa qualitativa tenha como característica a busca por:

[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc (Triviños, 1987, p. 132).

Falar sobre o Festival Nacional da Seresta, não só descrevendo suas características, mas procurando entender o que ele representa para o público, dentro do contexto no qual está inserido, foi o que levou a pesquisa a se caracterizar dentro de um perfil qualitativo.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizado um estudo de caso. Segundo Hartley (1994), citado por Roesch (1999, p. 155), a virtude do estudo de caso “[...] reside em sua capacidade de explorar processos sociais à medida que eles se desenrolam nas organizações”, permitindo uma análise processual, contextual e longitudinal das várias ações e significados que se manifestam e são construídas dentro delas. Já Yin (2001, p. 33) diz que: “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Levando em consideração essas descrições, consideramos que o estudo de caso descreve de forma nítida o tipo de estudo realizado.

Quanto à técnica de coleta de dados, a pesquisa fez uso de três, a saber: entrevista semiestruturada; pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. A **entrevista semiestruturada**, de acordo com Rosa e Arnoldi, “é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo

uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo” (Rosa; Arnoldi, 2006, p. 17). Esta técnica é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta. Triviños (1987, p. 146) fala que a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, suportados em teorias que interessam à pesquisa, podendo surgir hipóteses novas, conforme as respostas dos entrevistados.

Nesse trabalho, como já foi dito, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o produtor musical do evento, algumas pessoas que já frequentaram o Festival da Seresta e um músico que já se apresentou nele. A entrevista com o produtor se deu de forma presencial, em seu escritório. Foi marcada para o dia 09/05/2023, porém, por motivos superiores, foi necessário dividi-la em dois dias; portanto, ela foi realizada em duas partes que aconteceram nos dias 09/05 e 06/06 de 2023. Porém, foi necessário um terceiro encontro, pois faltavam muitas informações ainda; então, esse encontro se deu no dia 19/01/2024. Já com o músico Jorge Simas, a entrevista foi feita em 04/02/2021, através de e-mail, pelo qual foi enviado um questionário, o músico respondeu por escrito e, em seguida, enviou as respostas também por e-mail.

Para as entrevistas com as pessoas que frequentaram o Festival, usamos duas formas: a amostragem em bola de neve e abordagens aleatórias. Sobre a amostragem em bola de neve, Vinuto fala que ela “torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados” (Vinuto, 2014, p. 203). Considerando que esta pesquisa teve início no período da pandemia do Coronavírus – Covid-19, e que o evento ficou suspenso por um período de dois anos (2020 e 2021), esta abordagem tornou-se bastante proveitosa para que pudéssemos chegar a essas pessoas. Nesta abordagem, elege-se uma ou mais pessoas para serem entrevistadas e estas pessoas indicam outras para serem entrevistadas também, que, por sua vez, indicam outras e, assim, sucessivamente.

Em relação à abordagem aleatória, foi realizada na rua da Guia, no bairro do Recife, no dia 30 de janeiro de 2022, por ocasião de uma apresentação do bloco lírico Cordas e Retalhos no Restaurante Cultural Sabor de Pernambuco, que fica no número 89 da mencionada rua. Recebi o convite de uma das pessoas que já havia entrevistado, que participava do citado bloco, para assistir à apresentação. Chegando lá, percebi que, não só o restaurante Sabor de Pernambuco, mas os demais restaurantes da rua estavam abertos e todos eles tinham, em suas calçadas, mesas cheias de pessoas se divertindo e apreciando a música no local. Então, assisti à apresentação e, ao final, percorri as mesas da rua, abordando pessoas aleatoriamente;

momento este em que eu me identificava, apresentava o trabalho e convidava a pessoa para participar da entrevista.

As pessoas abordadas que já conheciam o Festival concordaram em participar da pesquisa concedendo a entrevista. Anotei os contatos dessas pessoas e, posteriormente, as enviei o questionário através do aplicativo WhatsApp, da forma como havíamos combinado; algumas preferiram responder por escrito e enviar as respostas também pelo WhatsApp, e outras optaram por responder através de telefonemas feitos por mim em horários previamente agendados.

Sobre a **pesquisa bibliográfica**, neste trabalho, utilizamos vários autores para fundamentar as questões propostas conforme já explicitado no início deste tópico. A pesquisa bibliográfica é o tipo mais comum de pesquisa; ela reúne informações e dados que permitem ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o assunto, além de buscar elementos que servirão de base para a investigação, tendo, como finalidade, encontrar respostas para o problema da pesquisa. Na visão de Marconi & Lakatos, a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (Marconi; Lakatos, 2008, p. 183).

Em relação à **pesquisa documental**, segundo Gil (2002, p. 87), é muito semelhante à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes: enquanto a bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores, a documental vale-se de materiais que não receberam, ainda, um tratamento analítico, podendo ser reelaboradas de acordo com os objetos da pesquisa. Neste caso, como já dissemos antes, fizemos uso de várias fontes documentais e entrevistas encontradas na internet, além de fontes documentais privadas cedidas pelo produtor do Festival, Daniel Bueno⁵.

Foram realizadas também visitas presenciais ao Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emerenciano, no Museu da Cidade do Recife e na Autarquia de Urbanização do Recife (URB). Além disso, a pesquisa ocorreu, também, na Secretaria de Planejamento, Gestão e Transformação Digital da Prefeitura do Recife e no Acervo da Assistência de Documentação

⁵ Daniel Bueno é o nome artístico de Roberval de Medeiros Pena. Ele é o produtor musical do Festival da Seresta desde a 1ª edição. Ele foi entrevistado nos dias 09/05, 06/06 de 2023 e 19/01/2024, em seu escritório, localizado na Rua Japencanga, 57, Prado-Recife/PE. A entrevista completa teve duração de 2 horas e 40 minutos.

de Patrimônio Cultural (ADPC), Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais (ULZE), da Prefeitura do Recife, ambas no formato online, através da Lei de Acesso à Informação (LAI).

Quanto à técnica de análise dos dados, essa pesquisa fez uso da Análise de Conteúdo. Para Bardin (1977, p. 280), ela é um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações [...] que tem por objetivo enriquecer a leitura e ultrapassar as incertezas, extraindo conteúdos por trás da mensagem analisada”. Ainda segundo a autora, esta técnica possui duas funções básicas, que são: a função heurística, que aumenta a prospecção à descoberta, enriquecendo a tentativa exploratória; e a função de administração da prova, em que, pela análise, buscam-se provas para afirmação de uma hipótese. Portanto, entendemos que esta é a técnica de análise dos dados que mais se adequa à situação.

2 O BAIRRO DO RECIFE

O bairro do Recife é conhecido, dentre outros aspectos, pela sua história e fama de ser um bairro boêmio. Para entender melhor a relação do evento com o bairro, vamos conhecer um pouco da sua história.

Por volta de 1548, o bairro do Recife se limitava a apenas um pequeno povoado, tendo como residentes, em sua maioria, pescadores. No início da colonização, serviu de ponto estratégico, principalmente para o comércio. Bernardes afirma que “A ocupação do sítio onde se assentaria o núcleo inicial do Recife deve-se às condições naturais favoráveis à existência de um porto, elemento essencial em uma economia colonial produtora e exportadora de bens primários e importadora de bens manufaturados” (Bernardes, 2013, n.p.).

Após a invasão holandesa, no período de 1630 a 1654, surgiram as primeiras construções de casas, atendendo a uma necessidade da população que só crescia. Logo, surgiram construções, pontes e ruas. Com o passar dos anos, o comércio, que já estava em plena efervescência, fez com que a cidade se expandisse, surgindo, assim, além do bairro do Recife, os de Santo Antônio, São José, Boa Vista e Santo Amaro. Após a expulsão dos holandeses, em 1654, Recife já era considerada um centro de negócios e possuía muitas residências. No entanto, só é elevada à categoria de Vila em 1710 e recebe foros de cidade em 1823, através de carta imperial.

No século XIX, Recife era considerada uma das principais cidades do Brasil e, até o final do daquele século, contava com cinco bairros principais, que foram, na verdade, os bairros iniciais; dentre eles, o bairro do Recife, que era o mais comercial e acumulava quase toda economia da cidade.

Entretanto, no final do século XIX, o bairro sofreu certo abandono por parte dos moradores, mas, principalmente, por parte dos comerciantes e empresários, tendo em vista o declínio da economia açucareira e das sucessivas crises econômicas. É nesse período que o bairro do Recife, então, passa por uma grande transformação, tendo como objetivo trazer modernidade, limpeza e embelezamento para a localidade.

Já no início do século XX, o porto passa por reformas e a região sul do bairro do Recife é remodelada. Essas mudanças, portanto, eram o prenúncio do que ocorreria ao longo do século. Houve muitas demolições e reformas, para dar lugar a avenidas e construção de novas edificações. É desse período a demolição da Igreja do Corpo Santo, um dos maiores e mais antigos templos da cidade, e dos Arcos da Conceição. O bairro concentrava muitas das atividades essenciais dos seus quase 13.000 moradores. Lubambo afirma que:

No início do século XX, o Bairro do Recife concentrava o comércio importador e exportador, as finanças nacionais e estrangeiras e os serviços públicos básicos, como o transporte ferroviário e marítimo e as comunicações. Era evidente o congestionamento de funções no bairro, que abrigava cerca de 13.000 residentes distribuídos entre 1.180 casas e sobrados (Lubambo, 1991, p. 53).

Portanto, era necessário uma reorganização do bairro. As reformas realizadas propiciaram um novo traçado urbanístico, pois, após as demolições, surgiram edifícios ecléticos e modernos, bancos, companhias financeiras e comerciais, quadras, bulevares, avenidas e calçadas decoradas. Essas mudanças afetaram não só as dimensões do sistema portuário, mas, também, proporcionaram uma completa reestruturação em todo padrão urbanístico do bairro. Os serviços que eram oferecidos foram descentralizados para os bairros recém surgidos. Essas transformações foram consideradas um grande progresso na época, porém, para Moreira, “a reforma urbana consistiu em uma ampla demolição do tecido urbano colonial original” (Moreira, 1992, p. 187). Foi, na verdade, a demolição do velho bairro, pois com a destruição dos sobrados, muita gente ficou sem ter onde morar e vários comerciantes perderam seus espaços de trabalho; consequentemente, o bairro perdeu um pouco da sua originalidade.

O bairro do Recife chegou aos anos 1940 numa situação de esvaziamento e desolação. “Surgiram, portanto, boates, cabarés e prostíbulos na área do porto” (Madureira, 1996, p. 67). É, justamente, a partir desse período, que o bairro viveu sua “época de ouro da boemia, dos cabarés, das boates e dos prostíbulos”, afirma Zancheti (1995, p. 11). Já Madureira dá uma explicação para tudo isso que estava ocorrendo, ela diz que a degradação se deu “em decorrência da queda do poder econômico local e da queda da função portuária em nível regional, além da revolução cultural que se dá a partir daí” (Madureira, 1996, p. XXX). Então, um novo padrão de comportamento social é instituído. A autora afirma ainda que é, nessa época, que o bairro do Recife deixa de ser residencial e passa a ser um bairro onde proliferava a prostituição.

Em meados do século XX, entretanto, instala-se, no bairro do Recife, um processo de deterioração física e desaquecimento funcional, que só seria revertido seguindo uma tendência internacional pós-guerra de recuperar e requalificar centros históricos, embora isso não tenha ocorrido nessa época. O bairro chega à década de 1960 em um estado de enorme degradação, tanto no aspecto espacial quanto físico e humano e, por conseguinte, se consolida como área boêmia da cidade: prostíbulos famosos, boates e diversas entidades financeiras constroem a identidade do bairro.

Na década de 70, o bairro é considerado “alegre” e nele se encontravam os elementos próprios da boemia: bar, bebida, música, amigos e mulheres. Ou seja, onde houver bebida, mulher e música, há também a presença da boemia. Embora muitas pessoas não o considerassem um bairro boêmio, ligado a histórias de amor, saudades, sentimentos e memórias, pelo contrário, viam nele um local de prostituição.

O bairro do Recife chega à década de 1980 em um estado de deterioração em todos os aspectos: arquitetônico, comercial, residencial, financeiro e cultural. Portanto, surge um novo espaço que não comporta mais aquela boemia. Embora o período áureo da boemia do bairro do Recife tenha acontecido entre as primeiras décadas do século XX até os anos de 1960.

A partir da década de 1980, os líderes políticos, em decorrência dessas mudanças estruturais e econômicas, começaram a pensar em estratégias para trazer de volta o “brilho” e os olhares para a localidade. Mas, somente na década de 1990, é que foram possíveis os primeiros passos na direção de uma grande mudança. Como já ocorria em muitas cidades do Brasil e também internacionalmente, o poder público tomou a iniciativa de repensar o bairro e, com isso, torná-lo mais atrativo e proveitoso.

Para esta mudança, em 1992, foi criado o Plano de Revitalização do Bairro do Recife (PRBR), como parte do Programa Integrado de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR), gerenciado pelo Banco do Nordeste (BNB), com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (Lacerda, 2007, p. 625). Através deste plano, pretendia-se estimular “os serviços modernos; os serviços de cultura e lazer; os serviços turísticos; o comércio varejista moderno e a habitação” (Zancheti; Lacerda, 1999, p. 13). O bairro do Recife, conhecido por ser, em décadas anteriores, um espaço de intensa atividade boemia e de prostituição, abandonado pelos investidores privados e pelo poder público, principalmente na região mais próxima ao cais do porto, agora era objeto de um projeto de revitalização.

De modo geral, os principais objetivos do plano eram: alavancar a economia estadual e fortalecer o setor turístico; além de muitas ações que ajudaram a nortear este plano. Madureira, por exemplo, identificou quatro pontos que considera as grandes diretrizes do processo de revitalização no bairro do Recife, são eles:

Conservar o patrimônio histórico e cultural; transformar a economia do bairro num centro regional, polo de concentração de comércio varejista, de cultura e lazer, e um centro de serviços modernos; torná-lo um espaço de lazer e diversão para toda a população; torná-lo um centro de atração turística nacional e internacional (Madureira, 1996, p. 71-72).

De fato, esses pontos foram cruciais para que o plano de revitalização do bairro desse certo. Com a finalidade de atingir esses objetivos, foram criadas várias ações. Dentre elas, destaco a oferta de isenções fiscais associadas a obras públicas de infraestrutura para atrair diversos investimentos privados em bares e casas noturnas. Essa ação mudou radicalmente a feição do bairro na segunda metade dos anos 1990 e, com isso, a localidade voltou a atrair investidores e empresários; surgiram muitas empresas; o comércio se expandiu e a sociedade ganhou mais espaço para o lazer.

Outro objetivo estava ligado ao setor turístico. Por isso, pensou-se em incluir um evento musical de grande dimensão, de forma que ele pudesse ser mais uma opção de lazer, mas que também pudesse levar muitas pessoas de volta ao bairro. Vale ressaltar que esse evento musical fora pensado para ter características que cativassem as pessoas mais velhas, visto que até aquele momento nunca havia um evento dessa natureza na cidade.

Ora, incluir a música dentro de um projeto de revitalização de um bairro já estava acontecendo em outras cidades do Brasil; e Recife seria a próxima a experimentar tal prática. Podemos citar algumas localidades que procederam dessa forma, mas, aqui, quero destacar apenas uma, que é o caso da Rua do Lavradio, através do Projeto Corredor Cultural, no centro do Rio antigo - Rio de Janeiro (RJ), que utilizou a música como parte deste processo de revitalização, contando com muitas casas noturnas especializadas em música brasileira, especialmente o Samba e o Choro.

Dentre os vários programas integrantes deste projeto, estavam: o Música nas Igrejas, que promovia apresentações de música sacra nas igrejas do Carmo, de São José e de São Francisco, e o projeto Seis e Meia, que atraía público para teatros na Cinelândia e na Praça Tiradentes, para ver e ouvir de perto os grandes nomes da MPB. Esses programas deram certo e conseguiram atingir o objetivo para o qual foram criados.

Uma atração musical, dentro do projeto de revitalização do bairro, é muito importante, porque a música consegue atingir várias frentes ao mesmo tempo: atrai pessoas, embeleza e anima o ambiente, promove lazer, enriquece a cultura musical, proporciona palco para os artistas e movimenta o mercado. Napolitano afirma que: “[...] a canção ocupa um lugar especial na produção cultural, em seus diversos matizes, ela tem o termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo das nossas sensibilidades coletivas mais profundas” (Napolitano, 2002, p. 77). Portanto, a ideia de criar o evento tinha tudo a ver, e foi dentro desse contexto que surge o Festival Nacional da Seresta, o qual trouxe para o bairro do Recife um significado importante; até porque alguns shows já aconteciam na localidade, como

os acertos de marcha e os grupos de maracatu, todos ao ar livre, mas, nenhum estava relacionado à proposta do Festival.

Sabe-se que o repertório de uma seresta é constituído de canções românticas; elas, tal qual o nome diz, falam de histórias de amor, de bons ou maus momentos, de experiências vividas em tempos anteriores, de saudade, enfim, trazem recordações. Essas canções conseguem despertar, na memória dos ouvintes, um passado que se torna bem presente quando são ouvidas. Então, trazer um festival de seresta para o bairro do Recife juntava duas coisas: as lembranças de um passado boêmio do bairro e as lembranças de experiências vividas por essas pessoas que passariam a frequentar o bairro, por ocasião do evento.

Havia todo um contexto que compelia para o sucesso do plano: a fama de bairro boêmio, o processo de renovação pelo qual estava passando e o projeto de resgatar esse caráter de boemia que se havia perdido com o tempo. Esses elementos levaram os atores envolvidos nessa empreitada a reconhecerem que um festival de seresta, visto que continha em seu repertório canções românticas do passado, era o evento ideal para tal realização. Isso tudo traria vários benefícios para o bairro e para a população, em geral. Sobre isso, Madureira afirma que:

O compromisso institucional projetou-se em recuperar a história, o padrão arquitetônico e cultural para o uso adequado de um espaço onde é possível manter a tradição boêmia e as funções a esta inerentes. É ainda uma opção de lazer para a cidade, dentro dos atuais padrões culturais e sociais, e com perspectiva de aproveitamento turístico (Madureira, 1996, p. XXXI).

Em suas palavras, a autora consegue descrever bem o empenho do poder público em trazer de volta para o bairro não só a renovação, o brilho e a alegria, mas, também, as recordações de um passado carregado de saudosismo. A boemia, portanto, volta ao bairro do Recife, porém, vestida com uma nova roupagem para se adequar aos padrões culturais e sociais vigentes na sociedade.

Com isso, o lazer, a diversão, os bares, as bebidas, as histórias de amor, voltam à localidade e, conseqüente, o clima de boemia também, porém, modificada: não existem mais os prostíbulos; apenas os bares e casas noturnas. Ademais, essa boemia não é mais apenas dos homens; todos podem vivê-la, desde homens, mulheres, famílias. A essa tradição modificada, Hobsbawm chama de “tradição inventada”:

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu

próprio passado através da repetição quase que obrigatória (Hobsbawm, 2000, p. 10).

São esses elementos que vamos encontrar nesse novo cenário do bairro do Recife: uma continuação artificial, porque está modificada, que faz uma referência a um tempo do passado, em que se busca reviver aquele tempo, aquelas práticas, porém, essas práticas também estão modificadas. Com isso, é possível afirmar que o bairro do Recife, hoje, com sua nova aparência e seus novos padrões culturais e sociais, representam uma tradição inventada. Esse pensamento é visto, também, nas entrelinhas das entrevistas realizadas para pesquisa.

Essas entrevistas feitas com os frequentadores do Festival da Seresta mostraram que o evento traz para a localidade um clima de nostalgia, visto que a maioria dos entrevistados revelaram se lembrar, não só de histórias vividas na infância, adolescência e juventude, principalmente, nesta última, mas, também, de um tempo que passou e não volta mais. Volta agora, com o festival, apenas nas lembranças e na memória dessas pessoas. É um retorno ao passado, mas que agora está no presente, em outro local, outro momento, outro ambiente, outras circunstâncias, envolve outras pessoas. É um passado modificado.

A maior parte dessas pessoas entrevistadas está ali com a mesma finalidade: a busca pelo lazer, porém um lazer diferente. O Festival da Seresta é um lazer que difere daquele ofertado no bairro em décadas passadas e, também, dos outros divertimentos que acontecem hoje. Porque ele vai se diferenciar dos outros entretenimentos pelo seu caráter saudosista.

Além do mais, o bairro contribui muito para essa atmosfera boêmia. Ao cair da noite, suas ruas estreitas cheias de casarões antigos, casas noturnas, bares e restaurantes, pessoas bebendo nas mesas montadas nas calçadas, longe da agitação do trânsito intenso, engarrafado, enfim, todos esses elementos, juntos, trazem ao bairro essa aura de romantismo, que é característica inerente da boemia. Madureira afirma que:

O espaço da boemia não se confunde com o espaço do lazer convencional. [...] O espaço da boemia revela-se como um espaço alternativo de liberação das tensões sociais. [...] Neste espaço é possível romper a estrutura formal das relações sociais. [...] Não existe divisão de classes no espaço da boemia. Há toda uma expressão de comportamento igualitário, quando se instala a magia da boemia (Madureira, 2013, p. 52, 58).

O Festival da Seresta traz essas características: seu público é constituído de pessoas de várias classes sociais, não há distinção de raça ou credo; é um momento em que as pessoas que ali se encontram deixam de lado seus trabalhos, seus afazeres domésticos e buscam, no evento, um momento de descontração, de alegria e tranquilidade. Se essas características são inerentes

da boemia, pode-se dizer que o Festival da Seresta suscita no ambiente do bairro do Recife uma aura boêmia, embora, como já foi dito, remodelada.

Portanto, verifica-se que o bairro do Recife se tornou um espaço de destaque dentre os vários espaços de consumo para o lazer existentes na cidade e o Festival da Seresta é um lazer diferente dos demais existentes, principalmente no bairro, por seu caráter melancólico. Um está atrelado ao outro, porque buscam elementos do passado com uma finalidade muito peculiar. Como afirma Hobsbawm: “Elementos antigos são utilizados pelas novas tradições inventadas para fins bastante originais” (Hobsbawm, 2000, p. 14). Por tudo que foi exposto e graças aos órgãos institucionais competentes, ao setor privado e à sociedade, o bairro do Recife tornou-se o local mais apropriado para a representação de uma boemia; ainda que seja uma nova, e que traz para o bairro do Recife muito romantismo, através das canções que são representadas no Festival, além de muitas recordações.

Albuquerque Jr. (2009), em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, afirma que José Lins do Rego⁶ tinha uma preocupação em descobrir sua identidade, então, acreditava que arrumar a memória pessoal era o mesmo que arrumar a memória regional. Por isso, via o Nordeste, lugar onde viveu quando criança, como “uma imagem espacial interiorizada na sua infância no engenho Santa Rosa”, o qual considerava “um espaço melancólico e cheio de sombras; um espaço de saudades” (Albuquerque Jr., 2011, p. 96-97), ou seja, para reconhecer sua identidade, ele se reportava ao local onde viveu sua infância. Lugar cheio de segredos, saudades e nostalgia. É esse mesmo sentimento que aflora nas pessoas de mais idade que vão ao festival; o lugar possibilita uma volta ao passado, que desperta muitas lembranças e saudades. Esses sentimentos saudosistas são despertados não só pelas canções românticas apresentadas no Festival, mas, também, pelo caráter boêmio que o plano de revitalização trouxe de volta para o bairro, mudando completamente sua feição. A fala de Madureira resume bem o sucesso do plano de revitalização, ao afirmar:

Todavia, a despeito de tudo, é lícito afirmar que a Revitalização do Bairro do Recife é, hoje, um processo irreversível, sendo importante também frisar que a pedra de toque da aplicação bem-sucedida do plano foi, de certa forma, o retorno da boemia às velhas e conhecidas ruas do bairro, se é que algum dia ela realmente saiu de lá (Madureira, 1996, p. 86).

⁶ José Lins do Rego Cavalcanti foi um escritor regionalista brasileiro. Nasceu em Pilar/PB em 1901 e faleceu no Rio de Janeiro em 1957. Viveu sua infância no engenho Corredor, o qual citava em suas obras com o nome de engenho Santa Rosa.

Portanto, ter o Festival Nacional da Seresta inserido no contexto do plano de revitalização do bairro, trouxe muitos benefícios, dentre eles, a rememoração da história do bairro; a preservação do patrimônio arquitetônico; a recordação da tradição boêmia, embora com novas aparências e funções, para se acomodar ao modelo de sociedade presente atualmente; o fortalecimento do turismo e mais opção de lazer para a população.

3 O FESTIVAL

Começarei este tópico fazendo um esclarecimento em relação às reportagens encontradas nos jornais e em diversos sites na internet. Como esta pesquisa se trata de um trabalho pioneiro, foram coletadas 611 matérias escritas em jornais, 121 nos diários oficiais do município e do Estado, além de vários vídeos e áudios com reportagens e entrevistas com artistas, público e produção.

Diante de tantas fontes, houve certa dificuldade em se colocar, no corpo do texto ou em notas de rodapé, os dados completos das publicações mencionadas no trabalho. A dificuldade não decorreu do processo em citar essas fontes com todos os dados; mas, sim, porque a maioria dos parágrafos teria várias fontes que tornaria a leitura do texto cansativa e desinteressante. Por esta razão, optou-se por colocar apenas o local e o ano no corpo do trabalho e em algumas notas de rodapé para as reportagens de jornais e da internet. As demais fontes foram referenciadas normalmente.

Dito isso, agora vamos nos ater à história do Festival Nacional da Seresta, em si, e suas implicações. Essa história começou em 1994. O Plano de Revitalização da Cidade do Recife foi elaborado na gestão do então prefeito Gilberto Marques Paulo⁷. Também, como já foi dito, dentre as várias ações pretendidas que faziam parte desse plano, seria interessante criar um evento musical dentro de uma proposta ainda não existente no Calendário Cultural da cidade do Recife. Além disso, pensou-se na possibilidade de ser um evento de grande dimensão, uma vez que tinha, como um dos objetivos, atrair muitas pessoas ao bairro do Recife. Sobre isso, em entrevista para o “blog do abelhudo”, em 14/05/2020, Vasconcelos (2020) explica:

Sempre gostei da boa música popular brasileira, em especial da música romântica expressa nos sambas canções, nos boleros e no amplo repertório da boemia da minha juventude. Encontrei em Geraldo Freire, de grande sensibilidade para o gosto popular, o parceiro ideal para trocar ideias e levar o projeto adiante. Como era considerada uma música do passado, muitos não acreditaram que aquele tipo de evento pudesse dar certo. Eu, ao contrário, tinha a convicção de que havia um grande público para aqueles artistas, que já tinham atravessado sua era de ouro, mas que ainda eram lembrados e admirados pelos grandes sucessos de suas carreiras. E o mais importante, não havia iniciativas para colocá-los em contato com seu público. O Festival da Seresta, assim, seria uma grande oportunidade (Vasconcelos, 2020).

⁷ Joaquim Francisco foi eleito prefeito para o mandato de 1989-1992. Porém, em 01/04/1990, renunciou para concorrer ao cargo de Governador do Estado. Em decorrência disso, Gilberto Marques Paulo, que era vice-prefeito, assumiu o cargo, concluindo o mandato em 31/12/1992.

As palavras de Vasconcelos são claras, descrevem bem suas intenções e não deixa qualquer dúvida em relação a suas intenções na criação do Festival. Mas, até aquele momento, não estava definido o tipo de evento que deveria ser criado, suas características, periodicidade, bem como quem ou quais pessoas ficariam responsáveis por sua elaboração.

De acordo com o Calendário Cultural da cidade do Recife, existem vários eventos musicais dos mais diversos estilos/gêneros. As principais referências desses eventos públicos de grande porte são as festas populares do Carnaval e do São João. Cada uma destas acontece numa época específica do ano e tem um repertório musical com características próprias. No Carnaval, em fevereiro (ou março), os investimentos do setor público se concentram no frevo, no maracatu e em outros gêneros de música e dança locais, considerados tipicamente carnavalescos, embora, desde o início dos anos 2000, a prefeitura promova uma programação paralela de shows dos mais diversos gêneros musicais sob a alcunha de “carnaval multicultural”. Já no São João, em junho, predomina o forró em suas diversas modalidades, que variam do mais tradicional ao mais contemporâneo.

Portanto, seria necessário e interessante que fosse pensado algo diferente dos eventos já existentes. Foi então que, em 1994, Jarbas Vasconcelos, por ocasião da sua segunda gestão como prefeito da cidade do Recife (1993-1996), teve a ideia de criar um evento relacionado à seresta, algo que não havia ainda na cidade, e que estaria dentro do escopo do plano de revitalização. Tão logo ele pensou em criar o Festival da Seresta, também já anunciou que o evento teria o total apoio da prefeitura do Recife.

Sabe-se que o repertório junino, bem como o carnavalesco, não estão incluídos normalmente no repertório de uma seresta. Isso se explica pelo fato de que a seresta é uma manifestação que ocorre em qualquer época do ano, enquanto os gêneros carnavalescos e juninos são característicos do Nordeste brasileiro e, portanto, mais executados em períodos específicos do ano, como já mencionado⁸.

É sabido também que já existe, na cidade do Recife, inúmeros shows e festivais, porém, nenhum deles relacionado ao repertório de uma seresta, com músicas românticas. Portanto, a ideia de Jarbas Vasconcelos foi bem acertada e o Festival passou a preencher essa lacuna. A seguir, faremos uma descrição do Festival Nacional da Seresta, relatando sua história e descrevendo a infraestrutura e a logística necessárias para que o evento aconteça.

⁸ Embora o frevo passasse a fazer parte da grade de shows do festival a partir de 1996 com Fernando Azevedo; além do Bloco das Ilusões, em 1997, e do Coral Edgard Moraes, em 2019. Ambos executam frevos de bloco em seus shows.

3.1 A HISTÓRIA

Primeiramente, vamos conhecer um pouco de Daniel Bueno, pois ele é a principal pessoa que faz com que o Festival aconteça e foi peça fundamental nesta pesquisa. Através dele, pude obter muitas informações e esclarecimentos sobre o evento e tudo o que diz respeito a ele, além de muitos dados que não foram encontrados nas fontes pesquisadas. Bueno é cantor, compositor, produtor musical, escritor-pesquisador e cordelista, nasceu em 1960, em Carnaíba/PE. Formado em Letras – Português/Inglês (Funeso – Fundação de Ensino Superior de Olinda), estudou também História (Faculdade Estácio de Sá) e Marketing (Faculdade Anhanguera). Apaixonado pelo rádio e pela música, compôs sua primeira canção aos 10 anos de idade. Ganhou o concurso “Pernambuco Música Hoje”, em 1984, em Afogados da Ingazeira, dentre 2.500 candidatos, com “Canção para Dom Hélder”, uma homenagem ao religioso, que estava saindo do arcebispado em função da idade avançada.

Ao longo de sua carreira como cantor, gravou dois LPs e quinze CDs e, atualmente, tem várias músicas lançadas nas plataformas musicais, também, apresenta vídeos em seu canal no Youtube, com aulas e dicas de Português. Em 1987, veio para o Recife e, desde 1989, trabalha com Geraldo Freire. Em 2017, recebeu o prêmio “Destaque TOTAL Dr. Alex Costa”, promovido pela Revista TOTAL. Lançou os livros “Glossário Gonzaguiano” (2012), “Curiosidades de Pernambuco”, “Curiosidades de Recife”, “Curiosidades da Música Popular Brasileira”, “Figuras de Linguagem” e “Versificação, linguística & estilística com exemplário na obra de Roberto Carlos & Erasmo Carlos”.

Com todo esse know-how, Bueno promove o Festival Nacional da Seresta desde a primeira edição, em 1995. Segundo ele, em 1994, Jarbas Vasconcelos estava em sua casa de praia em Maria Farinha – Paulista/PE e, naquela ocasião, recebia, como hóspede em sua casa, seu amigo radialista Geraldo Freire. Este afirmou o seguinte: “Estávamos tomando uma cervejinha e falando de cantores do passado” (Jornal do Commercio, 1995) quando, no meio da conversa, Jarbas Vasconcelos expressou o desejo de criar um “encontro de seresteiros” no bairro do Recife, como uma das ações do citado plano. A ideia de imediato agradou a Geraldo Freire, pois, assim como Jarbas Vasconcelos, ele também era apaixonado por seresta. Então, Jarbas Vasconcelos justificou sua ideia dizendo que o intuito era sacolejar, dar movimento ao Recife Antigo que estava descuidado, muito parado.

Aqui, abro um parêntese para destacar a figura de Geraldo Freire, dada a sua importância como idealizador do Festival da Seresta. Ele nasceu em Caririáçu/CE em 28/07/1949, mas veio para Pesqueira/PE com dois dias de vida; por isso, considera-se pernambucano. Com apenas 9

anos de idade, vendeu 10 quilos de mamonas (da plantação do pai) e com o dinheiro fugiu de casa, viajando de trem para a casa de uma tia que morava no Recife. Seu primeiro contrato profissional como radialista foi em 1968, na rádio Repórter, mas trabalhou também nas rádios Capibaribe, Clube, Olinda, Globo e Jornal, onde ficou por 30 anos. Em março de 2023, assinou contrato com a rádio CBN, onde está atualmente. Freire teve um papel fundamental na criação do Festival da Seresta, pois foi ele quem recebeu a incumbência de Jarbas Vasconcelos para idealizar o evento.

Conhecido como “o comunicador da maioria”, seus programas sempre atingiram o primeiro lugar de audiência. Escreveu o livro, juntamente com Eugênio Jerônimo, chamado: “O que eu disse e o que me disseram: a improvável vida de Geraldo Freire”, que foi lançado na XI Bienal do Livro de Pernambuco, em 2017. Geraldo Freire é uma pessoa muito relevante na história do Festival da Seresta, pela sua colaboração, desde as primeiras ideias a respeito do evento até a construção do projeto, além de suas contribuições para a escolha dos artistas.

Voltando à história do evento, Vasconcelos acreditava que esse “encontro de seresteiros” traria vários benefícios para o bairro, tais como: fortalecimento da revitalização do Recife antigo, o que atrairia muitas pessoas para o bairro, principalmente as acima dos 50 anos que, até aquele momento, era um público cuja faixa etária não era contemplada pelos shows existentes, o que explica o perfil de atrações musicais de grande popularidade em tempos passados. Em sua entrevista, Bueno afirma que:

Todo ano a gente faz a grade e leva para a prefeitura e para o Estado, com o mesmo objetivo: movimentar o Recife antigo: trazer os ambulantes; reabertura dos bares à noite e, principalmente, lazer para a faixa etária acima de 50 anos, que é uma faixa que não tem shows para ela. Geralmente, os shows [que não são da seresta] são para quem tem menos de 50 anos. Quem tem 70, 80, 90 anos – é a maior parte do público da seresta – estão lá sentados em uma cadeira, olhando, participando, cantando, alguns até dançando. Então, houve essa preocupação [de oferecer algo para] com essa faixa etária (Bueno, 2023).

Esses artistas a quem Vasconcelos se referia não faziam parte da grade de artistas de nenhum outro evento musical existente dentro da programação do Calendário Cultural da cidade do Recife; embora este não tenha sido o principal motivo da escolha do evento. Então, Geraldo Freire abraçou a ideia.

Ao voltar da casa de praia de Vasconcelos, Geraldo Freire procurou Daniel Bueno para expor a ideia de Jarbas Vasconcelos e juntos a colocarem no papel. Daniel Bueno, como era músico e também gostava de seresta, logo apoiou a ideia. Eles trabalharam no projeto com

muito empenho; foram muitas conversas, reflexões, planos, opiniões. Afinal de contas, seria necessário pensar em muita coisa, desde o local, os artistas, toda infraestrutura e mão de obra, bem como os valores e quem viabilizaria o projeto. Após muitas reuniões, chegaram ao final daquele mesmo ano, com o projeto idealizado e colocado no papel.

No momento da conversa na casa de praia, Jarbas Vasconcelos logo deu a incumbência a Geraldo Freire de escolher os artistas que se apresentariam no evento, pois dizia que ele era a pessoa indicada para tocar esse projeto e chamar os artistas, uma vez que já conhecia muitos destes através de debates e entrevistas na rádio. Então, não seria uma tarefa difícil para ele. Por outro lado, Geraldo Freire era amigo de Núbia Lafayette, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Agnaldo Timóteo e tantos outros que teve o privilégio de conhecer durante sua longa e bem-sucedida carreira de radialista. Como Daniel Bueno era músico (além de produtor musical, cantor e compositor), não foi difícil para os dois elaborarem o projeto e escolherem os cantores que formariam a grade de artistas para a primeira edição do Festival.

À medida que o tempo passava e as reuniões e conversas iam amadurecendo a ideia, o evento foi tomando uma forma cada vez mais robusta, ao ponto do título “encontro de seresteiros” se tornar “pequeno”. Em vista disso, seria necessário pensar em um nome que descrevesse o evento à altura. Depois de muito pensarem e com o aval de Jarbas Vasconcelos, o nome foi trocado para “Festival Nacional da Seresta”. Afinal de contas, o evento não estava fadado a trazer apenas artistas locais, mas, também, nacionais, com perfil de grande popularidade em tempos passados. Por isso, não foi difícil a aprovação do “novo” título por unanimidade.

Em relação à data, houve uma atenção especial na escolha. Como Jarbas Vasconcelos havia expressado o desejo de criar um evento que atraísse, principalmente, as pessoas de mais idades, Geraldo Freire então pensou no mês de maio. Segundo ele, era um mês mariano, mês das mães, e as mães gostam de músicas antigas; era, portanto, um mês simpático e apropriado para abarcar o evento. Segundo Daniel Bueno, em sua entrevista, o próprio Geraldo Freire sugeriu que o último dia do evento coincidissem com o sábado anterior ao Dia das Mães. Porque, desta forma, o último show da noite terminaria já nas primeiras horas do domingo “Dia das Mães”. Assim, para as mães presentes, amanhecer o Dia das Mães ouvindo aquelas canções seria como se o evento fosse realmente feito para elas. Mais uma vez, a sugestão de Geraldo Freire foi abraçada por todos. Essa ideia deu tão certo que até hoje tem sido assim, com exceção da sétima edição (2001) que a data foi de 23 a 26 de maio, em decorrência das chuvas torrenciais que caíram naquele ano.

Definido o período, agora era hora de pensar em quantos dias duraria o evento. Optou-se por realizá-lo em seis dias, divididos em dois finais de semana seguidos de quinta a sábado. Marcaram as datas da primeira edição para os dias 3, 4 e 5 (primeiro final de semana) e 10, 11 e 12 (segundo final de semana) do mês de maio daquele ano (1994). O dia 12, então, era o sábado anterior ao Dia das Mães, como eles assim desejavam. Finalmente, o Festival Nacional da Seresta tinha data certa para acontecer.

Esse formato, dividido em dois finais de semana, se repetiu nas duas edições seguintes (1996 e 1997). A partir da quarta edição, 1998, por razões financeiras, o Festival Nacional da Seresta passou a ser realizado em um único final de semana e em quatro dias seguidos, de quarta a sábado. Essa configuração tem sido mantida até hoje, com exceção do ano de 2023, que aconteceu em três dias, 11, 12 e 13 de maio, em decorrência da falta de aporte financeiro por parte do Estado.

Quanto à periodicidade, chegou-se a pensar em ser anual. Porém, não se sabia ainda se isso iria dar certo ou não. Então, para não correr o risco de cometer precipitações e sofrer decepções, foi melhor pensar nele como uma “experiência”, uma “tentativa”; se desse certo, haveria a segunda edição; se não, o evento morreria ali. Por esse motivo, observa-se na documentação analisada que o título aparece de duas formas: “Festival Nacional da Seresta” e “I Festival Nacional da Seresta”. Havia um cuidado por parte dos organizadores, na divulgação, em não criar expectativas na população e na imprensa de que haveria continuidade na realização do evento. Porém, como a prefeitura do Recife estava apoiando e já realizava outros festivais de sucesso que tinham periodicidade anual (festival de dança, festival de poesia, festival anos dourados, etc.), ficou implícito para os jornalistas, que esse seria mais um festival anual, como os demais.

Enfim, o evento aconteceu e foi um grande sucesso, superando todas as expectativas dos organizadores. Segundo Daniel Bueno: “Foi uma edição muito bonita. Muito simples, porque não sabíamos a repercussão, como ia ser, se ia dar gente ou não. E, de repente, encheu o Recife” (Bueno, 2023). Então, os organizadores e produtores se convenceram de que era inevitável que o evento fosse anual, não restava mais dúvidas em relação a isso. Inclusive, a partir dali, passaram a divulgar oficialmente o evento como sendo anual.

Na primeira edição, houve uma dedicação especial por parte dos idealizadores e produtores para que tudo saísse dentro das mais perfeitas condições, desde a escolha dos artistas, como o formato de toda programação. Era preciso estabelecer ainda quantos artistas se apresentariam em cada uma das noites do festival. Então, depois de avaliarem algumas questões pertinentes, decidiram colocar na grade de shows, dois artistas por noite.

Foram convidados para esta primeira edição, músicos considerados seresteiros de raiz. Estes eram: Sílvia Caldas [1908-1998], Maria Creuza [1944], Ângela Maria [1929-2018], Núbia Lafayette [1937-2007] Agnaldo Timóteo [1936-2021] Moacyr Franco [1936], Carlos José [1935-2020], Dalva Torres [não fornecida], Nelson Gonçalves [1919-1998], além de Expedito Baracho [1935-2017] Canhoto da Paraíba [1926-2008] e Conjunto Pernambucano de Choro [desde 1977].

No primeiro dia, para abrilhantar a festa mais ainda e chamar a atenção do público, foi organizado um cortejo com vários violonistas (a partir das edições seguintes, esse número variou de 30 a 80 seresteiros), convidados de grupos seresteiros de Olinda e Recife, que saíram em caminhada do extinto bar Gambrinus⁹ até a praça do Arsenal, onde o palco estava montado. A caminhada tinha à frente Sílvia Caldas que cantava e tocava o frevo “Recife Antigo”, de Fernando Azevedo¹⁰. Todos cantavam e tocavam juntamente com Sílvia Caldas. Para participar, foi necessário fazer inscrição pelo telefone 224.8514 ou na própria Fundação de Cultura da Cidade do Recife – FCCR, localizada no 15º andar do edifício sede da Prefeitura do Recife.

À medida que o grupo caminhava, as pessoas próximas se juntavam a ele; de modo que, quando chegaram em frente ao palco, o grupo era imenso. Isso animou muito os “românticos” presentes e fez com que todos entrassem no clima do romantismo da seresta. Ao chegarem em frente ao palco, a cantora Maria Creuza começou o primeiro show oficial da história do Festival.

O bar e restaurante Gambrinus ficava no complexo de edifícios Chantecler. Em 2000, o Chantecler foi fechado para reforma e, com isso, o Gambrinus encerrou suas atividades. Por esta razão, em 2001 o cortejo saiu do Bar História¹¹, em direção ao palco do evento.

⁹ O Bar Gambrinus se situava na Av. Marquês de Olinda, 263, no bairro do Recife, em uma das entradas do edifício Chantecler – um conjunto de seis edifícios, tombado em 1998 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); pertencente à Santa Casa de Misericórdia e cedido à Realesis Empreendimentos, gestora do Complexo Paço Alfândega. O conjunto de edifícios tinha como número principal, 222; porém, o edifício onde funcionava o Gambrinus, tinha numeração 263.

¹⁰ Fernando Azevedo é médico-pediatra, folião, cantor e compositor. Compôs o frevo de bloco “Recife Antigo” especialmente para a ocasião.

¹¹ O Bar História funcionava na rua da Guia, 93, bairro do Recife, onde hoje existe o restaurante Boi Voador.

Foto 1 – Fachada do Bar Gambrinus



Fonte: Acervo da Assistência de Documentação de Patrimônio Cultural (ADPC), Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais (ULZE), da prefeitura do Recife, 2023.

Foto 2 – Interior do Bar Gambrinus



Fonte: Acervo da Assistência de Documentação de Patrimônio Cultural (ADPC), Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais (ULZE), da prefeitura do Recife, 2023.

Foto 3 – Restaurante Boi Voador



Fonte: www.showmystreet.com, 2023.

A foto a seguir mostra um desenho do Ed. Chantecler, que fica na av. Marquês de Olinda, 222, bairro do Recife, onde o Bar e Restaurante Gambrinus funcionava. A Foto 4 mostra a localização exata do Gambrinus no edifício Chantecler:

Foto 4 – Ed. Chantecler com a localização do Gambrinus.



Fonte: www.diariodepernambuco, 2023.

A caminhada ocorreu desde a primeira edição até o ano de 2001. Entretanto, é importante mencionar que, nos anos de 2000 e 2001, a caminhada não aconteceu tendo à frente os seresteiros da cidade, principalmente do grupo Seresteiros de Olinda, como era costume; eles foram guiados por um mini trio, fato que foi muito criticado, à época, pela imprensa e pelos grupos de seresta que faziam esse papel. Por isso, a partir de 2002, não houve mais esse cortejo.

Foto 5 – O grupo Seresteiros de Olinda, no interior do Gambrinus.



Fonte: Acervo da Assistência de Documentação de Patrimônio Cultural (ADPC), Unidade de Licenciamento em Zonas Especiais (ULZE), da prefeitura do Recife, 2023.

Foto 6 – O grupo Seresteiros de Olinda, em frente ao Bar História, com o mini trio.



Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno, 2023.

Comparando a Foto 5 com a Foto 2, verifica-se que o local coincide; trata-se do interior do Gambrinus. Comparando a Foto 6 com a Foto 3, verifica-se que na casa azul da Foto 6, onde funcionava a loja “Apolo Metais”, hoje funciona o bar e Restaurante Cultural Sabor de Pernambuco; no canto direito da Foto 6, na casa com duas portas largas, funcionava o Bar História; hoje, o Restaurante Boi Voador.

Foto 7 – Caminhada com os seresteiros na Rua do Bom Jesus.



Fonte: Jornal do Commercio, 1998.

Foto 8 – Rua do Bom Jesus atualmente.



Fonte: Google Maps, 2024.

As Fotos 7 e 8 se referem ao mesmo local à época e atualmente. No prédio marcado de vermelho (nº 171) funciona a Agência de Despachos Raposo S/C Ltda desde 1894 e no prédio marcado de azul (nº 183) funciona a Embaixada de Pernambuco Bonecos Gigantes de Olinda, desde 31/07/2009. Não foram encontrados registros sobre a função do prédio de nº 183 à época em que a foto 7 foi tirada.

Na primeira edição, como mencionado antes, o Festival aconteceu em dois fins de semana. Para isto, estava previsto que o primeiro final de semana aconteceria na Praça do Arsenal e o segundo final de semana no Pátio de São Pedro. Entretanto, no primeiro fim de semana, o público lotou a Praça do Arsenal. Isso fez com que os organizadores, de última hora, precisassem mudar o local para as apresentações da semana seguinte, pois, se o público comparecesse no Pátio de São Pedro na mesma quantidade que compareceu no primeiro local, o Pátio não teria espaço suficiente para acomodar tantas pessoas; portanto, era necessária essa alteração de lugar.

A mudança causou outro problema: o que fazer com os barraqueiros e ambulantes que já estavam cadastrados pela prefeitura para trabalharem naquele final de semana no Pátio de São Pedro? Com certeza, àquela altura, eles já haviam investido dinheiro na compra de algum

material que iriam utilizar naquele período. Era preciso agir rápido e encontrar uma solução que fosse conveniente tanto para aqueles trabalhadores quanto para a produção e organização do evento. Não era uma situação simples de resolver, porque, além de envolver tantas pessoas, havia a questão financeira em jogo. Então, foi necessário recorrer novamente à prefeitura e expor a situação.

A prefeitura logo compreendeu o cenário e, imediatamente, resolveu o problema: contratou outro evento para ser realizado no Pátio de São Pedro e novos trabalhadores para a Praça do Arsenal para a segunda semana de Festival. Enfim, tudo foi solucionado a tempo; o evento pode acontecer na Praça do Arsenal nos dois finais de semana e os ambulantes e barraqueiros destinados ao Pátio de São Pedro não foram prejudicados.

Com tudo resolvido, agora era esperar a semana seguinte e verificar se todo o trabalho realizado não havia sido em vão, visto que era esperado grande número de pessoas na segunda semana, da mesma forma que havia acontecido na primeira. De fato, a segunda semana não foi diferente; o público compareceu em peso e a Praça do Arsenal, mais uma vez, ficou lotada. A primeira edição do Festival Nacional da Seresta, segundo Bueno, foi sucesso absoluto em todos os aspectos.

O sucesso foi tanto que, no ano seguinte, já foi transferido para a praça do Marco Zero (Praça Barão do Rio Branco). Esta decisão foi tomada em virtude do grande número de pessoas presentes na primeira edição; desta forma, o público poderia ficar mais bem instalado, pois se tratava de um local mais espaçoso. Além do mais, a praça do Marco Zero já era utilizada para grandes eventos e shows. No novo local escolhido, como podemos ver na Foto 9, o palco foi montado na Av. Alfredo Lisboa (retângulo amarelo), de frente para o mar. Logo depois, foi transferido para perto do mar (retângulo verde), montado de frente para a Av. Alfredo Lisboa, como mostrado na foto abaixo; embora, algumas vezes o placo tenha sido montado do lado (retângulo azul). O retângulo vermelho é o local onde ficavam os camarotes, nas vezes em que foram utilizados.

Foto 9 – Praça do Marco Zero com a localização dos palcos



Fonte: Folha de Pernambuco, 2023.

O Festival ficou ali da 2ª a 11ª edição, 1996 a 2005. Em 2006, a praça foi “fechada” para eventos, pois necessitava de uma reforma, principalmente a restauração do painel Rosa dos Ventos, desenhado pelo artista Cícero Dias e localizado no centro da praça; os bancos e a iluminação também passaram por restauração. Em decorrência deste fato, o Festival voltou para a Praça do Arsenal. Na Foto 10, podemos ver a imagem da Praça do Arsenal vista do alto (circulada de vermelho), bem como a posição do palco (retângulo verde) naquele local. O palco fica em frente à Torre Malakoff, de frente para a rua do Bom Jesus:

Foto 10 – Vista aérea da Praça do Arsenal com a localização do palco.



Fonte: Google Maps, 2023.

A reforma do Marco Zero durou quatro meses e, em 24 de julho de 2006, foi entregue à população novamente. Porém, ainda não havia liberação para shows e eventos naquele momento; o então prefeito do Recife, João Paulo (2001-2004), anunciou a indisponibilidade do local até que fosse estruturado o disciplinamento de utilização do Marco Zero; portanto, no dia

4 de agosto de 2006, ele assinou o Decreto nº 22.155/2006¹², que restringe a realização de eventos na praça do Marco Zero. Todavia, com o passar do tempo, houve pressão por parte de alguns empresários e políticos que queriam voltar a fazer shows ali.

De acordo com Daniel Bueno, tinha “gente grande” querendo fazer shows para divulgar o Recife; a pressão foi aumentando e, algum tempo depois, a lei foi deixada de lado. Em 2007, a praça do Marco Zero voltou a receber palcos para diversos eventos e, consequentemente, o Festival da Seresta voltou para lá, onde permaneceu de 2007 a 2011.

Foto 11 – Praça do Arsenal vista do alto.



Fonte: Programa Bom Dia PE, da Rede Globo, 2023.

No entanto, os organizadores do Festival começaram a ficar preocupados com o fato do evento acontecer no Marco Zero, pois eles achavam que, apesar de ser mais espaçosa, a praça era muito grande e completamente aberta; isso não favorecia, pois, para eles, o ambiente ideal para uma seresta deveria ser mais acolhedor, com as pessoas mais “juntinhas”. Por isso, em 2012, a produção do evento entendeu que a praça do Arsenal era o local mais indicado para a realização do Festival da Seresta, por considerar o espaço mais apropriado para a proposta: mais aconchegante, mais íntimo e, consequentemente, mais romântico. Para André Campos¹³, “A praça [do Arsenal] é o local mais romântico da cidade. Tem tudo a ver, portanto, com a Seresta”. Já para Bueno, o local influencia muito o tipo de evento que está sendo realizado, por isso, é importante saber escolher um local onde haja afinidade com o tipo de evento que se pretende realizar. Ele afirma que:

O local influencia muito e isso é bacana; você olhar do palco aquela rua do Bom Jesus, linda, só lembra de seresta, serenata, o cara lá em cima da janela... uma seresta na orla marítima não tem nada a ver, não. Tem que ser numa praça. Ela inspira muito esse encontro, esse flerte que tem um papel muito

¹² Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/decreto/2006/2216/22155/decreto-n-22155-2006-restringe-a-realizacao-de-eventos-na-praca-barao-do-rio-branco-marco-zero> Acesso em 6 jun. 2023.

¹³ Reportagem de André Campos, Secretário de Turismo da Prefeitura do Recife à época, para o Portal de Notícias da Prefeitura do Recife, publicada em 07/05/2012.

importante na seresta. Muitos casamentos aconteceram tendo a seresta como cupido, aliás” (Bueno, 2023).

Por estas razões, o Festival passou definitivamente a acontecer na Praça do Arsenal, de 2012 até os dias atuais. A Tabela 1 mostra os anos das edições e os locais onde o evento foi realizado nas 25 primeiras edições:

Tabela 1 – Local das primeiras 25 edições do Festival.

EDIÇÃO	ANO	LOCAL
1 ^a	1995	Praça do Arsenal
2 ^a a 11 ^a	1996 a 2005	Praça do Marco Zero
12 ^a	2006	Praça do Arsenal
13 ^a a 17 ^a	2007 a 2011	Praça do Marco Zero
18 ^a a 25 ^a	2012 a 2019	Praça do Arsenal

Fonte: Elaboração própria.

O Festival é um evento promovido pela instituição privada “Daniel Bueno Produções” e tem o apoio da Prefeitura da cidade do Recife e do Governo do Estado de Pernambuco. É feito um convênio, um contrato, entre a prefeitura e a pessoa jurídica “Daniel Bueno Produções”, em que Daniel Bueno é o responsável pela condução de todo o processo, desde os preparativos até a prestação de contas.

Em relação ao custo, ficou acordado que a prefeitura entraria com 50% da verba e o Estado arcaria com os outros 50%. Como, em 1994, tanto o prefeito do Recife (Jarbas Vasconcelos) quanto o governador (Joaquim Francisco), eram da mesma aliança política, não foi difícil chegar a esse entendimento. O projeto foi levado ao Governador por Geraldo Freire, a pessoa a quem Vasconcelos havia delegado a missão. Essa divisão de custeio tem sido respeitada em todas as edições do Festival; com exceção do ano de 2023, em que o evento foi pago cem por cento pela prefeitura da cidade do Recife.

Segundo Daniel Bueno, “este ano (2023), se não fosse a prefeitura, o evento não teria acontecido”. A prefeitura tem sido muito simpática com o Festival, desde a sua criação. Pode-se dizer que ele o total apoio da prefeitura do Recife. Tanto que, os prefeitos que por lá passam, sempre afirmam que se trata de um evento da prefeitura e que faz parte do Calendário Cultural da cidade do Recife. Embora, como já mencionamos, seja um evento privado, mas que tem o apoio do poder público.

Nesse sentido, foram encontrados apenas dois documentos que fazem menção ao Festival da Seresta. O primeiro deles é a Lei Municipal Nº 17.576/2009¹⁴, sancionada pelo então prefeito João da Costa (2009-2012), em 06 de novembro de 2009, que institui o “Plano Municipal de Cultura do Recife para o Decênio 2009-2019”. Esta lei foi resultado da aprovação do projeto de lei nº 32/2008¹⁵, de autoria do Poder Executivo, apresentado em 18 de novembro de 2008, quando João Paulo (em seu segundo mandato, de 2005 a 2008) ainda era prefeito do Recife. O Festival da Seresta é citado como um dos eventos musicais previstos para acontecer no Recife no período de vigência do referido plano.

O outro documento se refere ao Projeto de Lei nº 76/99 (ANEXO D), que foi aprovado pela Câmara Municipal do Recife em março de 1999. Este projeto de lei visava incluir o Festival da Seresta no Calendário Artístico-Cultural da cidade do Recife. Porém, em junho do mesmo ano, Roberto Magalhães vetou totalmente o referido projeto, através do Ofício 275/99-GP (ANEXO E). Ele alegou que o Festival da Seresta era uma manifestação espontânea das tradições culturais do povo recifense e, portanto, caberia somente ao Poder Executivo o dever constitucional de fomento.

Mesmo com esse cenário, não houve motivo de desânimo por parte dos organizadores do Festival, pois, mesmo sem a oficialização do evento no calendário cultural da cidade, eles continuaram buscando dar continuidade a realização do evento. Eles também nunca se cansaram de buscar o apoio do poder público para que o Festival acontecesse. Eles participam, sempre juntos, de todo o processo de construção do projeto, começando, inclusive, a planejar com vários meses de antecedência. Entretanto, somente no início do mês de janeiro se sentam para conversar. Assim, começam as reuniões e, aos poucos, vão pensando, trocando ideias, expondo as sugestões, ao mesmo tempo que já começam a colocar no papel o esboço da proposta.

Quando chega o Carnaval, o projeto já está praticamente pronto; então, 15 (quinze) dias após o fim do período carnavalesco, o projeto é apresentado à Prefeitura e ao Governo do Estado. Daniel Bueno afirma que: “todo ano tem que saber do Estado e da Prefeitura se eles vão apoiar, por incrível que pareça. Se a gente não procurar, vou repetir, se a gente não procurar sentar-se com eles, eles não estão nem aí. Mesmo que seja um evento bonito, que todo mundo

¹⁴ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2009/1758/17576/lei-ordinaria-n-17576-2009-institui-o-plano-municipal-de-cultura-do-recife-para-o-decenio-2009-2019#:~:text=INSTITUI%20O%20PLANO%20MUNICIPAL%20DE,no%20Anexo%20%C3%9Anico%20desta%20Lei>. Acesso em 6 jun. 2023.

¹⁵ Disponível em: https://publico.recife.pe.leg.br/sapl_documento/materia/3770.pdf?1706185261.21 Acesso em 6 jun. 2023.

gosta, conhecido no Brasil todo, mas, a gente tem que ir atrás” (Bueno, 2022). As palavras de Bueno contradizem a fala dos políticos, que afirmam que o Festival Nacional da Seresta faz parte do Calendário Cultural da cidade. A pesquisa encontrou muitas reportagens, tanto em jornais quanto nos diários oficiais, que afirmavam que o evento já havia sido incorporado oficialmente ao Calendário Cultural da Cidade. Mas, até o momento, isto ainda não aconteceu.

Com o passar do tempo, o Festival Nacional da Seresta tornou-se muito famoso e importante para a cultura de Pernambuco. Artistas do Brasil inteiro manifestam interesse em se apresentar nele, afirmando que o público de Recife é diferente do de qualquer outra parte do Brasil, pois, não apenas assistem aos shows, mas cantam com os artistas e dançam muito. Esse sentimento pode ser constatado nas palavras da cantora Kátia:

É um sonho realizado. Já queria participar desse festival há vários anos e a gente não tinha tido oportunidade; então, para mim, é um prazer, um privilégio poder participar e vir de São Paulo especialmente para isso. Quero agradecer a todas as pessoas que tornaram isso possível. (Kátia, reportagem para a Rádio Jornal, em 10/05/2017).

Algo semelhante pode ser encontrado nas palavras do cantor Leno, em entrevista para o programa da Rede Globo, Bom Dia Pernambuco, em 05/05/2013. Ele afirmou: “Estou muito empolgado para o show de hoje, porque vai ser um contato com o povo, na praça, e esse festival existe há tanto tempo e eu sempre tive vontade de participar dele”. (Leno, 2013). Gilliard, numa reportagem para a Rádio Jornal, em 09/05/2019, disse: “Se a gente não vier na seresta todo ano, o ano não existe para mim”. (Gilliard, 2019); enquanto Márcio Greick, em reportagem para o Portal de notícias da Prefeitura do Recife, confessou: “Agradeço a oportunidade da Prefeitura do Recife de me fazer voltar a encontrar o povo desta cidade” (Greick, 2009). Essas falas são apenas quatro exemplos, dentre outros, que demonstram o interesse dos artistas nacionais em participarem do Festival, e muitos já o conseguiram. Para os artistas locais, o pensamento não é diferente; a maioria aguarda a chegada do evento e torce para ser convidado também.

Ao longo de seus 25 anos (1995 a 2019) de realização ininterrupta, foram mais de cem dias de eventos. Gratuito e ao ar livre, houve anos em que o Festival conseguiu atrair mais de cinquenta mil pessoas numa única edição. Isso é importante porque, dessa forma, o evento consegue não só abrilhantar, mas também movimentar bastante o bairro do Recife, pois, além dos artistas, público e equipe de produção e trabalhadores em geral, traz também ambulantes, barraqueiros e os trabalhadores de apoio; acrescentando-se a isso, há os bares e restaurantes da região, que têm permissão para continuarem abertos até que acabe o último show da noite, favorecendo, assim, o clima de boemia.

Não são somente casais românticos, mas também pessoas idosas, jovens, grupos de amigos e até famílias inteiras com seus filhos, desde crianças, adolescentes, jovens e até pessoas mais velhas, enfim, todos convivem pacificamente, sem qualquer atrito. Em todas as edições, nunca houve qualquer tipo de confusão ou briga, nem por parte do público, nem dos ambulantes, barraqueiros etc. Sobre este ponto, algumas falas surgem para corroborar, como afirma Simas: “Nunca vi uma confusão de qualquer espécie, mesmo com tanta gente na plateia” (Simas, 2021); já Bueno diz o seguinte: “As pessoas aqui vem para dançar e cantar. Não se vê uma briga” (Bueno, 2007); João Paulo falou para o Boletim diário, do portal da prefeitura que “Foi uma noite bonita, tranquila, sem violência” (João Paulo, 2004); e professora aposentada Marina Cardoso afirmou que: “é uma tranquilidade poder dançar e cantar num lugar aberto, sem ver uma briga ou ficar com medo de assaltantes”. Portanto, verifica-se que o clima no ambiente do festival é realmente de tranquilidade e satisfação.

3.2 INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA

Apesar de o Festival Nacional da Seresta ser um evento promovido por uma instituição privada (embora, como já esclarecido, apoiado pelo poder público), ele consegue envolver uma gama de instituições públicas e empresas privadas, o que faz com que o evento aconteça de forma organizada, segura e satisfatória. Existe uma equipe de apoio, em torno de cinquenta pessoas, que faz com que tudo flua efetivamente, porém, sempre sob a batuta de Daniel Bueno.

Nessa equipe de apoio, vale destacar a figura da produtora operacional, Ana Paula Sena¹⁶, a qual Daniel Bueno considera seu “braço direito e esquerdo”. A produtora operacional é a pessoa responsável por elaborar e enviar todos os ofícios necessários às instituições públicas envolvidas no evento, bem como articular, junto com a EMLURB¹⁷, o processo de organização no que diz respeito à localização de cada elemento, como: palco, camarim, barraqueiros, geradores, ambulância, banheiros químicos etc. Enfim, tudo precisa ser bem pensado para que as pessoas possam se locomover com tranquilidade e para que tudo funcione de forma apropriada.

¹⁶ Ana Paula Sena é produtora operacional do Festival Nacional da Seresta desde 2022. Nas primeiras 25 edições, quem exercia essa função era a produtora Catarina Rodrigues, falecida em 2020, em decorrência do Covid-19.

¹⁷ A Autarquia de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife – EMLURB é responsável pela manutenção e conservação do sistema viário; implantação da rede de drenagem e execução de pavimentação; manutenção de fontes, lagos, canteiros centrais e áreas isoladas; revitalização paisagística das praças e parques; coleta de lixo, varrição, capinação, lavagem e pintura de meio-fio; além de cuidar do funcionamento da iluminação pública na cidade, manutenção das árvores e da restauração de estruturas e monumentos que sofrem depredações; assim como da conservação dos cinco cemitérios públicos do Recife.

São necessários ofícios para as seguintes instituições:

- Ambulâncias
- Autarquia de Manutenção e Limpeza Urbana – EMLURB
- Companhia de Serviços Urbanos do Recife – CSURB¹⁸
- Companhia de Trânsito e Transporte Urbano – CTTU¹⁹
- Diretoria de Controle Urbano do Recife – DIRCON²⁰
- Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD²¹
- Guarda Municipal
- Neoenergia Pernambuco
- Polícia Militar de Pernambuco – PMPE

Além dos ofícios mencionados, há uma série de convênios firmados com empresas privadas, a fim de prover as demais necessidades que não dependem do poder público. Esses convênios são feitos através de “Contratos de Inexigibilidade” e, geralmente, são usados para firmar contratos entre uma instituição pública e outra privada. Esses contratos são necessários para o bom funcionamento do evento, uma vez que o poder público não disponibiliza todos os serviços, tornando necessária a contratação de serviços terceirizados. São empresas especializadas em camarim, camarotes, geradores de energia, gradil, iluminação, palco, refletores, som, telão e seguranças de palco.

Cada uma dessas instâncias, empresas públicas ou privadas, bem como as pessoas que estão vinculadas ao Festival, desde produção, equipe de apoio e demais pessoas envolvidas

¹⁸ A Companhia de Serviços Urbanos do Recife – CSURB é uma autarquia responsável por ordenar diversos equipamentos públicos da capital pernambucana, oferecendo espaços de comércio e interação popular nos bairros da cidade.

¹⁹ A Autarquia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife – CTTU é responsável pelo monitoramento, controle e fiscalização do trânsito e do transporte na capital; gerenciamento e fiscalização do Sistema Municipal de Transporte Público de Passageiros, sob a forma de permissão ou autorização nos modais de táxi, transporte complementar e transporte escolar; e a realização de estudos e projetos para a melhoria da mobilidade urbana e de educação para o trânsito.

²⁰ A Diretoria de Controle Urbano e Ambiental do Recife – DIRCON, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, é responsável por alvarás de funcionamento de estabelecimentos como casas de shows, restaurantes e bares; licença para construção e reforma de imóveis; fiscalização de denúncias acerca de comércio informal e irregularidades no funcionamento em casas de shows, bares e boates; autorização para instalação de anúncios publicitários e a elaboração de denúncia, em caso de suspeita de irregularidades.

²¹ O Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD é regido pelas Leis Federais nº 9.610/98 e 12.853/13 e é administrado pelas associações ABRAMUS, AMAR, ASSIM, SBACEM, SICAM, SOCINPRO E UBC, as quais representam as diferentes classes da cadeia produtiva: compositores, intérpretes, músicos, editoras e produtores fonográficos, que são os titulares de direitos autorais. O ECAD é responsável por facilitar o processo de pagamento do direito autoral à classe artística quando uma obra musical é tocada publicamente nos diversos espaços.

direta ou indiretamente, são de suma importância para o êxito do evento. Cada parte envolvida tem uma função específica. Se alguém falhar, dependendo do seu nível, poderá comprometer todo evento. Por isso, é essencial que todos estejam atentos em desempenhar bem o papel que lhes é designado.

A CTTU tem papel importante no mapeamento das ruas no entorno do local onde o evento acontece. São várias ruas interditadas e, para isso, a CTTU precisa construir rotas alternativas para que o cidadão possa ir e vir sem maiores transtornos. A empresa é responsável não só pela organização do trânsito nas áreas adjacentes, mas, também, pela divulgação de novos itinerários, além de estar no local durante todos os dias do Festival, orientando os motoristas e fazendo o trânsito fluir. Além disso, a população pode contar ainda com os táxis que já são credenciados para trabalhar no local e os Táxis Evento, que também são credenciados para trabalhar.

A CSURB realiza o ordenamento e a fiscalização do comércio informal na área onde ocorre o Festival, através de uma equipe composta por um coordenador, supervisores, auxiliares de supervisão, fiscais e motoristas.

A EMLURB determina, antecipadamente e junto com a produtora operacional, onde ficará localizado cada equipamento, desde o palco com os camarins, até os geradores, barracas, banheiros químicos etc. Além disso, ela também se faz presente no local durante todo evento, para verificar se os serviços que são de sua responsabilidade estão dentro das normas e para colaborar com ações que se façam necessárias, caso haja alguma irregularidade ou imprevisto. A autarquia se encarrega da limpeza no bairro, realizando serviços de varrição e lavagem das ruas. Além disso, disponibiliza 12 contentores, com capacidade de 1.200 litros cada, que ficam localizados ao redor da área e, também, instala vários Postos de Entrega Voluntária (PEV).

A EMLURB trabalha, também, em parceria com o IASC²², o programa TRAVESSIA²³ e o programa MAIS VIDA²⁴ durante o tempo em que o Festival acontece. Essa parceria visa contribuir na redução das situações de risco social e vulnerabilidade de crianças e adolescentes

²² IASC: Instituto de Assistência Social e Cidadania (substituto da LAR – Legião Assistencial do Recife) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Assistência Social e foi criado em 2003 para consolidar a política de assistência social do município. A autarquia trabalha em conjunto com as secretarias municipais de Assistência Social, Educação e Saúde, visa desenvolver ações e prestar serviços direcionados ao resgate de direitos da população em maior grau de exclusão e vulnerabilidade social.

²³ Programa Travessia: programa da Prefeitura do Recife, coordenado pelo IASC, para a acolhida e atenção integral às crianças, adolescentes e adultos em situação de rua e risco na cidade do Recife. O Programa visa a inclusão social e a superação de desigualdades e iniquidade encontradas na situação de rua e risco, além de possibilitar o resgate de direitos, da autoestima e a reconstrução dos projetos de vida do público-alvo.

²⁴ Programa Mais Vida: Instituído no âmbito da Secretaria de Saúde e inserido na política municipal de redução dos danos, entendido como o conjunto de estratégias, tanto individuais quanto coletivas, que buscam minimizar os efeitos negativos do consumo de álcool, fumo e outras drogas.

no local, através de ações que visam impedir o trabalho infantil, a mendicância e uso de álcool e drogas durante a festa, além de coibir a exploração sexual infantil. A partir da sensibilização e acolhimento, as crianças e adolescentes atendidas são cadastradas e seus dados enviados para a Secretaria da Política de Assistência Social, para inclusão nos vários projetos e programas sociais municipais.

Os profissionais envolvidos incluem arte-recreadores e oficinairos, além de coordenadores, administradores, supervisores, fiscais e auxiliares. A equipe atende os filhos de catadores, barraqueiros e moradores da comunidade do Pilar, bem como crianças e adolescentes que se encontram em situação de rua durante o evento. Esses menores recebem orientação de defesa, um jantar e participam de diversas atividades, tais como: oficinas de musicalidade, artes plásticas, teatro e recreação.

A DIRCON é responsável pelo licenciamento das barracas padronizadas e dos carros que vendem alimentos, chamados de dogueiros. Todos os barraqueiros e dogueiros recebem uma capacitação prévia da Vigilância Sanitária, junto à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, para manipulação e armazenamento de alimentos e atendimento ao público. A DIRCON também, através de parceria com empresas de bebidas, fornece aos barraqueiros e dogueiros vários conjuntos de mesa com cadeiras.

As barracas são administradas por empreendedores das associações do Pilar, dos quiosqueiros, dogueiros e do Fórum de Economia Popular Solidária e são fiscalizadas pela Vigilância Sanitária, juntamente com a Secretaria de Saúde, através de uma equipe composta por vários técnicos e motoristas. Cada barraca e furgão recebe, da EMLURB, uma lixeira para evitar o acúmulo de resíduos nas vias públicas. A inspeção não se restringe ao comércio informal, mas, inclui os bares, restaurantes e lanchonetes existentes no Bairro do Recife.

O ECAD também tem sua parte no Festival da Seresta. O escritório acompanha todos os shows durante os quatro dias do evento. O produtor Daniel Bueno é o responsável pela confecção e envio, ao ECAD, dos contratos dos artistas que vão se apresentar no Festival. É dele também a responsabilidade de enviar, em até 48 horas após o evento, os roteiros musicais de cada artista, constando fielmente o que foi apresentado. Após isso o encaminhamento dos roteiros musicais, o ECAD envia à produção musical um boleto com o montante correspondente aos shows/músicas que foram apresentados. Só após o pagamento desse boleto, o ECAD repassa aos artistas a quantia referente aos direitos autorais de cada música. Entretanto, já há alguns artistas que fazem uso do Copyleft²⁵ em seus shows; por exemplo, Joanna, em 2007.

²⁵ O *copyleft* é uma forma de inversão da lei de direitos autorais, conhecida pelo termo inglês *copyright*. Em vez de o usuário pagar uma quantia referente ao valor do produto ao revendedor ou criador, o *copyleft* assegura o

A presença da Neoenergia Pernambuco é indispensável, uma vez que o local do evento necessita de ligações extras para potencializar a área, visto que são usados, simultaneamente, vários equipamentos, exigindo, assim, uma carga elétrica mais potente. Essa prevenção antecipada evita acidentes causados pela sobrecarga dos equipamentos ligados à rede elétrica do local. Também, com o intuito de ajudar na luminosidade, é utilizada uma gambiarra, fornecida pela Neoenergia, em torno de toda a praça, para que o local se torne mais iluminado do que normalmente é; essa gambiarra não tem um tamanho fixo; varia de ano para ano. Além da gambiarra, são utilizados 8 refletores de 2.000 watts, cada, que ficam posicionados da seguinte forma: dois no palco para iluminação da testeira e os demais, voltados para o público e para a praça. Com tantos equipamentos extras que necessitam de energia elétrica funcionando ao mesmo tempo, é natural que haja sobrecarga na rede elétrica do local. Por essa razão, torna-se imprescindível o uso de geradores de energia durante todo o evento. São dois geradores de 180 Kva, cada, que ficam localizados ao lado do palco; um é utilizado para o palco e o outro fica na reserva (*standby*), caso haja necessidade.

Os camarotes foram utilizados até o ano de 2004. Eles causaram certa polêmica na época, pelo fato de que, para alguns frequentadores, era necessário, por conta do conforto e bem-estar que eles ofereciam; já para outros, era totalmente dispensável, pois achavam que aquele tipo de serviço não combinava com o ambiente de uma seresta. Mas, apesar da querela, os camarotes foram usados apenas durante o primeiro período em que o evento aconteceu no Marco Zero.

O responsável por esses camarotes foi o empresário Rogério Robalinho, o qual recebeu outorga da prefeitura para trabalhar no período do evento com a oferta desses espaços. Ele mesmo divulgava, vendia os ingressos através da Cia de Eventos²⁶ e coordenava o uso desses locais. Essas cabines comportavam em torno de 480 pessoas e custavam em média R\$ 100,00 (cem reais) por pessoa. Era uma forma, segundo ele, de oferecer mais conforto para aqueles que podiam pagar por isso, pois o camarote dava direito ao pagante de receber bebidas e comidas “de graça”; além de proporcionar comodidade e uma vista privilegiada dos artistas no palco.

acesso de qualquer pessoa à informação, contanto que a fonte original sempre seja citada. Além disso, este conceito faz com que qualquer obra que leve o seu sinal possa ser reproduzida em larga escala e sem nenhum custo.

²⁶ Empresa com quase quatro décadas no mercado de gestão e produção cultural, a Cia de Eventos tem um largo e reconhecido portfólio de serviços prestados no Norte e Nordeste, em eventos e projetos marcantes, de grande alcance público e credibilidade formada junto a artistas e profissionais da economia criativa. A empresa também possui longa estrada de credibilidade na concepção e produção de eventos literários, como criadora da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, assim como da Feira do Livro do Vale do São Francisco, no Sertão pernambucano.

Em 2003, numa ação de solidariedade, os camarotes foram vendidos a R\$ 50,00 (quarta-feira e quinta-feira) e R\$ 80,00 (sexta e sábado) e o valor arrecadado foi revertido para o IASC.

Entretanto, a produção do Festival e o poder público (que antes havia autorizado o uso dos camarotes) começaram a se sentir incomodados, uma vez que esse mecanismo dividia o público em dois grupos: o pagante e o não pagante. Essa divisão de classes também não agradava ao público mais simples, que assistia aos shows em pé e que, de certa forma, se sentia excluído; embora várias pessoas levassem suas cadeiras ou banquinhos para uma melhor acomodação. Portanto, em 2004, João Paulo entendeu que o Festival Nacional da Seresta era uma festa popular e tinha um público formado, em sua maioria, por pessoas mais humildes, da mesma forma que o evento transparecia um ambiente familiar e calmo; logo, essas particularidades não justificavam a oferta de um ambiente tão chique e, ao mesmo tempo, excludente. Embora, durante sua gestão, ele tenha frequentado todos os dias do Festival, nos quais sempre fazia uso dos camarotes.

Foto 12 – João Paulo no camarote.



Fonte: Prefeitura do Recife, Boletim Diário, 2006.

Além do mais, o repertório romântico da seresta contribuía sobremaneira para a aproximação das pessoas presentes, principalmente aquelas que viam no Festival uma oportunidade não só de lazer, mas, também, a ocasião perfeita para um flerte. Além de ser, no mínimo, uma contradição ceder a empreendedores privados a comercialização de ingressos num evento em praça pública planejado inicialmente para ser gratuito.

Em 2006, o Festival foi realocado para a Praça do Arsenal e isto só veio a corroborar com a decisão de João Paulo, pois o local possui um espaço menor e, portanto, mais intimista que a Praça do Marco Zero. Além do que, não havia espaço suficiente para acomodar os

camarotes naquela área, pois o palco grande, as barracas, os banheiros químicos e demais equipamentos já tomavam uma boa parte do local.

Em termos de estrutura de palco, temos um espaço que mede 22mx8m, totalizando 176m². Os camarins são em número de 4, medem 3mx3m e ficam localizados na parte de trás do palco, facilitando, assim, o deslocamento dos artistas rumo ao palco e de volta para o camarim. A equipe de produção utiliza um desses camarins e outros três se destinam aos artistas. Não há problema se há mais de 3 shows por noite, pois o artista que se apresenta primeiro, libera o camarim logo após o seu show; isso deixa o espaço disponível para outro artista, que só chega mais tarde em razão do horário do seu show. Dessa forma, torna-se completamente viável, o uso de apenas quatro camarins.

Nas primeiras edições do Festival, foram utilizados telões ao lado do palco; algumas vezes, apenas um, outras vezes, dois. Esses telões mediam 2mx3m, cada um. Após várias edições, a produção entendeu que não seria necessário o seu uso, pois a imagem do artista nele não diferia daquela vista no palco. Por essa razão, os telões foram abolidos das apresentações.

O som utilizado no palco do Festival é de médio porte, com mesa de 48 canais. No contrato elaborado com a empresa responsável, fazem parte do som: os refletores, um jogo de luz e o gradil que projete o palco e, conseqüentemente, os artistas.

Os banheiros químicos somam, em média, 18 cabines e são contratados pela produção do evento. Eles são instalados estrategicamente no entorno da praça. Essas cabines contam com serviço de limpeza e desodorização por empresa especializada, durante todo o tempo em que o Festival acontece. A empresa de limpeza e desodorização também é contratada pela produção do evento.

A questão da saúde das pessoas no local também recebe atenção. Há uma preocupação com a saúde de todos: público, produção, artistas etc. Sempre há uma tenda montada com equipamentos médicos, estrutura e profissionais capacitados para atender pessoas que necessitem de um acompanhamento médico durante o Festival. Há uma ambulância de plantão, além de um médico e mais três profissionais da saúde. Também, há a contratação de uma equipe particular de bombeiros, que fica a postos durante todo o evento. A presença desses bombeiros é obrigatória e necessária. Caso alguém, principalmente no meio da multidão, precise de atendimento médico, são os bombeiros que fazem o transporte dessas pessoas até o posto médico montado próximo ao local.

Em algumas edições, com incentivo do PRODARTE (Programa de Desenvolvimento do Artesanato, mantido pela prefeitura), foi montada, no entorno da praça, uma feirinha com

30 quiosques, onde eram vendidos objetos como roupas, bolsas, bijuterias, artesanato, dentre outros. A feirinha, na época, ficava disponível ao público durante todo o Festival.

A Guarda Municipal do Recife é responsável pelo esquema de segurança para o Festival da Seresta. São cerca de 400 guardas municipais (100 da guarda patrimonial e 300 agentes de trânsito), divididos em 4 grupos (um grupo por dia), que fazem o patrulhamento no local e nas ruas próximas. O objetivo é fiscalizar a utilização do patrimônio público, evitando depredações, e apoiar o trabalho da Polícia Militar na segurança da população.

A Polícia Militar também está presente. São, em média, 100 soldados por noite que, em parceria com os guardas municipais, fazem a segurança no local. O Detran também envia em torno de 36 agentes por noite, com a finalidade de fiscalizar o trânsito nas redondezas do local. Além disso, são contratados 04 seguranças de palco: 02 ficam localizados na parte de trás do palco, por onde entram artistas e produção, para controle de quem entra; 01 na escada que leva ao palco, para evitar que pessoas, amigos ou parentes, subam para o palco; e 01 segurança que fica o dia todo no local, para resguardar o palco e o som; embora, haja sempre guardas municipais que fazem ronda na área durante o dia.

A produção musical do trabalho com uma equipe de, aproximadamente, 10 a 12 pessoas, dentre elas: 04 seguranças de palco, 02 pessoas para atenderem os artistas no camarim, 01 pessoa para preparar lanches (são 1.000 sanduíches por edição), 01 office boy, 01 coordenador de palco, 01 coordenador operacional e 01 apresentador. Após o último show do dia, a produção do evento é responsável pelo pagamento das viagens de táxi que levam essas pessoas de volta para suas casas.

Quanto à logística para os artistas, eles são contratados através de um contrato chamado “colocado”; isso significa que, no valor que consta no contrato do artista, estão incluídos os gastos com passagem aérea, hospedagem, alimentação e transporte. A produção disponibiliza duas vans apenas para o transporte dos artistas e suas bandas, do hotel para o Festival e, após show, a volta para o hotel; além dos lanches e utensílios solicitados pelos artistas no camarim.

4 A CURADORIA

Este trabalho mostrou que a programação do Festival Nacional da Seresta apresenta um repertório bem diversificado, em relação aos gêneros e estilos musicais. Além da balada e do bolero, pode-se ouvir samba e frevo, nas suas modalidades mais líricas, rock'n roll, ciranda, maracatu (estas duas menos frequentes), etc. Com isso, verificou-se que o repertório do Festival difere um pouco do repertório das serestas mais tradicionais.

Por esta razão, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o termo “seresta”, para termos uma melhor compreensão do significado dessa manifestação para os autores pesquisados e, a partir daí, fazermos uma correlação com a seresta do Festival Nacional da Seresta. Após leitura atenta em livros e dicionários, não foi difícil perceber que não há consenso entre os autores sobre o real significado do termo. A definição para essa palavra difere consideravelmente entre os autores e o fato de não haver uma clareza evidente em sua utilização carece de reflexão. Em razão disso, faremos uma rápida explanação sobre o termo em questão.

Primeiramente, já foi falado que há divergências nas descrições encontradas na literatura pesquisada. Há quase sempre um ponto em comum, mas também, há conceitos bem distintos. O dicionário Houaiss, afirma que “seresta” é igual a “serenata” e traz a definição de serenata da seguinte forma: “Execução de trechos musicais depois do anoitecer, à porta da casa da pessoa a quem se dedicava a homenagem. No início do século XX, a serenata era uma instituição social. Nas noites de luar percorria a residência dos amigos, até o amanhecer” (Houaiss, 2006, p. 683).

Segundo o pesquisador, compositor e radialista, Paulo Tapajós, citado em Castro (2019, p. 192), “a serenata é um concerto ao sereno. Esse mesmo tipo de concerto dentro de casa era o sarau. [...] A seresta é uma mistura do sarau com a serenata”. As duas manifestações se confundem como se se tratasse da mesma coisa. Para ele, não existe diferença entre os dois termos, são apenas sinônimos. Castro (2019) traz uma afirmação mais convincente, pois, se levarmos em conta as várias definições, percebemos que há uma tendência mais acentuada na direção de se tratar de manifestações distintas, embora existam algumas características em comum. A autora descreve da seguinte forma:

Serenatas e serestas são manifestações. Os termos têm significados diferentes. Assim, a serenata é a manifestação que ocorre nas ruas, com um seresteiro ou um grupo de seresteiros, em geral tocando violão e cantando canções românticas. Já a seresta é um termo moderno, que se refere às cantorias realizadas em ambientes fechados: salões de clubes, hotéis, pousadas, bares, restaurantes – e pode exibir músicas com ritmos mais rápidos, como sambas-

canções. Sendo realizadas em locais que não necessitam de locomoção e possibilita o uso de instrumentos musicais maiores e até amplificação sonora (Castro, 2019, p. 192).

Para Ulhôa (2000), seresta tem dois significados no Brasil: “(1) A real serenata de rua, e (2) algum grupo informal de cantores acompanhados por violões” (Ulhôa, 2000, p. 127). As definições acima soam um tanto vagas, pois não descrevem, em detalhes, o significado desses termos. Por outro lado, Mário de Andrade vai fazer descrições diferentes, embora com conteúdo semelhante em uma delas. Em *Pequena História da Música*, o autor não cita seresta, mas descreve serenata da seguinte forma: “Choros, Serenatas, são nomes genéricos aplicados a tudo quanto é música noturna de caráter popular, especialmente quando realizada ao relento” (Andrade, 1980, p. 192). Aqui, o significado não está relacionado ao tipo de música apresentado, mas ao local. No entanto, em seu *Dicionário Musical Brasileiro*, o autor faz distinção entre os dois termos, descrevendo da seguinte maneira:

Serenata: Execução de trechos musicais depois do anoitecer. Termo derivado de sereno, foi empregado também como serenada. Seresta: (1) O mesmo que serenata (...). (2) Gênero musical. Ernesto Nazareth, sob o nome de “tango”, oculta vários tipos de música típica brasileira, tais como maxixes, serestas, choros, etc (Andrade, 1989, p. 470-471).

Em *Pequena História da Música*, Andrade descreve apenas “serenata”. Entretanto, em *Dicionário Musical Brasileiro* o autor não só faz distinção entre os dois termos, como traz ainda duas definições para a palavra “seresta”, que ele não havia descrito antes. Na citação acima, chamo a atenção para a segunda definição de “seresta” como “gênero musical”. Nenhum outro autor, dos que foram consultados, descreve a seresta como gênero, apenas Mário de Andrade. Verifica-se, pois, que a discussão sobre o termo “seresta” é bastante extensa, impossível de ser esgotada nesta pesquisa.

No caso do Festival Nacional, também podemos verificar as diferentes conotações atribuídas ao termo “seresta”, ao longo dos 25 anos do evento. Nos primeiros anos, a proposta era trazer artistas de décadas passadas considerados seresteiros de raiz, a velha guarda. Com o passar do tempo, e diante da necessidade de se ter artistas que substituíssem os da velha guarda que estavam morrendo, a participação de artistas da Jovem Guarda se tornou frequente; além de uma presença constante de artistas que cantassem sucessos românticos dos anos 1970 e 1980.

Tudo isso indica mudanças de percepção na curadoria em relação ao conceito, pois, à medida que novos estilos e gênero passam a integrar a grade de shows, esse repertório, mesmo que indiretamente, muda um pouco o sentido do que é seresta, um conceito, a propósito, eivado

de contradições e imprecisões, assim como grande parte das tentativas de aprisionar fenômenos musicais em definições fechadas. Se fôssemos nos ater às definições dicionarizadas ou acadêmicas, a definição “seresta” aplicada ao Festival Nacional da Seresta estaria equivocada, pelo menos no que diz respeito a tratar-se de um evento realizado ao ar livre. Contudo, ao invés de julgar como certa ou errada a nomenclatura atribuída ao evento, consideramos mais interessante, no âmbito dessa pesquisa, compreender que sentidos os organizadores atribuem ao termo “seresta” e como esses sentidos se transformam ao longo do tempo.

O próprio Daniel Bueno tem uma definição particular do que é seresta. Para ele, não tem relação com determinados ritmos, estilos ou gêneros musicais; tem a ver mais com o texto das canções e seus significados. Para ele, toda música “romântica” representa a seresta do bairro do Recife. Canções com letras intimistas, que falam do passado e da importância desse passado; que contam a história de outras gerações, de outros momentos; que falam de histórias de amor; que fazem as pessoas voltarem ao passado e terem boas recordações. Tudo isso, para ele, faz parte da proposta do Festival da Seresta. Bueno afirma que:

Hoje, a Jovem Guarda é um movimento saudosista; o público da Jovem Guarda hoje tem 70 anos, 70 e poucos anos. Então, quando você coloca Renato e seus Blue Caps, isto é seresta porque evoca o passado, momentos bonitos que a pessoa viveu quando era jovem. É esse romantismo que eu falo, não é só a música lenta romântica, é o que ela evoca no espírito das pessoas: as boas lembranças, as recordações; então, a Jovem Guarda traz isso. [...] Cantores que cantam música romântica que provoca fortes emoções, têm vez na seresta (Bueno, 2023).

A definição de “seresta”, para ele, é um conceito diferente, a mais, além dos que os livros já trazem. Ainda segundo ele, o Festival Nacional da Seresta poderia até se chamar Festival Nacional do Romantismo, tamanho é o clima romântico que paira no ar nos dias em que acontece o evento. Considerando a definição de Bueno, fica claro que a seresta do bairro do Recife não está relacionada apenas ao texto das músicas, mas, a um sentimento de saudades de épocas passadas, principalmente a um período de mais ou menos 60 anos atrás.

O conceito de Bueno tem mais a ver com nostalgia, com lembranças de um passado em as pessoas viveram bons momentos e, diante das músicas ouvidas no evento, revivem esses momentos. Portanto, são duas coisas que definem seresta, segundo Bueno: a letra das canções e o que essas canções representam para as pessoas que as ouvem. Não é apenas uma definição com palavras, mas uma descrição através de palavras associadas a sentimentos. Um conceito bem diferente de todas as definições encontradas nesta pesquisa. Essa definição apresentada por Bueno chama a atenção das pessoas que conhecem as serestas tradicionais. Um exemplo

disso é a fala do carioca Jorge Simas, um músico que já se apresentou algumas vezes no Festival da Seresta. Ele relatou o seguinte:

No início eu tinha uma certa resistência estética em relação à programação, pelo fato do evento ser denominado Festival da Seresta. Isso porque havia muitos representantes de gêneros como brega e jovem guarda, que eu entendia estarem distantes da ideia de seresta que eu tinha no Rio, por exemplo (Simas, 2021).

Mesmo existindo surpresa em relação à presença de certos gêneros, levando em consideração sua experiência prévia no Rio de Janeiro, está implícito em sua fala que já há uma aceitação desses gêneros, no Festival da Seresta, por parte dele.

Também existe outra particularidade a ser observada, no caso específico do Festival Nacional da Seresta: o formato. As apresentações acontecem num palco, evidenciando um distanciamento que, de certa forma, descaracteriza a proximidade e a interatividade típicas das serestas tradicionais que acontecem entre quem canta e quem escuta. O envolvimento entre artista e público é totalmente emocional; embora, poucos se arrisquem a ir para junto das pessoas da plateia. No entanto, essas diferenças não tiram o caráter romântico do evento, pois, este caráter se ratifica através dos gêneros musicais presentes na programação, de teor romântico, nostálgico e popular, e pela localização em um bairro tradicionalmente boêmio.

Apesar das discrepâncias, o Festival Nacional da Seresta tem contribuído cada vez mais com a disseminação da cultura musical “romântica”, não só na cidade do Recife, mas, também, em todo país. Isto porque os artistas de outros estados, que ali se apresentam, levam consigo o Festival como uma referência na área. Nesses 25 anos de edição (1995 a 2019), ele tem mostrado que tem um caráter forte, além de um público cativo. Durante esse período, foram ao todo 106 noites, 115 artistas e 436 shows. Muitos desses artistas que já se apresentaram no Festival são consagrados nacionalmente. Alguns já estão em fim de carreira, outros, já faleceram. Há, também, os que ainda não consolidaram suas carreiras artísticas, mas já são nomes conhecidos na cena musical pernambucana.

O fato de artistas mais “jovens” participarem do Festival, principalmente aqueles que não tem notoriedade como seresteiros, à princípio, não agradou a todos os artistas veteranos, participantes das primeiras edições. À época, o radialista Geraldo Freire apresentava o programa “Super Manhã”, na Rádio Jornal, e costumava promover debates sobre os assuntos mais diversos possíveis. Por ocasião do primeiro Festival, não foi diferente; ele promoveu um debate em seu programa com alguns artistas que estavam participando do evento naquele ano (1995). O debate girava em torno de vários assuntos e, em determinado momento, falou-se da

possibilidade de cantores mais jovens participarem de um evento daquela natureza. Na ocasião, alguns artistas começaram a questionar a participação desses jovens cantores, dizendo que ele deveria ser realizado apenas com os artistas já consagrados, considerados como autênticos seresteiros. Núbia Lafayete foi uma das que participou deste debate e, de início, foi contra essa nova geração de cantores, que ela não considerava como seresteira.

Entretanto, Geraldo Freire tinha um argumento forte que justificava a presença desses debutantes e começou a explicar dizendo que, se somente os cantores “mais velhos”, já consagrados, pudessem participar do evento, iria chegar um momento em que essa geração “antiga” iria morrer e o evento morreria junto com eles; portanto, seria necessário investir, também, na nova geração de cantores. Era uma questão de sobrevivência. Diante desse argumento, os debatedores consideraram a fala de Geraldo Freire e chegaram à conclusão de que a importância não estava na faixa etária, mas no repertório a ser cantado; e, a partir daí, passaram a discutir outros aspectos que não estavam ligados, necessariamente, à idade. Assim, a discussão sobre a idade dos cantores foi encerrada.

Nesta pesquisa, foi possível montar uma tabela com todos os artistas que já se apresentaram no Festival da Seresta e as datas em que se apresentaram (ver **Apêndice A**). Observando a referida tabela, fica claro que essa regra tem sido levada em consideração. Nela, verifica-se que os cantores transitam na faixa de idade entre os 40 e 80 anos, ou mais. Por exemplo²⁷: Moacyr Franco (87 anos), Adílson Ramos (78 anos), Edilza Aires (63 anos), Altemar Dutra Jr (53 anos), Hosana Nascimento (45) e Arthur Philipe (42). São, portanto, artistas que estão dentro de um grande recorte geracional.

Hoje, as possibilidades de fazer cantores como antigamente, através do auditório das rádios ou da televisão, são bastante reduzidas. Então, precisamos dar oportunidade a essa “nova” geração, para que essa manifestação cultural continue viva. A idade não está atrelada ao repertório desses artistas, o repertório é que está atrelado ao gosto musical desses intérpretes e às oportunidades que surgem no mercado. Portanto, os artistas que se apresentam no Festival incluem tanto cantores renomados, como os que ainda são desconhecidos da mídia.

Com tantas possibilidades, é preciso haver equilíbrio na hora de selecionar quais cantores serão convidados a cada edição do evento. Não é necessário apenas observar suas idades; seria um parâmetro muito superficial. É preciso que se leve em conta outros aspectos, para que a seleção se torne a mais justa e agradável possível, levando em consideração as eventualidades que possam surgir no decorrer do processo. Por exemplo: às vezes, o artista

²⁷ Para a idade dos artistas aqui apresentados, levou-se em consideração os dados da pesquisa realizada em 2023.

convidado não tem disponibilidade para a data do show, para o qual foi convidado; outras vezes, há problema com a documentação, dificultando o contrato do artista; ou ainda, algum imprevisto de última hora que impeça o artista de comparecer ao evento; isso já ocorreu, inclusive, com Vanusa, que, em 2016, não pode vir ao Festival por problemas de saúde, se apresentando em seu lugar a banda The Rossi. Enfim, é preciso estar pronto para lidar com essas eventualidades.

Existem várias alternativas na hora de estabelecer parâmetros para se escolher um artista. Considerar a idade é um deles; mas, pode ser pela fama que o artista tem, o local de onde você quer trazer esses artistas (se de determinada região, ou não), o estilo musical, o tipo de documentação para contratação, uma pré-seleção, enfim, são inúmeras as possibilidades.

Aqui, quero citar dois exemplos de iniciativas que foram criadas com o intuito de selecionar artistas para se apresentarem no Festival e que resultaram na escolha de oito cantores. Essas iniciativas não fazem parte do conjunto de critérios que o evento usa para, normalmente, proceder com a escolha dos artistas, foram ocasiões pontuais; porém, foram utilizadas como um dos critérios nos anos em que ocorreram. Houve dois concursos, intitulados “Seresta nos Bairros” e “Recife Canta nos Bairros”, promovidos pela prefeitura que foram significativos e de valiosa contribuição neste aspecto. Como já dito, eles não foram critérios para escolha de artistas, mas deram uma oportunidade a novos cantores de cantar no Festival, além de incentivar suas carreiras artísticas.

O Seresta nos Bairros ocorreu em 2008 e foi organizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife e pelo Gabinete do Prefeito João Paulo. Como o próprio nome diz, o repertório era constituído especificamente de música romântica (música para seresta). Foram 58 inscritos, dos quais, 18 avançaram para a etapa seguinte, na qual 4 foram escolhidos para participarem do Festival da Seresta. As eliminatórias aconteceram nos bairros de Casa Amarela, Peixinhos, Areias e Torrões, e a final aconteceu no dia 26 de abril no Campo do Nacional, UR1, bairro do Ibura. Os quatro primeiros colocados foram Mevinha Queiroga (1º lugar), Tânia Santos, Arthur Philipe e Roberto Júnior. No dia 26 de abril, dia da grande final, após o anúncio do resultado, o primeiro colocado recebeu o prêmio de R\$ 1.000,00 e, em seguida, o evento foi encerrado com um show de Reginaldo Rossi.

Já em 2014, a Prefeitura do Recife criou o concurso para jovens cantores intitulado “Recife Canta nos Bairros”, que tinha como objetivo principal dar visibilidade a cantores que se destacavam nos bairros da cidade, mas ainda não estavam na mídia e, consequentemente, levá-los ao Festival Nacional da Seresta daquele ano. Neste concurso, não havia tanto rigor quanto à escolha do repertório. A primeira etapa, eliminatória, aconteceu nos bairros de Casa

Amarela, Santo Amaro, Ibura, Brasília Teimosa, Areias, Chão de Estrelas, Cordeiro e Mustardinha. Foram 24 candidatos, dos quais, 8 passaram para a segunda e última fase, da qual sairiam os 4 vencedores. Semelhante ao Seresta nos Bairros, a segunda fase aconteceu no dia 26 de abril daquele ano, porém, em local diferente, na Av. do Forte, no Arraial Novo do Bom Jesus, no Cordeiro, e anunciou os vencedores naquela mesma ocasião. Foram vitoriosos Hozana Nascimento (1º lugar), Armando Fuentes, Arthur Philipe e Jorge Simões. A competição foi encerrada com shows de Adílson Ramos e Banda Labaredas.

Esses projetos foram relevantes, pois, deram visibilidade a esses novos artistas pela participação no concurso e no Festival da Seresta. Além do mais, esse tipo de oportunidade, pode despertar o interesse de outros novos artistas em participar do evento; bem como, também, pode proporcionar uma oportunidade para esses cantores se inserirem no mercado de trabalho. Infelizmente, essas iniciativas não ocorrem com regularidade.

Deve-se levar em consideração que muitos artistas veteranos já faleceram. Se uns estão saindo de cena, outros precisam ocupar este lugar. O sentido aqui não é que o “novo” artista tenha que substituir o que já faleceu, mas, que o Festival disponha sempre de opções de artistas, das quais ele possa fazer uma seleção que esteja em consonância com a proposta do evento.

Segundo Daniel Bueno, cada vez mais têm surgido cantores novatos interessados em participar do Festival; do mesmo modo, tem surgido também cantores famosos de outros estilos/gêneros demonstrando interesse em fazer parte da grade de artistas participantes. Para estes, é preciso apresentar à produção do evento, um projeto no qual conste um repertório formado especificamente por músicas românticas.

Essas demandas, dentre outras, vão colaborar com a permanência do evento, bem como com a continuidade da tradição de seresta no bairro do Recife; algo que, até antes do Festival Nacional da Seresta, era pouco divulgado na cidade. Embora, mesmo com todos esses percalços, o Festival tem conseguido se adequar a novos moldes impostos pelas adversidades que surgem ao longo do caminho.

Diante de tantos desafios que foram surgindo ao longo das edições, o curador do evento, Daniel Bueno, precisou se adequar às condições impostas pelas circunstâncias que ora lhe sobrevinham. Os critérios para escolha dos artistas não foram elencados desde o início nas primeiras edições; eles foram surgindo espontaneamente. Com o passar do tempo, esses critérios foram se solidificando, de forma que, hoje, já é possível listá-los. Eles ajudam o curador a realizar uma seleção de artistas da forma mais justa e transparente possível; embora, haja sempre algum imprevisto. Segundo Bueno, esses critérios são:

- Escolha de artistas com repertório “romântico”;

- Divisão igualitária entre artistas locais e nacionais;
- Divisão igualitária entre artistas da velha e da jovem geração;
- Equilíbrio na quantidade de vinda dos artistas;
- Artistas com cachê acessível;
- Oportunidade a artistas de outros estilos/gêneros de se apresentarem no Festival;
- Uso de noites temáticas.

Foi possível elencar sete critérios utilizados na hora de selecionar os artistas. Essa escolha se dá, portanto, a partir desses pontos. No momento de fazer esta seleção, há todo um cuidado para seguir, ao máximo, esses itens, ao mesmo tempo em que se procura atender aos pedidos do público, que sempre reivindica a presença de determinado artista. Mas, as escolhas estão sempre dentro dessa delimitação. Nenhum desses critérios é menos importante que outro; embora, dependendo do artista, algum pese mais.

O primeiro critério é bem lógico: a seresta é um evento romântico. Logo, o repertório precisa ser romântico. Segundo Bueno, os artistas românticos estão rareando no Brasil. Então, qualquer artista que se disponha a cantar um repertório romântico, mesmo que não seja este o seu estilo, será bem-vindo na grade do Festival.

A divisão equânime entre artistas locais e nacionais e entre artistas velhos e jovens é o desejo da produção, assim como também é uma oportunidade “para todos” se apresentarem no Festival. Porém, nem sempre é possível. Pensar nessa possibilidade é simples, mas na hora de contatar os artistas, muitas vezes, acontecem imprevistos, tais como: incompatibilidade de agenda; algum tipo de problema com a documentação necessária para efetivação do contrato; o artista adoece etc. Portanto, nem sempre essa divisão acontece de forma exata. Todavia, é importante que ela seja utilizada como critério para que, assim, a escolha não se torne desproporcional.

É importante também estar atento à quantidade de vindas de cada artista para não favorecer um em detrimento do outro. A menos que seja um artista muito solicitado pelo público, como é o caso de Adílson Ramos, Leonardo Sullivan e Agnaldo Timóteo, os três que mais se apresentaram nas primeiras 25 edições. A pesquisa mostrou que esse critério é, basicamente, o único que não é seguido rigorosamente. Isso decorrente de dois fatores: porque alguns artistas são praticamente exigidos pelo público para que se apresentem todos os anos; e a necessidade de ter sempre, na grade de shows, artistas que estão se apresentando pela primeira vez para, assim, ter sempre atrações que são “novidades” no Festival; o fato de haver “novidades” na programação dos shows também atrai pessoas ao evento.

O valor do cachê também é levado em consideração, porque não se trata de um evento oneroso. Artistas com cachê muito elevado estão fora de cogitação. Existe alguns que já fizeram parte da grade do Festival, mas tiveram seus cachês elevados em decorrência de suas carreiras bem-sucedidas e, por esta razão, hoje não participam mais. É o caso de José Augusto, que já participou do evento duas vezes, porém, hoje, se torna impraticável a sua presença, simplesmente, porque o seu cachê se tornou inviável para o investimento disponível. Para chamá-lo, seria necessário renunciar a outros dois ou três artistas com cachê menos elevado. Em razão disso, é preferível ter mais atrações e variedade de artistas a cada ano, do que trazer os mesmos cantores, o que poderia tornar o evento desinteressante.

Outro critério considerado é a oportunidade dada aos artistas, que normalmente não cantam músicas românticas, de participarem do Festival. Como já foi falado, cada vez mais, artistas de outros gêneros têm demonstrado interesse no evento. Eles podem, mas, para isso, precisam apresentar um projeto em que conste um repertório romântico, o qual pretende cantar no dia do seu show. Esse projeto é analisado pelo produtor musical e, se estiver em consonância com a proposta do Festival, a contratação pode ser feita. Esse tipo de show já aconteceu nove vezes. A tabela a seguir mostra o nome desses shows e o ano em que ocorreram:

Tabela 2 – Artistas que apresentaram shows em homenagem a outros artistas.

SHOW	ANO
1. Almir ex-fevers canta Capiba	2016
2. Cristina Amaral canta Núbia Lafayette	2017
3. Edilza Aires canta Dalva de Oliveira e Ângela Maria	2018
4. Edilza Aires canta Maysa	2015 e 2016
5. Hozana canta Alcione	2018
6. Josildo Sá canta Lupicínio Rodrigues	2015
7. Roberto Carlos cover	2015 e 2016
8. Som da Terra canta Lulu Santos	2018
9. Som da Terra canta Roupas Nova	2017

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela acima, destaco “Roberto Carlos cover”. Trata-se do cantor, compositor e produtor musical Cícero Allves. Ele não “cantou Roberto Carlos”, ele é a versão cover do Rei Roberto Carlos. Portanto, todos podem participar, desde que estejam alinhados com o fator principal que é se identificar com a proposta do Festival.

O último critério é bem peculiar: o uso de noites temáticas. Até a sétima edição (2001), os artistas escolhidos para cada dia seguiam, mais ou menos, uma linha de estilo; embora, ainda não fosse usado tema para cada noite. Às vezes, era possível juntar artistas com repertórios afins no mesmo dia; outras vezes, não dava para manter rigorosamente essa distribuição.

Quando isso acontecia, era possível ter, na mesma noite, estilos diferentes. Por exemplo, em 17/05/1996, apresentaram-se Agnaldo Timóteo (bolero) e Conjunto Pernambucano de Choro; já em 06/05/1999, subiram ao palco Expedito Baracho (frevo) e Waldick Soriano (bolero) e, em 12/05/2000, Fernando Azevedo (frevo) e Benito de Paula (samba). No entanto, as canções apresentadas por esses artistas não têm fugido do teor romântico; são boleros, chorinhos, sambas-canção e frevos-canção.

No entanto, em algumas reportagens de jornal, foi possível verificar que já havia um indício do uso das noites temáticas. Essas reportagens já anunciavam essa característica, embora a produção do Festival ainda não o fizesse de forma oficial. Por exemplo, em 10/05/2000²⁸, foi divulgado, no Jornal do Commercio, aquela sexta-feira com o tema “Noite do Samba Romântico”. Já no dia 23/05/2001²⁹, foi divulgado, também no Jornal do Commercio, as quatro noites com temas, a saber: “Noite do Samba Romântico, Noite do Bolero, Noite da Dor de Cotovelo e Grande Noite Romântica”, referindo-se, respectivamente, aos dias 23, 24, 25 e 26 de maio daquele ano.

Tudo isso era um prenúncio do que estava por vir. Pois, em 2002, na 8ª edição, pela primeira vez, a grade de shows do Festival foi divulgada oficialmente contendo temas para cada noite do evento. Para Daniel Bueno, “o público é fiel, heterogêneo e de todas as idades. Isso se deve ao formato das noites³⁰ temáticas”. Verificou-se que, ao selecionar os artistas de cada noite por tema, a grade ficou mais arrumada e, por conseguinte, mais atraente.

Baseada na tabela do **Anexo 1**, foi possível identificar 12 temas diferentes, embora, alguns se reportem à mesma época ou estejam bem próximos um do outro. A tabela a seguir traz a relação de todos os temas utilizados nas primeiras 25 edições do festival. Ressalto que, aqui, os temas estão escritos levando-se em consideração a forma como foram divulgados nas várias fontes pesquisadas. São eles:

Tabela 3 – Noites temáticas utilizadas no Festival.

TEMA	ANO	QUANTIDADE DE VEZES
1. 50 Anos de Jovem Guarda	2016	01
2. Noite da Jovem Guarda	2003 a 2012; 2014; 2015 e 2017	13
3. Noite da Velha Guarda	2003 a 2005.	03
4. Noite das Grandes Vozes	2011 a 2013 e 2015.	04
5. Noite das Mães	2006; 2007; 2009; 2010; 2013 a 2019	11

²⁸ Reportagem “Um festival inteiro só para cantar as dores de amores dos seresteiros”, publicada no Jornal do Commercio, em 10/05/2000, no Caderno C, coluna Música, pág. 6, sem autoria.

²⁹ Reportagem “Festival da Seresta à luz do romantismo”, de Rosário de Pompéia, para o Jornal do Commercio, publicada em 23/05/2001, no Caderno C, coluna Show, pág. 6

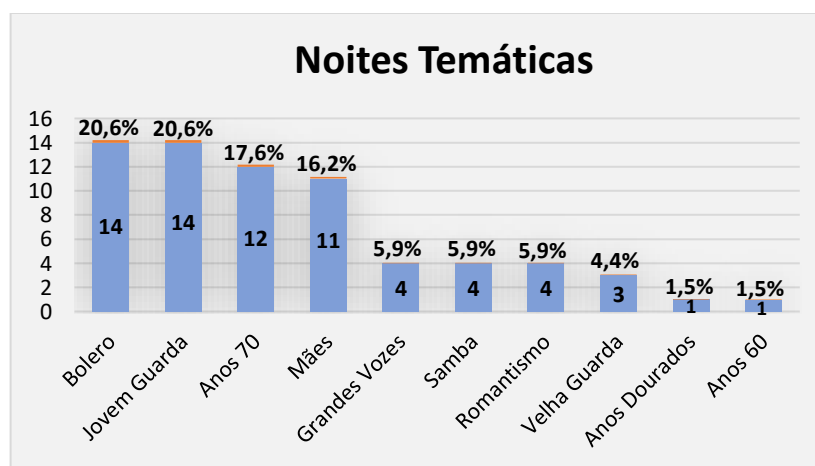
³⁰ Reportagem publicada no Diário Oficial do Município de Recife, publicada em 07/05/2009.

6. Noite do Bolero	2003 a 2012; 2014; 2016; 2017 e 2019	14
7. Noite do Romantismo	2019	01
8. Noite do Samba	2003; 2004; 2009 e 2013	04
9. Noite dos Anos 60	2018	01
10.Noite dos Anos 70	2005 a 2008; 2010 a 2012; 2014 e 2018	12
11.Noite dos Anos Dourados	2019	01
12.Noite Romântica	2008; 2013 e 2018	03

Fonte: Elaboração própria.

Observando³¹ a Tabela 3, verifica-se que há alguns temas mais usados que outros. Destacamos, aqui, os quatro mais recorrência: Bolero, Jovem Guarda, Anos 70 e Noite das Mães; foram 14, 13, 12 e 11 noites, respectivamente. A partir do quinto, a quantidade máxima de noites por tema não ultrapassou quatro. Colocando os dados desta tabela num gráfico, podemos visualizar melhor essa disparidade na escolha das temáticas. Neste gráfico, juntaremos alguns temas, por entendermos que se trata do mesmo repertório utilizado. Englobaremos 50 Anos de Jovem Guarda com Noite da Jovem Guarda e Noite do Romantismo com Noite Romântica. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Percentual das noites temáticas



Fonte: Elaboração própria.

Observando o gráfico acima e considerando que o tema Noite das Mães não se refere a um tipo de repertório, mas sim, uma homenagem às mães presentes, podemos afirmar que o Festival Nacional da Seresta se firma, basicamente, em três tipos de música: Bolero, música da Jovem Guarda e dos Anos 70. Aqui, vou chamar essas três temáticas de grupo “A”. Se

³¹ Os dados da desta tabela se referem ao período de 2002 a 2018 (8ª a 24ª edições), período em que foram utilizados oficialmente temas para cada noite.

somarmos os percentuais correspondentes a esses três temas, temos um total de 58,8% do total de noites temáticas.

Na Noite das Mães, que ocorre sempre aos sábados, se apresentaram 29 artistas que correspondem a 16,2% do total das edições nas quais se adotou essa temática. Desses 29 artistas, 23 transitam, tradicionalmente, dentro do repertório do grupo A. Os 6 restantes apresentaram um repertório diferente das três temáticas acima; eles cantaram Frevo, Choro, Samba e Música Latina. A esse grupo de gêneros chamarei de “B”.

Se dividirmos esse percentual de 16,2% entre os dois grupos de artistas que se apresentaram nas Noites das Mães, encontraremos o seguinte resultado: os 23 artistas que fizeram uso do repertório do grupo A correspondem a 12,8%, enquanto os 6 que se utilizaram do repertório do grupo B, somam apenas 3,4%.

Se considerarmos os 23 artistas que executaram o repertório do grupo A nas Noites das Mães e somarmos o percentual equivalente, de 12,8%, ao percentual do grupo A, que é de 58,8%, encontraremos um total de 71,6% das noites temáticas que cantam Bolero, Jovem Guarda e anos 70. Diante desses dados, conclui-se que o repertório do Festival é constituído, basicamente, de Boleros, música da Jovem Guarda e dos anos 70. De modo geral, é possível dividir os artistas que correspondem aos 71,6% dos shows em subgrupos que se diferenciam pelo corte geracional e pela proposta musical.

O primeiro subgrupo representa uma geração mais antiga, que são os artistas que começaram a se destacar a partir dos anos 1950, com um repertório em que predominam boleros e sambas-canção. Vamos chamá-lo de “velha guarda” e são exemplos: Núbia Lafayette [1937-2007] (12 vezes), Ângela Maria [1929-2018] (8 vezes), Cauby Peixoto [1931-2016] (8 vezes), Trio Irakitan [desde 1950] (7 vezes), Roberto Silva [1920-2012] (4 vezes), e Noite Ilustrada [1928-2003] (4 vezes).

Artistas como: Adílson Ramos [1945] (23 vezes), Mozart [não informado] (13 vezes), Almir [1945] (7 vezes), Renato e seus Blue Caps [desde 1959] (7 vezes), Jerry Adriani [1947-2017] (6 vezes), Túnel do tempo [desde 1984] (4 vezes), Golden Boys [desde 1958] (3 vezes), os Tártaros [desde 1965] (1 vez) e Wanderléa [1944] (1 vez) tiveram sua carreira iniciada durante a Jovem Guarda, movimento que abraçou o rock anglo-saxão e conquistou a juventude dos anos 1960, com canções despretensiosas, bem-humoradas ou de romantismo ingênuo. Estes representam o segundo subgrupo.

O último subgrupo é representado pelos cantores românticos de muito sucesso popular entre os anos 1960 e 1980, fora do panteão da chamada MPB, e também marcam forte presença no Festival da Seresta. Podemos citar: Agnaldo Timóteo [1936-2021] (20 vezes), Gilliard

[1956] (14 vezes), Moacyr Franco [1936] (9 vezes), Fernando Mendes [1950] (8 vezes), Walesca [1941] (7 vezes), Joanna [1957] (6 vezes), Paulo Diniz [1940-2022] (5 vezes), Márcio Greyk [1947] (3 vezes), Michael Sullivan [1950] (3 vezes) e Odair José [1948] (2 vezes). Muitos destes artistas eram desprezados pela crítica cultural especializada sob a alcunha de “bregas”. Aqui, vamos chamá-los, genericamente, de “românticos”. Artistas que fizeram sucesso popular com canções radiofônicas, sobretudo entre os anos 1970 e 1980. A tabela abaixo mostra o período e o tipo de repertório para esses três grupos.

Quadro 1 – O tipo de repertório mais utilizado no Festival e o período no qual foi usado.

GRUPO	PERÍODO	REPERTÓRIO
VELHA GUARDA	Se destacaram a partir dos anos 1950.	Boleros e sambas-canção.
JOVEM GUARDA	Iniciaram suas carreiras nos anos 1960.	Rock brasileiro do período da jovem guarda.
ROMÂNTICOS (BREGAS)	Fizeram sucesso entre os anos 1970 e 1980.	Canções românticas consideradas “cafônicas” ou “bregas”.

Fonte: Elaboração própria.

Com isso, ratifica-se que é possível dividir os artistas que representam os 71,6% do total de artistas, em duas vertentes de duas maneiras. Pelo corte geracional e pelo tipo de repertório.

Os gêneros musicais tidos como regionais, a exemplo do forró e do frevo, estão, como já falamos, praticamente fora do escopo do Festival Nacional da Seresta, talvez por já terem seu espaço garantido em outras épocas do ano nos eventos financiados pelo poder público. A exceção talvez seja a marcha-de-bloco, ou o frevo-de-bloco, por seu caráter marcadamente nostálgico e por suas afinidades instrumentais com o choro e o samba-canção. O Coral Edgar Moraes, um dos expoentes do gênero, chegou a se apresentar uma vez, em 2016.

Dentre os artistas conhecidos como forrozeiros, Cristina Amaral, Josildo Sá e Maria da Paz, com duas apresentações cada, são os únicos que aparecem na programação. No entanto, quando esses artistas participaram, não fizeram uso de seus repertórios próprios. Todos eles apresentaram um repertório preparado especificamente para o Festival, levando em conta a proposta do evento. Cristina Amaral cantou músicas de Núbia Lafayette, Josildo Sá cantou Lupicínio Rodrigues e Maria da Paz optou por canções românticas diversas.

É possível perceber, portanto, uma intenção da curadoria em desvincular o Festival da Seresta, no bairro do Recife, dos gêneros musicais tipicamente regionais e fazer jus à alcunha de “nacional” presente no título do evento. Há diversos artistas pernambucanos entre as presenças mais frequentes na programação, mas, nenhum deles se notabiliza especificamente pelo repertório regionalista. De modo geral, o Festival da Seresta apresenta músicas de vários

estilos e gêneros representativos do período entre 1950 e 1980, porém, a ênfase está em Boleros, iê-iê-iê e música “cafona”. Portanto, esses estilos/gêneros predominantes ditam o tom do discurso e, de certa forma, descreve o que é seresta no contexto do bairro do Recife.

Ainda de acordo com a tabela do **Anexo 1**, podemos verificar que há alguns casos de artistas que transitam com certa desenvoltura por mais de um dos grupos mencionados. Contudo, isso não invalida a tipologia, pois as categorias não são mutuamente excludentes. A tabela abaixo mostra os artistas que participaram em várias noites temáticas:

Tabela 4 – Os 13 artistas que mais se apresentaram em temáticas diferentes.

ARTISTA	NOITES TEMÁTICAS COM QUANTIDADE DE VEZES EM QUE PARTICIPOU	TOTAL DE NOITES TEMÁTICAS
Adílson Ramos	Bolero (09), Grandes Vozes (02), Mães (02), Anos 60 (01), Anos 70 (01), Velha Guarda (01) e Romântica (01).	07
Agnaldo Timóteo	Bolero (04), Grandes Vozes (04), Anos 70 (03), Romântica (02), Anos Dourados (01) e Mães (01).	06
Nadja Maria	Mães (04), Anos 70 (03), Bolero (02), Romântica (01), Samba (01) e Grandes Vozes (01).	06
Leonardo Sullivan	Mães (06), Bolero (05), Romântica (02), Velha Guarda (01) e Anos 70 (01).	05
Expedito Baracho	Bolero (06), Samba (02), Romântica (01) e Anos 70 (01).	04
Gilliard	Bolero (06), Anos 70 (05) e Mães (02).	03
Núbia Lafayette	Bolero (02), Velha Guarda (02) e Mães (01).	03
Augusto César	Anos 70 (09), Jovem Guarda (01) e Mães (01).	03
Altemar Dutra Jr	Bolero (04), Mães (04) e Grandes Vozes (01).	03
Moacyr Franco	Grandes Vozes (03), Romântica (01) e Mães (01).	03
Almir (ex-Fevers)	Jovem Guarda (7), Anos 70 (1) e Mães (1).	03
Mozart	Jovem Guarda (13) e Anos 60 (01).	02
Jerry Adriani	Jovem Guarda (6)	01

Fonte: Elaboração própria

Analisando a tabela acima, podemos verificar que, dos 13 artistas, 5 não aparecem na noite temática do Bolero. São eles: Almir, Augusto César, Jerry Adriani, Moacyr Franco e Mozart. Já na noite dos Anos 70, não estão incluídos Altemar Dutra Jr, Jerry Adriani, Moacyr Franco, Mozart e Núbia Lafayette. Por outro lado, a noite da Jovem Guarda é representada por apenas 4 artistas: Almir, Augusto César, Jerry Adriani e Mozart. Enquanto na noite das Mães, apenas três artistas ficaram de fora da programação: Expedito Baracho, Jerry Adriani e Mozart.

Com isso, verifica-se o peso das temáticas mais utilizadas no Festival. Dos 13 artistas, quase todos cantaram nas temáticas do Bolero, dos Anos 70 e das Mães. A temática da Jovem Guarda foi a com menos representantes. Em contrapartida, Mozart foi o cantor com o maior número de apresentações numa única noite temática, totalizando 13, que foi justamente na noite da Jovem Guarda. Não é à toa que ele é conhecido, em Pernambuco, pela alcunha de “príncipe

da Jovem Guarda do Nordeste”³². Almir cantou Jovem Guarda em 7 das 9 noites; enquanto Jerry Adriani só participou 6 vezes do Festival e, em todas as vezes, cantou Jovem Guarda.

Diante desses dados, pode-se entender que o repertório da Jovem Guarda não é um repertório comum, que normalmente faz parte das serestas tradicionais. Se assim fosse, não teríamos artistas cantando quase que exclusivamente, ou exclusivamente, esse estilo; ou teríamos quase todos os artistas cantando Jovem Guarda. Há alguns que cantam Jovem Guarda e cantam outros temas também, mas, essa participação é bem tímida. O repertório da Jovem Guarda foi inserido no Festival da Seresta levando-se em conta o caráter de suas letras e o período em que fizeram sucesso; isso para satisfazer os frequentadores que veem nesse repertório uma oportunidade de reviver os bons momentos que essas pessoas viveram no passado. Portanto, pode-se considerar esses artistas, que cantaram Jovem Guarda, de especialistas. Enquanto os demais, encaixam-se com facilidade nas demais temáticas.

Ainda com base na Tabela 1 **do Anexo 1**, foi possível constatar quais os artistas que mais se apresentaram dentro das quatro temáticas mais usadas no Festival. São eles:

Tabela 5 - As temáticas que mais se repetiram com os artistas que mais se apresentaram nelas.

TEMA	TOTAL DE NOITES POR TEMA	ARTISTAS QUE MAIS SE APRESENTARAM	TOTAL DE SHOWS POR ARTISTA
Bolero	14	Adílson Ramos	09
		Expedito Baracho e Gilliard	06, cada
		Leonardo Sullivan	05
		Agnaldo Timóteo e Altemar Dutra Jr.	04, cada
Jovem Guarda	14	Mozart	12
		Almir, Jerry Adriani e Renato e seus Blue Caps	06, cada
		Túnel do Tempo	04, cada
		Golden Boys, Roberto Carlos cover e Wanderley Cardoso	03, cada
Anos 70	12	Augusto César	09
		Fernando Mendes	06
		Gilliard	05
		Agnaldo Timóteo, Nadja Maria e Paulo Diniz	03, cada
Mães	11	Leonardo Sullivan	06
		Conjunto Pernambucano de Choro	05
		Altemar Dutra Jr e Nadja Maria	04, cada
		Adílson Ramos	02

Fonte: Elaboração própria.

³² Reportagem do portal Cultura.PE, página oficial da Secretaria de Cultura e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), publicada em 23/05/2022. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/musica/com-apoio-do-governo-do-estado-festival-nacional-da-seresta-volta-as-ruas-do-recife/> Acesso em: 08 nov. 2023.

Dos 19 artistas que aparecem na tabela, apenas 5 estão incluídos em dois dos quatro temas citados. São eles: Adílson Ramos, Agnaldo Timóteo, Altemar Dutra Jr, Gilliard, Leonardo Sullivan e Nadja Maria. Os demais aparecem em apenas um dos quatro temas. Aqui, mais uma vez, destaca-se os artistas da Jovem Guarda. Tanto na Tabela 4 quanto na Tabela 5, o tema da Jovem Guarda demonstrou ter uma característica específica: na primeira, dos 11 artistas, apenas 2 aparecem na lista cantando Jovem Guarda; já na segunda, como já foi dito, todos os artistas do tema da Jovem Guarda não se apresentam nos demais temas.

Vejamos o seguinte: Mozart fez 13 apresentações ao todo; dessas 13, apenas uma não foi dentro da temática da Jovem Guarda; foi na temática dos Anos 60. Entretanto, o movimento da Jovem Guarda surgiu em meados da década de 1960. A mesma coisa acontece com Almir, que das 7 apresentações, também apenas 1 estava na temática dos Anos 60. Já Renato e seus Blue Caps realizou 7 shows, todos na Jovem Guarda; o mesmo aconteceu com Jerry Adriani (6 shows), Túnel do Tempo (4 shows), Roberto Carlos cover (3 shows) e Golden Boys (3 shows). Já Wanderley Cardoso realizou 3 apresentações na Jovem Guarda e 1 na temática da Noite Romântica; porém, no show da Noite Romântica ele fez um tributo à Jerry Adriani; portanto, pode-se afirmar que foram 4 shows da Jovem Guarda.

Portanto, podemos afirmar que esses artistas são “especialistas” em Jovem Guarda. Eles só cantam músicas ligadas ao movimento ou a artistas da Jovem Guarda. Diferente dos demais, que passeiam por vários temas com mais tranquilidade. Esse fato torna o Festival Nacional da Seresta diferente das serestas tradicionais, pois tem a Jovem Guarda com uma representação muito forte dentro do seu repertório. Relembrando a fala de Bueno, já citada neste trabalho, a Jovem Guarda está presente no Festival da Seresta não por causa dos seus gêneros e ritmos, mas sim, por causa do seu caráter saudosista.

Outro aspecto que a tabela do Anexo 1 mostrou foi o quantitativo de apresentações de cada artista. Alguns se apresentam com muita frequência; outros, uma ou duas vezes. A tabela do Anexo 2, que foi montada com os dados obtidos na tabela do Anexo 1, traz uma relação de todos os artistas que já se apresentaram no evento nas suas primeiras 25 edições. Foram 115 artistas, que, aqui, dividi em três grupos: os que se apresentaram de 1 a 9 vezes; os que se apresentaram de 10 a 19 vezes e o último grupo que fez 20 ou mais apresentações.

A tabela mostrou que a grande maioria dos artistas está no grupo dos que se apresentaram de 1 a 9 vezes; com um total de 104 artistas. Para se ter uma ideia, 93 deles se apresentaram de 1 a 5 vezes e, desses, 50 cantaram apenas uma vez. Já o grupo de 10 a 19 shows, tem um total de 8 artistas. O menor grupo é o que tem os artistas que se apresentaram mais de 20 vezes, num total de apenas 3. A tabela abaixo mostra os 11 artistas que mais se

apresentaram no Festival da Seresta; nela, encontram-se os artistas que se apresentaram 11 ou mais vezes. Vejamos:

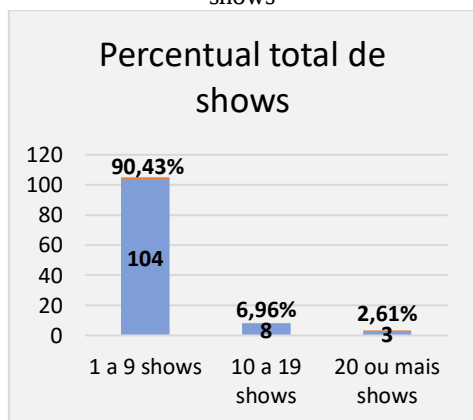
Tabela 6 – Cantores que mais se apresentaram no Festival.

ARTISTA	QUANTIDADE DE SHOWS	ANO
1. Adílson Ramos	23	1997 a 2019.
2. Leonardo Sullivan	21	1996; 1998 a 2001; 2003; 2005 a 2019.
3. Agnaldo Timóteo	20	1995; 1996; 1998; 1999; 2001; 2002; 2005 a 2008; 2010 a 2019.
4. Expedito Baracho	17	1995 a 2007; 2009 a 2011; 2013.
5. Nadja Maria	16	1998 a 2002; 2004 a 2014.
6. Gilliard	14	2004 a 2007; 2009; 2010; 2012 a 2019.
7. Mozart	13	2002; 2004 a 2011; 2013; 2015 a 2017.
8. Conjunto Pernambucano de Choro	12	1995 a 1997; 1999; 2002 a 2006; 2009; 2013; 2015.
9. Núbia Lafayette	12	1995 a 2005; 2007.
10. Altemar Dutra Jr	11	1998; 2008 a 2016; 2019.
11. Augusto César	11	2003 a 2010; 2015 a 2017.

Fonte: Elaboração própria.

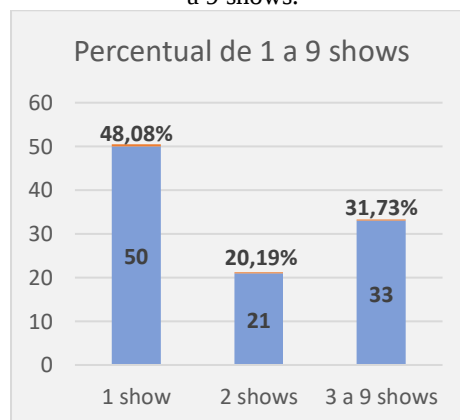
Conforme a tabela acima, os três artistas que mais se apresentaram foram Adílson Ramos, Leonardo Sullivan e Agnaldo Timóteo; em 23, 21 e 20 vezes, respectivamente. Levando em consideração que foram 115 artistas no total, esses três representam um percentual de, apenas, 2,61%. Já o percentual dos que cantaram entre 10 e 19 vezes, somam 6,96%. A maioria absoluta dos artistas se apresentaram menos de 10 vezes no Festival. Vamos observar os dois gráficos abaixo:

Gráfico 2 – Percentual de artistas com quantidade de shows



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Percentual de artistas que realizaram de 1 a 9 shows.



Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 2, temos os percentuais desses três grupos de artistas. Podemos verificar que há, portanto, uma discrepância na escolha deles. Em 25 anos de Festival, 90,43% dos artistas se apresentaram menos de 10 vezes, enquanto somente 3 dominaram a grade de shows.

O Gráfico 3 está baseado no percentual de 90,43%, correspondente aos artistas que se apresentaram menos de dez vezes, contido no Gráfico 2. Os dados foram divididos da seguinte forma: artistas que se apresentaram uma vez, os que se apresentaram duas vezes e aqueles que tiveram entre três e nove apresentações. Verifica-se que 33 artistas cantaram entre 3 e 9 vezes no Festival; 21, cantaram duas vezes e 50 se apresentaram apenas uma vez.

Fazendo uma comparação dos artistas que se apresentaram 20 ou mais vezes e os que se apresentaram uma vez, a diferença é exorbitante: são 2,61% e 43,47%, respectivamente. Em outras palavras, quase a metade dos artistas que se apresentaram no Festival da Seresta, o fizeram apenas uma vez, enquanto apenas três dominam a grade de shows. Ainda se considerarmos os artistas que se apresentaram 1 ou 2 vezes, o número subiria para 71, o que corresponde a 68,27%. Isso corresponde a mais de dois terços a quantidade de artistas que se apresentaram somente uma ou duas vezes.

Posto isso, esses dados não condizem com um dos critérios de escolha dos artistas, apresentado por Bueno e já mencionado, que diz o seguinte: equilíbrio na quantidade de vezes que o artista participa do Festival. A palavra de Bueno parece ir contra os fatos; no entanto, ainda segundo ele, há duas razões para que isso aconteça: em primeiro lugar, é preciso levar em consideração os apelos do público quando, aos gritos, solicitam que determinado artista seja convidado para o evento. Por exemplo, em relação à vinda da cantora Kátia, Bueno falou o seguinte para uma reportagem do Diário de Pernambuco (10/05/2017): “O público fã de jovem guarda sempre pediu a participação dela no Festival e, neste ano, atendemos”.

A outra razão é a necessidade de se trazer artistas “novos” em cada edição, para que haja sempre “novidades” na grade dos shows. É importante haver sempre um artista que esteja participando pela primeira vez do Festival; isso também desperta o interesse do público. Artistas que se apresentaram uma ou duas vezes não vieram mais vezes porque não agradaram ao público, salvo raríssimas exceções. Quase todos eles entraram na grade de shows do Festival por uma causa mais nobre que é: ser algo novo que tem o objetivo de atrair as pessoas e abrilhantar o evento.

Por outro lado, temos três artistas que se apresentaram 20 ou mais vezes. Conforme já foi falado: Adílson Ramos, Leonardo Sullivan e Agnaldo Timóteo. Dos três, Adílson Ramos é o artista que mais se apresentou no evento. Isso, inclusive, lhe rendeu o título de rei da seresta (do Festival Nacional da Seresta), ganhando, inclusive, uma reportagem especial no jornal

Diário de Pernambuco, publicada em 07/05/2014 (ver Foto 13). Já o segundo colocado é Leonardo Sullivan, perdendo o trono por apenas duas apresentações. Enquanto o saudoso Agnaldo Timóteo ficou na terceira colocação, com 20 apresentações.

Foto 13 – Adílson Ramos: rei da seresta.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2014.

De acordo com Bueno, Adílson Ramos, de fato, é o artista mais querido do evento, mais solicitado, mais tietado e mais envolvente com o público. O título, portanto, faz jus. O próprio Adílson Ramos agradece e se sente honrado por ser o artista que mais participou do Festival. Em uma reportagem para a Rádio Jornal, publicada em 09/05/2019, ele falou o seguinte: "Eu me sinto honrado em ser o cantor que mais participou. E é muito importante esse carinho que o público tem comigo. É muito bacana, muito significativo, principalmente para mim que estou chegando aos 59 anos de carreira".

Considerando a ausência de Adílson Ramos no evento, por qualquer que seja o motivo, a única pessoa a curto prazo que poderia lhe tomar o título de rei da seresta seria Leonardo Sullivan. Seriam necessárias 3 edições sem a participação de Adílson Ramos para que isso acontecesse. Para um terceiro artista disputar este posto, levaria um período de 10 anos sem a presença de Adílson Ramos; e este artista seria Gilliard, hoje o sexto colocado com 14 apresentações. Isso em decorrência dos artistas numerados de 3 a 5 já terem falecido. Portanto, o único artista que poderia tirar esse título seria Leonardo Sullivan. Adílson Ramos reina, mas Leonardo Sullivan está chegando. Entretanto, como o primeiro é sempre muito solicitado e o evento procura atender aos pedidos do público, é possível que ele continue reinando por mais tempo. As fotos a seguir mostram o segundo e terceiro artistas que mais participaram do Festival da Seresta:

Foto 14 – Leonardo Sullivan



Fonte: Facebook do artista,
2020.

Foto 15 – Agnaldo Timóteo



Fonte: Site da Rádio Senado,
2020.

O público é sempre muito exigente quando se trata de sugerir quais artistas devem se apresentar no ano seguinte. Aliás, essa é uma das razões, conforme mencionado, que levam alguns artistas a se apresentarem tanto e outros, não. Todavia, o público não é exigente apenas na escolha dos artistas, mas, também, com o repertório. Ele sabe as músicas e canta cada uma; mas, ele, também, pede para que os artistas cantem as músicas que ele quer ouvir. Boa parte dos artistas montam suas listas, mas sabem que poderão cantar outras músicas que não estão na relação, e como os artistas “vivem para o público”, não hesitam em atender cada pedido. Vejamos as falas abaixo:

- (1) “Tento programar um repertório, mas quem dirige meu show é o público”.
- (2) “Canto para o meu povo”.
- (3) “A maior riqueza do artista é a interação com o público, como fazemos na seresta. E no Recife eu canto o que eles querem; na verdade, introduzo as canções e ouço o coro”.

A primeira fala é de Núbia Lafayette, que falou para o Diário de Pernambuco, em reportagem de 2005. A segunda é de Ângela Maria, que falou também para o Diário de Pernambuco, em reportagem de 1999. Enquanto Gilliard, dono da terceira fala, fez esta declaração para a Folha de Pernambuco, em 2019. Essas são apenas algumas falas, dentre tantas outras, que mostram que há um envolvimento recíproco entre artista e público. Quanto mais o artista interage com o público, mais o público se conecta a ele.

4.1 OS GRUPOS MUSICAIS QUE JÁ SE APRESENTARAM NO FESTIVAL

Conforme vimos, os artistas que se apresentam no Festival Nacional da Seresta representam os mais diversos estilos e gêneros musicais. Alguns adotaram o estilo de música romântica desde o início de suas carreiras; outros optaram por outros estilos que não estão vinculados ao evento, porém, participam da seresta cantando música romântica de outros cantores. Vimos também que esses artistas são de várias gerações; alguns com idade variando dos 40 aos 90 anos, como por exemplo³³: Arthur Philipe, nascido em 1981, e Moacyr Franco, em 1936. Da mesma forma que também integram a grade de artistas do Festival artistas locais e nacionais.

Existe outra característica interessante nesse elenco de intérpretes, que é o fato de se ter na grade de artistas, não somente cantores solistas, mas também grupos/bandas musicais de diversas épocas e estilos de música, bem como de diferentes localidades do país. Outra vez, baseada na tabela do Apêndice A, foram identificados 19 grupos, desde dueto, trio, grupos pequenos, orquestras e até um coral. Cabe esclarecer aqui que estamos chamando de “grupo” toda atração que não seja “cantor solista”. Abaixo, segue uma lista com todos esses grupos que se apresentaram nas primeiras vinte e cinco edições:

1. Cassino Tropical
2. Conjunto Pernambucano de Choro
3. Coral Edgard Moraes
4. Faringes da Paixão
5. Golden Boys
6. Jane e Herondy
7. Los Cubanos
8. Orquestra das Pás
9. Orquestra Vienna
10. Orquestra Virtual
11. Os Incríveis
12. Os Tártaros
13. Renato e seus Blue Caps
14. Som da Terra

³³ As idades apresentadas aqui estão baseadas quando a pesquisa estava ocorrendo.

15. The Fevers
16. The Rossi
17. Trepidant's
18. Trio Irakitan
19. Túnel do Tempo

De todos esses, cinco tem parte significativa do seu repertório baseada no Rock'n roll brasileiro e ingênuo dos anos 1960-1970. A banda Renato e seus Blue Caps é uma banda carioca, formada em 1959, pelos irmãos Renato Barros, Ed Wilson e Paulo César Barros, além de Euclides de Paula e Gelson Moraes. A banda tornou-se conhecida sobretudo pelas versões de músicas em língua inglesa, principalmente britânicas. São 64 anos de atividade ininterrupta, apresentando um repertório de Rock'n roll, Pop e Iê-iê-iê. Os atuais integrantes são: Cid Chaves, Fabrício Motta, Darci Velasco, Bruno Sanson e Chi Lenno.

Já The Fevers foi fundada em 1964, também no Rio de Janeiro, e seu repertório é constituído de Rock'n roll e Pop. Seus integrantes são: Luiz Cláudio, Liebert Ferreira, Rama, Otávio Monteiro e Cláudio Mendes. Os Incríveis foi formada em 1962, em São Paulo, e toca um repertório basicamente de Rock'n roll. A banda teve momentos de interrupção e seu período de atuação é: 1962-1972; 1973-1981; 1995 até os dias atuais; seus componentes são: Rubinho Ribeiro, Sandro Halck, Wilson Teixeira, Leandro Weingaertner e Netinho.

Outra banda de Rock, além de Dance e Pop, é a pernambucana Trepidant's, formada pelos 4 irmãos Vicente, Eraldo, Nenel e Ronald e o amigo de infância Paulo Bezerra. O grupo só cantava em inglês até 1977, quando a moda de cantar em inglês começou a declinar. Está em atividade desde 1970 e sua atual formação é: Vicente Jr, Eraldo, Nenel, Ronaldo (filho de Ronald) e Gláucio. Por fim, a banda pernambucana, cover dos Beatles, Túnel do Tempo, formada em 1984. Trata-se da primeira banda cover dos Beatles a gravar em Abbey Road. Luiz, Diógenes, Bau Blues, Ossian, Walter, Beto, Dagoberto, Waldir e Wagner são seus integrantes.

Três grupos estão mais ligados ao Iê-iê-iê; são eles: Os Tártaros, Golden Boys e a dupla Jane e Herondy. A banda recifense Os Tártaros, formada em 1965, fez parte da Jovem Guarda pernambucana e ficou conhecida por ser o primeiro conjunto a utilizar o órgão eletrônico na região do Nordeste – uma pianola da marca Hering. Seus integrantes são Mário Mathias, André Pessoa, João Augusto, Mário Guimarães e Sérgio Medeiros.

Já a dupla Jane e Herondy foi formada em 1974, em São Paulo, a convite de Magno Salerno e Airton Rodrigues, diretor, produtor e apresentador do programa “Almoço com as estrelas”. Com um repertório predominantemente de música romântica, a dupla gravou seu

primeiro LP, em 1975, em duas versões: uma em português, aqui no Brasil, e a outra em espanhol para a América Latina, onde interpretava doze versões de músicas estrangeiras. Mas, foi em 1976, com a canção “Não se vá”, que a dupla alcançou prestígio nacionalmente. Até hoje, a dupla faz shows cantando suas canções e também clássicos da MPB, com uma nova leitura, juntando o popular e o sofisticado em uma fusão tocante e interativa.

Os Golden Boys também se dedicaram ao Iê-iê-iê, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, embora tenham participado de vários álbuns de artistas da MPB e do Pop-rock brasileiro. O grupo se formou em 1958, no Rio de Janeiro, pelos irmãos Roberto, Ronaldo e Renato Corrêa e o amigo Waldir da Anunciação, como uma versão brasileira do conjunto americano The Platters, um grupo de Doo-wop³⁴ – estilo de música vocal baseada no *rhythm and blues* (R&B). Hoje, o grupo canta R&B/soul, Pop, Hip-Hop/rap, além de músicas da Jovem Guarda. Atualmente, integram o grupo os irmãos Mário, Renato e Ronaldo Corrêa.

O Trio Irakitan foi formado em 1950, em Natal/RN, começou gravando versões de Boleros famosos, como “Ébrio de Amor” e “Malagueña”, o que consagrou sua fama; embora tenha gravado também muitos sambas e até Bossa Nova. Seus integrantes são Valmir Maia, Hélio Rocha e Tony Mell.

Também há representantes do brega no Festival da Seresta, são as bandas Faringes da Paixão e The Rossi. A banda recifense Faringes da Paixão, foi criada, em 2004, por um grupo de amigos que classificam sua música como brega universitário. Influenciados pelos cantores Reginaldo Rossi, Fernando Mendes, Sidney Magal, Kelvis Duran, Lairton e seus teclados e a banda Labareda, o grupo é formado por Marcelo Araújo, Emmanuel Felipe, Chico Carvalho, Pedro Henrique e Álvaro Alves.

Seguindo o mesmo estilo, temos a banda The Rossi. Criada com o intuito de dar continuidade ao trabalho do Rei do Brega, o cantor Reginaldo Rossi, falecido em dezembro de 2013. A banda foi criada pelo empresário Sandro Nóbrega e é formada por Edmilson, Ernesto, Bino, Marcílio e Jorge, que são os mesmos músicos que acompanhavam Reginaldo Rossi. O show de estreia do grupo, em 2014, aconteceu no mesmo palco³⁵ onde Reginaldo Rossi fez seu último show e seu repertório sempre divulga o trabalho musical de Rei do Brega.

Algumas bandas costumam apresentar um repertório “comum”, de canções românticas de vários períodos, porém, com uma roupagem completamente diferente. Por exemplo, cantar

³⁴ Segundo o site Wikipédia, o estilo Doo-wop caracteriza-se por um backing vocal harmonioso e suave, com coros que muitas vezes os cantores faziam com a boca, imitando os próprios instrumentos musicais e que, frequentemente, repetiam onomatopeias. A maior parte dos grupos deste estilo, na época, cantavam *a cappella*.

³⁵ O palco do Taca Mais Música – projeto musical realizado no rooftop do Shopping Tacaruna, sempre às quintas-feiras às 19h.

um Bolero em ritmo de Frevo ou Samba. Esse recurso é uma maneira de inovar um repertório, muitas vezes, já conhecido, ao mesmo tempo que oferece ao público algo que normalmente não se vê. É o caso das bandas Cassino Tropical e Som da Terra.

No caso da banda Cassino Tropical, uma das criadas recentemente, sua formação aconteceu, em 2016, em Olinda. Ela se apresenta nos diferentes palcos, não só de Olinda, mas, também, de outras cidades. Seu repertório inclui releituras de clássicos da “dor de cotovelo”, transformando o ritmo das canções românticas conhecidas em pop, afro, latino, samba funk ou jamaicano; ou ainda outros ritmos de caráter dançante. O grupo é constituído pelos seguintes integrantes: Gangga Barreto, Rogerman, Rafik Alfaia, Antônio Marques e Thiago Neves.

Já a pernambucana Som da Terra foi formada, em 1975, no bairro de Casa Amarela, em Recife. O grupo traz, em seu repertório, MPB com sotaque regional, além de valorizar e divulgar a riqueza cultural do Nordeste. As canções românticas também integram o cancionário da banda, porém, sempre com influências dos ritmos regionais. Sempre inovando, todos os anos, a banda lança um hit diferente. Em 2023, lançou o frevo “Xô, Xô Mané”, uma canção que tem o objetivo de conscientizar as pessoas a dar um basta ao assédio e às brigas. Seus integrantes são: Zé Carlos, Rominho, Alexandre “Jacaré”, Wilson Pessoa e Flávio Souza, e já se apresentaram com músicos como: Jair Rodrigues, Luiz Gonzaga, Paulo Diniz, Dominginhos, Sivuca, Alceu Valença, Roupas Nova, MPB-4, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Lenine, dentre outros.

Também faz parte deste panteão, uma banda que desenvolve um trabalho com ritmos latinos, salvo raras exceções. É a banda Los Cubanitos, que tem um repertório formado por músicas autorais, nacionais e internacionais, sempre com um swing latino, destacando-se os ritmos caribenho-latinos, tais como: Salsa, Guarânia, Merengue, Bolero etc. O grupo já se apresentou no São João da capital, Fenahall, São João de Caruaru, Manhattan, Teatro do Parque e já fez a abertura dos shows de Jorge Aragão e Roupas Nova, e tem como inspiração grandes nomes consagrados internacionalmente como: Célia Cruz, Rick Martin, Gloria Stéfane, o guitarrista Carlos Santana, banda Maná, dentre outros. Formada, em 2004, em Recife, pelo empresário Zé Carlos, atualmente tem como integrantes: Paulo Maciel, Gaová Marinho, João Martins, Allan Celso, Alexandre Azevedo, José Fabrício, Josael, José Edson e João Ricardo.

Representando o Choro, temos o Conjunto Pernambucano de Choro, que foi fundado em 1977 pelos irmãos Manoel Xavier de Brito (Tosinho) e Antônio Xavier de Brito (Tonhê), além de Marco César de Oliveira Brito, filho de Tosinho. A especialidade do grupo, tal qual o nome diz, é o Choro; porém, o conjunto também interpreta Valsas, Xote, Baião, Maxixe, Frevo, dentre outros gêneros. O grupo é um dos que ajudaram a consolidar o ritmo nas últimas décadas

no cenário musical pernambucano. Quando se apresentaram no Festival da Seresta, incluíram em seu repertório boleros e baladas. Semelhante a outras bandas, o Conjunto Pernambucano de Choro costumava se apresentar em locais os mais diversos possíveis. Com o passar do tempo e, conseqüentemente, com o falecimento de alguns dos seus membros, o conjunto decidiu não substituir os membros falecidos e encerrou suas atividades, oficialmente, no dia 09 de maio de 2015, quando se apresentou no palco do Festival da Seresta. Esporadicamente, reúne alguns amigos e se apresenta informalmente em eventos promovidos por amigos.

Outro tipo de conjunto que não podia faltar, na grade de atrações do Festival, era uma orquestra. Foram três no total: Orquestra das Pás, Orquestra Virtual e Orquestra Vienna. A Orquestra das Pás foi criada em 1964 com o nome de Orquestra Continental; passados 50 anos de existência, o nome da orquestra foi mudado para Orquestra das Pás. Formada por 14 instrumentistas: Nando Rossi, Solano, Julius César, André Andreolli, Antônio Guedes, Toinho, Júnior, Sandro, Abimael, Nado do Sax, Sérgio, Tony, China e Ernani (maestro); e 4 cantores: Castanho, Jorge Costa, Paulo Maurício e Vânia; estes sempre se revezam no palco. Apontada como uma das melhores e mais completas orquestras de baile do Norte-Nordeste, seu repertório inclui Cumbias, Salsas, Boleros, Bregas Românticos, Sambas e até hits dos chamados tempos da brilhantina.

A Orquestra Vienna foi fundada pelo saxofonista e maestro Gerson Jr., em Recife, em 2006. Atuante em diferentes segmentos musicais, a orquestra oferece serviços de orquestra de baile (Casamentos, Formaturas, Aniversários de 15 Anos, Confraternizações, Congressos, Eventos Empresariais e outros), Show Cultural (com balé), Orquestra de Frevo (palco e rua), Forró Pé de Serra, Banda de Salsa e Banda Flash Back. Seu repertório transita pelos diversos estilos da música contemporânea, tais como: Fox, Bolero, Salsa, Anos 60 e 70, Forró, Xote, Baião, Frevo, Pop, Dance, Bossa, dentre outros. A Orquestra Vienna tem uma peculiaridade, que é o fato de ser mais de uma orquestra com os mesmos músicos. Por exemplo, numa apresentação para crianças³⁶, os músicos se vestem de animais e se intitulam Orquestra dos Bichos Soltos. O grupo também representa a Orquestra do Maestro Gérson Jr., quando o repertório é mais específico, como tocar, nas ruas do centro do Recife na época do Natal, temas instrumentais natalinos, Pastoril e Roberto Carlos; tocar no porto ou no aeroporto recepcionando turistas etc. No entanto, em todas as ocasiões, os músicos, maestro e equipe técnica são os mesmos.

³⁶ Promoção de bloco carnavalesco infantil pelo Terraço da Casa Criatura, Rua de São Bento, 344 – Carmo, Olinda, em 29/01/2023.

A Orquestra Virtual foi criada, em 2017, em Igarassu, e tem como componentes os músicos Adilson Pereira, Katiana Silva, Givaldo Américo, Carlos Barretto, Célio Coelho, Tony Correia, Sérgio Lins e Romênio Rocha. O grupo é uma orquestra de baile que traz, em seu repertório, principalmente, músicas românticas nacionais e internacionais, desde música Latina, Disco, Rock, Regional, Pop, Brasileira e até Clássica (Erudita). De acordo com o site casamentos.com.br, a orquestra afirma que interpreta músicas populares nacionais e internacionais “sem modismos”.

Por último, temos, também, a participação de um coral. Trata-se do Coral Edgard Moraes, que foi criado em 1987, em Recife, pelas filhas e netas do Compositor Edgard Moraes. Primando pelo lirismo e a poesia de grandes compositores pernambucanos e do seu grande mentor, Edgard Moraes, o grupo interpreta, primordialmente, Frevos de Bloco. Suas componentes são: Inajá Moraes, Iraçáira Moraes, Valéria Moraes, Isis Moraes, Marta Silvany, Dulce Chacon e Ana Dulce Chacon. Com vasta experiência musical, o coral já se apresentou com diversas orquestras consolidadas no cenário musical pernambucano, tais como: Orquestra Sinfônica do Recife, Orquestra Retratos do Nordeste, Orquestra Popular da Bomba do Hemetério com o maestro Forró, Orquestra de Frevo do maestro Ademir Araújo, SpokFrevo Orquestra e Banda Sinfônica do Recife.

Todos esses grupos já passaram pelo palco do Festival Nacional da Seresta. O campeão de apresentações foi o Conjunto Pernambucano de Choro, que se apresentou 12 vezes (1995 a 1997; 1999; 2003 a 2006; 2009; 2013 e 2015). Em segundo lugar, vem os grupos Renato e seus Blue Caps (2002; 2005; 2008; 2010; 2013; 2015 e 2019) e o Trio Irakitan (1996; 1998; 2001; 2004; 2006; 2007 e 2011), que se apresentaram 7 vezes, cada um.

Os demais grupos se apresentaram bem menos. Túnel do Tempo se apresentou 4 vezes (2002; 2004; 2009 e 2011); já Golden Boys (2007; 2010 e 2011) e Som da Terra (2016 a 2018), 3 vezes, cada um. Apresentaram-se 2 vezes: Los Cubanos (2016 e 2017), Os Incríveis (2007 e 2011), The Fevers (2013 e 2015) e The Rossi (2016 e 2018). Os 9 grupos restantes participaram apenas uma vez.

As apresentações desses grupos, mesclados com as dos cantores solistas, trouxeram variedade, não só no aspecto do formato do show, como, também, no tipo de repertório apresentado por cada um. Essa diversificação de gêneros e estilos, as diferentes formações dos grupos e a maneira particular de interagir com o público, que cada um tem, contribuem para que Festival Nacional da Seresta continue atraindo muitas pessoas e, conseqüentemente, consiga conservar o seu público fiel. Para Bueno, oferecer essa pluralidade, é um caminho importante pois, atrai públicos diferentes e, conseqüentemente, agrada a todos.

Outro fator importante a ser destacado não está ligado diretamente aos grupos mencionados acima, mas, com todos aqueles que já se apresentaram no evento. Trata-se de uma atenção especial voltada aos artistas locais. O Festival da Seresta abre as portas para esses artistas pois reconhece o talento de cada um e, dessa forma, valoriza os seus trabalhos e suas carreiras, além de lhes proporcionar a oportunidade de participação em um evento de grande porte. Os organizadores têm esse cuidado em colocar sempre esses artistas na programação. A pesquisa mostrou que, dos 115 artistas que já se apresentaram, 48 são locais. Para Ada Siqueira, presidente da Fundação de Cultura da Cidade do Recife na gestão João Paulo (2005-2008), uma das preocupações da gestão era a valorização dos artistas da terra em todos os eventos que promovia, fossem em parceria ou individualmente. Ela afirmou que: “Tanto no carnaval como no São João, Natal e Réveillon, procuramos ampliar o mercado de trabalho dando oportunidade para nossos artistas mostrarem seu valor”³⁷. Já Bueno, em entrevista para o Jornal do Commercio, publicada em 09/05/2018, afirmou: “a gente procura dar vez aos artistas da terra”.

Similarmente, o público também valoriza muito os artistas locais e demonstra muito carinho para com eles. Podemos verificar isso nas palavras do saudoso Augusto César, quando afirmou o seguinte: “É muito bom sentir o calor das pessoas, ver que realmente acreditam e valorizam o nosso trabalho”³⁸; e nas palavras de Adílson Ramos, já mencionadas, quando disse: “Eu me sinto honrado em ser o cantor que mais participou. E é muito importante esse carinho que o público tem comigo. É muito bacana, muito significativo, principalmente para mim que estou chegando aos 59 anos de carreira”³⁹. Ou seja, os artistas sentem quando são valorizados.

Conforme a análise das entrevistas que foram realizados com alguns frequentadores, e que serão apresentadas no Capítulo 7, verificou-se que o público, de fato, reconhece o valor desses artistas. Na entrevista, duas perguntas trouxeram respostas relacionadas à questão aqui discutida. A primeira solicitava que eles apontassem um problema ou algum ponto que precisaria melhorar no evento. As repostas mais recorrentes foram: (1) o desejo de ter mais artistas locais se apresentando e (2) a oportunidade de escolher, de alguma forma, os artistas desejados. A outra pergunta foi sobre que tipo de música eles mais gostavam, além da seresta. Foram citados vários tipos, porém, os três mais recorrentes foram Frevo (9 vezes), MPB (também 9 vezes) e Forró (7 vezes). Ou seja, de 25 citações, 16 se referem a dois gêneros locais.

Com este cenário, mesmo a pergunta se referindo a gêneros, temos implícita a questão do artista local. Considerando a possibilidade de se ter mais participantes locais, como foi

³⁷ Reportagem para o Diário Oficial do Município do Recife, publicada em 06/05/2005.

³⁸ Em reportagem para o Diário Oficial do Município do Recife, publicada em 06/05/2005.

³⁹ Em reportagem para o site da Rádio Jornal, publicada em 09/05/2019.

mentado, e que essas pessoas pudessem de alguma forma escolher alguns nomes, subentende-se que a maioria delas escolheria algum artista local ligado ao Frevo ou ao Forró. Ora, um frevo-canção ou um frevo de bloco não é difícil no repertório do Festival da Seresta, até porque eles já fazem parte; no entanto, o forró está fora da proposta do evento. Verifica-se, então, que essas pessoas valorizam, de modo geral, a cultura local; isso inclui as músicas e, consequentemente, os artistas. Portanto, a pesquisa mostrou que tanto o gestor público como o artista e, também, o público reconhecem a importância artística desses intérpretes e sua contribuição para a cultura local.

A pesquisa mostrou que o Festival Nacional da Seresta é um evento bem peculiar, diferente das serestas tradicionais espalhadas pela cidade e pelo país. É um evento de grandiosidade, que envolve uma gigantesca estrutura e logística: são muitas pessoas, além de vários equipamentos e serviços envolvidos para que o ele aconteça. Outrossim, o Festival é 100% financiado pelo poder público e envolve tanto setores públicos, quanto empresas privadas para sua realização.

Outro aspecto a ser observado é o fato de qualquer artista poder participar do festival. Mesmo aqueles que não são “seresteiros raízes”, desde que apresente um repertório romântico. Além disso, a separação que há entre os artistas e o público é outro ponto a ser considerado, pois difere dos agrupamentos característicos das serestas tradicionais.

Por essas particularidades, dentre outras, conclui-se que o Festival Nacional da Seresta é uma tradição inventada. Como afirma Hobsbawm: “A tradição inventada é uma inovação que se reveste do caráter de antiguidade” (Hobsbawm, 2000, p. 13). A pesquisa mostrou que o evento proporciona às pessoas a oportunidade de participar de serestas. No entanto, estas distinguem-se consideravelmente das serestas habituais. O Festival Nacional da Seresta é uma novidade recapada de anosidade. É o velho, revestido do novo, modificado. É, portanto, uma tradição inventada.

4.2 OS GÊNEROS MUSICAIS MAIS PRESENTES NO FESTIVAL

O repertório do Festival da Seresta também é outro aspecto a ser levado em consideração e que requer um olhar mais apurado, pois ele consegue extrair, da memória do público, lembranças de um passado de mais ou menos 50 anos. Esse passado vem à tona carregado de saudades, de muitas histórias, mas, este mesmo repertório também faz lembrar a boemia que existiu no bairro há décadas. De certa forma, o repertório está para o bairro da mesma maneira que o bairro está para o repertório. Portanto, a pesquisa mostrou que o Festival da Seresta é um

evento apropriado para o bairro do Recife, visto que seu repertório agrega significado ao local. Por isso, faremos uma breve explanação sobre os gêneros musicais mais presentes no Festival, contextualizando-os historicamente, suas características específicas e, por fim, o que faz com que esses gêneros se tornem os mais apresentados dentro da programação do evento.

É muito comum haver polêmicas quando se tenta classificar uma canção em determinado gênero musical. Isto acontece porque a definição de gênero não é meramente técnica, embora aspectos mais pragmáticos da canção, como instrumentação, arranjo, ritmo e interpretação, devam sempre ser levados em consideração. Os registros temáticos das canções, bem como seus usos sociais nos mais diversos contextos também são fatores que orientam essa taxonomia (Matos, 2013, p. 125). A depender do contexto em que é executada, uma mesma canção pode se prestar a diversos usos e interpretações diferentes.

Fabbri (2017, p. 2) afirma que, a cada gênero musical corresponde uma série de regras tacitamente aceitas pelas pessoas que habitualmente o consomem e próprias aos ambientes em que costuma ser executado. Estas regras orientam desde quais elementos devemos privilegiar ao escutar uma canção de determinado gênero até como devemos reagir diante de sua execução. Verificou-se que é exatamente essa relação que existe no evento entre o público, o repertório e o local. Para compreendermos melhor essa relação, faremos um breve relato sobre os gêneros mais presentes no repertório do Festival da Seresta.

O primeiro deles é o bolero, um gênero musical que tem raízes numa dança e música ternária tradicional da Andaluzia (Espanha), mas que foi adaptada ao ritmo binário e incorporada ao canto em Cuba desde o século XIX. O cantor mexicano Pedro Vargas ajudou muito a difundir o gênero, devido à, então, forte influência da indústria cultural daquele país sobre toda a América Latina. Por essa razão, de meados dos anos 1940 até fins dos anos 1950, muitos dos boleros que tocavam em rádios brasileiras eram mexicanos. Neste período, inúmeros cantores de bolero desembarcaram no Brasil para apresentações com seu repertório e, consequentemente, muitos cantores brasileiros dessa época passaram a gravar versões em português dos boleros desses artistas internacionais. Sendo uma música de caráter exacerbadamente romântico e com letras cheias de melancolia, o bolero é considerado um dos gêneros mais românticos e sensuais. Aqui no Brasil, começou a ser propagado inicialmente nos círculos de amizade e nos bares. Aos poucos, foi sendo alterado, por receber influência dos ritmos africanos e do samba, e chegou aos anos 1950 sendo um dos gêneros mais executados nas rádios brasileiras.

Apesar de não ser um dos gêneros musicais mais apresentados no evento, falaremos um pouco do samba-canção, para uma melhor compreensão da linha periódica por onde perpassam

os gêneros mais presentes no Festival. O samba-canção tem uma forma própria, com um ritmo característico de samba, porém, mitigado pela influência do bolero e por uma melodia lânguida, que dá o adequado tom sentimental às histórias de amor que conta. Costumava ser executado em festas e bailes nos quais o público, geralmente mais velho, se entregava à dança de par.

Segundo José Ramos Tinhorão (1997), a nomenclatura “samba-canção” começa a ser atribuída a um gênero de canção urbana em 1929, quando Vicente Celestino grava “Linda Flor”, de Henrique Vogeler e Cândido Costa. Ao longo da década de 1930, o nome ficaria associado aos “sambas de meio-de-ano”, termo utilizado para os sambas não-carnavalescos, carecendo, no entanto, de maior homogeneidade estilística, como explica Claudia Matos: “Costuma-se considerar que o gênero samba-canção é delineado nos anos 30, apurando-se na produção de compositores de classe média como Noel Rosa, Ary Barroso e Lamartine Babo. Porém, já nessa época o rótulo é aplicado a obras muito diferentes, variando de peças mais dolentes a mais animadas.” (Matos, 2013, p. 129).

É, contudo, na década de 1950, que o samba-canção atinge o auge da popularidade, ao assumir uma “feição abolerada e melosa”, bastante estigmatizada por críticos e historiadores. Não demorou para que os compositores da época absorvessem as influências daquele estilo e escrevessem sambas abolerados ou “samboleros”, como alguns preferem chamar (Farias, 2018). O samba abolerado dominava a programação das rádios e o gosto popular, falando sobre histórias de amor malsucedidas e “dores de cotovelo”. A interpretação sofrida, algumas vezes exagerada pelo vozeirão daqueles cantores, tornou-se o padrão de canção comercial da época. Com a expansão da rádio comercial no país, ao longo dos anos 1940, houve uma grande invasão de canções românticas estrangeiras no país (o bolero, a rumba, o chachachá e o cool jazz). Napolitano afirma que:

Basta examinar o panorama musical entre 1946 e 1956 para vermos que o cenário musical popular brasileiro, com a “era do rádio” no auge de sua popularidade, era marcado por inúmeras influências que uma certa “intelectualidade” ligada à música popular julgava nociva à tradição. Jazz, boleros, rumbas e outras tradições, que marcavam o gosto popular urbano, colocavam um desafio aos defensores de uma música popular autêntica: separar o joio do trigo. O joio, a mistura sem critérios e popularesca. O trigo, o samba (e outros gêneros de raiz) tal como havia sido codificado ao longo dos anos 30 (Napolitano, 2002, p. 57-8).

Podemos observar, na fala de Napolitano, o quanto o rádio influenciou a música popular brasileira. Embora o samba continuasse fazendo sucesso, foram as canções românticas estrangeiras, juntamente com os boleros, rumbas, jazz e outros ritmos urbanos que obtiveram

maior sucesso. Essa música urbana, popularesca e sem critérios foi considerada o joio; ou seja, aquela coisa ruim, que estraga, que não tem valor. Na visão dos críticos da época, apenas a música elitizada deveria ser considerada o trigo; quer dizer, a música autêntica, criteriosa e de boa qualidade. Mesmo não sendo aquela que fazia maior sucesso com a maior parcela da população.

É interessante observar que o samba abolerado despertava não só a aversão dos puristas, defensores de um supostamente autêntico samba, como também da claqué de modernizadores, que via na bossa-nova uma tendência de evolução mais desejável para o samba-canção. Mas o samba abolerado deixaria marcas indeléveis no cancioneiro brasileiro, fixando-se na memória de gerações inteiras que vivenciaram a chamada era do rádio. Além de projetar compositores célebres, como Lupicínio Rodrigues e Dolores Duran, alçou ao estrelato cantoras como Nora Ney, Elizeth Cardoso e Maysa. Contudo, a partir de fins dos anos 1950, o discurso de valorização da bossa-nova por artistas e críticos passa a se caracterizar, entre outros aspectos, por uma oposição ao samba-canção abolerado e seus excessos em prol de uma interpretação mais contida ao sabor do cool jazz.

Na década de 1960, a música popular brasileira continuava em plena efervescência. Além da bossa nova que ainda ecoava, surge a Tropicália, por volta dos anos 1967 a 1969, e que representou uma ruptura, protestando contra a música brasileira bem-comportada, fazendo uso de ironia e deboche em alusão à ditadura vivenciada aqui no Brasil naquela época. Foi neste período que surgiu o movimento Jovem Guarda, o qual marcou o advento de uma cultura jovem no país.

Calcada nos elementos musicais, visuais e performáticos do rock anglo-saxão, a Jovem Guarda foi a primeira mercadoria musical *made in Brazil* voltada especificamente para a juventude. Nos anos 1960, era considerada, por parte da elite intelectual e politicamente engajada, como uma música alienada e de pouco valor estético. Seus principais representantes foram Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos. O movimento começou em 1965, quando o trio passou a apresentar um programa na TV⁴⁰ Record e TV Rio, nas tardes de domingo, um programa homônimo que acabou em 1969, com a prisão de Caetano Veloso e Gilberto Gil, em decorrência da ditadura vivenciada no Brasil. A rebeldia dos jovens teve seu ápice em 1968, com os movimentos estudantis nas ruas.

⁴⁰ Não menos importante lembrar que a década de 1950 trouxe muitas novidades, tais como a chegada recente da TV, mais especificamente a TV Tupi que chegou em São Paulo em 18 de setembro de 1950. Era o primeiro canal de TV da América Latina naquele momento; entretanto, o rádio ainda gozava de muito prestígio.

As primeiras canções da turma da Jovem Guarda eram versões de sucessos internacionais, mais especificamente de cantores e grupos americanos e ingleses de rock'n roll. Nessa época, artistas dos mais variados estilos (Roberto Carlos, Jerry Adriani, Wanderely Cardoso, Rita Lee, Renato e seus Blue Caps e tantos outros) foram influenciados pelos Beatles, mas, foram os da Jovem Guarda que mais beberam nessa fonte. Um dos tipos de canções preferidas desse turma era a balada.

Antes de continuarmos a falar sobre a Jovem Guarda, é importante caracterizar o gênero balada. Trata-se de um tipo de canção romântica, caracterizada pelo andamento lento e que traz como tema principal em suas letras, da mesma forma que o bolero, o amor não correspondido. Ganhou força na década de 1960, mas foi na década de 1970 que ela alcançou o seu maior nível de popularidade. Segundo Ulhôa (2016, p. 42), o cantor e compositor romântico mexicano Armando Manzanero (1935-2020) foi peça importante na construção do gênero. Ele começou a compor e fazer arranjos, bem como interpretar canções românticas “com algumas inovações compatíveis com o contexto dos anos 1960”. Era um indício do que estava por vir, pois, no final desta década, surge a balada como resultado da “mistura de bolero mexicano, baladas de rock'n'roll anglo-saxônicas contemporâneas e baladas pops europeias”. A partir dessa época, espalhou-se por vários países latino-americanos. Nos anos 1970, transformou-se num dos gêneros/estilos musicais mais populares.

As músicas da Jovem Guarda oportunizavam coreografias que não dependiam de par, mas podiam ser realizadas em dupla ou em grupo - porém sem o contato corporal típico da dança de par do samba abolerado. A Jovem Guarda surgiu como o primeiro gênero musical formatado pela indústria fonográfica nacional, principalmente para um público jovem. O movimento alcançou grande sucesso popular em escala nacional graças ao rádio, bem como à TV, que desempenhou papel importante na sua divulgação.

A turma do Iê-iê-iê, como eram chamados, em alusão ao “yeah, yeah, yeah” da música *She Loves You*, de The Beatles, subsistiu nas décadas de 1960 e 1970. Também eram considerados “alienados” ao momento político da época e sem formação universitária. A justificativa dos artistas elitizados para não aceitar o Iê-iê-iê como música popular brasileira era porque eles misturavam ritmos nacionais com os internacionais. No entanto, esses artistas que representavam o iê-iê-iê, na verdade, eram os que continuavam sendo o segmento de maior popularidade, em termos de vendas absolutas, apesar de terem suas músicas classificadas como produtos musicais “toscos” e “simplórios”.

Além de Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, existia um número bem maior de cantores dessa época que, além de cantar versões de músicas estrangeiras, também escreviam

canções de mesmo teor, tais como: bolero, samba, balada, dentre outras. Com o desenvolvimento da indústria musical, muitos desses artistas românticos – de grande apelo popular, inclusive – começam a despontar nas rádios e no casting das gravadoras. São exemplo desses artistas: Fernando Mendes, Odair José e Márcio Greyck, dentre tantos outros. Esses cantores, ao mesmo tempo em que faziam sucesso de público, eram desprezados pela crítica. Recebiam dela, o rótulo de *cafona*s ou até mesmo *bregas*, expressões carregadas de sentido pejorativo, remetendo à música de má qualidade, barata e alusiva a temas banais. Sobre isso, Araújo diz que:

A palavra “brega”, usada para definir esta vertente da canção popular, só começou a ser utilizada no início dos anos 80. Ao longo da década de 70 a expressão utilizada era ainda “cafona”, palavra de origem italiana, “cafône”, que significa indivíduo humilde, vilão, tolo. Divulgada no Brasil pelo jornalista e compositor Carlos Imperial, a expressão “cafona” subsiste hoje como sinônimo de “brega”, que, segundo a Enciclopédia da Música Brasileira, é um termo utilizado para designar “coisa barata, descuidada e malfeita” e a “música mais banal, óbvia, direta, sentimental e rotineira possível, que não foge ao uso sem criatividade de clichês musicais ou literários” (Araújo, 2002, p. 12)

Para Santos (2013, p. 3-4), as músicas populares românticas possuem uma importância social, sendo consumidas não somente devido à propaganda da indústria fonográfica, mas também porque atendia as necessidades e os gostos de pessoas que se identificavam com elas e faziam delas parte do seu cotidiano e de suas práticas enquanto ouvinte. Esse tipo de repertório, entretanto, era visto, muitas vezes, com desprezo, tanto na época pelos setores mais intelectualizados, quanto atualmente devido, principalmente, a uma memória cristalizada que tende a agregar a esta produção um caráter de alienação e de baixa qualidade

O bolero, a balada, assim como outros gêneros classificados como “brega” ou “cafona”, não foram aceitos pela turma bossanovista e, posteriormente, por grande parte da intelectualidade alinhada à chamada Música Popular Brasileira (MPB), embora tenham alcançado enorme êxito comercial. Essas músicas, embora muito criticada, são também gêneros musicais populares. O samba-canção, igualmente tão desprezado pela crítica na época de seu apogeu, hoje é saudado como música romântica de qualidade pelas gerações mais velhas, que tomam como parâmetro de comparação os sucessos populares contemporâneos. A Jovem Guarda, outrora sinônimo de música jovem e alienada, hoje é signo de nostalgia para aqueles jovens que envelheceram. Afinal, como afirma Simon Frith (2001, p. 9), é a música que escutamos na juventude que define o que será para nós a nostalgia no futuro.

Hoje, a realidade mudou e praticamente não ouvimos mais essas canções românticas do passado, enquanto a Bossa Nova é ouvida todos os dias; basta sintonizar uma rádio e logo se ouve canções elitistas, em sua maioria. No entanto, há um “palco” que tem ganhado cada vez mais espaço, que é o palco dos vários festivais espalhados pelo país. São nesses locais que vamos encontrar boa parte dos artistas que viveram o glamour da época de ouro dessas músicas, especialmente o Bolero, a Jovem Guarda e a música Cafona. Esses palcos não são os únicos para esses artistas, mas tem lhes dado maior visibilidade, pois são eventos de grande magnitude, com ampla divulgação e que, conseqüentemente, coloca esses artistas, de alguma forma, de volta na mídia, como é o caso do Festival Nacional da Seresta, no bairro do Recife.

Há muitos eventos semelhantes espalhados pelo país, em que podemos fazer uma volta ao passado e ouvir uma boa parte daquelas canções que já foram líderes de audiência. Ainda encontramos um público fiel a esse repertório que não só escuta, mas que canta essas canções. No caso específico do Festival da Seresta, aqui em Recife, não é diferente: o repertório é formado basicamente, como já falamos, de Bolero, Jovem Guarda e Cafona; canções prestigiadas no passado, mas que ainda mexem com a emoção das pessoas.

Esse repertório constitui a memória afetiva desse público e transforma o Recife Antigo num cenário em que esta memória pode ser atualizada e, de certa forma, ritualizada numa tradição inventada. É a representação de um momento de épocas passadas, no presente; porém, dentro de um novo contexto e com significado próprio. A tradição é inventada como reação a uma situação nova e faz sempre referência a um passado histórico como forma de se auto justificar. Contudo, sua artificialidade denuncia o caráter de encenação deste passado ao qual alude. A tradição, inventada ou não, almeja a fixidez e se impõe pela repetição e vínculo com o passado. Hobsbawm afirma que as tradições inventadas empreendem a ativação de antigos vínculos em busca de novas formas de coesão social. A tradição inventada usa a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal (Hobsbawm, 2000, p. 21).

Portanto, o repertório do Festival da Seresta é o elo entre o passado do público, ou de parte dele, e um momento do presente em um ambiente repleto de saudosismo. A pesquisa mostrou que esse público, principalmente as pessoas que têm de 50 anos para cima, compartilham as mesmas afinidades. Daí resulta, conforme mencionado, a convivência harmoniosa e pacífica entre eles. É o passado dessas pessoas, revivido através das canções de sua juventude, que vão legitimar suas práticas. As pessoas do público mais velho têm afinidades musicais e se identificam umas com as outras mais facilmente, pelo fato de estarem ligadas ao mesmo repertório. Portanto, esse repertório une essas pessoas, tornando-as um grupo coeso.

Por fim, a pesquisa mostrou que há uma preocupação, por parte de alguns artistas, se as músicas de hoje, daqui a uns 30 ou 40 anos, proporcionarão os mesmos sentimentos nos atuais jovens, semelhante ao que aconteceu com os jovens de 30 ou 40 atrás, em relação ao repertório da seresta. Embora, para alguns, não exista tantas opções de palco, mas existem plataformas musicais à disposição de qualquer artista. Hoje, é preciso saber utilizar os espaços disponíveis. Cito aqui os depoimentos de dois artistas que demonstram preocupação com esta questão:

- (1) *“A mídia hoje em dia não deixa mais nenhum artista firmar sua história na memória das pessoas. [no passado,] os sucessos não eram impostos pelas rádios. Hoje, a mídia pega um grupo e o transforma em sensação. Mas, o efeito tem curta duração e em quatro ou cinco meses, ele cai. Lulu Santos marcou, mas tem muitos que daqui a cinco anos, ninguém vai lembrar. Passar pela vida e marcar é muito importante”.*
- (2) *“Eu não sei se as músicas feitas hoje serão lembradas, o tempo vai dizer, mas as que foram feitas na minha época transcendem as gerações. Hoje tudo é muito rápido”.*
- (3) *“Está como eu queria. Hoje, não há mais a limitação da gravadoras, podemos fazer do jeito que queremos”.*

A primeira fala é de Adílson Ramos, numa reportagem de Michelle de Assumpção para o Diário de Pernambuco, publicada em 09/05/1998. Já a segunda fala é da cantora Kátia, numa reportagem para o jornal Folha de Pernambuco, publicada em 10/05/2017. A última é do cantor Jerry Adriani, em uma reportagem de Luiza Maya para o Diário de Pernambuco, publicada em 05/05/2010, em que ele estava falando sobre um novo CD que iria lançar.

É interessante que haja pessoas que se preocupem com isto. A música do Festival da Seresta tem espaço, hoje, porque, no passado, os artistas tinham uma preocupação com suas canções e suas carreiras. Não priorizavam apenas o capital advindo dela, eles se importavam com a questão musical propriamente dita. De acordo com as palavras de dois desses artistas, há uma grande incógnita a respeito das músicas de hoje, se elas vão atravessar gerações. As músicas de hoje podem ultrapassar a barreira do tempo e, no futuro, causar o mesmo impacto nas pessoas mais velhas, como acontece hoje no Festival da Seresta.

5 O PÚBLICO DO FESTIVAL

O público do festival é diversificado: jovens, pessoas mais velhas, adolescentes e até crianças levadas pelos pais. Há também famílias inteiras, casais de namorados, grupos de amigos, filhos adultos que levam os pais e/ou os avós, enfim, é um público bem heterogêneo. No entanto, a pesquisa mostrou que a maioria dos frequentadores são pessoas de mais idade, acima dos 50 anos. Como falou o médico e músico Fernando Azevedo (Diário Oficial do Município do Recife, 16/05/1995): “A PCR conseguiu o inédito: tirar de casa os ‘cabelos brancos’”. Todavia, verificou-se que o Festival da Seresta não atrai apenas idosos; ele é um evento que atinge pessoas de todas as idades. Embora, a fatia maior seja, de fato, as pessoas idosas e as que estão acima dos 50 anos. Podemos dividir esse público em três grupos distintos: o primeiro, constituído de pessoas de 0 a 29 anos; depois, o grupo de 30 a 59 anos e, por último, o grupo a partir dos 60 anos.

No grupo dos frequentadores entrevistados, há um percentual de 61,53% de pessoas idosas. Se considerarmos as pessoas acima dos 50 anos, esse percentual sobe para 69,33%. Diante desses dados, conclui-se que o público do Festival, de fato, é composto, em sua maioria, por pessoas mais velhas, principalmente, por idosos. Entretanto, não se pode negar que as pessoas não idosas, que somam um percentual de 38,46%, ou 30,77% para as pessoas abaixo dos 50, representam uma parcela significativa desse público.

Não foi possível enumerar todas as motivações que levam o público ao evento, isso merece um estudo específico, porém, foi possível identificar algumas características intrínsecas. Aqui, mais uma vez, vamos separar o público em grupos, pois as características mudam, de acordo com a faixa etária. Entretanto, não foi possível fazer uma análise das entrevistas com o público, publicadas em jornais, separadamente das respostas do corpo de entrevistados da pesquisa, visto que elas coincidem.

5.1 O PÚBLICO MAIS VELHO

No caso dos idosos, segundo as entrevistas e os depoimentos em jornais, foram detectados três aspectos considerados mais relevantes. O primeiro é que os idosos vão ao Festival porque, através daquelas canções, enxergam uma oportunidade de reviver o passado e ter boas histórias para recordar e contar. A maioria, recordava as experiências relacionadas aos “amores da vida”. O segundo tem a ver com o carinho e a paixão que eles demonstram aos seus ídolos durante o show. Eles conhecem todas as músicas, têm a letra na ponta da língua; vibram

muito com cada canção; acenam para os artistas; dançam e alguns chegam até a chorar, emocionados.

O último aspecto, de certa forma, está ligado ao segundo. Os idosos vão ao camarim com a finalidade de ver de perto e falar com seus ídolos. Esse é um tipo de comportamento que somente os idosos têm. Segundo Daniel Bueno, não se vê nenhum jovem nas filas dos camarins. Esses “idosinhos”, como chamou uma das pessoas entrevistadas, enfrentam filas imensas na porta dos camarins. De acordo com outra entrevistada, chega a ser cruel. Alguns levam seus banquinhos e aguardam sentados, mas a maioria espera em pé. Mas, há quem ache bonito a persistência deles em permanecer no local até o final do evento, conforme afirma Benora Freitas (Diário de Pernambuco, 2007): “O que acho lindo são os velhinhos que ficam até o fim”.

Esses fãs sempre levam algo para presentear o seu artista preferido, e são muitos os presentes: buquê de flores, bolo, biscoitos e doces dos mais diversos, camisetas, canetas, enfim, são muitos os tipos de mimos; e quando chega o momento de adentrarem no camarim, muitos choram emocionados. Eles abraçam o ídolo, tiram foto e pedem autógrafo. Os artistas, muitos idosos também, são sempre muito simpáticos com esses “idosinhos”: recebe com carinho, abraça, aceita os mimos, tira foto, selfie, dá autógrafo, pacientemente. Segundo Bueno, nunca um artista se negou a receber um fã. Isso chamou a atenção de Simas, que afirmou o seguinte:

Um fato que me chamou a atenção foi o carinho do público com os artistas. Nos camarins, era comum vermos pessoas que traziam presentes, como bolos, docinhos e objetos para os cantores. A alegria de poderem ofertar alguma coisa para seus ídolos era imensa (Simas, 2021).

O único artista que não recebia muitos fãs era Jamelão. Talvez porque já estivesse muito cansado por causa da idade avançada, entretanto, não foi possível saber o motivo exato. A produção sempre procurou agir de forma que os artistas se sentissem confortáveis; por essa razão, o número de fãs na porta do camarim dele, era limitado.

Pelo exposto, podemos perceber que há um envolvimento muito forte desse público com os seus artistas favoritos. Frith afirma que “[...] em resposta a uma música, somos acidentalmente atraídos para alianças afetivas e emocionais com os intérpretes [...]” (Frith, 2001, p. 6)⁴¹. Então, quando esse público idoso vai ao camarim falar com um cantor e levar presentes, é essa aliança afetiva e emocional que está presente no comportamento desse fã. Por gostar muito das músicas, que marcaram momentos, eles acabam se apegando ao artista. Para

⁴¹ Texto no original: “En respuesta a una canción, nos sentimos atraídos fortuitamente hacia alianzas afectivas y emocionales con los intérpretes (...)”.

esse público, não basta ouvir a música e ver seu ídolo de longe. O mais prazeroso é o contato através do olhar, o aperto de mão, o abraço, o sorriso, a breve conversa. A experiência desse público é bem mais do que, simplesmente, assistir a um show, é um encontro com o ídolo. Para quem é fã de um artista e tem a oportunidade de encontrar e falar com ele, essas reações se tornam naturais.

5.2 O PÚBLICO MAIS JOVEM

Para os fãs que se encontram abaixo dos 50 anos, a reação é bem diferente. Foram observadas três características significativas, que descrevemos a seguir. A primeira é a maneira como se comportam durante o show. A pesquisa mostrou que a maioria conhece grande parte daquelas canções e até canta junto com os artistas; mas, muitas vezes, não sabem todas as letras. Por outro lado, a animação é contagiante, são os que mais dançam; alguns, soltos, outros, agarrados. Conversam e riem bastante, muitas vezes com um copo de bebida na mão. Falam muito e, frequentemente, assobiam, comemorando determinada canção, e quase sempre estão em grupo.

Vale ressaltar que esse público não fica isolado do dos idosos; é comum essas pessoas estarem misturadas com os mais velhos, no mesmo grupo, porém, o comportamento é diferente em relação ao repertório. Embora, as entrevistas tenham mostrado que eles também gostam das músicas que integram as apresentações. No entanto, o significado dessas canções, para eles, acaba sendo diferente do do público mais velho. Como podemos observar na fala de Daniela Souza, 24 anos à época, quando afirmou o seguinte: “Dizem que sou velha, não ligo. Eu adoro música de seresta”. Daniela Souza estava acompanhada do namorado, João Paulo Oliveira, 26 anos à época, que afirmou também gostar de seresta.

Foto 16 – Daniela Souza e João Paulo Oliveira.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2012.

Já a segunda característica tem a ver com o repertório, como conheceram aquelas músicas e qual o impacto delas em suas vidas. Para o público idoso, quase todos lembravam do passado, das experiências vividas, principalmente, na adolescência e juventude. Já para esse grupo mais jovem, as canções nem sempre lembram as mesmas coisas. Lembram a infância, o tempo de escola, as festas de bairros, as reuniões de família, os momentos de lazer na juventude e, para apenas uma pessoa, lembra um relacionamento terminado. Houve, também, quem dissesse que aquelas canções não lembravam nada, não estavam associadas a nada; apenas iam ao Festival por puro lazer. Para a maioria deles, diferentemente do público idoso, o Festival não traz lembranças ligadas a relacionamentos.

A terceira característica diz respeito à relação desse público com os artistas fora do palco. É bem interessante esse fato, pois, essas pessoas não vão ao camarim. De acordo com Bueno, só os idosos vão ao camarim. Verificou-se, portanto, que essas pessoas não se apropriaram dessas canções ainda. Frith afirma que “as canções pop estão abertas à apropriação pessoal de uma forma que nenhuma outra forma de cultura popular (séries de televisão, por exemplo) é capaz de igualar [...]” (Frith, 2001, p. 6)⁴². É possível que isso venha a acontecer em algum momento da vida dessas pessoas. Isso mostra que aquelas canções têm significados diferentes para ambos os grupos.

O estudo mostrou que essas pessoas abaixo dos 50 anos têm seus ídolos também. No entanto, nem todos fazem parte da grade de shows do Festival da Seresta. Diferente de muitos idosos que afirmaram que todos os seus ídolos se apresentavam no evento. As pessoas do público mais jovem conheceram parte desse repertório em situações distintas, tais como: em casa com os pais, com os amigos, em festas, bailes e até em serestas. No entanto, não conhecem apenas esse repertório; têm um gosto musical mais eclético.

Lembrando as palavras de Frith, que disse: “em resposta a uma música, somos fortuitamente atraídos por alianças afetivas e emocionais com os intérpretes” (Frith, 2001, p. 6), pode-se imaginar que ou esse público mais jovem não escuta muito essas canções românticas ou as escuta em momentos de descontração; visto que essas pessoas não demonstram qualquer elo afetivo com os artistas, ao ponto de ir ao camarim. Os dados coletados nesta pesquisa não foram suficientes para responder essa questão, mas, se considerarmos uma das respostas acima, justificaria o fato para tal atitude. Se eu não sou marcado, não me sentir tocado por determinada

⁴² “Las canciones pop están abiertas a una apropiación de usos personales de un modo que ninguna otra forma de la cultura popular (las series de televisión, por ejemplo) es capaz de igualar...”

música, logo, não dou tanta importância ao artista que a interpreta. A única certeza que se pode ter é que existem pessoas jovens no público do Festival da Seresta.

Este trabalho mostrou também que há presença de pessoas jovens no Festival, desde as primeiras edições. A cantora Ângela Maria (1929-2018), em reportagem para o Diário Oficial do Município do Recife, publicada em edição datada de 9 e 10 de maio de 1997, afirmou o seguinte: “Os jovens de hoje estão aprendendo a gostar dos sons boêmios das músicas [...]”. Segundo Daniel Bueno (2023), alguns artistas são colocados na grade de shows do Festival para atrair o público mais jovem. Por exemplo, ele traz a cantora Rosana “porque ela é romântica e atrai um público mais jovem”. Enquanto Kátia⁴³ afirma o seguinte: “Nos meus shows sempre tem crianças, adolescentes, adultos e idosos”. Já o, então, prefeito João Paulo, em reportagem para o Diário Oficial do Município do Recife, em 29/05/2001, mostrou estar contente com a presença de pessoas jovens no Festival, quando declarou: “Ficamos felizes pela presença maciça do nosso povo, principalmente os mais jovens”.

Analizando as falas de Ângela Maria e de João Paulo, pode-se perceber um ar de surpresa. Não pelo fato de ter pessoas jovens no Festival, mas, talvez porque o número de jovens tenha aumentado de uma edição para outra; ao ponto de chamar a atenção de ambos para este fato. Por exemplo, a fala de Cláudio Ferreira (Jornal Folha de Pernambuco, 09/05/2018), frequentador assíduo, que diz o seguinte: “Este ano, acho que tem mais gente do que no ano passado”. Ora, se o número de pessoas aumenta, é coerente afirmar que o número de jovens também aumenta. Isso parece mostrar que, a cada edição, o número de jovens parece aumentar cada vez mais.

5.3 OUTROS FREQUENTADORES

A pesquisa apontou que há ainda um terceiro grupo de frequentadores, são aqueles que estão de passagem, saindo dos seus trabalhos; ou que estão acompanhando os pais; ou estão trabalhando no local (barraqueiros e ambulantes), etc., pessoas que estão ali quase que por acaso. Por exemplo, Eraldo Pereira, 29 anos na época, estava lá todo vestido de preto, com alargador na orelha e o corpo cheio de tatuagens; ele admitiu que gostava mais de rock, mas, que estava ali porque presenteou sua mãe, levando-a ao Festival.

Outros exemplos semelhantes são os que seguem: em reportagem para o Jornal do Commercio, publicada em 12/05/1995, a comerciária Roseane Marinho, 31 anos, exigiu que o marido a acompanhasse; portanto, seu esposo estava ali mesmo contra a vontade dele. Já o

⁴³ Reportagem para o jornal Folha de Pernambuco, publicada em 10/05/2017.

vendedor de ovos de codorna, Adilson Luís (Jornal do Commercio, 2010), 17 anos, afirmou o seguinte: “nunca vendi tanto ovo na minha vida”, ou seja, ele não estava ali por causa dos shows e, sim, para sua atividade comercial. Já o vendedor de rosas Jacildo Santos (Jornal do Commercio, 2010) declarou que “a festa é muito boa. É um dos eventos que eu mais consigo tirar dinheiro. O povo parece que fica mais apaixonado”. É evidente que, para ele, “a festa é muito boa”, porque ele vende muito. Todos esses exemplos mostram que existe uma parte desse público que não está ali porque gosta do Festival, dos artistas ou das músicas, eles chegaram até ali guiados pelas circunstâncias. Embora esse grupo seja bem pequeno, ele está presente no evento, faz parte do público e assiste aos shows.

Diante do exposto, verifica-se que o público do Festival Nacional da Seresta é bem diversificado. Seja para reviver histórias do passado, para se divertir com os amigos e/ou parentes, ou para trabalhar; não importa. A seguir, citarei três falas de pessoas que corroboram a tese de que o Festival consegue atrair pessoas de todas as idades.

- (1) *“O festival é uma festa para todas as idades e classes sociais”.*
- (2) *“São atrações muito boas e para qualquer idade, você encontra gente aqui dos 8 aos 80 anos.”*
- (3) *“O festival é um evento tranquilo, onde verificamos a participação de famílias, crianças e jovens”.*

A primeira citação é de Raul Henry, Secretário de Cultura e Vice-Prefeito, à época, em reportagem para o Diário Oficial do Município do Recife, publicada em edição com a data 23 e 24 de abril de 1997. A segunda é da professora aposentada Ana Maria Rocha, 66 anos à época, que estava acompanhada dos dois filhos, numa reportagem para o Jornal do Commercio publicada em 12/05/2018. Já a última fala é de Marcos Baptista, Coordenador do Festival na época, em reportagem para o Diário Oficial do Município do Recife, publicada em edição para os dias 12 e 13 de maio de 2000.

Já Daniel Bueno mostra que a combinação de artistas de várias gerações – passada e presente – contribuem para um público tão diversificado. Em reportagem para a Rádio Jornal, em 2019, ele faz a seguinte afirmação: “Nós misturamos, mesclamos artistas tradicionais, artistas da velha guarda, com artistas de uma geração mais recente. Então essa mistura na programação é muito boa para agradar diversos públicos”.

De modo geral, observou-se que o público representa bem o seu papel de fã. Seja jovem ou velho, esteja sozinho ou acompanhado, dançando ou parado, o público se mostra fiel aos

seus ídolos. Com exceção daqueles que estão ali por motivos alheios, a harmonia, a alegria e o prazer ditam as regras do jogo. Para Simas:

O público é muito diversificado e bastante animado. Dá pra observar que é uma programação que atrai famílias. Nunca vi uma confusão de qualquer espécie, mesmo com tanta gente na plateia. Se observa, também, que artistas não tão presentes na mídia atualmente, despertam a curiosidade de muita gente e a presença de fãs saudosos que querem rever seus ídolos. Tudo isso resulta num clima caloroso (Simas, 2021).

Esse comportamento do público se torna agradável para ele próprio e também para os artistas. É uma felicidade recíproca. O público se envolve emocionalmente com os artistas, da mesma forma que os artistas se deixam levar pela emoção, passam a interagir com o público, e alguns até chegam a declarar em público como se sentem. Sobre isso, citarei a fala de dois artistas muito amados e desejados do público, que demonstram isso:

- (1) *“A felicidade e o profissionalismo fez com que eu subisse ao palco nesta noite. Sinto muito orgulho do público de Recife e é por isso que eu estou aqui. Eu amo esta cidade. Amo vocês como a minha própria carreira; afinal, fazem com que eu me sinta à vontade para cantar minhas músicas”*. Ângela Maria (Diário Oficial do Município do Recife, 1996).
- (2) *“Gosto do calor humano do público recifense”*. Agnaldo Timóteo (Diário Oficial do Município do Recife, 1998).
- (3) *“Não haveria nenhum dinheiro que pudesse pagar a alegria que vocês nos proporcionam. Nenhum dinheiro”*. Agnaldo Timóteo (TV Guararapes, 2012).

Essas afirmações demonstram todo o carinho dos artistas com o público. Verifica-se que há um reconhecimento e uma aceitação de toda consideração e afeto que eles recebem dos fãs. Em outras palavras: plateia e artistas abrem seus corações e expõem suas emoções de forma espontânea. Quanto mais o artista se doa, mais ele recebe do seu público e reciprocamente. O público cumpre bem o seu papel de fã, ao mesmo tempo em que o artista cumpre bem o seu papel de ídolo.

6 MÚSICA E MEMÓRIA

No capítulo anterior, trouxemos uma descrição das características do Festival Nacional da Seresta, no bairro do Recife Antigo. Fizemos uma rápida explanação sobre alguns aspectos da história do bairro, como reduto de boemia, bem como descrevemos, em termos gerais, as características do evento: sua relação com o local onde ele acontece; sua história e toda a infraestrutura para que ele aconteça; a curadoria; o público e a abordagem teórico-metodológica. Neste capítulo, abordaremos aspectos mais conceituais sobre a questão da identidade e da memória.

Considerando que o contato entre gerações pode proporcionar vivências musicais variadas, verificou-se que as pessoas mais velhas presentes no público do evento tiveram várias experiências durante sua infância/juventude, tendo como pano de fundo as canções românticas que hoje se escuta no Festival. Essas pessoas, simplesmente, ouviam aquelas canções através de seus pais, tios, avós ou, até mesmo vizinhos, que cantavam ou ouviam aquelas canções. A pesquisa mostrou que essa música impactou a vida dessas pessoas. Isso explica porque as canções românticas apresentadas no Festival Nacional da Seresta mexem tanto com esse público mais velho, que é envolvido numa teia que inclui o local, as canções românticas e, também, os artistas. Consequentemente, essa teia resulta numa grande nostalgia. Quando vamos ao Festival, podemos notar como o público mais velho se envolve e se identifica com aquele repertório. Ao ouvir aquelas músicas do passado, essas pessoas buscam, em suas memórias, lembranças do convívio familiar e de histórias de amor e essas lembranças se apresentam associadas a uma enxurrada de sentimentos.

O público adulto do evento se identifica com o repertório apresentado porque este faz com que essas pessoas reconstruam as experiências vividas outrora, quando ainda eram crianças ou jovens adultos. As experiências musicais que temos na juventude são determinantes, não apenas para a construção da nossa identidade, mas para o que, no futuro, consideraremos como nostalgia. Por estas razões, foi feita uma investigação cuidadosa, através da qual, foi possível compreender, embora de forma primária, que elo existe entre esse público, as canções românticas e o local.

A seguir, faremos uma breve explanação sobre a memória, a identidade musical e as influências que o indivíduo recebe nas várias sociedades por onde ele passa; essas influências sociais vão contribuir para a formação da identidade musical desse sujeito, ao mesmo tempo em que permitem que as experiências mais marcantes sejam armazenadas na memória. Este

capítulo vai auxiliar na compreensão do comportamento do público do Festival, principalmente, o público mais velho.

6.1 COMO SE DÁ O PROCESSAMENTO DA MÚSICA NA MEMÓRIA

Sabemos que o homem é um ser social e que, por isso, nunca está só. Durante a sua vida ele passa por várias etapas no processo de socialização, que vão lhe permitir vivenciar inúmeras experiências e que serão guardadas na memória. Da mesma forma que o homem não vive só, também não vive sem música. Não digo que se o homem não ouvir música, ele não vive, mas, que a música faz parte da sua existência desde a vida intrauterina.

No documentário *Alive Inside*⁴⁴ (2014 [Minutagem: 33:37 a 34:06]), o narrador afirma que:

Em 22 dias, uma única célula se sacode para a vida. Esta primeira batida desperta células vizinhas e, incrivelmente, todas começam a bater em uníssono perfeito. Estas células que batem se dividem e viram o seu coração. Este desejo de bater em uníssono aparentemente regula nossas vidas inteiras.

Assim, podemos afirmar que vivenciamos música desde quando ainda estamos no ventre. Após 20 semanas da fecundação, o aparelho auditivo do feto já está formado e ele pode ouvir vários sons, desde os batimentos do coração da mãe como sons que vêm de fora. A pesquisadora britânica Alexandra Lamont⁴⁵ afirma que, até um ano de idade, a criança é capaz de reconhecer e preferir músicas que ela ouvia quando ainda estava na barriga. Segundo Levitin (2010):

A música que ouvimos na infância não necessariamente determinará nosso gosto musical; muitas pessoas têm contato com músicas de diferentes culturas e estilos e mesmo as estudam, tornando-se aculturadas e aprendendo também seus esquemas. O que interessa saber é que as primeiras experiências frequentemente são as mais profundas, transformando-se no alicerce de novos horizontes musicais (Levitin, 2010, p. 274).

Ainda, de acordo com Levitin (2010), os pesquisadores consideram que os anos da adolescência são o ponto de inflexão das preferências musicais. É mais ou menos entre dez e doze anos que a maioria dos adolescentes passa a ter um interesse concreto por várias coisas,

⁴⁴ *Alive Inside: a música vivifica a memória*. Documentário de George Strayton, produzido por Michael Rossato-Bennett, EUA: New York City, 2014, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Osj6-W9hs4>. Acesso em 19 mar. 2021.

⁴⁵ Alexandra Lamont é professora de Psicologia Musical na Universidade de Keele, no Reino Unido. Sua pesquisa tem como ponto central estudar a música a partir do ouvinte, da plateia e de artistas amadores. Pesquisa também o efeito da música em bebês.

incluindo a música, pois, é nessa idade que o cérebro desenvolve conexões de forma violentamente veloz e que os circuitos neurais são estruturados a partir das experiências vividas e isso se aplica à música que ouvimos. Depois da adolescência, essa velocidade começa a diminuir. O autor diz que esse período é crucial, porque é nele que as expressões musicais são absorvidas. Por volta dos 14 anos, acontece o processo de maturação em que o cérebro musical se aproxima dos “níveis adultos de finalização” (Levitin, 2010, p. 260-261).

É um processo extremamente complexo e, ao mesmo tempo, fascinante. O adolescente vive um período de descobertas de si mesmo e de novos mundos, pessoas e culturas; ouve a música dos amigos; estabelece laços com pessoas que tenham algo em comum com ele; enfim, está em busca de uma identidade. Nessa fase, também, as lembranças são “etiquetadas” como algo importante em nossas memórias, principalmente aquelas que se referem à música, porque esta tem uma carga emocional muito forte. Finalmente, entre os 18 e 20 anos, geralmente, é estabelecido o limite para a “aquisição de novos gostos”. Frith também concorda com esse ponto de vista quando afirma que:

À medida que nos tornamos adultos, usamos menos a música e nos envolvemos muito menos nela: as músicas mais significativas para todas as gerações (não apenas para a geração do rock) são aquelas que ouvíamos quando éramos adolescentes. [...] O fato de ser jovem é vivido de forma intensa, com sentimentos contraditórios pela impaciência para que o tempo passe e pelo arrependimento que isso aconteça, numa série de momentos fisicamente intensos que passam rapidamente e será isso que a nostalgia codifica (Frith, 2001, p. 9)⁴⁶.

Outro ponto interessante e não menos importante que precisamos entender é que a música não se processa em determinado local no nosso cérebro, mas, ela aciona várias regiões ao mesmo tempo, bem como a maioria dos subsistemas neurais, como comenta Levitin (2010, p. 100-101). Em *Alive Inside*, Sacks reafirma isto quando diz que “a música parece ser uma invenção cultural que usa partes do cérebro desenvolvidas para outros fins; não apenas partes auditivas, mas, partes visuais, partes emocionais e a um nível inferior no cerebelo, todas as partes básicas para coordenação” (2014 [Minutagem: 14:07 a 14:28]).

⁴⁶ Texto no original: “A medida que nos hacemos adultos usamos menos la música y nos implicamos mucho menos en ella: las canciones más significativas para todas Las generaciones (no tan sólo para la generación del rock) son aquellas que escuchábamos cuando éramos adolescentes. [...] El hecho de ser joven se vive intensamente, con sentimientos encontrados por la impaciencia de que el tiempo pase y el lamento porque así ocurra, en una serie de momentos físicamente intensos que transcurren velozmente y que serán los que codifique la nostalgia”.

Dessa forma, se uma dessas regiões é afetada, as demais continuarão a cumprir o seu papel e, assim, a música não será apagada facilmente. É numa dessas regiões mais profundas, chamada amígdala, onde estão armazenadas as emoções de um indivíduo. Essas emoções se manifestam sempre que ouvimos uma música que esteja ligada a algum momento da nossa vida. Não importa se esse momento foi na infância, adolescência ou juventude; se ele aconteceu regado por determinada música, essa música estará sempre vinculada à experiência vivida. Quando essas experiências são de cunho emocional, passamos a considerar essa música como “nossa” e, por conseguinte, passamos a gostar, também, do intérprete.

Esse comportamento está presente no público mais velho do evento. São pessoas, em sua maioria, que estão na faixa dos 50 anos para cima. Portanto, as canções românticas que eles ouvem no Festival da Seresta são responsáveis por despertar lembranças da infância, adolescência e juventude, conforme veremos no capítulo seguinte. Esse público se identifica com tal repertório porque experiências marcantes foram vividas na adolescência e juventude, principalmente, e esse conjunto de canções estava presente de alguma forma, gerando, portanto, uma identificação.

As canções românticas apresentadas no evento são as que trazem em suas letras histórias de amor, mesmo que, nem sempre, tenham um final feliz. Estas canções, como todas que falam de amor, são carregadas de muita emoção. No nosso cotidiano, sentimos necessidade de expressar os nossos mais diversos sentimentos, porém, nem sempre é fácil falar exatamente o que sentimos. Então, a música cumpre muito bem esse papel.

Muitas vezes, somos tolhidos pela timidez, pelo medo da reação do outro, porque não temos coragem, ou qualquer outro tipo de palpite. Uma das formas mais agradáveis de expressar esses sentimentos é através das músicas. Não é raro ouvirmos uma canção cuja letra fala exatamente o que sentimos ou o que experimentamos: uma história de amor, uma desilusão amorosa, uma traição; de modo geral, uma situação que já tenhamos vivido. Essas músicas falam por nós. Frith (2001) afirma que as canções românticas são muito relevantes em nossas vidas, pois elas nos ajudam a exprimir nossas emoções de forma mais confortável. Quando uma canção fala por nós, logo nos apegamos também ao artista que a canta. Segundo ele:

O prazer da música popular, ao contrário dos prazeres obtidos em outras formas de cultura de massa, não deriva de nenhum recurso imaginário: não é necessariamente mediado por ilusões ou idealizações e é vivenciado de forma muito direta (Frith, 2001, p. 7)⁴⁷.

⁴⁷ Texto no original: “El placer de la música popular, a diferencia de los placeres obtenidos a partir de otras formas de cultura de masas, no deriva de ningún recurso imaginario: no está necesariamente mediatizado por ilusiones o idealizaciones y se experimenta de un modo muy directo.”

Passamos a nos relacionar com os outros fãs que nem conhecemos, nem sabemos quem são, mas estão ali como nós, compartilhando o mesmo objetivo. Imaginamos que o artista e os outros fãs estão absortos no mesmo tipo de sentimento que, naquele momento, nos acomete. Dessa forma, identificamo-nos com aquelas pessoas, porque somos afetados diretamente pelas músicas que estamos ouvindo naquela ocasião.

No artigo *Memória afetiva e (re) construção de marca de uma emissora musical pioneira em FM no Brasil*, Kischinhevsky e Henriques⁴⁸ (2015) contam a história da Rádio Cidade FM, sua pausa e seu retorno às atividades. Eles afirmam que, para atrair o público fiel da antiga audiência, um dos objetivos utilizados pelos diretores foi começar tocando o repertório da primeira fase da rádio, para atrair os “antigos” ouvintes e, com isso, despertar as lembranças dessas pessoas, pois, assim, “gerava um efeito de reconhecimento na audiência, acionando memórias afetivas, reminiscências dos tempos em que estas faixas eram sucesso no rádio; [...] trilha sonora de um projeto simbólico de construção do *self*” (Kischinhevsky; Henriques, 2015, p. 136).

O documentário *As Canções* (2011) nos mostra, por meio de diversos depoimentos, esse tipo de sentimento. Nele, várias pessoas são convidadas para cantar, individualmente, uma música que goste muito. Ao cantarem a música ou parte dela, a maioria começa a chorar e passa a contar uma história que viveu no passado e que marcou suas vidas. Aquelas músicas conseguem levar aquelas pessoas a um passado, às vezes, longínquo, em que elas vão buscar parte de sua história. Verifica-se, portanto, que existe uma “teia” que envolve “adolescência/juventude – cérebro – música – identidade – memória”, em que todos esses elementos, dentro de um contexto social, atuam concomitantemente. Seria demasiado arriscado refletir sobre esses elementos separadamente.

Não podemos esquecer do contexto social, pois este tem papel primordial nessa construção. Frith (1987, p. 9)⁴⁹ afirma que “a música se conecta com um tipo específico de turbulência emocional, associado a questões de identidade individual e posicionamento social”. Já Nora declara que

⁴⁸ Marcelo Kischinhevsky: Professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). Pedro Rêgo Henriques: Jornalista formado pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). Artigo *Memória afetiva e (re) construção de marca de uma emissora musical pioneira em FM no Brasil*.

⁴⁹ Texto no original: “La música conecta con un tipo concreto de turbulencia emocional, asociada a cuestiones de identidad individual y de posicionamiento social, en la cual lo que más se valora es el control de los sentimientos públicos y privados.”

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

Percebemos, então que, sem dúvida, o contexto social, de fato, exerce grande influência nessa construção do indivíduo.

Considerando que é nessa fase – adolescência e juventude – que se vive de forma mais intensa as primeiras experiências com os primeiros relacionamentos amorosos e que é, nesse período, que as expressões musicais são absorvidas pelo cérebro; conclui-se, então, que, também, é nesse período que a música tem papel determinante para fixar, em nossas memórias, as lembranças desses momentos vividos dentro de uma sociedade. O público mais velho se identifica com aquelas canções, porque elas estão associadas às experiências que eles viveram em sua adolescência ou juventude, mais do que na infância.

Nossas lembranças permanecem conosco e vêm à tona sempre que são provocadas e, categoricamente, a música é a arte que consegue extrair da nossa memória os mais íntimos sentimentos e, conseqüentemente, as mais profundas lembranças. As experiências amorosas vinculadas a determinadas músicas vão ficar impregnadas na memória das pessoas que viveram essas experiências. Por isso, ao ouvir novamente essa música que marcou no passado, esse passado se torna presente através das lembranças que vêm à tona. No caso do Festival da Seresta, são várias pessoas que passam pelo mesmo processo no mesmo momento. É quase uma nostalgia coletiva.

Frith (1987, p. 6)⁵⁰ afirma que “as experiências musicais sempre contêm um significado social porque estão situadas em um contexto social. Essa interação entre a imersão pessoal na música e ainda seu caráter público, externo, é o que torna a música tão importante para a localização cultural do indivíduo no social”. Já Levitin (2010, p. 261) declara que “para exteriorizar os laços, compartilhamos atividades e a música que ouvimos. Isso se coaduna com o conceito evolutivo de que a música é um veículo de vinculação e coesão social, tornando-se uma marca de identidade pessoal e grupal e de distinção”.

A pesquisa mostrou que é exatamente esse tipo de sentimento que envolve os frequentadores e os artistas durante os shows no Festival; há uma interação muito forte entre

⁵⁰ Las experiencias musicales siempre contienen un significado social, están situadas en un contexto social. Esta interacción entre la inmersión personal en la música y, no obstante, su carácter público, externo, es lo que convierte a la música en algo tan importante para la ubicación cultural de lo individual en lo social.

eles. De fato, a música apresentada no evento, é o elo entre artistas e público. As pessoas do público não só se identificam com as músicas, mas, também, com as outras pessoas que integram aquele mesmo grupo. Não temos como negar que, como sujeitos dentro de uma sociedade, vamos carregar influências desse meio em nossas identidades e armazená-las em nossas memórias. Verificou-se, portanto, que esses significados estão presentes no Festival da Seresta.

Ratificando o que falou o narrador em *Alive Inside*, citado anteriormente, podemos acreditar que, de fato, a música está presente ao longo de toda nossa existência, da mesma forma que ela nos permite, no presente, entrar em contato com o passado através das lembranças que se encontram embrenhadas em nosso cérebro. São lembranças de experiências vivenciadas no cotidiano de nossas vidas, no meio social em que estamos inseridos. Concluimos esta parte fazendo uma citação de Kandel que descreve claramente este fenômeno:

Num sentido mais amplo, a memória proporciona continuidade às nossas vidas. Ela nos fornece uma imagem coerente do passado que coloca em perspectiva a experiência atual. A imagem pode não ser racional ou exata, mas é persistente. Sem a força coesiva da memória, a experiência se estilhaçaria numa quantidade de fragmentos tão elevada quanto o número de momentos de uma vida. Sem a viagem mental no tempo que a memória nos possibilita, não teríamos consciência alguma de nossa história pessoal, não teríamos nenhum meio de nos recordarmos das alegrias que servem como marcos luminosos em nossas vidas. Somos quem somos por obra daquilo que aprendemos e de que lembramos. [...] A memória é essencial não apenas para a continuidade da identidade individual, mas também para a transmissão da cultura e para a evolução e a continuidade das sociedades ao longo dos séculos (Kandel, 2010, p. 19-20).

6.2 MEMÓRIA E IDENTIDADES

Admitamos que o estudo da memória é surpreendentemente instigante. Mas, para o objeto desta pesquisa, ele é fundamental, não no seu aspecto biológico, mas no sentido das relações sociais e afetivas. Neste caso, já que nossa atenção está voltada para as pessoas – o público mais velho – que frequentam o Festival Nacional da Seresta e que achamos que têm uma relação muito forte com a música, para embasar a temática, focaremos no aspecto da memória coletiva.

Presumimos que essas pessoas tenham vivenciado muitas experiências no passado, em momentos nos quais estavam ouvindo aquelas canções, de forma direta ou indireta, e que iriam marcar suas vidas para sempre, ou pelo menos, até os dias atuais. Também podemos presumir que aquelas canções, quando são ouvidas no Festival, trarão, para esse público, as lembranças

guardadas em suas memórias e, sem dúvida, farão com que reconstruam certas experiências e, com isso, despertem sentimentos antes adormecidos pelo tempo. Sendo assim, a música passa a ser a mola propulsora responsável pelo despertar dessas lembranças e dos sentimentos atrelados a elas, que se encontram arquivados em suas memórias. Para isso, os artistas são não só o elo entre indivíduo–música–experiência, mas, de alguma forma, também fazem parte do mesmo processo, que torna coletiva a memória daquelas pessoas. Halbwachs afirma que:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 16).

Para o autor, a memória é coletiva porque o indivíduo é um ser social e nunca está só, pois, ainda que em pensamentos, suas experiências, bem como suas lembranças, sempre envolvem outras pessoas. Exemplificando: quando faço uma viagem sozinha para outra cidade, posso observar pessoas, lojas, museus, a arquitetura das construções, as cores das casas, as praças etc. e tudo isso vai, portanto, me trazer recordações de pessoas com as quais me relacionei, lugares onde visitei, cenas descritas em livros que eu li ou representadas em filmes a que assisti e assim por diante. Logo, estarei naquela cidade sozinho apenas na aparência, pois, no meu pensamento, estarei ligado a outras pessoas que me vêm à memória através das lembranças proporcionadas pela nova cena com a qual me deparo. É nesse emaranhado de lembranças que vou trazer à memória pessoas que não estão presentes fisicamente comigo naquele momento, mas que estão em meus pensamentos e farão com que a minha memória se torne coletiva. Halbwachs fala ainda que:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 1990, p. 22).

Isso nos mostra que o homem sempre “depende” do outro para trazer à memória suas lembranças. Tomemos, mais uma vez, a fala de Halbwachs (1990, p. 49), quando explica que: “Porque temos, desde a infância em contato com os adultos, adquirido muitos meios de

encontrar e precisar muitas lembranças que, sem estes, as teríamos em sua totalidade ou em parte, esquecido rapidamente”. Portanto, o indivíduo está sempre atrelado ao meio social: pessoas, lugares, hábitos, costumes, novos mundos etc. O indivíduo vai acumulando experiências e vivências e isso vai moldando a sua identidade. Strey (2002, p. 58) diz que “o homem é também um animal, mas um animal que difere dos outros por ser cultural”. Para a autora, a cultura refere-se ao conjunto de hábitos, regras sociais, intuições, tipos de relacionamento interpessoal de um determinado grupo, aprendidos no contexto das atividades grupais. Esses hábitos que vamos desenvolvendo não só vão determinar o estilo de vida, mas, também, desenvolver sentimentos que nos marcarão de forma importante.

No Festival Nacional da Seresta, é esse tipo de relação partícipe associado ao gosto musical que é experimentado por muitas daquelas pessoas presentes no público do evento. Se você vivencia determinada experiência, seja ela boa ou ruim, ouvindo determinada música, no futuro, ao ouvir novamente aquela música, lembrará aquela experiência vivida. Portanto, aquela música de que você gosta vai lhe lembrar da época da sua vida em que ocorreram aqueles fatos – e aqui não falo só de fatos extraordinários, mas cotidianos – que te farão reviver sentimentalmente aquele tempo, aquela experiência. Ao ouvir novamente aquela música, além de lhe trazer à tona as lembranças de momentos e experiências vividas, ela também trará à memória os locais onde você vivenciou tais experiências. Vejamos três falas, tiradas das reportagens encontradas na internet, que corroboram isso:

- (1) *"As pessoas que amam encontram, em cada uma das canções, algum fato que aconteceu na sua história de amor. Então, a canção retrata, muitas vezes, aquilo que a pessoa vive na sua vida real. Ela vai direto ao coração. No meu último show, tinha uma senhora de 99 anos. Ela chorava, completamente lúcida, me abraçava, falava das músicas que gostava, música por música. A família dela toda estava lá, a filha, neta e até bisneta. Não é fácil atravessar gerações. É lindo. A música romântica não morre e não morrerá nunca".*
- (2) *"Eu gosto porque me lembro dos amores antigos".*
- (3) *"É maravilhoso vir para cá. Me lembro do tempo em que eu tinha 15 anos".*

As duas primeiras falas foram encontradas em reportagens no blog LeiaJá, publicada em 10/05/2018. A primeira é do cantor Adílson Ramos; já a segunda é da atendente Elza Teixeira, 49 anos à época. A terceira fala é de Marize de Souza e foi publicada em 14/05/2007, numa reportagem para o Jornal do Commercio. Estas depoimentos claramente atestam que

aquelas músicas estão ligadas ao passado daquelas pessoas, às experiências que elas viveram e que, conseqüentemente, marcaram suas vidas. Estas experiências quase sempre estão ligadas a histórias de amor.

Ora, sabemos que toda gama de experiências que o indivíduo acumula ao longo de sua trajetória é resultado de práticas anteriores, bem como das condições sociais que foram incorporadas a ele, através dessas experiências, nos diversos grupos sociais os quais o sujeito percorreu. O público adulto do Festival Nacional da Seresta, de alguma forma, tem suas “maneiras” ligadas às experiências vividas anteriormente. Como diz Bourdieu, essas “maneiras” são habitus, que ele define como “um sistema de disposições duráveis incorporadas ao indivíduo, que fazem parte do processo de socialização” (Bourdieu, 1983, p. 65).

Esse processo de socialização é contínuo e perpassa toda a vida do indivíduo. É no decorrer desse processo contínuo que a pessoa vai vivendo experiências marcantes e guardando, em sua memória, as lembranças dessas experiências. Estamos sempre ligados a outras pessoas. No caso desses ouvintes do Festival, há um sentimento peculiar por parte de vários deles em relação aos artistas: a euforia ao ver o ídolo, querer abraçá-lo, levar presentes, ou outras coisas desse tipo, nos mostra que o vínculo dessa plateia não é só com a música, mas, também, com o artista. Sobre isso, Levitin afirma que:

Quando ouço a música de um grande compositor, sinto que em certo sentido me uno a ele ou permito que uma parte dele entre em mim. Esse sentimento de vulnerabilidade e entrega parece mais intenso do que nunca no rock e na música popular dos últimos quarenta anos. [...] Permitimos que controlem nossas emoções e até nossa política, para nos animar, desanimar, confortar, inspirar. Deixamos que entrem em nossas salas e quartos quando não há mais ninguém por perto. Eles entram por nossos ouvidos quando não estamos nos comunicando com mais ninguém neste mundo. Um dos motivos pelos quais nos dispomos a ficar vulneráveis diante de nossos músicos favoritos é que muitas vezes eles também se fazem vulneráveis diante de nós (ou transmitem vulnerabilidade por meio de sua arte, não sendo importante, aqui, saber se estão realmente vulneráveis ou se se trata apenas de uma representação artística). A força da arte consiste nessa capacidade de nos conectar às pessoas e a verdades maiores no que diz respeito à vida e ao seu significado. [...] Ouvimos vulnerabilidade nos lugares mais improváveis, e isso nos aproxima do artista. É assim que as ligações com o artista ou com aquilo que ele representa podem influenciar nossas preferências musicais (Levitin, 2010, p. 272, 274).

É como um círculo “vicioso”: gosto daquela música, porque parece contar uma história minha e, por isso, demonstro minhas emoções naquele instante. De certa forma, isso me torna vulnerável e faz com que eu não sinta vergonha de declarar isso para o artista através da minha reação, ao mesmo tempo, em que expresso todo meu carinho e afeto para com aquele artista

que canta aquela música que eu gosto. Esta minha vulnerabilidade faz com que eu exponha meus sentimentos e, no momento que o cantor sente toda minha emoção, demonstra estar sentindo os mesmos sentimentos que eu. Neste momento, ele também se torna vulnerável, pois pode estar ali apenas fazendo uma representação; mas pode, também, estar sendo acometido pelas mesmas emoções.

Isso nos leva a crer que a nossa memória não atua sozinha, pois ela consegue acionar pessoas, lugares, situações, emoções, sentimentos, atitudes e tantas outras coisas, todas ao mesmo tempo. Diante disso, entende-se que o ser humano é dotado de uma memória individual, porém, que não atua sozinho. Ela necessita de estímulos externos para entrar em ação. Halbwachs afirma, também, que: “A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (Halbwachs, 1990, p. 36). No público do Festival, verificou-se que muitas daquelas pessoas, além de fazerem parte da mesma sociedade, viveram em diferentes grupos menores e, portanto, experienciaram vivências diferentes – ou não – porém, ouvindo, basicamente, as mesmas músicas. Essas pessoas carregadas cada qual com sua bagagem de experiência, ao chegar ao Festival e ouvir aquelas mesmas canções, vão ter suas memórias afetadas de tal forma que as lembranças são despertadas e surgem acompanhadas de sentimentos que ajudaram a fixá-las na memória.

6.3 INFLUÊNCIAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Podemos levar em consideração, também, a questão da identidade nessas pessoas. A nostalgia do ambiente e as lembranças das experiências vividas em família, mesmo que de forma implícita, aclamam o evento como um símbolo de coisa boa, de amor, felicidade, descontração, diversão, satisfação. O evento simboliza, para essas pessoas, que elas foram e ainda são felizes, e continuam buscando felicidade. O Festival representa, para elas, a oportunidade de fortalecer os laços existentes, bem como criar novos vínculos que “garantam” uma vida feliz. Decerto essa “simbologia” que o Festival representa não está relacionada apenas à “garantia de felicidade”, mas, numa sociedade com tantas dificuldades, como falta de emprego, criminalidade, salários precários, falta de infraestrutura etc., é um momento em que todas as coisas ruins ficam para trás; o que importa é a felicidade do momento.

É certo que, nas sociedades de hoje, os indivíduos têm acesso a tantas culturas diferentes, de diversas partes do mundo, ao mesmo tempo, e não podemos negar que a

globalização teve um papel significativo nesse processo. Entre as décadas de 1920 e 1960, o rádio foi um dos principais meios de comunicação de massa. No ano de 1950, ocorreu a primeira transmissão de um programa de TV aqui no Brasil, a saber, na TV Tupi. Considerando as décadas de 1950 a 1980, período do qual estamos analisando a maior parte do repertório romântico que é apresentado no Festival, podemos perceber que esses dois meios de comunicação contribuíram consideravelmente para a difusão das canções românticas naquela época.

O público “mais velho” do evento não só pode usufruir desses meios de comunicação para a escuta desse repertório, como foi influenciado por essas músicas, ou parte delas, e pelo meio social em que viveu e escutou aquelas canções. É nessa convivência em sociedade que os membros comungam os mesmos hábitos e preceitos dos outros membros dessa mesma sociedade: na vivência diária, nos afazeres cotidianos, atuando juntos em diversas atividades, incluindo os momentos de lazer etc. Nesses momentos em que atuam juntos, de certa forma, um “influencia” o outro, um deixa marca no outro.

Entretanto, como vimos acima, não é só da sociedade que se recebe influências: o rádio, a TV, inevitavelmente, interferiram no comportamento dos jovens daquela época. Essas “influências” (o externo), sofridas por outras pessoas ou outros mundos, vão se juntar às suas próprias convenções (o interno), seus próprios meios de pensar e agir, e resultarão em pensamentos, sentimentos e experiências que, de alguma forma, vão moldando a identidade dessas pessoas e construindo suas lembranças.

Com isso, podemos notar que as ocorrências exteriores se juntam aos eventos interiores do eu para formar um grupamento de acontecimentos que serão armazenados na memória e que, no futuro, se tornarão em lembranças. Essas virão à tona sempre que forem estimuladas. No caso do Festival Nacional da Seresta, a música é esse estímulo. Todo esse processo molda a identidade do indivíduo e, ao mesmo tempo, permite a ligação do presente com o passado desse sujeito. Hall reforça isso quando declara que:

O fato de que projetamos a “nós” próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura (Hall, 2006, p. 12).

Portanto, podemos afirmar que, neste tipo de concepção, há sempre uma ligação entre o interior do indivíduo e o exterior – o mundo pessoal e o mundo público – e essa relação assessora a moldagem dessa identidade. Fica claro, portanto, que o público do Festival tem, em

sua identidade, traços que provam que eles vivenciaram esse tipo de experiência (externa) e que ela o marcou profundamente. Frith (2001, p. 6)⁵¹ afirma que: “A música pode representar, simbolizar e oferecer a experiência imediata da identidade coletiva. Outras formas culturais – pintura, literatura, design – podem articular e exibir algum tipo de valor e orgulho partilhados, mas só a música pode fazer sentir isso”. A música consegue extrair as sensações mais profundas, mais intensas que uma pessoa tenha vivido, penetrando em regiões do cérebro e trazendo sentimentos diversos que nenhuma outra arte é capaz de fazer.

Alive Inside conta a experiência de um fotógrafo em uma casa de repouso para idosos com vários problemas de demência, em Nova York. Aqueles idosos não conseguiam lembrar-se de como foi a vida deles; não conseguiam falar nem se expressar de forma alguma. Alguns até nem andavam. No entanto, ao passarem pela experiência de ouvirem músicas que marcaram sua juventude, seu passado, eles passaram a lembrar de lugares, pessoas e muitas histórias que viveram. Nenhuma outra arte é tão capaz.

Segundo Cohen⁵², a música fica num lugar muito profundo da memória que o Alzheimer não consegue atingir. A pessoa pode não se lembrar de mais nada, porém, ao ouvir sua música favorita, lembra-se de vários fatos associados a ela. Portanto, podemos compreender que se a música despertou a memória daqueles idosos com demência e lhes devolveu tantas lembranças, quanto mais não fará ao público da seresta – pessoas sem demência. Sobre isso, Sacks explica que:

Alguns atributos das imagens mentais musicais e da memória musical não têm equivalentes na esfera visual, e esse fato pode nos dar um vislumbre do modo fundamentalmente diferente de como o cérebro trata a música e a visão. Essa singularidade da música talvez se deva, em parte, à necessidade que temos de construir um mundo visual para nós, daí resultando que um caráter seletivo e pessoal impregna nossas memórias visuais desde o início. As músicas, em contraste, já recebemos construídas. Uma cena visual ou social pode ser construída ou reconstruída de inúmeros modos distintos, mas a recordação de uma música tem de assemelhar-se ao original. É claro que ouvimos seletivamente, com diferentes interpretações e emoções, mas as características musicais básicas de uma composição – o tempo, o ritmo, os contornos melódicos, e até mesmo o timbre e o tom – tendem a ser preservados com notável exatidão. É essa fidelidade, essa gravação quase irresistível da música no cérebro, que desempenha um papel crucial para nos predispor a certos excessos, ou patologias, com imagens mentais musicais e memória musical, excessos esses que podem ocorrer até com pessoas relativamente não-musicais (Sacks, 2007, p. 38).

⁵¹ Texto no original: “La música puede representar, simbolizar y ofrecer la experiencia inmediata de la identidad colectiva. Otras formas culturales – pintura, literatura, diseño – pueden articular y exhibir algún tipo de valor y orgullo compartidos, pero sólo la música puede hacer que los sientas.”

⁵² Dan Cohen – criador da ONG Music & Memory; assistente social e voluntário na casa de repouso a qual se refere o documentário *Alive Inside*: a música vivifica a memória.

Essa fala do autor expressa bem o que acontece com o público mais velho do Festival. Aquelas músicas são tocadas por outros músicos e têm outros arranjos, assim como a interpretação dos velhos ídolos, que não é mais a mesma. Processo semelhante acontece quando uma dessas canções é interpretada por outro artista. O andamento, o arranjo, a instrumentação, a interpretação, tudo é diferente, mas a estrutura básica permanece lá: a melodia. Pode até ter alguma variação aqui ou ali, mas o tema ainda é reconhecido. Esses artifícios estão presentes o tempo inteiro no Festival Nacional da Seresta. Nele, os arranjos e as interpretações não são os mesmos apresentados originalmente. Principalmente, quando ouvimos um cantor interpretar canções que normalmente não fazem parte do seu repertório.

No entanto, elas estão lá, mexendo com as emoções daquelas pessoas e trazendo muitas recordações. O público mais velho do evento se identifica com as canções apresentadas; ele vê, nelas, muitas histórias que viveu no passado, principalmente na adolescência e juventude. As entrevistas mostraram isso. Esse público foi influenciado por aquelas canções em décadas passadas, em meios sociais os mais diversos. Portanto, essas canções e essas sociedades em que esse público viveu, contribuíram na constituição da identidade dessas pessoas.

7 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Como mencionado anteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com algumas pessoas do público do evento. Essas entrevistas foram fundamentais para a obtenção de informações em relação ao que essas pessoas sabem, sentem e pensam sobre o Festival Nacional da Seresta, bem como para saber quais as razões que levam essas pessoas a participarem dele e o que ele representa para elas. Esta análise está dividida em duas partes: a primeira está relacionada aos dados gerais sobre as pessoas entrevistadas, tais como: idade, gênero, estado civil, escolaridade, profissão e domicílio. A segunda parte é referente às respostas dos entrevistados, com vistas à obtenção de dados que esclareçam o significado do evento para essas pessoas.

7.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistadas 13 (treze) pessoas, no período de 23 de novembro de 2021 a 26 de maio de 2022. A primeira pessoa entrevistada optou por me receber em sua residência e responder às perguntas de forma presencial. Seis pessoas escolheram receber o questionário com antecedência, via WhatsApp, e agendaram uma data para que eu as telefonasse e, através daquele telefonema, responderam às perguntas. As seis pessoas restantes preferiram receber o questionário, também via WhatsApp e, após alguns dias, responderam-no através de mensagem de texto no referido aplicativo.

O único entrevistado que me recebeu pessoalmente, disponibilizou o horário de 17h30, momento no qual estava chegando do trabalho. Os demais, justificaram sua escolha pela forma digital por terem muitos compromissos e não disporem de tempo suficiente durante o dia para me receberem; por isso, optaram em responder às perguntas em momento posterior ao contato. Segue abaixo uma tabela com os dados desses entrevistados:

Tabela 7 – Dados pessoais dos entrevistados.

ENTRE VISTADO	DATA DA ENTREVIS TA	IDADE	GÊNERO	ESTADO CIVIL	ESCOLA RIDADE	PROFIS SÃO	ENDEREÇO
E1	23/11/21	61	Masculino	Solteiro	Técnico em Contabilidade	Bancário	Rua Conde D'eu, 93, ap. 402, Santo Amaro, Recife/PE.
E2	02/12/21	74	Feminino	Solteira	Superior incompleto	Não informado	Av. Rosa e Silva, 1620, ap. 901A,

E3	30/11/21	29	Masculino	Solteiro	Superior	Empresário	Aflitos, Recife/PE.
E4	08/03/22	70	Feminino	Solteira	Superior	Assistente Social	Av. Djalma Dutra, 304, Glória do Goitá/PE.
E5	10/03/22	84	Feminino	Solteira	Superior incompleto	Eletricitário	Rua Barão de São Borja, 264, Soledade, Recife/PE.
E6	15/03/22	30	Feminino	Solteira	Mestrado	Advogada	Rua Barão de São Borja, 385, ap. 402, Boa Vista, Recife/PE.
E7	15/03/22	60	Feminino	Casada	Superior incompleto	Auxiliar de Contabilidade	Estrada da Mumbeca, 6500, Guabiraba, Recife/PE.
E8	14/03/22	68	Feminino	Casada	Ensino médio	Do lar.	Rua Agricolândia, 320, Várzea, Recife/PE.
E9	15/03/22	72	Masculino	Casado	Superior	Advogado	Rua da Alegria, 307, Boa Vista, Recife/PE.
E10	17/03/22	55	Masculino	Solteiro	Mestrado	Engenheiro Agrônomo	Rua João de Carvalho, 68, Hipódromo, Recife/PE.
E11	16/03/22	25	Feminino	Solteira	Superior	Advogada	Rua do Futuro, 74, ap. 603, Graças, Recife/PE.
E12	17/03/22	61	Masculino	Solteiro	Superior	Professor	Rua Inhamuns, 46, Campo Grande, Recife/PE.
E13	26/05/22	47	Masculino	Casado	Superior	Funcionário Público	Av. Conselheiro Aguiar, 1350, ap. 303, Boa Viagem, Recife/PE.
							Antônio de Castro, 27, ap. 703, Casa Amarela

Fonte: Elaboração própria.

Essas pessoas tinham entre 25 e 84 anos e estavam divididas em 6 homens e 7 mulheres. Quatro eram casados e nove solteiros. O nível de escolaridade era variado: 02 pessoas com nível técnico, 03 com nível superior incompleto, 06 com nível superior completo e 02 pessoas com mestrado. As profissões incluíam: Advogado (3), Assistente Social, Auxiliar de Contabilidade, Bancário, Doméstica, Eletricitário (CHESF), Empresário, Engenheiro Agrônomo, Funcionário Público e Professor; apenas uma pessoa não respondeu esta questão adequadamente, informando “aposentada”. Também foi analisada a localidade onde essas pessoas residiam: uma morava no interior do Estado, em Glória do Goitá, distante 65,8 km da capital pernambucana, as demais residiam no Recife mesmo. Nos bairros da Boa Vista e das Graças, havia dois entrevistados por localidade; nos demais, apenas um: Boa Viagem, Campo Grande, Casa Amarela, Guabiraba, Hipódromo, Santo Amaro, Soledade e Várzea.

De posse dessas informações, foi possível perceber alguns elementos importantes em relação ao grupo de entrevistados. Em primeiro lugar, o público é formado por pessoas de diferentes idades, porém, a maioria está acima de 50 anos. Podemos dividir em três grupo: o primeiro, até 29 anos, com dois representantes (25 e 29 anos); o segundo, dos 30 aos 59 anos, com três pessoas (30, 47 e 55 anos); e o terceiro, a partir dos 60 anos (considerados legalmente de “idosos”), que tem o maior número de pessoas, com oito representantes, com idades de 60, 61 (duas pessoas), 68, 70, 72, 74 e 84 anos. De modo geral, a maioria tem de 50 anos para cima. Dos 13 entrevistados, são 9 pessoas dentro dessa faixa etária, o que representa 69,23 %, ou seja, mais de dois terços do grupo.

Embora seja uma pequena amostra, isso sinaliza que o público do Festival é formado, em sua maioria, por pessoas acima dos 50 anos. Por outro lado, 30,77 % de pessoas abaixo dos 50 anos representam uma boa parcela de um público “mais jovem”, que não viveu no mesmo período em que muitos daqueles artistas estavam o auge de sua fama. Mas, quem está acima dos 50 anos, esse, sim, conhece bem aqueles artistas com suas músicas, as quais, ouvidas agora, vão lhe trazer muitas lembranças de sua juventude.

Como já mencionado anteriormente, Levitin explica como acontece esse mecanismo da fixação da música na memória atrelada à idade do indivíduo: por volta dos 14 anos, acontece o processo de maturação, em que o cérebro se aproxima dos níveis de “finalização”, e é nesse período que fixamos, em nossa memória, os acontecimentos importantes, principalmente aqueles ligados à música. O autor afirma ainda que, entre os 18 e 20 anos, há um limite para a aquisição de novos gostos.

A partir disso, entendemos que é entre os 14 e 20 anos, aproximadamente, que determinamos o nosso gosto musical. Ouvimos tantas músicas e sempre vamos ouvir uma música nova, um novo ritmo ou estilo; mas, é a música que ouvimos nesse período que vai marcar mais nossa vida e, conseqüentemente, vamos guardá-la em nossa memória pelo resto de nossa existência. Isso justifica a presença de pessoas acima dos 50 anos predominando no público do evento.

Aqui, mais uma vez voltamos à fala de Frith, já mencionada no capítulo anterior, pois ela ratifica essa teoria. Ele diz que: “À medida que nos tornamos adultos, usamos menos a música e nos envolvemos muito menos nela: as músicas mais significativas para todas as gerações são aquelas que ouvíamos quando éramos adolescentes” (Frith, 2001, p. 8).

Da mesma forma, a fala de Bueno (2023), em sua entrevista, corrobora com esta ideia, ao afirmar que: “Geralmente, os shows não são para quem tem menos de 50 anos. Quem tem 60, 70, 80 anos – é a maior parte do público da seresta”. Sobre o público mais jovem, ele diz:

“tem gente jovem que nasceu lá; papai e mamãe namoraram lá, em 1995, se casaram, depois tiveram filhos e eles hoje estão na seresta com os pais. [...] Muitos casamentos aconteceram tendo a seresta como cupido”. Embora não sejam apenas esses jovens, frutos dos relacionamentos das primeiras edições do Festival que estejam presentes ali; há, também, grupos de jovens, na maioria amigos, que comparecem ao evento. Porém, o que predomina no público é o grupo de pessoas acima dos 50 anos.

Essa questão dos relacionamentos iniciados no Festival traz outro ponto interessante sobre o estado civil dessas pessoas: são 4 casados e 9 solteiros. Coincidentemente, também temos aqui, mais de dois terços que são representados pelos solteiros: 30,77 % de casados e 69,23 % de solteiros, do total de pessoas entrevistadas. Se, como diz Bueno, muitos casais presentes hoje no evento foram formados nas primeiras edições, isso nos leva a crer que muitas pessoas vão ao evento não só para apreciar a música ali apresentada, mas também, com o intuito de paquerar, conhecer alguém com as mesmas afinidades e intenções. Dessa forma, pressupõe-se que essa prática continue a ocorrer atualmente. Isso justifica o fato de termos bem mais solteiros que casados. Como afirma Bueno: “o Festival inspira encontros e flertes e isso tem um papel muito importante na seresta”. Isso fortalece a ideia de que muitas pessoas vão ao evento para apreciar a música, mas, também, para paquerar.

Outros dois fatores que estão, de certa forma, relacionados entre si, também chamam a atenção são o nível de escolaridade e a localidade onde essas pessoas residem. No grupo de entrevistados, apenas 2 pessoas não têm nível superior, 3 têm curso superior incompleto e 8 têm nível superior completo, destes, 2 com mestrado. Este resultado é diferente das palavras de João Paulo, mencionadas por Bueno em sua entrevista: “Quando João Paulo assumiu a prefeitura acabou com isso [o uso de camarotes]. Dizia ele [João Paulo] que o Festival da Seresta era uma festa do povo [...] geralmente é uma classe mais humilde [...]”. Há, no mínimo, uma contradição nessas informações.

Quanto ao local de origem, a maioria das pessoas reside no centro da capital pernambucana. Com exceção de um entrevistado, residente em Glória do Goitá, PE, cidade localizada a 65,8 km de distância do Marco Zero, no bairro Recife, os demais moram na região central da capital. A tabela abaixo mostra a distância dos bairros a partir do Marco Zero, no bairro do Recife. Essas informações foram obtidas no site da prefeitura do Recife, na aba de “Planejamento Urbano”.

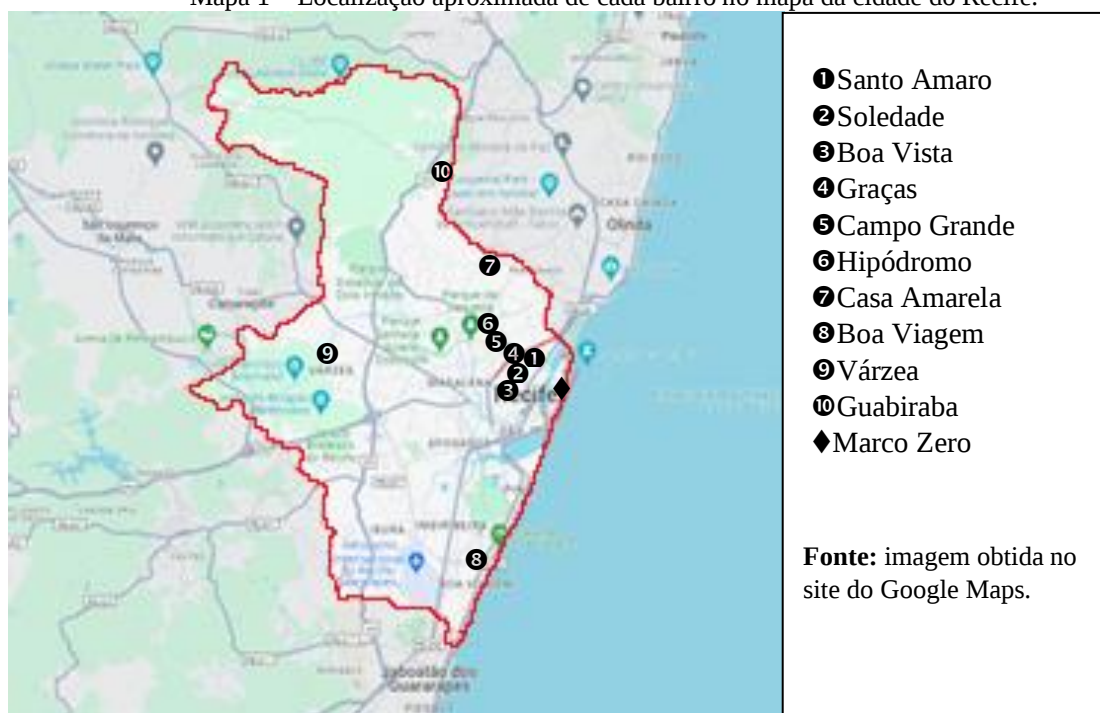
Tabela 8 – Distância dos bairros para o Marco Zero.

BAIRRO	DISTÂNCIA DO MARCO ZERO
Santo Amaro	1,98 km
Soledade	2,18 km
Boa Vista	2,78 km
Graças	3,71 km
Campo Grande	3,80 km
Hipódromo	3,91 km
Casa Amarela	6,50 km
Boa Viagem	7,91 km
Várzea	11,57 km
Guabiraba	13,43 km

Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar que, dos 10 bairros envolvidos, 6 estão a uma distância inferior a 5,0 km do Marco Zero. Se expandirmos essa distância para 10,0 km, a quantidade de bairros sobe para 8. Isso representa um total de 60% ou 80% dos bairros, que ficam na região mais centralizada da cidade. Os dois mais distantes ficam, inclusive, mais longe do que a cidade de Olinda, que dista do Marco Zero 11,1 km. Observando o mapa abaixo, podemos ver a localização aproximada de cada bairro dentro do contorno da cidade do Recife:

Mapa 1 – Localização aproximada de cada bairro no mapa da cidade do Recife.



Fonte: Google Maps, 2023. Legenda: Elaboração própria.

A partir da imagem acima, é possível verificar, com maior clareza, a localização de cada bairro. Também é possível averiguar que os bairros numerados de 1 a 6 estão mais concentrados na região central da cidade e, conseqüentemente, muito mais próximos do Marco Zero do que os numerados de 7 a 10. Em virtude disso, é possível afirmar que 61,53% das pessoas entrevistadas estão concentradas na área mais próxima do Marco Zero, enquanto 38,47% residem em áreas mais afastadas; o que não os impede de se locomover até o bairro do evento.

7.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Nesta seção, como citado anteriormente, abordaremos as respostas dos entrevistados e, a partir delas, procuraremos compreender o que essas pessoas buscam no evento e qual o impacto dele em suas vidas. Embora o número de entrevistados tenha sido pequeno, foi possível perceber que muitos elementos encontrados nos diversos documentos pesquisados, coincidem com muitas das respostas que aqui vamos apresentar. A identidade dos entrevistados será mantida em sigilo. Então, ao me referir a essas pessoas, substituirei seus nomes pela letra E seguida de um número, que corresponde à ordem em que as entrevistas foram realizadas. Ou seja, E1, E2, E3 etc. Também tratarei esses entrevistados na 3ª pessoa do singular, no gênero feminino, pois me referirei à “pessoa entrevistada” e não ao entrevistado ou entrevistada.

A primeira pergunta questionava há quanto tempo aquela pessoa frequentava o Festival Nacional da Seresta. As respostas variaram um pouco, mas não foram discrepantes em relação aos depoimentos encontrados nas reportagens examinadas. A maioria respondeu que frequentava o evento desde o início, em 1995, ininterruptamente; embora, dois desses tenham admitido que faltaram uma ou duas vezes, em consequência de algum imprevisto ocorrido em suas vidas. As 4 pessoas restantes começaram a frequentar nos anos de 2000, 2004, 2006 e 2012 e, de lá para cá, não faltaram a nenhuma edição, segundo elas.

E4 destacou que, nos primeiros anos, as pessoas dançavam mais, fazendo do Marco Zero um verdadeiro *dancing*, e isso era uma das coisas que faziam com que ela não faltasse ao evento, pois adorava dançar; enquanto E13 falou que saía do trabalho diretamente para o evento, para não correr o risco de perder algum show. Já E6 disse que começou a ir ainda criança, levada pelos pais; e, a partir daí, tomou gosto e não deixou mais de participar. Mesmo as pessoas que começaram a frequentar alguns anos após o início do Festival, responderam que não pararam mais de ir, que vão todos os anos.

Essa afinidade com o evento também foi demonstrada por várias pessoas, em depoimentos encontrados em reportagens, tanto de jornais impressos como online e, também,

nos diários oficiais da cidade do Recife e do Estado de Pernambuco. Por exemplo, Margarida Lima, que estava acompanhada do filho Vitor, de apenas um ano, falou o seguinte: “Nunca perdi um festival e espero que a prefeitura dê continuidade a esse projeto que já está no meu calendário de eventos”. Portanto, pode-se perceber que muitas pessoas, principalmente as que frequentam desde o início, são fiéis ao Festival Nacional da Seresta.

Essas pessoas ficaram sabendo do evento de várias formas, porém, a maioria foi através de amigos. E4 explica que ela e um grupo de amigos são “muito ligados à cultura”, então, ficam pesquisando onde vai acontecer algum evento para poderem ir. Ela afirma que “onde tocar uma lata a gente corre. (...) A turma todinha, entendeu!”. Também relata que é amiga de alguns cantores locais que participam do Festival e que eles informam com antecedência quando o evento vai acontecer.

E5 ficou sabendo através de uma comadre que a chamou; ela foi, gostou e passou a ser frequentadora assídua. Ela era irmã de criação de Almira Castilho de Albuquerque, que foi esposa de Jackson do Pandeiro, e foi através dela que desenvolveu o gosto pela cultura. Também contou a história da caminhada feita pelos seresteiros saindo do Bar Gambrinus em direção ao palco, com muita empolgação.

Uma boa parte das pessoas entrevistadas disseram ficar sabendo através da mídia: anúncios em jornais, programas de rádio, comerciais e programas de TV, enfim, noticiários de um modo geral. Já E11, que desfila no Bloco da Saudade, afirma sempre ficar sabendo através de pessoas ligadas diretamente ao bloco.

Podemos notar que algumas dessas pessoas podem até não ter um conhecimento musical teórico, ou mesmo prático, mas elas aprenderam, de alguma forma, a gostar de cultura ao longo de suas vidas e desenvolveram um gosto especial pelo repertório romântico. Percebe-se isso pelo fato de que elas chegam ao ponto de frequentar todas as edições, ou todos os anos, a partir do ano em que foram pela primeira vez, mesmo que, nos dias de shows, chova bastante; como quase sempre acontece.

Essas pessoas se locomovem até o local do Festival usando diversos meios de transportes, porém, a maioria vai em carro próprio. E3, no início, ia de ônibus e voltava de táxi ou carona com amigos; hoje, vai de carro próprio. Apenas duas pessoas iam de ônibus no início; depois, uma passou a usar carro próprio e a outra varia entre táxi e carona com amigos. E10 varia entre carro, táxi ou Uber; enquanto E13 ia e voltava de ônibus e, atualmente, prefere táxi. E12 ia de carro próprio nas primeiras edições, quando era proibido o uso de bebida alcoólica no evento; depois que a bebida foi liberada, passou a ir de táxi.

Dois casos chamam a atenção: E8, que vai sempre a pé, embora volte de carona com amigos e E4, que vai sempre de carona, mas, disse que, no dia que não tiver mais carona, também passará a ir a pé. Essas duas pessoas demonstram que, para assistir aos shows daqueles artistas que se apresentam no evento, estão dispostas a fazer qualquer sacrifício. Embora elas residam nos bairros de Boa Vista e Soledade, respectivamente, essas pessoas têm 68 e 70 anos. Isso mostra, mais uma vez, que o público do Festival da Seresta é fiel e está disposto a fazer qualquer coisa para não perder nenhum show dos seus ídolos. Não importa se elas vão de carro, táxi, Uber, carona ou ônibus; certo é que essas pessoas têm uma motivação para este empenho.

Nas entrevistas realizadas, foi possível identificar vários motivos que estimulavam aquelas pessoas a irem ao Festival. No entanto, a maioria absoluta respondeu que sua motivação era a música. Foram nove, das treze pessoas entrevistadas. Citarei a seguir, alguns trechos do depoimento dessas pessoas:

E1 – *“O que motiva é o tipo de música, da velha guarda que eu cresci escutando, todas essas músicas antigas [...] esses cantores da minha época que eu sempre curti. Essa época dos anos 60”.*

E3 – *“Fui criado ouvindo Nelson Gonçalves, Núbia Lafayette e toda essa constelação de cantores boêmios, então, me identifico bastante com o evento”.*

E5 – *“As músicas antigas, as músicas... os cancioneiros... Nelson Gonçalves... todos esses que já faleceram, da antiguidade”.*

E7 – *“Gosto de ir a eventos de música no Recife Antigo, na rua, nos teatros [...] os grandes cantores que eu ouvia quando criança e que estão na minha memória”.*

E8 – *“Olha, eu gosto muito de shows da jovem guarda, da sofrência... o motivo é isso aí”.*

E10 – *“É esse tipo de música que eu gosto. Eu gosto muito”.*

E11 – *“É o ambiente de energias boas e são as músicas também, me interessa muito”.*

E12 – *“Eu sou apaixonado pela seresta, as músicas, pelo romantismo, é uma coisa linda, uma coisa lúdica”.*

E13 – *“As músicas. Embora, no começo, eu tivesse um grupo de amigos e amigas que gostavam de ir, e a companhia deles também me interessava. Mas, a motivação maior é a música”.*

A fala de E7 não se refere especificamente à música como motivação, mas o seu sentido está implícito, uma vez que a pessoa entrevistada afirma gostar de “eventos de música”. Outro fator considerável em seu depoimento é quando ela afirma gostar de cantores de sua época enquanto criança e que ainda estão em sua memória. Fica subentendido, em sua fala, que

aqueles cantores cantaram músicas que marcaram sua vida. Evidente que a música marca determinados momentos em nossas vidas e não a figura pessoal do artista, como afirma Frith:

Porque as pessoas precisam dar forma e voz às emoções, que de outra forma não poderiam ser expressas sem ser desconfortável ou inconsistente. Canções de amor são uma forma de dar intensidade emocional aos tipos de coisas íntimas que dizemos um ao outro (ou a nós mesmos) em termos que são em si muito pouco expressivos (Frith, 2001, p. 8).

Portanto, pressupõe-se que E7 está se referindo à música de forma indireta e não ao artista propriamente dito. Essa motivação também foi declarada nos depoimentos encontrados nas reportagens analisadas. A professora aposentada Ana Maria Rocha fala o seguinte: “Sempre fico na expectativa para os shows. [...] São músicas que ficam na memória de todo mundo” (Jornal do Commercio, 12/05/2018). Outros dois depoimentos seguem a mesma linha: Jaciara Araújo diz: “Tem muita música boa, mas estamos ansiosos pelo show de Agnaldo Timóteo” (Folha de Pernambuco, 09/05/2018); e Elza Teixeira afirma que: “Aqui a maioria do pessoal é da minha idade e o som é muito bom; eu gosto porque me lembro dos amores antigos” (Blog LeiaJá, 10/05/2018). São palavras ditas, às vezes, de forma indireta, mas que exprime bem o sentimento daquela pessoa.

O segundo fato que motiva as pessoas a irem ao Festival é a presença dos artistas; a oportunidade de ver seus ídolos. A maioria dos entrevistados ainda cita o nome dos artistas que mais gostam de ver. E5 afirma que gosta de “Nelson Gonçalves e todos os que faleceram, da antiguidade”; E2 fala que as atrações são maravilhosas; já E10 declara que vai para o evento “para ver as estrelas também, pessoas que a gente não vê há muito tempo. Não são artistas que eu costumava ver na época, aí tem a curiosidade de ver os artistas”. Aqui, quero destacar a fala de E10. Para essas pessoas, ver o seu artista predileto é muito gratificante, pois, muitas vezes, a pessoa nunca teve a oportunidade de ver o seu ídolo ao vivo, só em programas de televisão. Vê-los pessoalmente, frente à frente praticamente, tem um valor incalculável para essas pessoas.

Outro motivo apresentado está relacionado com a diversão, de modo geral. E4 fala da possibilidade de sair de casa para se divertir, dançar, curtir; E6 gosta de sair de casa para ver um programa bom, com boa música e de graça; e E7 gosta de ver os artistas locais e os que interagem com o público; também diz que vai para aproveitar e ser feliz.

Os entrevistados ainda listaram quais seus artistas preferidos. São eles: Adílson Ramos, Agnaldo Timóteo, Alcione, Altamar Dutra Jr, Ângela Maria, Arthur Philipe, Cauby Peixoto, Cláudia Beija, Conjunto Pernambucano de Choro, Coral Edgard Moraes, Dalva Torres,

Expedito Baracho, Fafá de Belém, Fernando Mendes, Gilliard, Kátia, Leonardo Sullivan, Mozart, Nelson Gonçalves, Noite Ilustrada, Núbia Lafayette, Odair José, Paulo Diniz, Renato e seus Blue Caps, Reginaldo Rossi, Roberto Barradas, The Fevers e Waldick Soriano. Entretanto, o mais citado de todos foi Adílson Ramos.

Outras preferências incluem gostar de cantores da Jovem Guarda, de artistas locais, dos shows mais alegres e “dos cabas das antigas”. É relevante a fala de E12 que afirma o seguinte: “não gosto muito da parte brega. Brega só Reginaldo [Rossi] que era um ‘brega-chic’”; e a fala de E6, que diz: “Geralmente eu não conhecia as atrações, eu costumava conhecer lá, porque a maioria não é do meu tempo. Apesar de gostar de algumas músicas antigas, eu gosto muito do show de Adílson Ramos, a gente nunca perdia esse”. A fala de E12 é curiosa, pois demonstra haver duas definições para Brega: brega-chic e brega não chic. Caberia aqui um esclarecimento por parte da pessoa entrevistada para entendermos o que ela pensa a esse respeito, qual o significado real de brega para ela. Em relação à fala de E6, é compreensível ouvir essas palavras, pois ela só tem 30 anos. Entretanto, apesar da “pouca” idade, já aprendeu a gostar do repertório do evento.

Quanto à frequência com que vão aos shows, a resposta que mais apareceu foi a de todos os anos e todos os dias do Festival; porém, algumas pessoas não vão todos os dias, em decorrência de motivos diversos, que apresentaremos a seguir. Por exemplo, E3 ia todos os anos, aos quatro dias, porque ele trabalhava no bairro de Santo Antônio e era só atravessar a ponte que já estava no bairro do Recife; os bairros são vizinhos e isso ajudava na locomoção. Depois que essa pessoa passou a residir e trabalhar no interior, passou a frequentar apenas nas quintas e sextas, ou no dia em que Adílson Ramos se apresentava.

Outras pessoas frequentam nas quartas e sextas ou sextas e sábados. Já E11 costuma ir apenas à noite em que Adílson Ramos se apresenta. Já para E12, as noites com as temáticas Romântica e Samba são suas noites preferidas; embora, dependendo de quem se apresenta, vai à noite da Jovem Guarda também. Por outro lado, E13 não gosta das noites de Jovem Guarda e, por isso, nunca vai a esse dia. Entretanto, conforme já foi falado, ir todos os anos aos quatro dias do Festival foi a resposta que mais apareceu. Mesmo com a chuva que cai todos os anos, isso não atrapalha. Todos falaram que não “arredam o pé” quando está chovendo. E4 fez questão de enfatizar que ela e seu grupo levam cadeira, banquinho, cooler com bebidas, lanche, para poder ficar em tempo integral, não precisar sair nem para comprar comida ou outra coisa. Ela afirma: “A gente só sai de lá quando o locutor diz: ‘acabou!’ rsss... senão, a gente ficava. Se botasse um CD tocando lá, a gente ficava até parar”.

Uma resposta que chamou a atenção foi a de que algumas pessoas vão ao Festival dependendo da atração. Por exemplo: E9 diz não ter noites preferidas; ela vai a qualquer uma, desde que tenha alguma atração que lhe interesse e no último dia por causa da homenagem às mães. Inclusive, suas duas irmãs vão também no último dia, pela mesma razão. Para E10, também, a noite escolhida depende das atrações. Para ela, enquanto algumas pessoas vão para todas ou escolhem determinadas noites temáticas, ela se diz fiel às atrações e, portanto, não tem dia certo. Já E13 fala que nunca teve noites preferidas e, sim, artistas preferidos. Embora, não goste de artistas da Jovem Guarda.

Enfim, as respostas dessas pessoas foram variadas; da mesma forma que as falas de frequentadores encontradas em diversas reportagens de jornais, impressos e online, bem como nos diários oficiais da prefeitura do Recife e do Estado de Pernambuco, como foi o caso já mencionado de Margarida Lima, que afirmou que nunca perdeu uma edição do evento. Outro exemplo é o de Jaciara Araújo que, acompanhada do esposo, César Tavares, afirmou ser a terceira vez que estava indo ao evento; que achava a música boa, mas ficava sempre na expectativa para o show de Agnaldo Timóteo. Enquanto para o turista norte americano Michael Smith, foi a primeira vez que esteve no Festival. Ele declarou estar impressionado com o evento e prometeu levar as imagens ao seu país para divulgá-lo, o qual classificou como “belíssimo festival”. Portanto, há pessoas que não perdem uma edição, assim como há, também, aquelas que não participaram de todas as edições.

Quando perguntadas sobre com quem iriam ao evento, as respostas foram as mais variadas possíveis; no entanto, seis pessoas responderam que iam sempre com amigos. E1, no início, marcava com os amigos para se encontrar às 19h em frente ao Bar Arsenal do Chopp, onde hoje funciona a Venda Bom Jesus, situado na esquina da Rua do Bom Jesus com a Rua Barão Rodrigues Mendes, 59; depois, passaram a se encontrar já em frente ao palco, levando suas cadeiras, cooler etc. Ela afirma que eram verdadeiras “macacas de auditório”, em alusão ao termo utilizado, nas décadas de 1940 e 1950, às frequentadoras fanáticas de programas de auditório de rádio e TV, que reagiam aos artistas de forma histérica.

Chama a atenção o fato de algumas pessoas irem sozinhas. E3 afirma que sempre vai sozinha e, chegando lá, procura por amigos boêmios que costumam ir ao Recife Antigo com frequência e, também, encontra por lá alguns amigos do Bloco da Saudade e de outras agremiações. Ela afirma ainda que também encontra algumas amizades que construiu entre um evento e outro naquela localidade. Já E5 e E13 disseram que foram sozinhas algumas vezes.

E4 frequenta o Beco dos Boêmios, no bairro da Boa Vista, e combina com os amigos que frequentam o mesmo local para irem juntos ao Festival. Outras pessoas vão acompanhadas

de parentes e “agregados”, como E5, que vai com Jura, sua comadre; E7, com esposo, filha, sogra e mãe; E9, com esposa (que ele chama de “diretora”); E11, com namorado; e E13 disse que variava, algumas vezes com amigos, outras com namoradas e sem ninguém. E8 costuma ir com a sobrinha e o esposo dela. Entretanto sua sobrinha não mora aqui em Recife, mora em Gaibú, Cabo de Santo Agostinho; mas, todo ano vem para o Festival. E6 costumava ir com seus pais e suas duas avós. Entretanto, até o momento da entrevista, suas avós não tinham mais condições de ir, então ela passou a ir apenas com seus pais. Então, podemos observar que para ir a uma seresta, apesar de ser um momento romântico, não precisa apenas ter, como companhia, um par romântico. São diversos tipos de companhia: sozinha, acompanhada de uma pessoa ou de um grupo. O que vale mesmo é ir ao evento e aproveitar cada momento.

A pergunta “quais os momentos mais inesquecíveis do Festival da Seresta para você, como frequentador do evento?” levou a respostas compreensíveis, mas, também, a respostas bem emocionantes.

Para alguns, os momentos mais inesquecíveis foram: reencontrar amigos de velhas datas que não viam há muito tempo; algumas atrações que mexiam com o ego da pessoa entrevistada; a Noite dos Boleros, pois é um dia especial, imperdível, com músicas maravilhosas; o show de Adílson Ramos; a chuva que cai mas, não afasta o público; o momento da Jovem Guarda, que foi a época da pessoa entrevistada e que que, ao ouvir novamente, torna-se muito marcante; quando Adílson Ramos canta músicas antigas, especialmente Sonhar Contigo; quando as pessoas cantam alegremente, em uníssono, com os artistas, fazendo, muitas vezes, o cantor parar de cantar para ouvir a multidão cantando; o início de um relacionamento ao embalo da seresta; cantar, dançar e se divertir sob a chuva, como criança; e a resposta de E6, que disse: “sempre acho o público bem idosinho, isso eu nunca esqueço”. As demais respostas são comoventes e, portanto, as escreverei aqui, na íntegra:

E3 – *“Lembro de um show de Adílson Ramos, em 2012, que começou a chover e a chuva naquele bairro sempre vem muito forte, pois está muito próximo do rio/mar e não há prédios que barrem a força do vento. Nesse momento, Adílson Ramos começou a cantar “A chuva me lembrou você” e isso foi inesquecível. Tenho a foto dele todo encharcado e espremendo a camisa”.*

E4 – *“Às vezes, quando você encontra um cantor, uma cantora que você conheceu mais jovem e quando ela está no palco é aquele choque térmico que você tem, entendeu, aí fica marcante. Você ver esses cantores que vêm de fora que você não acompanha o dia a dia, passa muito tempo sem ver, porque eles não são atração de programa nenhum de televisão mais, só vêm*

para essas noites de seresta, aí quando você vê, é impactante, você ver quem você viu jovem cantando”.

E5 – *Foi quando Noite Ilustrada estava já cansado, sabe, estava doente e desceu a escada quase nos braços do pessoal. (...) Desceu a escadinha do palco quase nos braços porque estava muito doentinho, aí eu acho que com uns dois meses ele faleceu. E também muitos assim que veio no último ano (da participação deles) como Agnaldo Timóteo e... Núbia Lafayette”.*

E7 – *“Tenho três momentos inesquecíveis: Teve um Festival no Marco Zero, show de Cauby Peixoto, que choveu valendo na hora da apresentação dele e ninguém saiu do lugar, todo mundo continuou mesmo com chuva; aí ele foi para a borda do palco e levou chuva também, aplausos... aplausos... aplausos. Outro foi Ângela Maria e Agnaldo Timóteo: eu fui chegando e eles estavam cantando e ela não alcançou o agudo na Ave Maria do Morro; aquilo me chamou atenção: todos respeitaram e aplaudiram muito no final. Teve outro Festival que um cantor que eu não lembro quem foi, cantou sentado [Waldick Soriano], parecia doente, mas se manteve até o final do show. Foi na Praça do Arsenal”.*

E10 – *“Ah... é quando a gente vê aqueles artistas, por exemplo: Cauby [Peixoto], quando eu vi Ângela Maria, Agnaldo Timóteo... pra mim, esse é o momento mais significativo”.*

E12 – *“Foi Núbia Lafayette, com certeza. Eu chorei para me acabar... ela [es]tava magérrima, cancerosa, pele e osso... a bichinha foi amparada de costa por um rapazinho que amparou ela. Ela cantou aquelas músicas dela maravilhosas com uma voz! Foi uma despedida: três meses depois ela partiu. Núbia Lafayette é inesquecível. Aí, eu chorei muito porque você vê uma mulher doente, mas com todo amor, com uma alegria; ela estava se doando. Ângela Maria também, cantou sentada, não aguentava mais”.*

E13 – *“O momento mais inesquecível foi a primeira edição. Sem dúvida. Me lembro de ouvir Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas, Jamelão, Mário Lago... Foi excelente! Gente que eu não imaginava conseguir escutar ao vivo”.*

As respostas dessas pessoas mostram quão forte é o vínculo delas para com os artistas. São momentos tão impactantes na vida dessas pessoas, os quais elas levarão para o resto de suas vidas. Esses momentos não têm preço, não há dinheiro que pague essas experiências vividas. Ver o seu ídolo pela última vez e saber que ele está ali, literalmente, por amor, que a doença não o impede de cantar, isso é de um valor incalculável. Ver o seu ídolo ao vivo, o que nunca imaginara antes, fará com que essa pessoa guarde esse momento para sempre. Ver que o artista renuncia a um palco coberto para cantar na chuva, porque o seu público está na chuva lhe assistindo, mostra a cumplicidade de um amor do público para com o artista e, ao mesmo

tempo, do artista para com o público. Ver que o seu ídolo, já no fim da vida, não tem mais a mesma qualidade vocal de início de carreira, mas está ali cantando por amor e fidelidade ao seu público e, dessa forma, extraindo, desse público, sentimentos de gratidão, de respeito, de reconhecimento a uma vida de sucessos. São momentos *sui generis* e, de fato, inesquecíveis.

Foto 17 – Lana Bittencourt deixando o palco auxiliada pelo coordenador de palco.



Fonte: Coleção particular, 2023.

Foto 18 – Waldick Soriano cantando sentado.



Fonte: Coleção particular, 2023.

Essas pessoas tiveram seu primeiro contato com este repertório do Festival da Seresta, em sua maioria, desde criança ou na juventude. O local mais comum era em casa, através do rádio, mas, também, alguns contaram que ouviam as músicas no rádio e, enquanto a música tocava, eles gravavam em fitas K7, para depois ficarem ouvindo em um aparelho eletrônico portátil que era gravador e leitor desse tipo de fita.

Algumas pessoas ouviam dos pais em casa ou dos vizinhos, ou ainda nas serestas que os pais faziam ou em serestas que os pais iam. Muitos cantores estão na lista dessas pessoas, porém, os mais citados foram: Adílson Ramos, Agnaldo Timóteo, Altemar Dutra, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Gilliard, Jackson do Pandeiro, Leonardo Sullivan, Nelson Gonçalves, Noite Ilustrada e Núbia Lafayette. E6 ouvia em casa, pois sua mãe amava música e vinha de uma família de músicos, então, sempre teve contato com todo tipo de música. O repertório do Festival não é o que ela costuma ouvir no dia a dia, mas, escuta muito em festas para as quais vai; por isso, aprendeu a gostar desse tipo de música. Já E7 veio de uma família de músicos, seu pai era seresteiro e tocava violão; seus irmãos começaram a tocar desde cedo, seu pai e toda vizinhança costumavam ouvir rádio; além do mais, sua casa era sempre frequentada por músicos. Então, ela fala que a música entrou na sua cabeça por “osmose”.

Interessante a fala de E8 quando relembra os “assustados” que aconteciam na sua juventude⁵³, pois foi neles que ela aprendeu a gostar dessas músicas. Já E10 ouvia esse repertório com sua família, seus tios e tias, através do rádio, enquanto E13 acompanhava as serestas que seus pais faziam com os amigos. Para E12, não foi muito diferente; ela começou a gostar desse tipo de música na infância, ouvindo seus pais em casa, através dos LPs que eles compravam e passavam a ouvir para aprender as músicas e, depois, promoverem serestas em sua casa. Não menos interessante é o caso de E11, que, até o momento desta entrevista, ainda escutava seus pais cantarem em casa essas canções; além do mais, ela mora próxima ao Clube das Pás e, todo fim de semana, quando tem festa, sempre escuta essas músicas também. Ela afirma que, por mais que não queira, sempre está ouvindo esse tipo de música; por essa razão, aprendeu a gostar desse repertório e diz dar graças a Deus por isso.

Esse tipo de música traz muitas recordações para essas pessoas, lembranças de pessoas, de momentos que viveram, de situações etc., por exemplo: E8 lembra do período da Jovem Guarda, pois considera este o melhor tempo da sua era de estudante; já para E4, “as músicas que tocam nesses festivais (de seresta) são a verdadeira música popular brasileira [...] tocam hoje em dia com um brilhantismo maravilhoso, um som maravilhoso e todo mundo gosta, o jovem atual e os antigos. São músicas inesquecíveis”. Logo, pode-se perceber que a assiduidade dessas pessoas em relação ao Festival da Seresta é variável.

Para algumas pessoas, entretanto, há lembranças bem mais significativas: E1 se lembra do tempo em que ouvia muito música em fitas K7; para ela, foi uma época bem marcante; E5 fica saudosa quando lembra que, quando criança, sua mãe adotiva colocava sua cabeça no colo dela e a ninava cantando essas músicas; enquanto E2 relembra, com saudades, alguns acontecimentos ou momentos inesquecíveis que se passaram em sua vida; mas, não conta quais foram. Para E3, lembra os sábados e domingos de encontros de família na sua infância, juntamente com seus avós; mas se lembra, também, da época em que fazia faxina em casa ouvindo essas canções.

Destaco a fala de E9, pois demonstra não se apegar a músicas ou cantores, ou estilos e tampouco a épocas. Ela simplesmente afirma: “Gosto da boa música. Eu não me prendo a gênero, não me prendo a ritmo, não me prendo a artista; desde que eu goste da música, não tenho reserva, não. Eu sou assim muito voltado para a qualidade. Se eu gostar, não me importa

⁵³ O “assustado” era uma festa feita para uma pessoa, de maneira informal e secreta. Cada convidado levava um prato de doces ou salgados e, juntos, iam até a casa do favorecido, onde a festa – o assustado – acontecia. Além das comidas, levavam também um gravador com fitas K7, ou uma radiola portátil com LPs, para garantir a música da festa. O assustado era para um aniversariante ou alguém especial.

quem quer que seja que esteja cantando”. Portanto, parece que a música não tem um efeito marcante, saudosista em sua vida. É difícil imaginar uma pessoa que não seja tocada por uma música, ao menos, uma vez na vida.

Também foi perguntado sobre quais lembranças eram suscitadas nessas pessoas quando ouviam essas canções cantadas no evento. Com essa pergunta, obtivemos respostas distintas, mas, a maioria sempre se reportava aos momentos com algum parente ou com a família. Tal como E3, que se lembra de sua infância, em encontros de família na casa dos avós. Da mesma forma, E11 se lembra de sua infância nas comemorações em família, nas quais se escutava esse tipo de música. Já E12 se lembra de sua infância e juventude, afirmando que foram maravilhosas e, ao relembrar, sente muita nostalgia, sente uma saudade incomensurável. E6 se lembra dos tempos antigos que são, segundo ela, os tempos da sua “vó”, por volta de 1940, 1950 e 1960.

Para E7, essas músicas provocam nostalgia porque remetem à infância e mantêm a memória desse tempo ativa. Ela só não gosta de ouvir Moacyr Franco, pois considera suas músicas tristes, o que a faz chorar. Já E9 se lembra de toda sua trajetória de vida, desde a infância, época em que ela começou a ouvir e a gostar dessas músicas. Ao contrário de E7, ela gosta das músicas de Moacyr Franco, pois lembra muito sua infância e adolescência. Sentimento semelhante é o que acontece com a atendente Elza Teixeira, com 49 anos na época, numa reportagem para o Editorial LeiaJá, do site IG, em 10/05/2018, que afirma o seguinte: “Aqui a maioria do pessoal é da minha idade e o som é muito bom. Eu gosto porque me lembro dos amores antigos”.

Também foram relatadas outras lembranças mais peculiares. E1 recorda, saudosamente, de um término de relacionamento que marcou muito a sua vida e E2 relembra, com saudades, alguns acontecimentos ou momentos inesquecíveis que se passaram em sua vida; embora, não tenha relatado qualquer um deles. E9 afirma que esse repertório traz lembranças da vida inteira; já E5 recorda sua vida de estudante, no Instituto de Educação, das festas que frequentava, nessa época, e do Clube das Pás, aonde ia sempre. Ao mesmo tempo que E8 lembra da sua juventude, época em que gostava muito de barzinho, festas de aniversário, formatura etc. E13 se lembra das serestas de Olinda, as quais costumava ir com seus pais.

Outra lembrança interessante é a que sente E10. Ela afirma que gosta dessas músicas da forma como eram naquela época, que tem fascinação pelo período da era do rádio e pelos cantores que fizeram sucesso naquele momento; diz ainda que gostaria de ter vivido naquela época para apreciar “aquelas letras maravilhosas, músicas maravilhosas com aquelas orquestras completas, maravilhosas”. Portanto, ela sente saudades de uma música de determinado período

em que ela não viveu, mas que aprendeu a gostar por causa da sua riqueza musical, dos seus arranjos e instrumentação. Pensamento semelhante é o de E6 que afirma que música boa era a daquela época.

As lembranças de E4 se relacionam com o passado, mais especificamente, com pessoas que estiveram ao seu lado e hoje não se encontram mais. A primeira delas se refere a pessoas queridas que já morreram e a segunda a pessoas queridas que ainda estão vivas, mas, que hoje moram distantes; fazendo com que se comuniquem apenas pelo telefone, seja por ligações ou através de mensagens de aplicativos. Para ela, essa música traz recordações dessas pessoas. Fica subentendido que E4 viveu momentos, no mínimo, agradáveis com essas pessoas, e isso se reafirma em suas palavras, quando ela traz uma definição de saudade: “O sentimento de saudade é um dos melhores sentimentos que tem, porque quando você tem saudade é porque a coisa foi boa, né, porque se não fosse boa você não tinha saudade. E quando você tem saudade é porque você viveu, você curtiu, foi agradável, foi maravilhoso. Eu acho um sentimento maravilhoso: saudade”.

Portanto, são inúmeras as razões pelas quais essas pessoas gostam do repertório do evento. O que é unânime é o fato dessa música despertar muitas lembranças em praticamente todo mundo. Porém, as recordações estão associadas a diversos tipos de motivação. É importante destacar que o gosto musical dessas pessoas não se resume apenas às músicas que são cantadas no Festival da Seresta. Essas pessoas costumam ouvir outros gêneros e estilos no seu cotidiano; algumas são até bem ecléticas. Já outras desenvolveram o gosto por estilos bem peculiares como, por exemplo, ópera. Ao todo, foram citados 28 estilos/gêneros musicais apreciados pelos entrevistados. A seguir, veremos uma tabela com todos esses estilos/gêneros citados e a quantidade de vezes que eles foram citados:

Tabela 9 - Outros gêneros musicais indicados pelas pessoas entrevistadas.

ESTILO/GÊNERO	QUANTIDADE	ESTILO/GÊNERO	QUANTIDADE
1. Frevo	09	15. Blues	01
2. MPB	09	16. Bolero	01
3. Forró	07	17. Brega	01
4. Samba	05	18. Carnavalesca	01
5. Clássica (erudita)	04	19. Chorinho	01
6. Jazz	03	20. Ciranda	01
7. Rock internacional	03	21. Jovem guarda	01
8. Bossa nova	02	22. Nacionais	01
9. Internacional	02	23. Ópera	01
10. Pop nacional	02	24. Pagode	01
11. Rock nacional	02	25. Pop americano	01
12. Tango	02	26. Regional	01

13.Alternativa	01	27. Religiosa	01
14.Axé	01	28. Sertaneja	01

Fonte: Elaboração própria.

Analisando a tabela acima, podemos observar algumas peculiaridades. Uma delas é a apreciação por música clássica (erudita) ter sido citada por 4 pessoas. O mercado musical brasileiro é muito vasto e cheio de estilos e gêneros populares, sejam eles de massa, ou não. A música erudita não é encontrada em todos os lugares como a popular e, portanto, o mercado é bem tímido. Aqui, em Pernambuco, mais especificamente no Recife, não é diferente. A promoção e a produção de música erudita, infelizmente, são quase nulas. Portanto, encontrar pessoas do meio popular que apreciem música erudita, não é comum.

Sobre a música internacional, listada na tabela, E1 afirmou ter muito apreço pela banda norueguesa a-ha⁵⁴ e a extinta banda britânica Queen; enquanto E12 afirmou gostar mais de Paul McCartney e Elton John. Já E11 declara gostar muito de todas as músicas nacionais, independente de estilo, gênero ou artista.

Também vale destacar o fato de encontrarmos uma pessoa que gosta dos shows do maestro-violinista André Rieu, juntamente com sua orquestra. Apesar de não ser um gênero musical, os shows de André Rieu fazem parte do cancionário de E1. Ele também afirma gostar de MPB, mas frisa sua preferência pelas músicas de Caetano Veloso, Chico Buarque, Maria Betânia e Marisa Monte; enquanto E4 igualmente gosta de MPB, mas lista Demônios da Garoa, Elis Regina e Rita Lee. Ela cita também cantores locais, tais como: Arthur Philipe, Cláudia Beija e Keila Costa. E6 prefere as músicas de Caetano Veloso, Roupas Nova, Rita Lee e afins. Já E7 destaca que, além dos artistas muito conhecidos na mídia, também gosta de outros menos conhecidos, como a banda baiana “BaianaSystem” e a banda pernambucana, de Olinda, “Academia da Berlinda”.

Há algumas pessoas que são bem ecléticas e citaram, pelo menos, 8, 10 ou mais gêneros musicais; destaco E3, E7 e E13. Embora, algumas façam questão de enfatizar que são muito ecléticas, como é o caso de E3 e E10. E9 afirma que gosta de tudo e E11 diz que gosta de tudo que é nacional, apenas. Entretanto, houve quem declarasse não gostar de determinados gêneros, como E8: “só não gosto dessa música atual, mas das antigas gosto de tudo. Essa de agora é que

⁵⁴ Segundo o site da Wikipédia, o nome da banda norueguesa se escreve corretamente com todas as letras em minúsculo. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/A-ha>. Acesso em: 10 jan. 2024. Isso pode ser conferido também na página oficial do grupo, www.a-ha.com. Acesso em: 10 jan. 2024.

não faz meu gosto não, às vezes não tem nem letra. Mas, essas da antiga, todas eu gosto”. Já E4 não gosta de sertanejo; enquanto E11 não gosta de músicas internacionais.

De vez em quando, encontramos uma ou outra pessoa entrevistada que faça desabafo sobre determinado assunto. Aqui, quero frisar o que disse E3 sobre o mercado musical em Recife, saliento que é apenas a opinião de uma das pessoas entrevistadas. Ela fala que o mercado aqui é meio difícil porque tem palco, porém, muitas vezes, o dono do palco – o proprietário – não quer contratar, quer que a pessoa “passe o chapéu”. Um modo de dizer que a pessoa tem o palco ao seu dispor, porém, deve se responsabilizar pela cobrança do cachê. Para ela, tem palco, mas falta iniciativa. Para quem já solidificou sua carreira, não há problemas. Porém, para quem está começando agora, não é fácil. Apesar de todas as dificuldades encontradas no caminho, os artistas que estão em início de carreira não desistem e estão sempre dando o seu jeito na divulgação de seus trabalhos.

Outra questão importante é sobre a relação das pessoas entrevistadas com a música. Neste ponto, não foram encontradas divergências; as opiniões são semelhantes. Por exemplo: gostar de música por influência da família; ou até mesmo pela tradição de ter um membro músico na família. É o caso de E6, que afirma que sua relação vem de família e, também, que não sabe viver sem música. Já E7 conta que é de família musical católica; então, sempre cantou na igreja, em corais, blocos líricos, grupos musicais diversos e, até, em festivais.

Entretanto, há também pessoas que gostam de música, mas, que não sofreram influências da família; ou, pelo menos, não contaram que foram influenciadas. Dentro desta vertente, temos 04 entrevistados: E2 se denomina uma eterna apaixonada pela música; enquanto E13 afirma que é louca por música. Para E11, a música é tudo para ela e completa dizendo que vive com música, praticamente, 24 horas; E12 declara que a música é vida para ela, afirma ainda que não se separa do rádio, acorda pela manhã e já liga o rádio na Nova Brasil FM.

O caso de E10 é bem específico: ela gosta tanto de música que, por esta razão, passou a realizar algumas atividades correlacionadas como, por exemplo, ter uma discografia em casa. Ela fala que já digitalizou muita coisa e gosta de ficar ouvindo esse material. Também, nas festas aonde vai, realizadas por amigos ou família, é dela a responsabilidade de elaborar a relação das músicas a serem tocadas, bem como atuar como DJ (disc jockey). Gosta de recepcionar pessoas em sua casa para promover momentos musicais, nos quais ela mesma se encarrega de escolher as músicas e dirigir toda a programação. Outro caso especial é o de E9 que, não só gosta de música, mas, é, também, violonista e compositor. Já fez vários frevos que, inclusive, foram gravados, fez também parcerias com o maestro Edson Rodrigues e com Almir Oliveira, baixista do Ave Sangria que, aliás, é seu primo.

Há, também, duas pessoas entrevistadas que expuseram algum tipo de frustração. E6 conta que não gosta das músicas que os jovens gostam hoje, prefere as músicas antigas, mas, diz se sentir um pouco deslocada quando vai ao Festival da Seresta pelo fato do público ser formado, em sua maioria, por pessoas mais velhas. Ela revela que tem “pouquíssimos jovens”. Já E13 se considera um músico frustrado, pois, no final da adolescência, ganhou um violão, mas, por falta de talento e tempo, nunca conseguiu tocar bem. Mesmo assim, nunca deixou de gostar de música.

De modo geral, todos têm uma relação com a música já há algum tempo. Seja no meio da família, na vizinhança, ou em roda de amigos, não importa, todos já vivenciaram experiências musicais antes do Festival da Seresta. No evento, eles escutam aquelas músicas e, através delas, revivem muitas coisas, momentos, experiências. A entrevista mostrou que, para essas pessoas, o evento proporciona episódios de lazer, de curtição, mas, também, de nostalgia, de saudade.

Contudo, apesar de gostarem dos artistas que se apresentam no Festival da Seresta, elas revelaram o desejo de ver outras artistas na grade de shows. Para elas, existem outros cantores que se encaixam na proposta do evento e que poderiam ter a oportunidade de se apresentarem ali. Até porque os cantores que participam não se resumem a todos os ídolos do público. Sempre há algum ídolo de algum frequentador, mas que nunca esteve presente. Assim, surgiram vários nomes que ainda não participaram do Festival. Baseada nas respostas dos entrevistados, listei abaixo o nome desses artistas:

Quadro 2 – Artistas que os entrevistados gostariam de ver no Festival.

1. Andrea Bocelli ⁽¹⁾
2. Blitz
3. Clara Nunes ⁽²⁾
4. Demônios da Garoa
5. Diana ⁽³⁾
6. Jozenaldo Pereira ⁽⁴⁾
7. MPB4
8. O Disco ⁽⁵⁾
9. Os Lobos
10. Pablo
11. Quarteto em Cy
12. Rita Lee ⁽⁶⁾
13. Roberto Carlos
14. Roupas Nova
15. Silvério Pessoa
16. Zezé di Camargo e Luciano

Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente, cabe aqui alguns esclarecimentos a respeito de alguns desses artistas: ⁽¹⁾ E2 citou Andrea Bocelli, o que não é comum pelo fato de ser um artista estrangeiro. A única artista “estrangeira” a se apresentar no evento foi Perla, conhecida como Perla Paraguaia⁵⁵. Isto porque nasceu no Paraguai, mas vive no Brasil desde 1970. Portanto, considerada já uma brasileira. É válido salientar a importância de não se confundir com a cantora carioca de *funk melody* e *pop*, Perlla. Portanto, podemos afirmar que nenhum artista estrangeiro se apresentou no Festival da Seresta.

⁽²⁾ E12 citou o nome de Clara Nunes, no entanto, em sua resposta não ficou claro se ela deseja que Clara Nunes se apresente ou se ela gostaria que a cantora estivesse viva para se apresentar; visto que Clara Nunes faleceu em abril de 1983 e o Festival só começou em maio de 1995. ⁽³⁾ A cantora Diana começou sua carreira em 1969, no final da Jovem Guarda, porém, sua carreira entrou em declínio a partir da década de 1980. Mesmo assim, ela não parou e continua a se apresentar pelo interior do Brasil. Recentemente, passou a assinar seu nome Dianah.

⁽⁴⁾ Jozenaldo Pereira (1959) é um cantor local, natural de Camaragibe, região metropolitana do Recife. Canta há 25 anos, juntamente com sua esposa, Lúcia, com quem formou a dupla *Alucinado dos Teclados*, mas também é conhecido como Nado dos Teclados. Conhecido por cantar Boleros, Samba e MPB, além de já ter se apresentado com Reginaldo Rossi e Augusto César. Jozenaldo ficou conhecido nacionalmente após participar do reality *The Voice +* 2023.

⁽⁵⁾ A banda O Disco é formada pelos músicos Almir Avlys, Kiel Hernandes, Sandro Pik, Mano Groove, Daniel Felix e Daniel Macedo. Criada com o objetivo de reviver músicas nacionais e internacionais, teve como ponto de partida um tributo à banda Roupas Nova, gravando um DVD, em 2017, intitulado *O Melhor do Roupas Nova*. Em suas redes sociais, traz o título de: “O Maior Tributo ao Roupas Nova do Nordeste”, por isso, é conhecida como banda cover de Roupas Nova. ⁽⁶⁾ Rita Lee foi citada por E4 por ocasião da entrevista. Vale salientar que Rita Lee faleceu em 2023, enquanto a entrevista de E4 ocorreu em 2022.

Dos 16 artistas citados, somente Roupas Nova foi citado por duas pessoas; os demais artistas foram citados apenas uma vez. Por outro lado, somente 03 entrevistados elencaram mais

⁵⁵ A cantora e compositora Perla Paraguaia, conhecida por interpretar Boleros e Guarânias, é o nome artístico de Ermelinda Pedrosa Rodríguez D'Almeida. Nascida em Caacupé, Cordillera/Paraguai, em 17 de março de 1951. Chegou ao Brasil (Rio de Janeiro) em 1970, onde fixou residência até os dias atuais.

de um artista: E6 listou 9, E7 listou 4 e E8 listou 2. E1 afirmou não lembrar de nenhum artista que ele gostasse; informou que todos os seus ídolos já se apresentaram. Já E3 afirmou que, com certeza, todos os seus ídolos se apresentam sempre.

E5 fez questão de citar os nomes de Reginaldo Rossi e Agnaldo Timóteo pelo fato de considerar muito esses artistas. Ela declarou que os dois eram tão bons, artisticamente falando, e que ela era tão fã deles que mereciam ser citados, mesmo já tendo falecidos. Já E7 defendeu a participação dos grupos de Chorinho existentes na cidade do Recife, incluindo região metropolitana, e dos grupos de seresta dos clubes tradicionais de bairros.

E8 sugeriu Zezé di Camargo e Luciano, mas, logo disse reconhecer que o Festival não tem verba para contratá-los, por se tratar de uma dupla com cachê muito elevado. Embora, tenha dito que ainda tem esperança de vê-los no palco do evento, nas palavras dela: “para Deus, nada é impossível”. Este é também o pensamento de Daniel Bueno; para ele, seria um sonho realizado trazer ao Festival Zezé di Camargo e Luciano e Roberto Carlos. Bueno considera esses dois artistas ultrarromânticos.

Para E13 não falta ninguém; ela acha que a escolha dos artistas sempre foi bem-feita e todos os artistas que ela gosta já se apresentaram no evento. Considera que a escolha dos artistas é sempre acertada. Pode-se notar, em sua fala, que algumas pessoas que frequentam o Festival são as que, em sua maioria, têm, realmente, uma estima muito grande pelos artistas presentes. Raras são as exceções que têm algum tipo de queixa.

Ao serem perguntados sobre a existência de alguma canção específica que tivesse marcado suas vidas, as respostas foram semelhantes; embora 4 entrevistados tenham respondido que não tinham. Algumas pessoas tiveram dificuldade em responder, alegando, de imediato, que viveram muitos momentos marcantes e, conseqüentemente, muitas músicas que marcaram esses momentos. Na tabela a seguir, veremos as músicas que foram citadas como sendo a que, de fato, marcou a vida da pessoa:

Quadro 3 – Músicas que marcaram os entrevistados.

CANÇÃO	ARTISTA	ENTREVISTADO
1. A Chuva me Lembrou Você	Adílson Ramos	E3
2. Carinhoso	Pixinguinha	E5
3. Cinderela	Ângela Maria	E1
4. Conceição	Cauby Peixoto	E7
5. Folhas Mortas	Jamelão	E13
6. Mar de Rosas	The Fevers	E4
7. Olga	Adílson Ramos	E11
8. Rosa	Pixinguinha	E5

9. Tortura de Amor	Waldick Soriano	E12
10. Vingança	Núbia Lafayette	E10

Fonte: Elaboração própria.

Algumas das canções acima listadas foram gravadas por mais de um artista. Ao lado do título da música, está o nome do artista, indicando a versão da canção citada pela pessoa entrevistada. Com exceção de *Carinhoso* e *Rosa*, que, em virtude de a pessoa não especificar qual a versão, foi considerado o nome do autor das canções.

Aqui, é preciso esclarecer alguns fatos ligados à escolha dessas canções por essas pessoas. Das 13 entrevistadas, 8 conseguiram apontar uma “música específica” que marcou determinado acontecimento de suas vidas. E1 citou *Cinderela* e contou que esta canção lembrava o término de um relacionamento. E3, a princípio, falou que todas as músicas de Adílson Ramos fazem parte da “trilha sonora” da vida dela; porém, destacou *A chuva me lembrou você*, contando que se lembrava de encontros de família durante sua infância, com seus avós.

E4 relatou o seguinte: “A gente que vive, sempre tem alguma marca com uma música: lembra alguém, lembra um momento, né verdade?! Muitas músicas, muitas, muitas, muitas mesmo. É “n” músicas. Eu nem sei escolher uma”. Porém, voltou atrás e citou *Mar de Rosas*, alegando que esta canção lembrava os tempos de juventude, quando morava em São Paulo, em que ela ia para a “feirinha” na Praça da República e, depois, ia jogar boliche na Av. São João. Diz sentir falta disso até hoje. Já E5 citou *Rosa* porque, disse ela, lembrava sua mãe; e destacou também *Carinhoso*, não por lembrar algo, mas, por achar a música muito bonita.

E7 explicou que *Conceição* marcou muito sua vida, pois, foi num dos shows de Cauby Peixoto, durante a apresentação dessa canção, que ela dançou na chuva com a pessoa amada. Entretanto, lembrou-se de outro fato muito marcante para ela, mas, que não estava atrelado a uma canção especificamente: quando levou sua mãe e sua sogra ao Festival pela primeira vez e pode ver a emoção que elas sentiram ao ver aqueles artistas de perto; ela afirmou nunca se esquecer daquele momento.

Já E10 explicou que adora todas as canções de Núbia Lafayette, pois lembram muito a casa da sua avó, onde ouvia essas canções na radiola dela e, ao mesmo tempo, a faz lembrar de cabarés. Afirma que se lembra desses tempos até hoje. Entretanto, destacou a canção *Vingança*, como sendo a sua preferida. Ao passo que E11 citou *Olga* como música “favorita” e não como uma canção específica que tenha marcado algo em sua vida. Expôs ainda que já viveu muitos momentos importantes, mas, nunca marcou que música estava tocando naqueles momentos.

E12 destacou a canção *Tortura de Amor*, porque a faz se lembrar dos amores da vida e das paixões, declarando-se uma eterna romântica.

E13 afirmou: “Engraçado, não tenho, ou melhor, não faço uma correlação entre a música e a experiência biográfica. Sou levado pelo eu lírico e pela melodia. Posso cantar uma música triste a plenos pulmões sem relacionar isso com nada de minha vida, presente ou passada”. Contudo, não demorou muito para ela admitir que tinha uma, *Folhas Mortas*, e logo explicou o motivo: “Me lembro de sair da Praça do Arsenal para fazer alguma coisa e, quando volto, ele [Jamelão] começar a cantar. Chovia. E as pessoas cantavam num coro belíssimo, juntando-se à voz dele, que era um acontecimento à parte. Foi bem legal, bem emocionante”.

Não obstante, algumas pessoas relataram não ter uma música especial para recordar algo; ou, então, afirmaram ter várias. E2 falou que o cancionário de Os Incríveis e do grupo Golden Boys fazem parte de sua vida, são as canções desses dois grupos que embalam todos os momentos da vida dela, sem que haja destaque para alguma em específico. Assume, porém, que todas as canções desses dois grupos fazem com que ela reviva totalmente seus tempos de juventude.

E6 afirmou, categoricamente, não ter qualquer música para indicar como específica. Enquanto E8 listou os artistas Augusto César, Gilliard, José Augusto e Núbia Lafayette como sendo os artistas dos quais ela ama todas as músicas. Falou também que há vários momentos marcantes na vida dela e que esses momentos são sempre marcados por canções desses artistas, não sendo possível citar apenas uma em específico.

E9 explica que gosta de todas as músicas de Renato e seus Blue Caps, porque lembram a sua juventude, mas, afirma não haver uma canção específica que tenha marcado sua vida. No entanto, lembrou-se de um cantor local que se apresenta no Festival, quase sempre, aos sábados e que ele sempre encerra seu show cantando uma canção sobre “mãe”; muito embora, não lembre o nome do cantor e nem algum trecho da música. Disse que essa canção lhe comove bastante, por lembrar da casa onde morava com sua mãe, de vários momentos que vivenciou com ela naquele local e, consequentemente, da sua mãe também.

Portanto, é perceptível que, para a maioria das pessoas entrevistadas, a música teve um impacto extraordinário em suas vidas. Se formos mais a fundo nessa questão, veremos que, para quase todas, foi na infância e adolescência que essas pessoas tiveram os momentos mais significativos em suas vidas. Sobre isso, Frith afirma que:

A experiência da música pop é uma experiência de localização: em resposta a uma música, somos fortuitamente atraídos por alianças afetivas e emocionais

com os intérpretes e com as interpretações dos outros fãs. Mas a música é particularmente importante para esse processo de tomada de posição devido a um elemento específico da experiência musical, nomeadamente; sua intensidade direta emocional (Frith, 2001, p. 6).

É exatamente isso que as respostas dos entrevistados nos apresentam: uma série de experiências e vivências que ocorreram na infância e na adolescência, que foram importantes para essas pessoas, ao mesmo tempo, em que foram regados por essas canções que são apresentadas no Festival da Seresta. Canções estas que marcaram profundamente essas pessoas e, ao serem ouvidas novamente, têm o poder de exteriorizar os sentimentos mais profundos e nostálgicos dessas pessoas.

Como diz Nora: “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (Nora, 1993, p. 9). No caso do evento, a memória dessas pessoas vêm à tona provocadas pelas canções ouvidas e pelos artistas presentes. Essa combinação de fatores leva aqueles ouvintes a reviverem mental e sentimentalmente todas as vivências singulares pelas quais passaram um dia. Naquele momento, o passado se torna presente. Nesse sentido, cito o depoimento da cantora Edilza Aires, que descreve bem esse cenário:

Uma boa letra, uma boa melodia, te trazem para a realidade da vida, por mais que as pessoas se distanciem. Poder se ver, e ver 'sua história' traduzida na letra de uma canção. É como ir ao encontro de sua verdade. A gente sempre vai amar e ser amado, isso nunca vai deixar de ser falado em versos, prosas e canções (Edilza Aires, Blog LeiaJa, 10/05/2018).

Esse é o poder da música romântica: contar histórias de amor de pessoas desconhecidas como se as conhecesse. A canção *Killing Me Softly With His Song*, composta em 1971, por Charles Fox e Norman Gimbel, descreve uma pessoa que vê sua história sendo contada na letra da canção de forma tão real que até se envergonha, como se todos conhecessem sua história de amor não correspondido. Essa música teve inúmeras versões, mas, tornou-se mais conhecida através da versão de Roberta Flack⁵⁶. Abaixo segue a letra de uma das versões dessa canção em português:

Me Matando Suavemente Com Sua Música

Dedilhando a minha dor com os seus dedos,
Cantando a minha vida com suas palavras,
Me matando suavemente com sua música.

⁵⁶ Killing My Softly With His Song, na versão de Roberta Flack, 1973, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dx1XtKbEtfE>. Acesso em: 28 maio 2021.

Contando toda minha vida com suas palavras,
Me matando suavemente com sua música.

Ouvi dizer que ele cantou uma boa música;
Ouvi dizer que ele tinha estilo;
Então eu vim para ver ele
E ouvir por um tempo
E lá estava ele.
Esse garotinho, estranho para os meus olhos,

Dedilhando a minha dor com os seus dedos,
Cantando a minha vida com suas palavras,
Me matando suavemente com sua música.
Contando toda minha vida com suas palavras,
Me matando suavemente com sua música.

Me senti toda corada, com febre,
Envergonhada pela multidão.
Senti que ele encontrou minhas cartas,
Então, leu cada uma delas em voz alta.
Rezei para que ele terminasse,
Mas, ele só continuou

Dedilhando a minha dor com os seus dedos,
Cantando a minha vida com suas palavras,
Me matando suavemente com sua música.
Contando toda minha vida com suas palavras,
Me matando suavemente com sua música.

Ele cantou como se me conhecesse
Em todo meu desespero obscuro;
E, então, ele olhou através de mim,
Como se eu não estivesse lá,
E ele continuou a cantar.
Cantando alto e claro,

Dedilhando minha dor com seus dedos,
Cantando minha vida com suas palavras,
Matando-me devagar com sua canção.
Contando toda minha vida
Com suas palavras,
Matando-me devagar com sua canção.

As entrevistas mostraram que é, mais ou menos, assim que os frequentadores do Festival se sentem: como se os artistas contassem suas histórias através daquelas canções. É certo que alguns revelaram lembrar de momentos avessos a histórias de amor; porém, outros relataram que aquelas canções lembram coisas, tais como: sua adolescência, juventude, relacionamento rompido, os amores da vida e as paixões. Portanto, essa canção descreve bem a relação que há entre artista – canção – ouvinte.

Ao final da entrevista, foi solicitado que cada uma das pessoas entrevistadas listassem alguns pontos negativos em relação ao evento, ou alguns pontos que necessariamente não fossem negativos, mas, que poderiam melhorar. De acordo com as respostas, foi possível listar 18 pontos entre os negativos e os que poderiam melhorar. A seguir, apresentaremos uma relação com os pontos elencados:

1. A infraestrutura não é boa para o público;
2. Aproveitar mais os cantores antigos enquanto eles ainda estão vivos;
3. Colocar cadeiras, como fazem no Baile do Menino Deus;
4. Colocar toldos para proteger o público da chuva; principalmente os mais idosos;
5. Fazer uma enquete com o público sobre quais artistas deveriam participar;
6. Mais publicidade para o evento;
7. Mais segurança na região circunvizinha;
8. Melhorar o acesso dos fãs aos camarins para evitar filas imensas;
9. Mudar para o Marco Zero; a Praça do Arsenal é apertada e não dispõe de espaço amplo para dançar;
10. O som às vezes não é bom, poderia melhorar;
11. Os artistas bons não deveriam morrer.
12. Prestigiar mais os cantores locais;
13. Repensar a multiculturalidade;
14. Resolver a questão da demora entre uma atração e outra;
15. Selecionar melhor os artistas;
16. Trazer cantores de mais qualidade;
17. Uso de dois palcos para não perder tempo entre um show e outro;
18. Voltar a utilizar a estrutura coberta com tablado para o pessoal dançar;

Os pontos 15 e 16 são similares, mas, com uma perspectiva diferente. No item 15, a pessoa entrevistada se refere ao tipo de repertório do artista e ao comportamento em público. Por exemplo, E10 considera a vinda da banda Faringes da Paixão “uma forçação de barra”, por dois motivos: o tipo de repertório, que não era adequado à proposta do evento, e o caráter debochado dos músicos no palco. Para ela, não tem nada a ver com o espírito romântico do Festival.

Sobre o item 16, é importante mencionar que foi o ponto que mais foi citado, totalizando quatro vezes. E1, E2, E4 e E6 defendem uma análise mais criteriosa na hora de escolher os

artistas, em relação à performance. E4 cita, como exemplo, a participação da cantora Silvinha e afirma não ter sido uma apresentação notável. Sobre isso, ela afirmou o seguinte: “Como é que uma pessoa se expõe daquele jeito? [...] sem voz! [...] a gente fica assim: chateado, impactado com aquilo! Nós choramos!”.

O segundo ponto mais citado foi o item 12, mencionado por três pessoas, a saber, E1, E4 e E10. E4 justifica que os artistas nacionais têm a chance de se apresentarem em outros espaços, enquanto os cantores locais, não têm tantas oportunidades. Ela cita o exemplo de uma sobrinha, conhecida por Lalinha, que faz parte do grupo Os Novos Boêmios, mas, que tem muita dificuldade em agendar shows, além de receber poucos convites. Para E4, além de sua sobrinha, existem vários artistas locais que são maravilhosos e poderiam fazer parte da grade de artistas do Festival da Seresta. Ela também sugere que haja algum tipo de seleção mais exigente para a escolha desses artistas; sorteio, enquete, pedir opinião de alguma forma, ou qualquer outro artifício que ajude a selecionar melhor os participantes.

O local onde o evento acontece foi o terceiro ponto mais citado. Três pessoas consideram a Praça do Arsenal, um local apertado por algumas razões. E7, E8 e E11 alegam que o Marco Zero seria o local ideal para o Festival, porque acomodaria melhor a multidão que frequenta o evento e teria mais espaço para as pessoas dançarem. E12 sugere a colocação de toldos e de cadeiras para o público, ou parte dele. Diz ainda que o palco é ótimo para quem está se apresentando, mas, para o público, não, pois ficar tantas horas em pé “é cruel”, principalmente para os idosos.

É de E3 a ideia de voltar a utilizar a pista de dança coberta, que existia nas primeiras edições, bem como o reforço na segurança nos arredores do local e mais investimento na questão da propaganda. Para ela, um evento como o Festival da Seresta precisa de mais divulgação. E5 sugeriu a melhoria do som, mas, disse que é tão “gamada” no evento que não considera isso um ponto negativo, apenas um ponto a melhorar. E6 propõe aproveitar mais os cantores antigos enquanto eles ainda estão vivos; ela chama a atenção para o nível dos cantores. Também sugere que, num Festival em que já se apresentaram Ângela Maria e Cauby Peixoto, tem que subir o nível dos artistas.

E7 afirma que gosta do formato do evento, mas reclama da demora entre os shows; enquanto E8, que também reclama da demora entre um show e outro, sugere a montagem de dois palcos para que, quando um artista estiver desmontando seus equipamentos num palco, outro artista já comece a ligar seus equipamentos no segundo palco. Desta forma, segundo ela, o intervalo entre dois shows seria bem menor, reduzindo a ansiedade e o cansaço do público e, consequentemente, não se perderia tanto tempo. E8 também se queixou de filas imensas na hora

de ir ao camarim para pedir autógrafo aos artistas. Ela sugere que esta parte seja repensada e que seja feita de uma forma que as filas não sejam tão longas. O artista atende a todos, mas após ficar um longo tempo em pé, ainda ter que enfrentar uma fila para pedir um autógrafo, torna-se muito mais cansativo ainda para os que vão em busca de autógrafos ou tietagem.

E10 questiona o tema da multiculturalidade. Ela declara que esta forma de abranger todos os ritmos, todos os estilos e gêneros num só evento, faz com que a essência se perca, a característica que lhe é peculiar. Para ela, esta questão deve ser repensada. Como estamos falando de pontos negativos, apresentarei a seguir um desabafo feito por E3. Ela começa falando num sentido geral, mas acaba descrevendo mais um problema que acontece no Festival. Vejamos:

Quando você tem uma atração no shopping, você vai ver o cachê que eles pagam para o músico e para o cantor e você fica arrepiado. Como é que pode a desvalorização do artista aqui ser tão grande? É como no Festival da Seresta, você vê o cachê do cantor, por exemplo, de Gilliard e vê o cachê de Mozart... a gente vai para o camarim, aí você vê o camarim de Gilliard e vai ver o camarim de Mozart, você fica chocada! Um desrespeito com o artista igual ao outro. Só porque o outro mora lá no sul, né, aí você fica assim olhando... a Wanderléa mesmo, quando vem, o camarote dela tem ar-condicionado, comida, sushi, champanhe, a gota serena. No de Mozart, nem sanduíche de mortadela tinha (risos) e foi no mesmo dia, entendeu! Aí você vê a diferença do tratamento. É uma pena! A gente tem coisas boas aqui. É uma pena, meu bem. Se botar na balança, a desvalorização do artista local é inacreditável. É inacreditável! (E4, 2022).

A fala de E3 é pertinente e retrata bem o tipo de tratamento dado a vários artistas. Para ela, a desvalorização acontece com os artistas locais, enquanto os “de fora” são valorizados. Mas, existem outros eventos em que há mais de um artista local, no qual um é mais valorizado que o outro. Por exemplo: na contratação de um grupo de músicos para cantar em um casamento, os cantores recebem menos que os instrumentistas; ou para se apresentar em um barzinho que oferece música ao vivo, nem todos recebem o mesmo cachê. Este é um assunto muito importante a ser discutido e carece de um estudo mais aprimorado, porém, não é este o momento.

Apesar da pergunta ser sobre pontos negativos e pontos a melhorar, houve alguns elogios também. A opinião de E13 é bem interessante. Ela afirma o seguinte: “Vou destacar um ponto negativo, apenas: os artistas, vários deles ídolos meus como Nelson Gonçalves, Mário Lago etc. morrem. Eles não deviam morrer. Eles, não”. Está implícito, em suas palavras, que ela não encontra pontos negativos, de fato, apenas se lamenta pela morte dos seus ídolos.

Mas, há outros elogios também. E8, apesar de sugerir algumas melhorias, reconhece que o Festival é “bem-organizado”. Ela diz ainda que gosta muito do evento e que sente falta dele durante o tempo em que não acontece. Já E9 afirma que tudo funciona bem e que ela não tem nenhuma observação negativa a fazer. Já positivas, ela tem todas. Chama a atenção para a pontualidade dos artistas, bem como o fato deles respeitarem o público e sempre cantarem o que o público quer. Também gosta e acha bonito quando o povo canta e dança, interagindo com os artistas. E10 diz que o Festival “é muito legal” e que eles [os organizadores] primam pela qualidade; enquanto E11 considera as atrações “bem bacanas para o que o Festival propõe”.

Portanto, há várias queixas, mas, também, elogios, embora em menor quantidade. No entanto, isto é compreensível, pelo fato da pergunta se referir a falhas e não a coisas que deram certo. Por outro lado, elogiar, no lugar de apontar defeitos, demonstra o quanto o evento é importante para as pessoas que assim procederam.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou retratar o Festival Nacional da Seresta, desde a ideia inicial sobre o evento até os menores detalhes. Procurou-se abordar vários aspectos, dentre eles, o formato, a relação com o bairro do Recife, a curadoria, a natureza do repertório e a simbologia do evento para o público. A escolha do tema se deu pelo fato de não haver, até o momento desta pesquisa, qualquer trabalho escrito que verse sobre a matéria. Essa ausência de literatura me incomodou bastante e despertou em mim o desejo de realizar esta pesquisa, tornando-a pioneira e relevante. Dessa forma, ao final desta jornada, seria possível apresentar à comunidade acadêmica e à sociedade, de modo geral, um relato do que é o Festival Nacional da Seresta, bem como suas implicações.

Para a realização deste trabalho, foram feitas pesquisas em diversos documentos, tais como: matérias jornalísticas, reportagens em rádio e TV, consultas em blogs, sites, páginas da web e afins; além de pesquisa bibliográfica. Também foram realizadas entrevistas com o produtor musical do evento, um músico e algumas pessoas que frequentam o evento; assim como várias conversas com o produtor musical e a produtora operacional do Festival da Seresta. Além disso, ocorreram visitas a diversos locais públicos, a saber: Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emerenciano, Museu da Cidade do Recife, Prefeitura da cidade do Recife, Unidade de Licenciamento de Zonas Especiais – ULZE, Secretaria de Planejamento, Gestão e Transformação Digital da Prefeitura do Recife e Autarquia de Urbanização do Recife – URB, com vistas a adquirir informações e imagens que pudessem corroborar a pesquisa.

Para se ter uma compreensão do que é o Festival Nacional da Seresta, três objetivos específicos foram definidos. O primeiro foi identificar qual o tipo de relação que o público mantém com o evento. Verificou-se que as pessoas de mais idade, em grande parte, vão ao Festival por dois motivos: primeiro porque a maioria das pessoas está na faixa etária acima dos 50 anos e considera muitos dos artistas, que se apresentam no festival, seus ídolos, desde os tempos de adolescência e juventude; segundo, porque as canções dos seus ídolos lembram momentos, situações ou experiências que essas pessoas viveram, ou tiveram, e que, conseqüentemente, marcaram suas vidas. Já as pessoas mais jovens, em sua maioria, vão por pura diversão.

Depois, procurou-se compreender qual é a relevância do evento para o plano de revitalização no bairro do Recife. Inicialmente, ficou constatado que introduzir eventos musicais dentro de um plano de revitalização de um bairro é uma prática comum, presente em várias capitais brasileiras e, portanto, não se trata de um fenômeno único o que ocorre aqui. Por

outro lado, o Festival retrata alguns aspectos que o torna relevante neste cenário de renovação do bairro.

Foi averiguado que o Festival Nacional da Seresta trouxe para o bairro lembranças de um passado no qual a localidade era conhecida como bairro boêmio. Não se trata daquela boemia do passado representada por mulheres, bebida e prostituição; mas, uma boemia nova, diferente, em que podem fazer parte dela, homens, mulheres, famílias, crianças, enfim, todas as pessoas. A boemia voltou, mas, voltou modificada. Representando, portanto, uma tradição inventada (Hobsbawm, 2000).

Por tudo que já foi dito, o Festival da Seresta torna-se relevante dentro do plano de revitalização do bairro porque, além de ser um evento único do gênero e atrair muitos idosos, ele traz de volta ao bairro o estilo de vida boêmio que havia se perdido; tornando-o mais atrativo e movimentado. Em linhas gerais, a música chegou para dar um sentido a essa revitalização do espaço, bem como para dar um colorido ao local. Nesta perspectiva, o evento colabora com o Plano de Revitalização do bairro do Recife porque consegue atingir os objetivos que foram pensados quando de sua criação. Esses objetivos visavam: (1) a movimentação e a animação no bairro num período em que não havia grandes eventos; (2) a mobilização de pessoas mais velhas em direção ao bairro para assistir um evento de grande porte, pensado à princípio para eles; e (3) o uso de um repertório de gêneros e estilos musicais de canções românticas, que fizeram sucesso numa época em que o bairro viveu seu período de boemia e que, hoje, essas canções dão ao bairro um sentido boêmio.

Outrossim, o evento proporciona lazer para todas as pessoas, mas o seu público é formado, em sua maioria, por pessoas mais velhas, acima dos 50 anos, de acordo com tudo que já foi falado. Nesse sentido, o Festival cumpre o seu papel inicial, que era ser um evento voltado para as pessoas da terceira idade, uma vez que, até aquele momento, não havia, na cidade do Recife, qualquer evento voltado para esse grupo de pessoas. No Festival, é possível ver jovens, adolescentes, crianças, famílias inteiras; porém, a fatia maior desse público é formada por pessoas mais velhas.

Por fim, e não menos importante, buscou-se explicar, de forma concisa, como se dá o processamento da música na memória. Nesta perspectiva, foi feita uma pesquisa bibliográfica com o intuito de compreender como a música se processa no cérebro das pessoas e porque nos identificamos mais com algumas músicas em detrimento de outras. É importante entender como a música se processa no cérebro, pois, assim, poderemos compreender porque aquelas pessoas gostam mais das músicas que ouviam em sua adolescência e juventude do que das atuais.

Após a leitura da bibliografia, verificou-se que é na adolescência que as expressões musicais são absorvidas e as lembranças são etiquetadas como algo importante em nossas memórias, principalmente aquelas que se referem à música, porque esta tem uma carga emocional muito forte. Também se constatou que as canções que mais nos marcam são aquelas que ouvimos na adolescência; pois, após a adolescência, dificilmente desenvolvemos novos gostos. Desta maneira, tornou-se oportuna a realização de um breve estudo sobre como se dá o processo de formação de uma identidade musical para, assim, tentar compreender porque o público mais velho do Festival da Seresta se identifica tanto com aquelas canções do passado.

A pesquisa levou-nos à conclusão de que há um vínculo entre o conceito de seresta, no Festival da Seresta, e a ideia de nostalgia. Isso vai explicar, inclusive, as mudanças no repertório ao longo do tempo. Porque as referências dessa nostalgia mudam com o tempo, à medida que o público vai envelhecendo, e se este e as referências mudam, logo, o repertório do também mudará. Portanto, tanto para quem promove quanto para quem aprecia o Festival da Seresta, o evento é sinônimo de nostalgia.

O público velho de hoje não é o mesmo de 30 anos atrás, e daqui a 30 anos, ele mudará novamente porque o público jovem de hoje vai envelhecer. Dessa forma, o repertório do evento, em 1995, já não é o mesmo apresentado nos últimas edições, da mesma forma que não o será daqui a 30 anos. Assim, as referências de nostalgia (o repertório) em 1995 diferem das referências de 2019, por exemplo, do mesmo modo que as referências daqui a 30 também serão outras.

Por esta razão, verificou-se que, ao longo dos primeiros 25 anos em que o Festival aconteceu, outros gêneros musicais mais recentes passaram a integrar o repertório do evento e, dessa forma, passaram a ser enquadrados nesse conceito de nostalgia. Reafirmando a tese de que as experiências que se tem na juventude são as que vão definir o que é a nostalgia do futuro. Desta forma, o Festival Nacional da Seresta é importante para os frequentadores, porque traz canções românticas de uma época em que a maioria dessas pessoas vivenciaram histórias marcantes em seu tempo de infância, adolescência e juventude, principalmente, na juventude; e que essas canções, ao serem cantadas no evento, se tornam nostálgicas porque lembram esses momentos marcantes experimentados por esses frequentadores.

Por último, a pesquisa revelou que o Festival Nacional da Seresta, no bairro do Recife, diante de tudo que já foi analisado, trata-se de uma tradição inventada. Pelo seu local – um bairro que resgata a história do passado, porém, de forma reorganizada, trazendo significados diferentes para os atuais frequentadores; pelo próprio Festival, que difere dos demais eventos de seresta espalhados pelo Brasil, tanto em relação ao seu formato quanto pela forma como é

viabilizado; e, por último, porque traz em seu repertório, não só as canções românticas já consagradas como música de seresta, mas inclui gêneros musicais que nunca fizeram parte do rol de músicas para seresta. Essa volta ao passado revestida de elementos novos faz com que o evento se torne único em toda sua estruturação e, por essa razão, classifica o Festival Nacional da Seresta como uma tradição inventada.

Com isso, a hipótese do trabalho de que o Festival Nacional da Seresta precisa se tornar conhecido de todos, principalmente da academia, se confirmou, pois se trata de um evento grande e com características próprias, que são: um evento com artistas renomados nacionais, mas, que até esta pesquisa, não havia despertado o interesse da academia, de jornalistas, escritores etc.; único evento pensado para pessoas mais velhas, embora também façam parte do público, pessoas de todas as idades; um evento saudosista, em função do repertório que apresenta, que proporciona aos frequentadores reviver as boas histórias do seu passado; um evento que recorda a época boêmia do bairro; e, por fim, mas não menos importante, um evento que contribui com a cultura musical da cidade e oferece à população mais uma oportunidade de lazer. Sendo assim, a escrita deste trabalho veio colaborar para que a história do Festival Nacional da Seresta se torne conhecida e fique registrada.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa permitiram angariar uma série de informações substanciais que serviram de base para este trabalho. Esses instrumentos se complementaram, agregando ou ratificando os dados, contribuindo, dessa forma, para um texto mais consistente. Embora, a falta de trabalhos escritos sobre o evento tenha tornado a pesquisa exaustiva. Às vezes, reportagens diferentes transmitiam informações contrastantes a respeito do mesmo assunto, fazendo com que fosse necessário usar mais tempo em busca da informação correta. Outras vezes, a informação desejada não era encontrada em nenhuma das fontes; dessa forma, era necessário recorrer diretamente à pessoa envolvida em busca dos dados corretos.

Este trabalho torna-se pioneiro, mas, está longe de esgotar o tema, existem lacunas; como, por exemplo: as classes sociais às quais o público pertence. É certo que muitas intervenções ainda precisam ser feitas e que este trabalho é apenas o início de muitos outros que poderão vir; é necessário que haja mais pesquisas na área. Em trabalhos futuros, pode-se aprofundar mais esse tema, de forma que venha a complementar as informações aqui apresentadas e, assim, contribuir com os resultados que foram obtidos. Também, seria relevante o levantamento de possíveis temas referentes ao objeto desta pesquisa para aprofundamento e complementação deste estudo. Por fim, este trabalho torna-se um marco para a academia, por se tratar do primeiro trabalho escrito sobre o Festival Nacional da Seresta.

REFERÊNCIAS

“QUERO morrer feliz com o meu público”. **Jornal do Commercio**, Recife, maio 1998. Caderno C: música, p. 10.

12º FESTIVAL da seresta começa nesta quarta. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 10 maio 2006. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?TipoPesq=&FontColor1=1&FontColor2=1&FontColor3=1&PChave2=&PChave3=&P=1&GrupoCodigo=15&PesAnt=21310&DataIni=01/05/2006&DataFim=28/05/2006&PChave=Seresta&TipoMateriaCodigo=0&GrupoCodigoMateria=15#PesAntApr>. Acesso em: 22 ago. 2020.

13º FESTIVAL nacional da seresta começa nesta quarta. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 8 maio 2007. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?GrupoCodigo=15&UltAnt=27642&DatAnt=08/05/2007&GrupoCodigoMateria=15>. Acesso em: 22 ago. 2020.

15º FESTIVAL nacional da seresta é aberto ao som da jovem guarda. **Prefeitura do Recife**: cultura. Recife, 7 maio 2009. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/2009/05/07/15_festival_nacional_da_seresta_e_aberto_ao_som_da_jovem_guarda_166597.php. Acesso em: 22 ago. 2020.

16º FESTIVAL da seresta do Recife. **Blog Musicaria Brasil**. Recife, 16 maio 2010. Disponível em: <https://musicariabrasil.blogspot.com/2010/05/16-festival-da-seresta-do-recife.html>. Acesso em: 22 ago. 2020.

20 ANOS de festival nacional da seresta. **Agenda cultural do Recife**. Recife, 5 maio 2014. Disponível em: <http://agendaculturaldorecife.blogspot.com/2014/05/20-anos-de-festival-nacional-da-seresta.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

20ª EDIÇÃO do Festival Nacional da Seresta começa nesta quarta (04) no Recife. **Prefeitura do Recife**: Secretaria de Cultura. Recife, 3 maio 2016. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/03/05/2016/20a-edicao-do-festival-nacional-da-seresta-comeca-nesta-quarta-04-no-recife>. Acesso em: 22 ago. 2020.

24º FESTIVAL Nacional da Seresta. **Rádio Pernambuco.com**. [S.l. c2018]. Disponível em: <https://radiopernambucana.com/noticia/315152/festival-nacional-da-seresta-leva-shows-gratuitos-ao-bairro-do-recife>. Acesso em: 21 ago. 2020.

25º FESTIVAL Nacional da Seresta começa nesta quarta-feira (9). **Prefeitura do Recife**: Fundação de Cultura da Cidade do Recife. Recife, 7 maio 2018. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/07/05/2018/24o-festival-nacional-da-seresta-comeca-nesta-quarta-feira-9>. Acesso em: 22 ago. 2020.

AGRICIO, Geisa. HOJE é noite de seresta eclética. **Jornal do Commercio**, Recife, 5 maio 2004. Caderno C: música, p. 6.

AGUIAR, Poliana; REBÊLO, Cláudia. 19º festival nacional da seresta. **CLICKREC**. Recife, 7 maio 2013. Disponível em: <https://clickrec.com.br/2013/05/19o-festival-nacional-da-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ALIVE INSIDE: a story of music and Memory featurette. Direção de Michael Rossato-Bennett; produção de Alexandra McDougald, Regina K. Scully. Estados Unidos: Studio BOND/360, jul. 2014. 1 vídeo (78 min.), son., color.. Legendado: PTBR. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aN_Cpd_NpMY. Acesso em: 19 mar. 2021.

AMORIM, Dora. Chuva não afasta público da seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 19 maio 2011. Caderno C, p. 6.

ANDRADE, Mário de. **Dicionário Musical Brasileiro**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1989.

ANDRADE, Mário de. **Pequena História da Música**. Belo Horizonte: Livraria Martins Editora, 1980.

ÂNGELA Maria comanda shows na noite dos boleros. **Diário de Pernambuco**. Recife, 8 maio 2008. Viver, E4.

ANUNCIADA como destaque do Festival da Seresta 2016, Vanusa cancela apresentação. **DIÁRIO de Pernambuco**: Viver/Diário. Recife, 3 maio 2016. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/05/anunciada-como-destaque-do-festival-da-seresta-2016-vanusa-cancela-ap.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ARAÚJO, Mateus. Noites de romantismo no Recife. **Jornal do Commercio**, Recife, 19 maio 2012. Caderno C, p. 6.

ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro, não**: música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

ARAÚJO, Pedro. Recife apresenta o 25º Festival Nacional da Seresta. **PE Notícias**. Recife, 1 maio 2019. Disponível em: <http://penoticias.com.br/blog/recife-apresenta-o-25o-festival-nacional-da-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

ARTESÃOS do Recife expõem no festival nacional da seresta. **Prefeitura do Recife**: notícias. Recife, 8 maio 2013. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/08/05/2013/artesaos-do-recife-expoem-no-festival-nacional-da-seresta>. Acesso em: 22 ago. 2020.

AS CANÇÕES. Direção: Eduardo Coutinho. Produção executiva: João Moreira Salles e Maurício Andrade. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 2011. 1 vídeo (96 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i9zWUInNdPI> Acesso em: 19 mar. 2021.

ASSUMPÇÃO, Michelle de. Jovem Guarda embala seresta. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 maio 2008. Viver, D1.

ASSUMPÇÃO, Michelle de. Uma noite para os românticos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 maio 1998. Viver, p. 1.

BAIRRO do Recife é hora de *pingos de amor*, no. **Jornal do Commercio**, Recife, 14 maio 2011. Caderno C: cultura, p. 5.

BAIRRO do Recife recebe festival nacional da seresta a partir de quarta. **G1**. Recife, 6 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/musica/noticia/2014/05/bairro-do-recife-recebe-festival-nacional-da-seresta-partir-de-quarta.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BERNARDES, Denis. **Recife**: o caranguejo e o viaduto. Recife: Ed. Universitária, 2013.

BEZERRA, Eugênia. Festa para românticos no Marco Zero. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2008. Caderno C: show, p. 4.

BOLDRINI, Thayse. DETALHES do festival nacional da seresta. **Blog João Alberto**. Recife, 3 maio 2014. Disponível em: <https://www.joaualberto.com/2014/05/03/detalhes-do-festival-nacional-de-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

BOLERO é o ritmo da segunda noite do 7º Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 24 maio 2001. Caderno C: roteiro, p. 4.

BONS shows abrem o Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 1996. Caderno C: música, p. 6.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983

BRASILEIRO, Paula. FESTIVAL DA Seresta chega à 24ª edição de muito romantismo. **Blog LeiaJá**. Recife, 8 maio 2018. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2018/05/08/festival-da-seresta-chega-24a-edicao-de-muito-romantismo/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

BRASILEIRO, Paula. Música romântica toma conta da Praça do Arsenal. **Blog LeiaJá**. Recife, 6 maio 2015. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2015/05/06/musica-romantica-toma-conta-da-praca-do-arsenal/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CALADO, Maria Nina. Uma multidão muito romântica. **Jornal do Commercio**, Recife, p. 6, 12 maio 1995.

CAMÊLO, Tarcísio. Festival da seresta 2008. **Jornal cultural**. Recife, 6 maio 2008. Disponível em: <http://jornalcultural.blogspot.com/2008/05/festival-da-seresta-2008.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CANTAR é preciso. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 maio 1997. Viver: fim de semana, D4.

CARPEGIANI, Schneider. Bons seresteiros não tem medo de chuva. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2009. Caderno C, p. 6.

CASTRO, Ruy. **A noite do meu bem**: a história e as histórias do samba-canção. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CHUVA não desanimou os seresteiros. **Jornal do Commercio**, Recife, 12 maio 2018. Caderno JC+: festival, p. 7.

CHUVA não diminuiu animação. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2008. Capa dois.

COMEÇA o festival da seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 5 maio 1999. Caderno C.

COMEÇA o festival nacional da seresta no Recife. **Prefeitura do Recife**: cultura. Recife, 4 maio 2015. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/04/05/2015/comeca-o-festival-nacional-da-seresta-no-recife>. Acesso em: 22 ago. 2020.

COMEÇOU o VII festival nacional da seresta. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 24 maio 2001. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?TipoPesq=&FontColor1=0&FontColor2=1&FontColor3=1&PChave2=&PChave3=&P=1&GrupoCodigo=15&PesAnt=2851&DataIni=01/05/2001&DataFim=28/05/2001&PChave=Seresta&TipoMateriaCodigo=0&GrupoCodigoMateria=15#PesAntApr>. Acesso em: 22 ago. 2020.

CONTENTE, Renato. Os embalos românticos de um sábado à noite. **Jornal do Commercio**, Recife, 14 maio 2012. Caderno C, p. 6.

CROBIN. Festival nacional da seresta. **Blog Fernando Machado**. Recife, 4 maio 2010. Disponível em: <https://www.fernandomachado.blog.br/novo/festival-nacional-da-seresta-2/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CROBIN. Festival nacional da seresta. **Blog Fernando Machado**. Recife, 6 maio 2009. Disponível em: <https://www.fernandomachado.blog.br/novo/festival-nacional-da-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CTTU interdita ruas e monitora trânsito durante o 19º festival nacional da seresta. **PREFEITURA do Recife**: notícias. Recife, 9 maio 2013. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/09/05/2013/cttu-interdita-ruas-e-monitora-transito-durante-o-19o-festival-nacional-da>. Acesso em: 22 ago. 2020.

DANÇAR coladinho, Para. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. D4, 8 maio 2009.

Dicionário Houaiss ilustrado (da) música popular brasileira/Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin; Ricardo Castro Albin (criação e supervisão geral). Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.

DIVULGADA programação do Festival Nacional da Seresta de Recife. **Voz do planalto:** o seu jornal. Carpina/PE, 6 maio 2014. Disponível em: <https://www.vozdoplanalto.com.br/divulgada-programacao-de-festival-nacional-da-seresta-de-recife/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DO BOLERO ao samba no festival da seresta. **Prefeitura do Recife:** coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 6 maio 2003. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?TipoPesq=&FontColor1=0&FontColor2=1&FontColor3=1&PChave2=&PChave3=&P=1&GrupoCodigo=15&PesAnt=7214&DataIni=01/05/2003&DataFim=28/05/2003&PChave=Seresta&TipoMateriaCodigo=0&GrupoCodigoMateria=15#PesAntApr>. Acesso em: 22 ago. 2020.

DOIS pra lá e dois pra cá na Arsenal. **Jornal do Commercio**, Recife, 12 maio 2006. Caderno C: em cartaz.

DUARTE, Cynara. Festival nacional da seresta em Recife com noite declarada às mães. **Blog casinha da cys**. Recife, 6 maio 2013. Disponível em: <http://www.casinhadacys.com/2013/05/festival-nacional-da-seresta-em-recife.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FABBRI, Franco. Uma teoria dos gêneros musicais: duas aplicações. Marcio Giacomini Pinho (tradutor), **Revista Vórtex**, Curitiba, v.5, n.3, 2017, p.1-31

FARIAS, Raphael Fernandes Lopes. Bolero, samba-canção e sambolero: matrizes, nomadismo e hibridismo de gêneros musicais latino-americanos no Brasil, anos 1940 e 1950. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, MA, Brasil, v. 19, n. 36, jan./jun. 2018

FEITOSA, Aline. Noitadas românticas reúnem público cativo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 4 maio 2005. Viver, C6.

FERRAZ, Carlos. Recife recebe o 23º Festival Nacional da Seresta: 10 a 13 de maio de 2017. **Jornal digital opinião triunfo**. Triunfo/PE, 9 maio 2017. Disponível em: <http://opiniaotriunfodigital.blogspot.com/2017/05/recife-recebe-o-23-festival-nacional-da.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta chega a 20ª edição no Recife. **Governo do estado de Pernambuco:** cultura.PE. Recife, 6 maio 2015. Disponível em: <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/musica/festival-da-seresta-chega-a-20a-edicao-no-recife/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta começa hoje, 8. **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 maio 2002. Viver: show, D6.

FESTIVAL da Seresta começa nesta quarta (06) na Praça do Arsenal. **JC online**. Recife, 6 maio 2015. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2015/05/06/festival-da-seresta-comeca-nesta-quarta-06-na-praca-do-arsenal-179972.php>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta despede-se com bolero e velha guarda. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2004. Caderno C, p. 5.

FESTIVAL da Seresta e romantismo. **Jornal do Commercio**, 5 maio 2000. Caderno C, p. 4.

FESTIVAL da seresta é sucesso absoluto. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 10 maio 2004. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?TipoPesq=&FontColor1=0&FontColor2=1&FontColor3=1&PChave2=&PChave3=&P=1&GrupoCodigo=15&PesAnt=12259&DataIni=01/05/2004&DataFim=28/05/2004&PChave=Seresta&TipoMateriaCodigo=0&GrupoCodigoMateria=15#PesAntApr>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta embala os apaixonados de 8 a 11 de maio. **Diário de Pernambuco**. Recife, 3 maio de 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/05/festival-da-seresta-embala-os-apaixonados-de-8-a-11-de-maio.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta ganha versão mais compacta: evento será realizado no Marco Zero, de amanhã até sábado. **Jornal do Commercio**, Recife, 5 maio 1998. Caderno C: música, p. 6.

FESTIVAL da Seresta homenageia mães. **Jornal do Commercio**, Recife, 6 maio 2005. Caderno C: show, p. 5.

FESTIVAL da Seresta lota o bairro do Recife, 2. **Jornal do Commercio**, Recife, 13 maio 1996. Caderno C, p. 6.

FESTIVAL da Seresta no clima dos Anos 70. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2007. Caderno C: roteiro JC, p. 2.

FESTIVAL da seresta no Marco Zero. **Prefeitura DO Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 6 maio 2002. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?TipoPesq=&FontColor1=0&FontColor2=1&FontColor3=1&PChave2=&PChave3=&P=1&GrupoCodigo=15&PesAnt=4109&DataIni=01/05/2002&DataFim=28/05/2002&PChave=Seresta&TipoMateriaCodigo=0&GrupoCodigoMateria=15#PesAntApr>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL da seresta reuniu mais de 45 mil pessoas. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 15 maio 2006. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?GrupoCodigo=15&UltAnt=21395&DatAnt=15/05/2006&GrupoCodigoMateria=15>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL da seresta reuniu mais de 45 mil pessoas. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 15 maio 2006. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?GrupoCodigo=15&UltAnt=21395&DatAnt=15/05/2006&GrupoCodigoMateria=15>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta se despede. **Jornal do Commercio**, Recife, 8 maio 2004. Caderno C: em dia, p.2.

FESTIVAL da Seresta terá noites com programação temática. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2002. Caderno C: show, p.6.

FESTIVAL da Seresta terá Vanusa como destaque. **JC online**. Recife, 26 abr. 2016. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/04/26/festival-da-seresta-tera-vanusa-como-destaque-232873.php>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta traz Adílson Ramos, Gilliard e Ângela Maria. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2013. Caderno C, p. 2.

FESTIVAL da seresta traz ao Recife Moacyr Franco, Joanna e Timóteo. **G1**. Recife, 7 maio 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/05/festival-da-seresta-traz-ao-recife-moacyr-franco-joanna-e-timoteo.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta traz boemia ao Recife Antigo. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 4 maio 2005. Disponível em: <http://noticias.recife.pe.gov.br/index.php?TipoPesq=&FontColor1=0&FontColor2=1&FontColor3=1&PChave2=&PChave3=&P=1&GrupoCodigo=15&PesAnt=16110&DataIni=01/05/2005&DataFim=28/05/2005&PChave=Seresta&TipoMateriaCodigo=0&GrupoCodigoMateria=15#PesAntApr>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL da Seresta traz romance ao Recife a partir desta quarta. **TV Jornal**. Recife, 8 maio 2019. Disponível em: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias-da-manha-pe/2019/05/08/festival-da-seresta-traz-romance-ao-recife-a-partir-desta-quarta-123451>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL da seresta vai começar hoje no Recife. **Jornal do Commercio**, Recife, 8 maio 1996. Cidades.

FESTIVAL da seresta, Altemar Dutra Jr., **O. Canal Ponte Aérea**. São Paulo, 12 out. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G4xNGux_j8M. Acesso em: 12 jan. 2024.

FESTIVAL inteiro só para cantar as dores de amores dos seresteiros, Um. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2000. Caderno C: música, p. 6.

FESTIVAL nacional da seresta agita o Marco Zero a partir desta quarta. **Prefeitura do Recife**: notícias. Recife, 3 maio 2011. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/03/05/2011/festival-nacional-da-seresta-agita-o-marco-zero-partir-desta-quarta>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL Nacional da Seresta brinda o amor, 20. **Jornal do Commercio**, Recife, 9 maio 2014. Caderno C: show, p. 7.

FESTIVAL nacional da seresta celebra 18º aniversário na Praça do Arsenal. **Prefeitura do Recife**: notícias. Recife, 8 maio 2012. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/07/05/2012/festival-nacional-da-seresta-celebra-18o-aniversario-na-praca-do-arsenal>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL nacional da seresta celebra 18º aniversário. **Blog vermelho**. Brasília, 7 maio 2012. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2012/05/07/festival-nacional-da-seresta-celebra-18-aniversario/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL nacional da seresta começa nesta quarta-feira (8). **Prefeitura do Recife**: notícias. Recife, 6 maio 2013. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/06/05/2013/festival-nacional-da-seresta-comeca-nesta-quarta-feira-8>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL Nacional da Seresta embala os casais no Recife Antigo. **Rádio Jornal**. Recife, 9 maio 2019. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2019/05/09/festival-nacional-da-seresta-embala-os-casais-no-recife-antigo-123502>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL Nacional da Seresta leva shows de música romântica gratuitos ao Bairro do Recife. **G1**. Recife, 5 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/musica/noticia/2019/05/05/festival-nacional-da-seresta-leva-shows-de-musica-romantica-gratuitos-ao-bairro-do-recife.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL Nacional da Seresta promove shows gratuitos na Praça do Arsenal. **G1**. Recife, 6 maio 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/peernambuco/musica/noticia/2015/05/festival-nacional-da-seresta-promove-shows-gratuitos-na-praca-do-arsenal.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FESTIVAL nacional da seresta terá quatro dias de festa no bairro do Recife. **Prefeitura do Recife**: cultura. Recife, 5 maio 2014. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/05/05/2014/festival-nacional-da-seresta-tera-quatro-dias-de-festa-no-bairro-do-recife>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FESTIVAL Nacional da Seresta: aqui me tens de regresso. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 maio 1997. Viver, p. 1.

Festival Nacional da Seresta: Saudade dos bons tempos. **Blogdoabelhudo.com.br**. Sanharó, 2020. Disponível em: <https://blogdoabelhudo.com.br/postagem/293/festival-nacional-da-seresta-saudade-dos-bons-tempos>. Acesso em: 14 maio 2020.

FESTIVAL Nacional da Seresta: uma festa para todas as idades e classes sociais. **Jornal do Commercio**, Recife, 12 maio 1997. Caderno C: tempo quente, p. 6.

FRITH, Simon. Hacia una estética de la música popular. Reproducción parcial del artículo tomado de Simon Frith (2001) "Towards an aesthetic of popular music" (en Richard Leeper y Susan McClary (eds.) The politics of composition, performance and reception. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 133-172), traducido por Silvia Martínez. Publicado en Francisco Cruces y otros (eds), **Las culturas musicales**. Lecturas en etnomusicología. Madrid: Ed. Trotta, 2001, p. 413-435.

GERALDO Freire conta a história do festival nacional da seresta. Produção de Luiza Falcão. Recife: Blog dos bastidores, 7 maio 2014. 1 vídeo (7 min. 8 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OIw3Q9D3miY&t=35s>. Acesso em: 19 mar. 2021.

GERALDO Freire, o comunicador da maioria é entrevistado por Diogo Menezes. TV JC. Recife: TV JC, 26 jan. 2017. 1 vídeo (48 min. 30 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4djaUVMlP44>. Acesso em: 21 ago. 2020.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de projetos de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HÉLIO, Mário. Festival da Seresta é um sucesso. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 1996. Caderno C.

HOBSBAWM, Eric.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOMENAGEM às mães no Marco Zero. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2005. Caderno C: música, p. 6.

ISABELA. 15º Festival nacional da seresta. **Blog Tá rolando! Recife & Olinda**. Recife, 6 maio 2009. Disponível em: <https://tarolandorecife.blogspot.com/2009/05/15-festival-nacional-da-seresta.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

JARBAS Vasconcelos. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jarbas_Vasconcelos Acesso em: 6 jan. 2024.

JOÃO Paulo. **Alepe**. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/parlamentar/joao-paulo/> Acesso em: 6 jan. 2024.

JOAQUIM Francisco. **Câmara dos deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74477> Acesso em: 6 jan. 2024.

JOVEM Guarda é a trilha do fim de semana. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2018. Caderno JC+: festival, p. 10.

JÚNIOR, Nill. 25º Festival Nacional da Seresta movimentará Recife Antigo na próxima semana. **Blog do Nill Júnior**. Afogados da Ingazeira/PE, 2 maio 2019. Disponível em: <https://nilljunior.com.br/25o-festival-nacional-da-seresta-movimenta-recife-antigo-na-proxima-semana/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

KANDEL, Eric R. **Em busca da memória: o nascimento de uma ciência da mente**. Trad. Rejano Rubino. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

LACERDA, Daniela de; COELHO, Cleodon Pedro. Romantismo a toda prova. **Jornal do Commercio**, Recife, 15 maio 1996. Caderno C, p. 1.

LACERDA, Norma. Intervenções no Bairro do Recife e no seu entorno: indagações sobre a sua legitimidade. **Sociedade e Estado**, vol. 22, núm. 3, septiembre-diciembre, Brasília: Universidade de Brasília, 2007, pp. 621-646

LEÃO, Carolina. Seresta apresenta romantismo previsível. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 maio 2006. Viver, C4.

LEONARDO Sullivan. Recife, 27 jan. 2020. 1 vídeo (29 seg.). Disponível em: <https://www.facebook.com/sindsepre/videos/leonardo-sullivan/117717522916053/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

LEVITIN, Daniel. **A música no seu cérebro**: A ciência de uma obsessão humana. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LINS, Letícia. Seresta na Praça do Arsenal. **Blog Oxerecife**. Recife, 9 maio 2018. Disponível em: <http://oxerecife.com.br/2018/05/09/seresta-na-praca-do-arsenal/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O Bairro do Recife**: entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife, CEPE/ Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

LUCENA, Emília Maria. A força do romantismo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 maio 1997. Em Dia, C6.

LUCENA, Emília Maria. A noite é dos românticos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 maio 1997. Viver, p. 2.

MACAMBIRA, Germana. Festival embala seresteiros no Bairro do Recife. **Portal Folha de Pernambuco**. Recife, 8 maio 2019. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/festival-embala-seresteiros-no-bairro-do-recife/104246/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MADUREIRA, Sevy. **Bairro do Recife**: porto seguro da boemia. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife, SEPLAN, 1996.

MÃES, com carinho, Às. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2012. Caderno C: em cartaz, p. 7.

MAIA, Luiza. O seresteiro das noites. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 maio 2014. Viver, E8.

MAIA, Luiza. O seresteiro das noites. **Diário de Pernambuco**. Recife, 7 maio 2014. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/viver/2014/05/o-seresteiro-das-noites.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MAIA, Luiza. Seresteiros por toda parte. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 maio 2012. Viver, E5.

MAIA, Luiza. Um convite para o baile. **Diário de Pernambuco**, Recife, Viver, p. 1.

MARANHÃO, Marcela. 2º dia do 23º Festival Nacional da Seresta atrai público apaixonado. **Rádio Jornal online**. Recife, 11 maio 1917. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2017/05/11/2-dia-do-23-festival-nacional-da-seresta-atrai-publico-apaixonado--52394>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 edição. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Duda. Seresteiros já estão com saudade. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2010. Caderno C: música, p. 6.

MARTINS, Mirella. Festival Nacional da Seresta chega à 24ª edição. **Blog Social1**. [S.l.], 8 maio 2018. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2018/05/08/festival-nacional-da-seresta-chega-24a-edicao/index.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MATOS, Cláudia Neiva de. **Gêneros na canção popular**: os casos do samba e do samba-canção. Revista Art Cultura, Uberlândia, v. 15, nº 27, p. 121-132, jul-dez. 2013.

MEDEIROS, Swã. Festival nacional da seresta começa nesta quarta (08). **Blog Leiajá**. Recife, 6 maio 2013. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2013/05/06/festival-nacional-da-seresta-comeca-nesta-quarta-08/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MEIRA, Tatiana. Dois dias de muito romantismo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 25 maio 2001. Viver: fim de semana, D2.

MEIRA, Tatiana. Marco Zero vira capital da seresta. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 maio 2001. Viver, p. 1.

MERGULHO na nostalgia, Um. **Jornal do Commercio**, Recife, 18 maio 2013. Capa.

MINDELO, Olívia. Festival da Seresta confirma seu potencial. **Jornal do Commercio**, Recife, 4 maio 2007. Caderno C: tempo quente, p. 6.

MINDELO, Olívia. Jovem Guarda abre festival. **Jornal do Commercio**, Recife, 4 maio 2005. Cidades.

MORAIS, Marcelo. 17º festival nacional da seresta. **Iburanews**. Recife, 28 abr. 2011. Disponível em: <https://iburanews.webnode.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MOREIRA, Fernando Diniz. Higienismo enquanto prática urbanista: o exemplo de Recife no início do século. Cad. Est. Soe., Recife, v. 8, n. 2, p. 185-205, jul./dez., 1992.

MOURA, Ivana. Encontro de românticos: começa hoje o Festival da Seresta, no Bairro do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 6 maio 1998. Viver, p. 8.

MOURA, Luís Fernando. Um festival que as mães vão adorar. **Jornal do Commercio**, Recife, 8 maio 2009. Caderno C: em cartaz, p. 12.

MUNIZ, Paulinho; PABLITO, Dom. Festival Nacional da Seresta. Saudade dos bons tempos. **Blog O Abelhudo**. Sanharó/PE, 14 maio 2020. Disponível em: <https://blogdoabelhudo.com.br/postagem/293/festival-nacional-da-seresta-saudade-dos-bons-tempos>. Acesso em: 21 ago. 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **História da Música**: cultura da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Maria Helena do. 13º festival nacional da seresta: Recife Antigo, maio 2012. **Blog cidadã repórter**. [S.l.], 28 abr. 2012. Disponível em: <http://mariahelenareporter.blogspot.com/2012/04/18-festival-nacional-da-seresta-recife.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

NASCIMENTO, Yasmin. Festival Nacional da Seresta anima Bairro do Recife com shows gratuitos. **Blog João Alberto**. Recife, 8 maio 2018. Disponível em: <http://www.joaualberto.com/2018/05/08/festival-nacional-de-serenata-anima-bairro-do-recife-com-shows-gratuitos/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

NOITE de boleros. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 maio 2007. Viver, D6.

NOITE de sedução ao som do bolero. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. F4, 7 maio 2010.

NOITE de seresta em Recife e Olinda para mães e filhos, Uma. **Jornal do Commercio**, Recife, 9 maio 1998. Caderno C: shows, p. 5.

NOITE romântica no Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2009. Caderno C: roteiro JC, p. 2.

NOITE romântica no Marco Zero. **Jornal do Commercio**, Recife, 8 maio 2008. Caderno C: roteiro JC.

NOITES de serestas no Arsenal. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2014. Caderno C, p. 6.

NOITES de seresteiros. **Jornal do Commercio**, Recife, 6 maio 2011. Caderno C: em cartaz, p. 7.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khour. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC, 10. São Paulo, 10 dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 02 jun. 2021.

NOSTALGIA no Recife Antigo. **Jornal do Commercio**, Recife, 9 maio 1996. Caderno C.

OLIVEIRA, Amanda. 24º Festival Nacional da Seresta do Recife começa nesta quarta-feira. **Blog falando francamente**. Arcoverde/PE, 7 maio 2018. Disponível em: <https://www.blogfalando francamente.com/2018/05/24-festival-nacional-da-seresta-do.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PALMEIRA, Fran. Noite da saudade: Kátia volta ao Recife para apresentação nesta quinta. **Folha de Pernambuco**. Recife, 9 maio 2017. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/noite-da-saudade-katia-volta-ao-recife-para-apresentacao-nesta-quinta/26952/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PARA as mães, com muito romantismo. **Jornal do Commercio**, Recife, 12 maio 2017. Caderno JC+: cultura, p. 5.

PARA lembrar a Jovem Guarda. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2017. Caderno JC+: cultura, p. 4.

PASSOS da seresta, Nos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 maio 1997. Viver: em dia, p. 6.

PATU, Roberta. Recife antigo recebe 23º Festival Nacional da Seresta. **Blog Leiajá**. Recife, 9 maio 2017. Disponível em: <https://m.leiaja.com/cultura/2017/05/09/recife-antigo-recebe-23o-festival-nacional-da-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

POLO, Marco; COELHO, Cleodon Pedro. Romantismo em lata no terceiro Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 19 maio 1997. Caderno C: tempo quente, p. 6.

POMPEIA, Rosário de. Festival da Seresta à luz do romantismo. **Jornal do Commercio**, Recife, 23 maio 2001. Caderno C: show, p. 6.

PORTAL PORAQUI. Festival Nacional da Seresta começa nesta quarta (9). **Porto Digital**. Recife, 8 maio 2018. Disponível em: <https://poraqui.com/recife-antigo-centro/festival-nacional-da-seresta-comeca-nesta-quarta-9/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PRAÇA do Arsenal é puro romantismo, A. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2014. Caderno C: show, p. 2.

PRAÇA do Arsenal foi pequena par público do Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 15 maio 2006. Caderno C: tempo quente, p. 6.

PRAÇA do Marco Zero lota para ouvir reis e rainhas da seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 1998. Caderno C: tempo quente, p. 6.

PREFEITURA da Cidade do Recife monta esquema especial para festival. **Prefeitura do Recife**: coordenadoria de comunicação social, boletim diário. Recife, 9 maio 2007. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secfinancas/emprel/publica/index.php?GrupoCodigo=15&UltAnt=27652&DatAnt=09/05/2007&GrupoCodigoMateria=15>. Acesso em: 22 ago. 2020.

QUEIROZ, Edilson Vasconcelos. Festival nacional da seresta: programação. **Blog do Edilson**. Recife, 6 maio 2010. Disponível em: <http://edilsonqueiroz.blogspot.com/2010/05/festival-nacional-da-seresta.html>. Acesso em: 22 ago. 2020.

RASGAÇÕES românticas embalam o Marco Zero. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 maio 2003. Viver.

RAUL Henry. **Câmara dos deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/141523/biografia> Acesso em: 6 jan. 2024.

RECIFE Antigo se prepara para Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 18 maio 2001. Em Cartaz, p. 3.

RECIFE Antigo, memórias do festival nacional da seresta. Rádio Jornal. Recife, [2020?]. 1 vídeo (60 min. 39s). Publicado pela Rádio Jornal. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=273280203715121. Acesso em: 22 ago. 2020.

RECIFE das serestas, O. **Diário de Pernambuco**, Recife, 3 maio 1995. Viver, D2.

RECIFE recebe 20ª edição do Festival Nacional da Seresta. **G1**. Recife, 1 maio 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2016/05/recife-recebe-20-edicao-do-festival-nacional-da-seresta.html>. Acesso em: 22 ago. 2020.

RECIFE recebe o 18º festival da seresta. **Rádio online Recife FM 97.5**: notícias. Recife, 8 maio 2012. Disponível em: <https://www.recifefm.com.br/recife-recebe-o-18%C2%BA-festival-da-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

RECIFE sedia 16º festival nacional da seresta. **Prefeitura do Recife**: cultura. Recife, 4 maio 2010. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/2010/05/04/recife_sedia_16_festival_nacional_da_seresta_171704.php. Acesso em: 22 ago. 2020.

RECIFE sedia 20ª edição do festival nacional da seresta. **Revista eletrônica algo mais**. Recife, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://revista.algomas.com/noticias/recife-sedia-20a-edicao-do-festival-nacional-da-seresta>. Acesso em: 21 ago. 2020.

RENATO L. Projeto convida a uma viagem coletiva no tempo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 maio 2007. Viver, B4.

RITMO que embala corações, O. **Jornal do Commercio**, Recife, 9 maio 2018. Caderno JC+: música, p. 5.

ROBERTO Magalhães. **Câmara dos deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74433/biografia> Acesso em 6 jan. 2024.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

ROMÂNTICO em alto e bom som no Festival da Seresta, O. **Jornal do Commercio**, Recife, 25 maio 2001. Caderno C: show, p. 2.

ROMÂNTICOS estão no Marco Zero. **Jornal do Commercio**, Recife, p. 5, 12 maio 2000.

ROMANTISMO e muita seresta no Marco Zero. **Jornal do Commercio**, Recife, 9 maio 2008. Caderno C: em cartaz.

ROMANTISMO e nostalgia em duas noites de seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 7 maio 2010. Caderno C: show, p. 5.

ROSA, M. V. F. P.C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SÁBADO recheado de atrações ao ar livre no centro do Recife. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2002. Caderno C: em dia.

SÁBADO, a noite é da seresta, Até. **Diário de Pernambuco**, Recife, 6 maio 2009. Viver, D2.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais**: relatos sobre a música e o cérebro. Trad. Laura Teixeira Motta, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMBA embala seresteiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 maio 2003. Viver: shows, C5.

SANTOS, Humberto; NOGUEIRA, Meuse. Waldick canta e emociona. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 maio 2007. Últimas, A20.

SANTOS, Mislene Vieira dos. Os brutos também amam: o sucesso das músicas populares românticas e seus confrontos com a censura na década de 1970. **XXVII Simpósio Nacional de História, conhecimento histórico e diálogo social**. ANPUH Brasil, Natal/RN, 22 a 26 de jul. 2013.

SEGUNDA noite do festival é de Bolero. **Jornal do Commercio**, Recife, 8 maio 2003. Caderno C: ao ar livre, p. 6.

SERESTA leva romantismo ao Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 maio 2004. Viver, C2.

SERESTA mobiliza cidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 maio 2004. Últimas, A14.

SERESTA no Recife Antigo. **Blog G News**. Recife, 4 maio 2011. Disponível em: <http://gnewsblog2.blogspot.com/2011/05/seresta-no-recife-antigo.html?m=0>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SERESTA revive o passado. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 2006. Caderno C: música, p.4.

SERESTA toma conta do Arsenal. **Jornal do Commercio**, Recife, 19 maio 2013. Capa dois, p. 2.

SERESTA. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 maio 2002. Viver: movimento, D3.

SERESTEIROs fazem festa em noite de chuva. **Jornal do Commercio**, Recife, ano LXXVII, N. 130, maio 1996. Capa.

SERESTEIROs levam multidão ao Recife Antigo. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2006. Segunda capa.

SERESTEIROOS locais e nacionais fazem a festa no centro. **Jornal do Commercio**, Recife, p. 6, 3 maio 1995. Caderno C, p. 6.

SERESTEIROOS soltam a voz no Recife Antigo. **Jornal do Commercio**, Recife, 8 maio 1997. Caderno C, p. 1.

SHOWS gratuitos no 25º Festival Nacional da Seresta em Recife. **Recife Translado**. Recife, c2019. Disponível em: <http://transladorecife.com.br/shows-gratuitos-no-25o-festival-nacional-da-seresta-em-recife/>. Acesso em: 21 ago. 2019.

SILVA, Aline. Festival Nacional da Seresta tem início nesta quarta-feira (8). **Minha Cultura**. Recife, 6 maio 2019. Disponível em: <https://cultura.minha.com.br/2019/05/festival-nacional-da-seresta-tem-inicio-nesta-quarte-feira-8/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SILVA, João Paulo Alves da. De Krause a Magalhães: trajetórias na Prefeitura da Cidade do Recife (1979- 2000). **Epígrafe**, São Paulo, v. 11, n. 1, pp. 224-245, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/173230/185195> Acesso em: 3 fev. 2024.

SOLTANDO a voz. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 maio 1997. Viver, D4.

SOM da seresta, Ao. **Diário de Pernambuco**, Recife, maio 1995. Viver, p. 1.

STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SUCESSO das serestas. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 maio 1995. Caderno C.

TELES, José. Festival chega ao fim com iê-iê-iê. **Jornal do Commercio**, Recife, 12 maio 2007. Caderno C, p. 2.

TELES, José. Odair José, o brega cult, apresenta-se hoje no Festival da Seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 15 maio 2006. Caderno C: show, p. 6.

TEMPO vai, tempo vem: Bom Dia PE. compara paisagens do Recife de antigamente com imagens atuais. Imagem de Antônio Henrique e Ezequiel Quirino. Recife: Rede Globo, 11 ago. 2023. 1 vídeo (283 min.). Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/08/11/tempo-vai-tempo-vem-bom-dia-pe-compara-paisagens-do-recife-no-seculo-20-com-imagens-atuais.ghtml> Acesso em: 23 out. 2023.

THORPE, Ana Cláudia. 25º Festival Nacional da Seresta começa nesta quarta-feira. **Blog Ana Cláudia Thorpe**. Recife, 6 maio 2019. Disponível em: <https://anaclaudiathorpe.ne10.uol.com.br/2019/05/06/25o-festival-nacional-da-seresta-comeca-nesta-quarta-feira/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular**: um tema em debate. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

TORRES, Fellipe. Homenagem a Jerry Adriani marca Festival Nacional da Seresta com shows gratuitos até sábado. **Diário de Pernambuco**. Recife, 9 maio 2017. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/05/homenagem-a-jerry-adriani-marca-festival-nacional-da-seresta-a-partir.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

TORRES, Fellipe. Para dançar agarradinho. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 maio 2017. Viver, D1.

TRANSPORTE público até 19º festival nacional da seresta em Bairro do Recife. **Moovit**: aplicativo de mobilidade urbana em Recife e região metropolitana. Recife, [c2013]. Disponível em: https://moovitapp.com/index/pt-br/transporte_p%C3%BAblico-19%C2%B0_Festival_Nacional_da_Seresta-Recife-site_45997728-1662. Acesso em: 21 ago. 2020.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo, Atlas, 1987.

ULHÔA, Martha Tupinambá de. Música romântica in Montes Claros: inter-gender relations in Brazilian popular song. **British Journal of Ethnomusicology**, Inglaterra, vol. 9/i 2000, p. 11-40.

ÚLTIMA chamada para a seresta. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2007. Caderno C: show, p. 6.

ÚLTIMO dia do festival da Seresta homenageia as mães. **Jornal do Commercio**, Recife, 11 maio 2013. Caderno C: roteiro, p. 2.

ÚLTIMOS românticos em cena. **Jornal do Commercio**, Recife, 6 maio 2009. Caderno C: música.

VALDEZ, Bárbara. 20º festival nacional da seresta: programação. **Portal confira mais**. Recife, 5 maio 2016. Disponível em: <https://confiramaais.com.br/festival-nacional-de-seresta-programacao/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

VENTURA, Cynthia. Último dia para conferir o festival nacional da seresta. **Blog Leiajá**. Recife, 10 maio 2014. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2014/05/10/ultimo-dia-para-conferir-o-festival-nacional-da-seresta/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

VERAS, Luciana. Cantar (e dançar) para os males espantar. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 maio 2007. Viver, B4.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): ago./dez. 2014, p. 201-218.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANCHETI, Sílvio; LACERDA Norma. A Revitalização de Áreas Históricas como Estratégia de Desenvolvimento Local: Avaliação do caso do Bairro do Recife. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 8-24. jan-mar 1999.

APÊNDICE A – FESTIVAL NACIONAL DA SERESTA – DATAS E ARTISTAS

1ª	1995	03	04	05	10	11	12	
		Maria Creuza	Moacyr Franco	Carlos José	Agnaldo Timóteo	Exedito Baracho	Canhoto da Paraíba	
		Sílvio Caldas	Conj. PE de Choro	Dalva Torres	Núbia Lafayete	Ângela Maria	Nelson Gonçalves	
2ª	1996	01	02	03	08	09	10	
		Fernando Azevedo	Carlos Alberto	Conj. PE de Choro	Trio Irakitan	Miltinho	Carlos José	
		Núbia Lafayete	Jamelão	Noite Ilustrada	Moacyr Franco	Leonardo	Exedito Baracho	
		Cauby Peixoto	-	Agnaldo Timóteo	-	-	Ângela Maria	
3ª	1997	10	11	12	15	16	17	
		Roberto Barradas	Fernando Azevedo	Paulinho da Viola	Gisele Tigre	Canhoto da Paraíba	Zé Renato	
		Carlos José	Núbia Lafayete	Altamiro Carrilho	Exedito Baracho	Evaldo Gouveia	Jamelão	
		Ângela Maria	-	Conj. PE de Choro	Cauby Peixoto	Claudete Soares	Claudionor Germano com o Bloco das Ilusões	
4ª	1998	06		07	08		09	
		Nadja Maria		Exedito Baracho	Joanna		Fernando Azevedo e Cláudio Almeida	
		Miltinho		Trio Irakitan	Altemar Dutra Jr		Leonardo	
		Moacyr Franco		Núbia Lafayete	Adílson Ramos		Agnaldo Timóteo	
		Jamelão		Cauby Peixoto	-		Ângela Maria	
5ª	1999	05		06	07		08	
		Fernando Azevedo e Cláudio Almeida		Carlos Alberto	Walesca		Nadja Maria	
		Leonardo		Adílson Ramos	Joanna		Exedito Baracho	
		Núbia Lafayete		Cauby Peixoto	Conj. PE de Choro		Moacyr Franco	
		-		Ângela Maria	Waldick Soriano		Agnaldo Timóteo	
6ª	2000	10		11	12		13	
		Nadja Maria		Fernando Azevedo	Dalva Torres		Leonardo	
		Exedito Baracho		Walesca	Miltinho		Cauby Peixoto	
		Núbia Lafayete		Waldick Soriano	Luiz Ayrão		Adílson Ramos	
		José Augusto		Wando	Benito de Paula		Ângela Maria	
7ª	2001	23		24	25		26	
		Nadja Maria		Roberto Miller	Carlos José		Miltinho	
		Fernando Azevedo e Cláudio Almeida		Waldick Soriano	Núbia Lafayete		Adílson Ramos	
		Noite Ilustrada		Trio Irakitan	Agnaldo Timóteo		Cauby Peixoto	
		Jair Rodrigues		Exedito Baracho	Leonardo		Ângela Maria	
		Dalva Torres		-	-		-	
8ª	2002	05 – Jovem Guarda		06 – Bolero		07 – Samba		08 – Velha Guarda
		Augusto César		Roberto Barradas		Exedito Baracho		Conj. PE de Choro
		Paulo Diniz		Jura Figueiredo		Walesca		Leonardo
		Almir ex-fevers		Carlos Alberto		Noite Ilustrada		Núbia Lafayete
		Jerry Adriani		Adílson Ramos		Benito de Paula		Cauby Peixoto
9ª	2003	07 – Jovem Guarda		08 – Anos 70		09 – Bolero		10 – Noite das Mães
		Mozart		Augusto César		Trepidant's		Josildo Sá “canta Lupicínio Rodrigues”
		Roberto Carlos cover		Som da Terra		Altemar Dutra Jr		Edilza Aires “canta Maysa”
		The Rossi		Fernando Mendes		Agnaldo Timóteo		Leonardo Sullivan

		Almir ex-fevers	Gilliard	Adílson Ramos	Almir “canta Capiba”
		-	-	-	Los Cubanos
10 ^a	2004	05 – Noite da Jovem Guarda (anos 60)	06 – Anos 70	07 - Bolero	08 – Noite da Velha Guarda
		Mozart	Augusto César	Nadja Maria	Lana Bittencourt
		Túnel do Tempo	Paulo Diniz	Expedito Baracho	Conj. PE de Choro
		Vanusa	Gilliard	Dalva Torres	Núbia Lafayette
		Jerry Adriani	Reginaldo Rossi	Nilton César	Trio Irakitan
		-	-	Adílson Ramos	
11 ^a	2005	04 – Jovem Guarda	05 – Anos 70	06 – Bolero	07 – Noite das Mães
		Mozart	Augusto César	Expedito Baracho	Nadja Maria
		Almir ex-fevers	Rosana	Leonardo Sullivan	Lana Bittencourt
		Jerry Adriani	Luiz Ayrão	Gilliard	Conj. PE de Choro
		Renato e seus Blue Caps	Agnaldo Timóteo	Ângela Maria	Núbia Lafayette
		-	-	-	Adílson Ramos
12 ^a	2006	10 – Jovem Guarda	11 – Anos 70	12 – Bolero	13 – Noite das Mães
		Mozart	Augusto César	Alcione	Nadja Maria
		Paulo Diniz	Odair José	Expedito Baracho	Conj. PE de Choro
		Almir ex-fevers	Fernando Mendes	Leonardo Sullivan	Moacyr Franco
		Reginaldo Rossi	Agnaldo Timóteo	Trio Irakitan	Adílson Ramos
		-	-	Gilliard	-
13 ^a	2007	09 – Bolero	10 – Anos 70	11 – Noite Romântica	12 – Jovem Guarda
		Lana Bittencourt	Augusto César	Nadja Maria	Mozart
		Waldick Soriano	Gilliard	Expedito Baracho	Martinha
		Trio Irakitan	José Augusto	Leonardo Sullivan	Os incríveis
		Núbia Lafayette	Fafá de Belém	Adílson Ramos	Almir ex-fevers
		Agnaldo Timóteo	-	Joanna	Golden Boys
14 ^a	2008	07 – Jovem Guarda	08 – Bolero	09 – Samba	10 – Noite das Mães
		Tânia Santos	Mevinha Queiroga	Arthur Phillipe	Roberto Júnior
		Mozart	Leonardo Sullivan	Nadja Maria	Augusto César
		Wanderléa	Ângela Maria	Roberto Silva	Altemar Dutra Jr
		Renato e seus Blue Caps	Agnaldo Timóteo	Pery Ribeiro	Nilton César
		Reginaldo Rossi	Adílson Ramos	Antônio Carlos e Jocafr	Raimundo Fagner
15 ^a	2009	06 – Amantes da Jovem Guarda	07 – Anos 70	08 – Bolero	09 – Noite das Mães
		Mozart	Augusto César	Expedito Baracho	Nadja Maria
		Túnel do Tempo	Paulo Diniz	Walesca	Conj. PE de Choro
		Márcio Greick	Leonardo Sullivan	Gilliard	Roberto Silva
		Almir ex-fevers	Fernando Mendes	Adílson Ramos	Altemar Dutra Jr
16 ^a	2010	05 – Grandes Vozes	06 – Anos 70	07 – Bolero	08 – Jovem Guarda
		Roberto Barradas	Nadja Maria	Expedito Baracho	Mozart
		Ângela Maria	Augusto César	Leonardo Sullivan	Wanderley Cardoso
		Agnaldo Timóteo	Fernando Mendes	Altemar Dutra Jr	Golden Boys
		Moacyr Franco	Peninha	Gilliard	Jerry Adriani
		-	Joanna	Adílson Ramos	Renato e seus Blue Caps
17 ^a	2011	04 – Grandes Vozes	05 – Anos 70	06 – Bolero	07 – Jovem Guarda
		Roberto Barradas	Nadja Maria	Mevinha Queiroga	Mozart
		Nilton César	Expedito Baracho	Trio Irakitan	Túnel do Tempo
		Moacyr Franco	Paulo Diniz	Altemar Dutra Jr	Michael Sullivan
		Agnaldo Timóteo	Odair José	Leonardo Sullivan	Golden Boys
		Adílson Ramos	Reginaldo Rossi	Elymar Santos	Os Incríveis
18 ^a	2012	09 – Grandes Vozes	10 – Noite Romântica	11 – Samba	12 – Noite das Mães
		Altemar Dutra Jr	Leonardo Sullivan	Ataulfo Alves Jr	Cláudia Beija
		Agnaldo Timóteo	Moacyr Franco	Luiz Américo	Adriana
		Adílson Ramos	Michael Sullivan	Roberto Silva	Gilliard

		-	-	Rosemary	Joanna
19ª	2013	08 – Jovem Guarda	09 – Anos 70	10 – Bolero	11 – Noite das Mães
		Mozart	Nadja Maria	Expedito Baracho	Conj. PE de Choro
		Leno	Márcio Greick	Walesca	Jane e Herondy
		Renato e seus Blue Caps	Luiz Vieira	Biafra	Leonardo Sullivan
		The Fevers	Agnaldo Timóteo	Gilliard	Ângela Maria
20ª	2014	-	Michael Sullivan	Adilson Ramos	Altemar Dutra Jr
		07 – Jovem Guarda	08 – Grandes Vozes	09 – Anos 70	10 – Noite das Mães
		Arthur Phillipe	Jorge Simões	Hozana Nascimento	Nadja Maria
		Roberto Carlos cover	Armando Fuentes	Jura Figueiredo	Fernando Azevedo e Cláudio Almeida
		Martinha	Perla	Cláudia Barroso	Leonardo Sullivan
		Wanderley Cardoso	Moacyr Franco	Fernando Mendes	Altemar Dutra Jr
21ª	2015	Jerry Adriani	Agnaldo Timóteo	Adilson Ramos	Gilliard
		06 – Anos 70	07 – 50 anos da Jovem Guarda	08 – Bolero	09 – Noite das Mães
		The Fevers	Mozart	Mevinha Queiroga	Leonardo Sullivan
		Gilliard	Renato e seus Blue Caps	Walesca	Agnaldo Timóteo
		Augusto César	Jerry Adriani	Altemar Dutra Jr	Fernando Azevedo e Cláudio Almeida
22ª	2016	Fernando Mendes	Roberto Carlos cover	Adilson Ramos	Conj. PE de Choro
		08 – Jovem Guarda	09 – Anos 70	10 – Bolero	11 – Noite das Mães
		Mozart	Augusto César	Trepidant's	Josildo Sá “canta Lupicínio Rodrigues”
		Roberto Carlos cover	Som da Terra	Altemar Dutra Jr	Edilza Aires “canta Maysa”
		The Rossi	Fernando Mendes	Agnaldo Timóteo	Leonardo Sullivan
		Almir ex-fevers	Gilliard	Adilson Ramos	Gerlane Lopes
23ª	2017	-	-	-	Los Cubanos
		10 – Anos 60	11 – Anos 70	12 – Bolero	13 – Noite das Mães
		Mozart	Mevinha Queiroga	Maria da Paz	Karina Spinelli
		Os Tártaros	Augusto César	Los Cubanos	Som da Terra “canta Roupas Nova”
		Almir ex-fevers	Kátia	Wanderley Cardoso	Cristina Amaral “canta Núbia Lafayette”
		Adilson Ramos	Gilliard	Agnaldo Timóteo	Leonardo Sullivan
24ª	2018	-	-	-	Fernando Mendes
		09 – Anos Dourados	10 – Noite do Romantismo	11 – Bolero	12 – Noite das Mães
		Daniel Bueno “esquenta seresta – voz e violão”	Daniel Bueno “esquenta seresta – voz e violão”	Maria da Paz	Edilza Aires “canta Dalva de Oliveira e Ângela Maria”
		Orquestra Vieira	Hozana Nascimento “canta Alcione”	Faringes da Paixão	Som da Terra “canta Lulu Santos”
		The Rossi	Cassino Tropical	Gilliard	Leonardo Sullivan
		Agnaldo Timóteo	Joanna	Adilson Ramos	Márcio Greick
25ª	2019	08 –	09 –	10 –	11 –
		Roberto Barradas	Orquestra das Pás	Zuza Miranda	Bia Marinho
		Edilza Aires	Cello Gomes	Cristina Amaral “canta Nelson Gonçalves”	Leonardo Sullivan
		Gilliard	Agnaldo Timóteo	Coral Edgar Morais	Orquestra Virtual
		Adilson Ramos	Altemar Dutra Jr	Rosana	Fernando Mendes
		-	-	Ovelha	Renato e seus Blue Caps

APÊNDICE B – ARTISTAS COM QUANTITATIVO DE SHOWS E OS ANOS EM QUE SE APRESENTARAM NO FESTIVAL

ARTISTA	QTD	ANO
1. Adílson Ramos	23	1997 a 2019.
2. Leonardo Sullivan	21	1996; 1998 a 2001; 2003; 2005 a 2019.
3. Agnaldo Timóteo	20	1995; 1996; 1998; 1999; 2001; 2002; 2005 a 2008; 2010 a 2019.
4. Expedito Baracho	17	1995 a 2007; 2009 a 2011; 2013.
5. Nadja Maria	16	1998 a 2002; 2004 a 2014.
6. Gilliard	14	2004 a 2007; 2009; 2010; 2012 a 2019.
7. Mozart	13	2002; 2004 a 2011; 2013; 2015 a 2017.
8. Conjunto Pernambucano de Choro	12	1995 a 1997; 1999; 2002 a 2006; 2009; 2013; 2015.
9. Núbia Lafayette	12	1995 a 2005; 2007.
10. Altemar Dutra Jr	11	1998; 2008 a 2016 2019
11. Augusto César	11	03 a 10; 15 a 17
12. Moacyr Franco	09	1995; 1996; 1998; 1999; 2006; 2010 a 2012; 2014.
13. Ângela Maria	08	1995 a 2002.
14. Cauby Peixoto	08	1996 a 2003
15. Fernando Azevedo e Cláudio Almeida	08	1996 a 2001; 2014; 2015.
16. Fernando Mendes	08	2006; 2009; 2010; 2014 a 2017; 2019.
17. Almir (ex-fevers)	07	2003 2005 a 2007 2009; 2016; 2017.
18. Renato e seus Blue Caps	07	2002; 2005; 2008; 2010; 2013; 2015; 2019.
19. Trio Irakitan	07	1996; 1998; 2001; 2004; 2006; 2007; 2011.
20. Walesca	07	1999; 2000; 2003; 2009; 2012; 2013 e 2015.
21. Jerry Adriani	06	2003 a 2005; 2010; 2014; 2015.
22. Joanna	06	1998; 1999; 2007; 2010; 2012; 2018.
23. Carlos José	05	1995 a 1998; 2001.
24. Dalva Torres	05	1995; 1996; 2000; 2001 e 2004.
25. Paulo Diniz	05	2003; 2004; 2006; 2009 e 2011.
26. Roberto Barradas	05	1997; 2003; 2010; 2011; 2019.
27. Carlos Alberto	04	96 99 02 03
28. Edilza Aires	04	2003; 2016; 2018; 2019.
29. Mevinha Queiroga	04	2008; 2011; 2015; 2017.
30. Miltinho	04	1996; 1998; 2000 e 2001.
31. Noite Ilustrada	04	1996; 2001 a 2003.
32. Reginaldo Rossi	04	2004; 2006; 2008; 2011.
33. Roberto Silva	04	2008 a 2010 e 2012.
34. Túnel do Tempo	04	2002; 2004; 2009; 2011.
35. Waldick Soriano	04	1999 a 2001; 2007.
36. Wanderley Cardoso	04	2002; 2010; 2014 e 2017.
37. Golden Boys	03	2007; 2010; 2011.
38. Jamelão	03	1996 a 1998.
39. Luiz Ayrão	03	2000; 2002; 2005.
40. Márcio Greick	03	2009; 2013; 2018.
41. Michael Sullivan	03	2011 a 2013.

42. Nilton César	03	2004; 2008; 2011.
43. Roberto Carlos cover	03	2014 a 2016.
44. Som da Terra	03	2016; 2017; 2018.
45. Arthur Phillippe	02	2008; 2014.
46. Benito de Paula	02	00 03
47. Canhoto da Paraíba	02	1995 e 1997.
48. Cristina Amaral	02	2017 e 2019.
49. Daniel Bueno	02	2018 (2 shows – esquentando a seresta)
50. Evaldo Gouveia	02	1996 e 1997.
51. Hozana Nascimento	02	2014; 2018.
52. Jair Rodrigues	02	2001 e 2002.
53. José Augusto	02	2000 e 2007.
54. Josildo Sá	02	2003; 2016.
55. Jura Figueiredo	02	2003 e 2014.
56. Lana Bittencourt	02	2004; 2007.
57. Los Cubanitos	02	2016; 2017.
58. Maria Creuza	02	1995 e 1996.
59. Maria da Paz	02	2017; 2018.
60. Martinha	02	2007 e 2014.
61. Odair José	02	2006 e 2011.
62. Os Incríveis	02	2007; 2011.
63. Rosana	02	2005 e 2019.
64. The Fevers	02	2013 e 2015.
65. The Rossi	02	2016; 2018.
66. Adriana	01	2012
67. Alcione	01	2008
68. Almir Bezerra (ex-Fevers)	01	2003
69. Antônio Carlos e Jocaí	01	2008
70. Armando Fuentes	01	2014
71. Ataulfo Alves Jr	01	2012
72. Bia Marinho	01	2019
73. Biafra	01	2013
74. Cassino Tropical	01	2018
75. Cello Gomes	01	2019
76. Claudete Soares	01	1997
77. Cláudia Barroso	01	2014
78. Cláudia Beija	01	2012
79. Claudionor Germano	01	1997
80. Coral Edgar Moraes	01	2019
81. Elymar Santos	01	2011
82. Fafá de Belém	01	2007
83. Faringes da Paixão	01	2018
84. Gerlane Lopes	01	2016
85. Gisele Tigre	01	1997
86. Hozana Nascimento	01	2018
87. Jane e Herondy	01	2013
88. Jorge Simões	01	2014
89. Josildo Sá	01	2016.

90. Karina Spinelli	01	2017
91. Kátia	01	2017
92. Leno	01	2013
93. Luís Américo	01	2012
94. Luiz Vieira	01	2013
95. Nelson Gonçalves	01	1995.
96. Orquestra das Pás	01	2019.
97. Orquestra Vienna	01	2018
98. Orquestra Virtual	01	2019
99. Os Tártaros	01	2017
100. Ovelha	01	2019
101. Peninha	01	2010
102. Perla	01	2014
103. Pery Ribeiro	01	2008
104. Raimundo Fagner	01	2008
105. Roberto Júnior	01	2008
106. Roberto Müller	01	2001
107. Rosemary	01	2012
108. Sílvio Caldas	01	1995
109. Tânia Santos	01	2008
110. Trepidant's	01	2016.
111. Vanusa	01	2004
112. Wanderléa	01	2008
113. Wando	01	2000
114. Zé Renato	01	1997
115. Zuza Miranda	01	2019

APÊNCIDE C – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA COM O PÚBLICO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Orientanda: Marcelí Silveira Seabra

Orientador: Prof. Dr. Amílcar Bezerra

Pesquisa: Festival Nacional da Seresta: música e memória

ENTREVISTADO

NOME:

IDADE:

GÊNERO:

ESTADO CIVIL:

PROFISSÃO:

ESCOLARIDADE:

ENDEREÇO:

PERGUNTAS

1. HÁ QUANTO TEMPO FREQUENTA O FESTIVAL DA SERESTA?
2. COMO VOCÊ CONHECEU O FESTIVAL DA SERESTA?
3. QUE MEIO DE TRANSPORTE UTILIZA PARA SE LOCOMOVER ATÉ O EVENTO?
4. O QUE LHE MOTIVA A IR AO EVENTO?
5. QUAIS SUAS ATRAÇÕES PREFERIDAS?
6. QUE NOITES COSTUMA FREQUENTAR?
7. COM QUEM COSTUMA IR?
8. QUAIS OS MOMENTOS MAIS INESQUECÍVEIS DO FESTIVAL DA SERESTA PARA VOCÊ COMO FREQUENTADOR DO EVENTO?
9. COMO ACONTECERAM SEUS PRIMEIROS CONTATOS COM ESSE TIPO DE MÚSICA QUE TOCA NO FESTIVAL?
10. QUE LEMBRANÇAS ESSAS CANÇÕES LHE TRAZEM?
11. QUE OUTROS TIPOS DE MÚSICA VOCÊ GOSTA DE OUVIR, ALÉM DOS ESTILOS QUE APARECEM NA PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL?
12. DE MODO GERAL, QUAL A SUA RELAÇÃO COM A MÚSICA?
13. CITE O NOME DE UM ARTISTA QUE NUNCA PARTICIPOU, MAS QUE VOCÊ GOSTARIA DE VER PARTICIPANDO DO FESTIVAL DA SERESTA.
14. EXISTE ALGUMA CANÇÃO ESPECÍFICA APRESENTADA NO FESTIVAL QUE TENHA MARCADO DETERMINADA EXPERIÊNCIA OU SITUAÇÃO QUE VOCÊ TENHA VIVENCIADO?
15. PODE CONTAR ESSA SITUAÇÃO OU EXPERIÊNCIA?
16. CITE ALGUNS PONTOS NEGATIVOS OU QUE PODERIAM MELHORAR NO FESTIVAL.

Agradecemos sua participação.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA COM JORGE SIMAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Orientanda: Marcell Silveira Seabra
Orientador: Prof. Dr. Amílcar Bezerra
Pesquisa: Festival Nacional da Seresta: música e memória

PERGUNTAS PARA O MÚSICO JORGE SIMAS

1. Faça uma breve apresentação sua (nome, formação e experiência profissional).
2. Conte em poucas palavras quantas vezes você se apresentou no festival e como você chegou até lá (através de convite do produtor, indicação de um amigo, currículo, etc.)
3. Qual a sua relação com os músicos com os quais você se apresentou no festival (uma banda sua, banda formada por amigos para o evento, tocou com músicos desconhecidos, teve ensaio, quantos ensaios, seguiam partitura ou tocaram de ouvido, etc.)?
4. Nas edições em que você se apresentou, tocou para todos os artistas da noite ou para um artista específico?
5. Você tem aproximação ou amizade com algum artista (cantor) do festival? Se sim, qual a sua relação com ele(s)?
6. O que você acha do repertório apresentado no festival?
7. Você se identifica com esse repertório?
8. O repertório do festival te traz alguma recordação? Se sim, fale a respeito.
9. Como você descreveria o público presente no festival?
10. Você teve alguma experiência marcante (ou observou algum fato) com o público que considera relevante? Se sim, conte.
11. Você conhece um pouco da história e da relevância do festival para a cidade do Recife?
12. De modo geral, você percebeu algum(ns) ponto(s) negativo(s) no festival (ou coisas que pudessem melhorar)? Se sim, fale sobre.

Agradecemos sua participação.

ANEXO A – PROJETO DE LEI nº 76/99 E OFÍCIO Nº 275/99-GP

DIÁRIO OFICIAL DA CIDADE DO RECIFE

23 e 24.06.99

6

- Executar e desenvolver o sistema viário, o sistema de circulação e o sistema de transporte público do município.

- Garantir a articulação do trânsito do Recife junto ao planejamento urbano metropolitano.

- Otimizar o trânsito promovendo o uso de novas tecnologias.

- Promover e apoiar os planos e programas de educação no trânsito.

- Viabilizar estudos técnico-operacionais para implantação do sistema de transporte escolar.

- Definir diretrizes para otimização dos estacionamentos no centro expandido e nos centros de bairros.

- Promover estudos mensais visando a obtenção de dados estatísticos sobre o trânsito do município.

LEI Nº 16.490/99

EMENTA: Declara de utilidade pública, o Centro Brasileiro de Memória Política.

O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEQUINTE LEI:

Art. 1º - Fica considerado de utilidade pública, o CENTRO BRASILEIRO DE MEMÓRIA POLÍTICA.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Recife, 22 de junho de 1999.

ROBERTO MAGALHÃES
PREFEITO DA CIDADE DO RECIFE
PROJETO DE LEI DE AUTORIA
DO VEREADOR DR. SON PEXOTO

LEI Nº 16.491/99

EMENTA: Denomina Dr. Murilo Arraes de Alencar, a próxima a ser inaugurada na Cidade do Recife.

O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEQUINTE LEI:

Art. 1º - Denomina-se Dr. MURILLO ARAES DE ALENCAR, a próxima a ser inaugurada na Cidade do Recife.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Recife, 22 de junho de 1999.

ROBERTO MAGALHÃES
PREFEITO DA CIDADE DO RECIFE
PROJETO DE LEI DE AUTORIA
DO VEREADOR JOSÉ NEVES

LEI Nº 16.492/99

EMENTA: Dispõe sobre a extinção no âmbito da Câmara Municipal e de outras providências.

O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEQUINTE LEI:

Art. 1º - Ficam extintos, no âmbito da Câmara Municipal do Recife, 234 (duzentos e trinta e quatro) cargos de provimento efetivo integrantes do Quadro de Pessoal Efetivo - QPE de que trata os artigos 2º, 3º, e 5º e 6º, anexo VI da Resolução 1.841, de 14 de dezembro de 1993.

PARÁGRAFO ÚNICO - O anexo VI da Resolução 1.841, de 14 de dezembro de 1993, fica redimensionado na forma do anexo único publicado com a presente lei, no qual constam os cargos e quantidades atuais, os cargos extintos e os novos quantitativos de cargos destinados para presente lei.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Recife, 22 de junho de 1999.

ROBERTO MAGALHÃES
PREFEITO DA CIDADE DO RECIFE
PROJETO DE LEI DE AUTORIA
DA COMISSÃO EXECUTIVA DA
CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

QUADRO GERAL DE PESSOAL EFETIVO - QGPE

**ANEXO ÚNICO DA
LEI Nº 16.492/99**

GRUPO	CÓDIGO	SÍMBOLO	CARGO	FIXADA PELA RESOLUÇÃO 1841/93	EXTINTOS	FIXADOS PRESENTE LEI
01	3.211-6	PLE-S	Administrador	3	3	0
02	3.212-6	PLE-S	Analista de Sistema	2	2	0
03	3.213-6	PLE-S	Arquivista	3	3	0
04	3.214-6	PLE-S	Assessor em Topografia	20	13	7
05	3.215-6	PLE-S	Assessor Jurídico	15	10	5
06	3.216-6	PLE-S	Assistente Social	3	3	0
07	3.217-6	PLE-S	Bibliotecário	3	3	0
08	3.218-6	PLE-S	Contador	3	2	1
09	3.219-6	PLE-S	Economista	3	3	0
10	3.220-6	PLE-S	Geometra	6	5	1
11	3.221-6	PLE-S	Médico	3	3	0
12	3.222-6	PLE-S	Odonólogo	3	3	0
13	3.223-6	PLE-S	Procurador Judicial	5	5	0
14	3.224-6	PLE-S	Psicólogo	3	3	0
15	3.225-6	PLE-S	Técnico em Relações Públicas	3	2	1
16	3.311-6	PLE-M	Assistente Administrativo Legislativo	120	91	29
17	3.312-6	PLE-M	Assistente Técnico Legislativo	25	24	1
18	3.313-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
19	3.314-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
20	3.315-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
21	3.316-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
22	3.317-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
23	3.318-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
24	3.319-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
25	3.320-6	PLE-M	Assistente de Manutenção	5	5	0
26	3.411-6	PLE-B	Agente de Apoio Legislativo	19	13	6
27	3.412-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	3	2	1
28	3.413-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
29	3.414-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
30	3.415-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
31	3.416-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
32	3.417-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
33	3.418-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
34	3.419-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
35	3.420-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
36	3.421-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
37	3.422-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
38	3.423-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
39	3.424-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
40	3.425-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
41	3.426-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
42	3.427-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
43	3.428-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
44	3.429-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
45	3.430-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
46	3.431-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
47	3.432-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
48	3.433-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
49	3.434-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
50	3.435-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
51	3.436-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
52	3.437-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
53	3.438-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
54	3.439-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
55	3.440-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
56	3.441-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
57	3.442-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
58	3.443-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
59	3.444-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
60	3.445-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
61	3.446-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
62	3.447-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
63	3.448-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
64	3.449-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
65	3.450-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
66	3.451-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
67	3.452-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
68	3.453-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
69	3.454-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
70	3.455-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
71	3.456-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
72	3.457-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
73	3.458-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
74	3.459-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
75	3.460-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
76	3.461-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
77	3.462-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
78	3.463-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
79	3.464-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
80	3.465-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
81	3.466-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
82	3.467-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
83	3.468-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
84	3.469-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
85	3.470-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
86	3.471-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
87	3.472-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
88	3.473-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
89	3.474-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
90	3.475-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
91	3.476-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
92	3.477-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
93	3.478-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
94	3.479-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
95	3.480-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
96	3.481-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
97	3.482-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
98	3.483-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
99	3.484-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1
100	3.485-6	PLE-B	Agente de Apoio de Manutenção	5	4	1

Ofício nº 275/99-GP

Recife, 22 de junho de 1999

Senhor Presidente,

Continuo a Vossa Excelência que, usando da prerrogativa que me é conferida pelo artigo 54, inciso V, combinado com o artigo 34, ambos dispostos na Lei Orgânica do Município do Recife, VETO INTEGRALMENTE o Projeto de Lei nº 76/99, de autoria do Poder Legislativo, que inclui no calendário oficial da cidade do Recife vários eventos artístico-culturais, posto que inconstitucional e contrário ao interesse público.

A Constituição Federal em seu artigo 37, dispõe que a Administração Pública direta, indireta ou fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá ao princípio da legalidade, dentre outros.

Por sua vez, a Lei Orgânica do Município do Recife estabelece em seu artigo 27, IV e V, que compete privativamente ao Prefeito a iniciativa dos projetos de lei que disponham sobre organização administrativa, matéria tributária e organizacional, serviços públicos e pessoal da Administração, bem como sobre criação, estruturação e extinção das atribuições dos órgãos da administração pública municipal.

Embora possível a intenção do autor do projeto em disciplinar os locais e as datas para a realização dos eventos referidos, organizando, assim, o calendário de eventos da cidade, a iniciativa desta proposição caberia privativamente ao Chefe do Poder Executivo Municipal.

Os eventos a que se refere o Projeto de Lei que ora se vota são manifestações espontâneas das tradições culturais de nossa gente, às quais tem o Município o dever constitucional de fomentar.

Entretanto, a transformação do presente Projeto de Lei em Lei Municipal, implicará a obrigatoriedade da realização dos eventos ali relacionados, transformando manifestações naturais de nossa cultura em serviço público a ser prestado pela Administração Municipal, naquelas datas e locais. Ou seja, o que é para ser atividade de fomento, conforme disposição da Constituição Federal, passará a ser prestação de serviço público.

Além disso, essas atividades pudessem ser enquadradas em categoria de serviço público municipal, a iniciativa do projeto do qual caberia privativamente ao Prefeito, nos termos da Lei Orgânica deste Município, art. 27, IV.

Além da inconstitucionalidade acima indicada, há inúmeros casos de interesse público que justificam o presente veto. A fixação de datas e locais para a realização daqueles festejos reflete características que lhes são essenciais, a exemplo da espontaneidade.

Ademais, há estudos que indicam, no caso específico do Recife, por exemplo, a inviabilidade de utilização daquela área de lazer do Recife, área de preservação histórica, onde estão edificados prédios antigos, cujas estruturas não suportariam o volume de som dos três alênicos.

Pelas razões expostas, sou obrigado a usar da prerrogativa do VETO, em obediência aos dispositivos constitucionais e legais supracitados.

Sem mais para o momento, renovo votos de alta estima e elevada consideração.

Atenciosamente,

ROBERTO MAGALHÃES
Vereador do Recife

Exatíssimo Senhor
Vereador FRED OLIVEIRA
MD. Presidente da Câmara Municipal do Recife
NESTA

1995 PROJETO DE LEI Nº 76
Redação Final

VETO TOTALMENTE PELAS RAZÕES EXPOSTAS
NO OFÍCIO Nº 275/99-GP
EM 22.06.99

EMENTA: Inclui no Calendário Artístico-Cultural de Cidade do Recife os eventos: Sereia do Recife, Recife, Festival da Jovem Guarda, Recitália e das outras providências.

PREFEITO

A CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE resolve:

A MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE faz saber que o Poder Legislativo do Município aprovou e submete ao **PODER EXECUTIVO** o seguinte:

Art. 1º - Fica instituído, no mês de maio, o Festival da Sereia do Recife.

Art. 2º - Fica instituído, no mês de junho, o Recitália.

Art. 3º - Fica instituído, no mês de setembro, o Festival da Jovem Guarda.

Art. 4º - Fica instituído, no mês de outubro, o Recitália.

Art. 5º - Os eventos de que tratam os artigos anteriores, realizar-se-ão no bairro do Recife.

Parágrafo Único - Exceto-se do disposto neste artigo, o Recitália, que realizar-se-á no Arraial Velho do Bom Jesus - São da Trindade, no bairro de Casa Amarela.

Art. 6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, em de maio de 1999.

Fred Oliveira
Presidente

Ademir Mattos
1º Secretário

Luiz Vidal
2º Secretário

DECRETO Nº 18.275 DE 22 DE JUNHO DE 1999

EMENTA: Abre crédito suplementar

Registro do Diário Oficial emitida pela Companhia Editora de Pernambuco - CEPE - ONP nº 921253/2000-107

CEPE atesta a autenticidade do presente documento na data de 18/05/2005

NUMERO DO PROTOCOLO: A723983569776 - diario.cepe.com.br | Série do certificado digital: 1656401975081781079

ANEXO B – PROJETO DE LEI Nº 76/99 REESCRITO

1995 PROJETO DE LEI nº 76
Redação Final

VETO TOTALMENTE PELAS RAZÕES
EXPOSTAS NO OFÍCIO Nº 275/99-GP
EM, 22.06.99

EMENTA: Inclui no Calendário Artístico-
Cultural da Cidade do Recife os eventos:
Seresta do Recife, Reciforró, Festival da
Jovem Guarda, Recifolia e dá outras
Providências.

P R E F E I T O

A CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE resolve:

A MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE faz saber que o Poder Legislativo do Município aprovou e submete ao PODER EXECUTIVO o seguinte:

Art. 1º - Fica instituído, no mês de maio, o Festival de Seresta do Recife.

Art. 2º - Fica instituído, no mês de junho, o Reciforró.

Art. 3º - Fica instituído, no mês de setembro, o Festival da Jovem Guarda.

Art. 4º - Fica instituído, no mês de outubro, o Recifolia.

Art. 5º - Os eventos de que tratam os artigos anteriores realizar-se-ão no bairro do Recife.

Parágrafo Único – Excetua-se do disposto neste artigo, o Reciforró, que realizar-se-á no Arraial Velho do Bom Jesus – Sítio da Trindade, no bairro de Casa Amarela.

Art. 6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões da Câmara Municipal do Recife, em de maio de 1999.

Fred Oliveira
Presidente

Admalto Matos
1º Secretário

Luiz Vidal
2º Secretário

ANEXO C – OFÍCIO Nº 275/99-GP REESCRITO

Ofício nº 275/99-GP

Recife, 22 de junho de 1999

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que, usando da prerrogativa que me é conferida pelo artigo 54, inciso V, combinado com o artigo 34, ambos dispositivos da Lei Orgânica do Município do Recife, VETEI INTEGRALMENTE o Projeto de Lei nº 76/95, de autoria do Poder Legislativo, que inclui no calendário oficial da cidade do Recife vários eventos artístico-culturais posto que inconstitucional e contrário ao interesse público.

A Constituição Federal em seu artigo 37, dispõe que a Administração Pública direta, indireta ou fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá ao princípio da legalidade, dentre outros.

Por sua vez, a Lei Orgânica do Município do Recife estabelece em seu artigo 27, IV e V, que compete privativamente ao Prefeito a iniciativa dos projetos de lei que disponham sobre organizações administrativas, matéria tributária e orçamentária, serviços públicos e pessoal da Administração, bem como sobre criação, estruturação e definição de atribuições dos órgãos da administração pública municipal.

Embora louvável a intenção do autor do projeto em disciplinar os locais e as datas para a realização dos eventos referidos, organizando, assim, o calendário de eventos da cidade, a iniciativa desta proposição caberia privativamente ao Chefe do Poder Executivo Municipal.

Os eventos a que se refere o Projeto de Lei que ora se veta são manifestações espontâneas das tradições culturais da nossa gente, às quais tem o Município o dever constitucional de fomento.

Entretanto, a transformação do presente Projeto de Lei em Lei Municipal, implicará a obrigatoriedade da realização dos eventos ali relacionados, transformando manifestações naturais de nossa cultura em serviço público a ser prestado pela Administração Municipal, naquelas datas e locais. Ou seja, o que é para ser atividade de fomento, conforme disposição da Constituição Federal, passará a ser prestação de serviço público.

Ainda que essas atividades pudessem ser erigidas à categoria de serviço público, a iniciativa do projeto de lei caberia privativamente ao Prefeito, nos termos da Lei Orgânica deste Município, art. 27, IV.

Além da inconstitucionalidade acima indicada, há inúmeras razões de interesse público que justificam o presente veto. A fixação de data e local para a realização daqueles festejos retira deles características que lhe são essenciais, a exemplo da espontaneidade.

Ademais, há estudos que indicam, no caso específico do Recifolia, por exemplo, a inviabilidade de utilização daquela área do bairro do Recife, área de preservação rigorosa, nonde estão edificados prédios antigos, cujas estruturas não suportariam o volume de som dos trios elétricos.

Pelas razões expostas, sou obrigado a usar da prerrogativa do VETO, em obediência aos dispositivos constitucionais e legais supracitados.

Sem mais para o momento, renovo votos de alta estima e elevada consideração.

Atenciosamente,

ROBERTO MAGALHÃES
Prefeito da Cidade do Recife

Excelentíssimo Senhor
Vereador FRED OLIVEIRA
MD. Presidente da Câmara Municipal do Recife
NESTA

ANEXO D - CONVÊNIO ENTRE DANIEL BUENO PRODUÇÕES E A FUNDAÇÃO DE CULTURA DA CIDADE DO RECIFE



PREFEITURA DO
RECIFE

FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE

CONTRATO Nº 149/2010, DE
COPATROCÍNIO, QUE ENTRE SI
CELEBRAM, DE UM LADO, A
**FUNDAÇÃO DE CULTURA
CIDADE DO RECIFE** E, DO
OUTRO LADO, **ROBERVAL
MEDEIROS PENA PRODUÇÕES
ARTÍSTICAS**.

Pelo presente instrumento particular de Contrato de Copatrocínio, de um lado, a **FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE**, inscrita no CNPJ sob o nº 11.508.942/0001-00, com sede à Av. Cais do Apolo, nº 925, 15º andar, Bairro do Recife, nesta cidade, neste ato representada pela sua Diretora-Presidente, **Luciana Maria Felix de Queiroz**, brasileira, casada, Gestora Pública, inscrita no CPF/MF sob o nº 834.440.334-00, portadora da Cédula de Identidade nº 4.365.558 – SSP/PE, residente e domiciliado na Rua dos Navegantes, nº 1.515, ap. 201, Boa Viagem, Recife, PE, e sua e sua Diretora de Administração e Finanças, **Sra. Sandra Simone dos Santos Bruno**, brasileira, casada, administradora, inscrita no CPF/MF sob o nº 435.863.924-00, portadora da Cédula de Identidade nº 3.123.543 SSP/PE, residente e domiciliada na Rua Leandro Barreto, nº 355, Jardim São Paulo, Recife/PE, doravante denominada **COPATROCINADORA** e, do outro lado, o **ROBERVAL MEDEIROS PENA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS**, inscrito no CNPJ sob o nº 00.884.753/0001-07, situado à Rua Real da Torre, nº. 762, Madalena, Recife/PE, CEP 50.610-000, neste ato, representado pelo **Sr. Roberval de Medeiros Pena**, brasileiro, inscrito no CPF/MF sob o nº 152.271.894-04, portador da Cédula de Identidade nº 1.590.051- SSP/PE, residente e domiciliado à Rua Japacanga, nº. 57, Prado, Recife/PE, CEP 50720-130, doravante denominado **COPATROCINADO**, celebram o presente instrumento com observância estrita de suas Cláusulas que, em sucessivo, mútua e reciprocamente outorgam e aceitam, de conformidade com os preceitos de direito público, além dos especificamente previstos na Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, no que couber, mediante Inexigibilidade de Licitação, vinculado a proposta do **COPATROCINADO**, aplicando-se, supletivamente, os princípios da Teoria Geral dos Contratos e as disposições de direito privado.

DO OBJETO

CLÁUSULA PRIMEIRA - Constitui objeto do presente Contrato o Copatrocínio ao evento “16º Festival Nacional da Seresta”, a ser realizado no período de 05 a 08/05/2010, no Marco Zero, nesta cidade, sendo a contratada produtora do evento em destaque, conforme CI nº 206/2010 da Diretoria de Administração e Finanças, autorização da presidência da COPATROCINADORA e Proposta do COPATROCINADO, que integram este instrumento.

DO PREÇO

CLÁUSULA SEGUNDA - Para concretização do objeto previsto na Cláusula Primeira a COPATROCINADORA repassa ao COPATROCINADO o valor de R\$ 230.000,00 (duzentos e trinta mil reais), sendo duas parcelas iguais de R\$ 115.000,00 cada uma.





PREFEITURA DO

RECIFE

115.000,00 (cento e quinze mil reais), a primeira para 07/05/2010 e a segunda para o dia 11/05/2010.

PARÁGRAFO ÚNICO - O COPATROCINADO obriga-se a prestar contas do valor recebido no prazo de 30 (trinta) dias, após o encerramento do contrato.

DA DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA, CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL PROGRAMÁTICA E CATEGORIA ECONÔMICA

CLÁUSULA TERCEIRA - Os recursos alocados para a execução deste Contrato correrão à conta da Dotação Orçamentária nº 6201.13.392.1.211.2304 - Promoções de Ações Culturais - 339039 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica; Fonte de Recursos: Tesouro Municipal.

DO PRAZO

CLÁUSULA QUARTA - O prazo do presente Contrato é de 90 (noventa) dias, observadas as exigências do art. 57, da Lei 8.666/93, com início no dia 04 de maio de 2010.

DAS ALTERAÇÕES

CLÁUSULA QUINTA - As alterações porventura necessárias ao fiel cumprimento do objeto deste Contrato, serão efetivadas na forma e condições do art. 65, da Lei nº 8.666/93, no que couber previamente por Termo Aditivo, que passará a integrar este instrumento.

CLÁUSULA SEXTA - O presente instrumento contratual é celebrado mediante Inexigibilidade de Licitação, com base no artigo 25 da Lei nº 8.666/93.

DAS PENALIDADES

CLÁUSULA SÉTIMA - Em caso de infringência a qualquer das Cláusulas aqui ajustadas bem como aos arts. 81, 86, 87 e 88 da Lei nº 8.666/93, a COPATROCINADORA aplicará multa contratual correspondente a 10% (dez por cento) do preço deste Contrato, devendo o respectivo valor ser recolhido pelo COPATROCINADO, aos cofres da Tesouraria da COPATROCINADORA no prazo de 03 (três) dias, a contar do recebimento da notificação da Penalidade, sem prejuízo da rescisão por parte da COPATROCINADORA.

PARÁGRAFO ÚNICO - Recolhida a multa a que se refere esta Cláusula, poderá o COPATROCINADO, querendo, apresentar defesa que sendo provida ser-lhe-á devolvida a quantia no prazo de 05 (cinco) dias úteis, contados do pedido da devolução.

DO RETORNO PUBLICITÁRIO - CONDIÇÕES GERAIS

CLÁUSULA OITAVA - Em contrapartida ao recebimento do valor descrito na Cláusula Segunda o COPATROCINADO assegura a inserção da marca da PCR em todo o material de divulgação: Testeira de palco, release direcionado

Hayashi/contratos/festival da seresta

Cais do Apolo, 925

Recife, Pernambuco

CEP 50030-903

fone (81) 3232-8046

www.recife.pe.gov.br

AT

537

1637 - 1





PREFEITURA DO

RECIFE

à imprensa local e nacional, veiculação de 01 (um) spot de 1 minuto em 24 inserções, na programação da Rádio Jornal, além das citações de agradecimento no palco.

CLÁUSULA NONA - Fazem parte deste Contrato, independentemente de transcrição os seguintes documentos: Termo de Inexigibilidade nº 159/2010, CI nº 206/2010 da Diretoria de Administração e Finanças, Proposta do COPATROCINADO e publicação da Inexigibilidade de Licitação no Diário Oficial do Município.

DO FORO

CLÁUSULA NONA - Fica desde já declarado pelas partes, com base no parágrafo 2º, do artigo 55, da Lei 8.666/93, o Foro da Comarca do Recife, Capital do Estado de Pernambuco, para dirimir as questões suscitadas na execução deste Contrato.

E por estarem de pleno acordo, as partes firmam o presente instrumento em 04 (quatro) vias de igual teor e forma, para um único efeito de direito, na presença das testemunhas abaixo, que também o assinam, sendo a seguir registrado em Livro próprio da Assessoria Jurídica da Fundação de Cultura Cidade do Recife, conforme dispõe o art. 60 da Lei 8.666/93.

Recife, 04 de maio de 2010.

Luciana Maria Felix de Queiroz
FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE
LUCIANA MARIA FELIX DE QUEIROZ,
COPATROCINADORA

Sandra Simone dos Santos Bruno
FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE
SANDRA SIMONE DOS SANTOS BRUNO
COPATROCINADORA

Roberval de Medeiros Pena
ROBERVAL MEDEIROS PENA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS
ROBERVAL DE MEDEIROS PENA
COPATROCINADO

TESTEMUNHAS:

1. *[Assinatura]*
CPF nº 058.527.184-40

2. *[Assinatura]*
CPF nº 080.788.904-00

Hayashi/contratos/festival da seresta



Cais do Apolo, 925

Recife - Pernambuco

CEP 50030-903

fone (81) 3232-8045

www.recife.pe.gov.br

537

1637 - 1

ANEXO E – OFÍCIO À FUNDAÇÃO DE CULTURA DA CIDADE DO RECIFE

DANIEL BUENO PRODUÇÕES
CNPJ 00.884.753/0001-07

Recife, 20 de abril de 2010
Ofício. 110/10

Ilma. Sra.
LUCIANA FÉLIX
M.D. Presidente da Fundação de Cultura Cidade do Recife
Diretora Presidente

Prezada senhora,

Cumprimentado-a, cordialmente, e considerando que o **Festival Nacional de Seresta**, a ser realizado de 5 a 8 de maio de 2010, no Marco Zero, Bairro do Recife, promovido pela Prefeitura do Recife, em parceria com o Governo do Estado estará realizando no ano de 2010 a sua décima sexta edição, considerado não apenas um ritmo isolado no contexto musical do País; ao contrário, relacionando-se intimamente com outras manifestações culturais e musicais com predomínio da linha melódica romântica, suave, envolvente, que podem entrecruzar-se nos vários ritmos que, com arranjos devidamente adaptados, prestam-se perfeitamente a uma adorável serenata.

Considerando que o festival é considerado uma das principais comemorações da cultura em nossa capital e que, nos anos anteriores, desde 1995 foi um sucesso de público, dividido nos quatro dias temáticos em que ocorreu, subdivididas em uma noite dedicada às grandes vozes, outra aos sucessos dos anos 70, e que nas duas últimas noites, uma de boleros, e, no último dia, dedicado à Jovem Guarda, cantando composições das referidas épocas através desses artistas que, durante décadas, foram responsáveis pela trilha sonora de alguns encontros e desencontros na musicalidade brasileira.

Encaminhamos à Vossa Excelência Plano de Trabalho acompanhado de documentos que comprovam a personalidade jurídica, capacidade técnica, idoneidade financeira e a regularidade fiscal necessária, com o objetivo de viabilizar um COPATROCÍNIO da Prefeitura do Recife através da Fundação de Cultura Cidade do Recife - FCCR a realização do projeto de "16º Festival Nacional de Seresta", conforme disposto na Planilha de Custos anexa a esta comunicação.

Quanto ao valor do COPATROCÍNIO é da ordem de **R\$ 230.000,00** (DUZENTOS E TRINTA MIL REAIS), recursos que serão destinados a despesas com cachês artísticos e infraestrutura necessários ao evento. A contrapartida compreende a inserção da marca da Prefeitura do Recife em todo o material de divulgação: testeira de palco, release direcionado à imprensa local e nacional e a veiculação de um spot de 1 minuto em 24 inserções, de 1 a 8 de maio de 2010, na programação da Rádio Jornal.

ATT: A forma de pagamento deverá ser a seguinte:

1ª parcela ref. 50% do copatrocínio para 07 de maio: R\$ 115.000,00

2ª parcela ref. restante (50%) para 11 de maio: R\$ 115.000,00

Atenciosamente,

ANEXO F – CONTRATO DE EXCLUSIVIDADE DE ARTISTA

CARTA DE EXCLUSIVIDADE

Eu, MOACYR DE OLIVEIRA FRANCO, de nome artístico **MOACYR FRANCO**, CPF 030.087.038-87, Identidade 2.987.141 - SSP SP, domiciliado na Rua Rego Freitas n.501 Aptº 41, Vila Buarque - São Paulo - SP- CEP. 01220010, abaixo assinado, declaro para os devidos fins que a empresa **ROBERVAL MEDEIROS PENA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS** (Daniel Bueno Produções), de CNPJ 00.884.753/0001-07, com endereço na Rua Real da Torre, 762, Madalena, Recife/PE, CEP 50.610-000, representada por **ROBERVAL DE MEDEIROS PENA**, portador de cédula de identidade nr. 1.590.051 - SSP/PE e do CPF nr. 152.271.894-04, é meu **representante exclusivo**, podendo assinar contrato, receber e dar quitação no período de 04 de novembro de 2013 a 05 junho de 2014.

Recife, 04 de novembro de 2013

MOACYR FRANCO
CPF 030.087.038-87
Identidade 2.987.141 - SSP SP

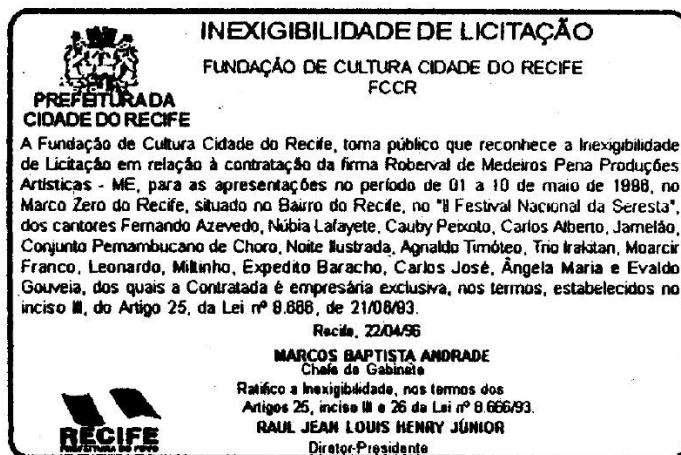
19º TABELÃO DE NOTAS DA CAPITAL
AV. REBOUÇAS, 3749 - SÃO PAULO - SP - CEP 05401-450 - FONE: (11) 3815-9855
BEL OLAVO FALLEIROS - TABELÃO

RECONHECO POR SEMELHANÇA 0001 FIRMA DE:
001 MACYR DE OLIVEIRA FRANCO
SÃO PAULO, 12 de FEVEREIRO de 2014. EM TEST () DA-VERDADE

PARO AURELIO TOSO-ESCREVENTE AUTORIZADO
Emplimentos+Custas=R\$11111114,50 - Carimbor1674568 DOC SEM VALOR ECD

024AA443842

ANEXO G – EXTRATOS DE CONTRATOS DE INEXIGIBILIDADE DE ARTISTAS



PREFEITURA DO RECIFE FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE

INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO

A FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE torna público que reconhece a Inexigibilidade de Licitação em relação à contratação da empresa Roberval Medeiros Pena Produções Artísticas-ME, CNPJ nº 00.884.753/0001-07, com sede nesta cidade, na Rua Real da Torre, nº 762, Madalena, na condição de empresária exclusiva dos cantores Nadja Maria, Cláudio Almeida, Fernando Azevedo, Noite Ilustrada, Jair Rodrigues, Dalva Torres, Roberto Muller, Waldick Soriano, Trio Irakitan, Expedito Baracho, Carlos José, Nubia Lafayette, Agnaldo Timóteo, Leonardo, Miltinho, Adilson Ramos, Cauby Peixoto e Ângela Maria, a fim de participarem do VII Festival Nacional da Seresta, no período de 23 a 26 de maio de 2001, no bairro do Recife, nesta cidade, no valor de R\$ 136.976,00 (cento e trinta e seis mil, novecentos e setenta e seis reais), de acordo com o artigo 25, inciso III, da Lei Federal nº 8.666/93. Recife, 18 de maio de 2001. Fernando Duarte da Fonseca. Chefe de Gabinete. Ratifico a Inexigibilidade de Licitação nos termos dos artigos 25, inciso III e 26, da Lei Federal nº 8.666/93. Recife, 18 de maio de 2001. João Roberto Costa do Nascimento. Diretor-Presidente.

ANEXO H – EXTRATOS DE CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS A ARTISTAS

EXTRATO DE CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO Nº 60/99.

Firmado em 19.04.99.

Contratantes: Fundação de Cultura Cidade do Recife e a Firma Roberval Medeiros Pena Produções Artísticas.

Objeto: As apresentações dos artistas Fernando Azevedo & Cláudio Almeida, Leonardo, Núbia Lafayette, Agnaldo Timóteo, Nadja Maria, Moacir Franco, Expedito Baracho, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Carlos Alberto, Adilson Ramos, Joana, Waldik Soriano, Conjunto Pernambucano de Choro e Walesca, no V Festival Nacional da Seresta, promovido pela Contratante, nos dias 05, 06, 07 e 08 de maio de 1999, no Marco Zero, Situado na Av. Alfredo Lisboa, nesta cidade, dos quais a Contratada é empresária exclusiva..

Prazo: 30 (trinta) dias.

Valor Global: R\$ 115.000,00 (cento e quinze mil reais).

Dotação Orçamentária Nº: 2.522 - Promoção de Ações e Eventos Culturais da Cidade.

Elemento de Despesa Nº: 34.90.39 - Outros Serviços de Terceiros-Pessoa Jurídica.

Nota de Empenho Nº: 99-02919-00-1, emitida em 19.04.99.

Fonte do Recurso: Tesouro Municipal.

EXTRATO Nº 129/2001.

CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

Firmado em 09.05.2001.

Contratantes: Fundação de Cultura Cidade do Recife e Firma Individual Roberval Pena Produções Artísticas.

Objeto: Apresentações dos artistas Nadja Maria, Cláudio Almeida, Fernando Azevedo, Noite Ilustrada, Jair Rodrigues, Dalva Torres, Roberto Muller, Waldik Soriano, Trio Irakitan, Expedito Baracho, Carlos José, Núbia Lafayette, Agnaldo Timóteo, Leonardo, Miltinho, Adilson Ramos, Cauby Peixoto e Ângela Maria no VII Festival Nacional da Seresta, no período de 23 a 26 de maio de 2001, no Marco Zero, dos quais a Contratada é empresária exclusiva.

Prazo: 30 (trinta) dias.

Valor: R\$ 136.976,00 (cento e trinta e seis mil, novecentos e setenta e seis reais).

Dotação Orçamentária Nº: 2.522 - Promoção de Ações e Eventos Culturais da Cidade.

Elemento de Despesa Nº: 33.90.39- Outros Serviços de Terceiros-Pessoa Jurídica.

Nota de Empenho Nº: 2001-02030-00-9.

Fonte do Recurso: Tesouro Municipal.

ramires/registro8

ANEXO I - EXTRATOS DE PAGAMENTOS A OUTROS

EXTRATO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO REMUNERADO DE BENS PÚBLICOS.

PARTES: MUNICÍPIO DO RECIFE/SECRETARIA DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES E A EVENTOS PRODUÇÕES CULTURAIS LTDA.- ME.

OBJETO: Autorização de Uso Remunerado de Bens Públicos, mediante a utilização do espaço público localizado no entorno do Marco Zero da Cidade do Recife, situado na Av. Alfredo Lisboa, para o fim específico de se instalar no referido espaço, os equipamentos de infra-estrutura necessários à realização do VI Festival Nacional da Seresta, na primeira quinzena do mês de maio de 2000, obedecendo o calendário oficial da Prefeitura da Cidade do Recife.

REMUNERAÇÃO DO AUTORIZANTE: R\$ 1.150,00 (hum mil, cento e cinquenta reais).

PRAZO: 18 (dezoito) dias.

FUNDAMENTO LEGAL: Lei Orgânica do Município do Recife (art. 75, I e 78).

 PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE	FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE
INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO	
A FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE, torna público que reconhece a Inexigibilidade de Licitação em relação à contratação da Big Walley Ltda., para os serviços de limpeza e desodorização e esgotamento sanitário em 12 (doze) cabines sanitárias móveis, autônomas de propriedade da Prefeitura da Cidade do Recife, durante a realização do IV Festival Nacional da Seresta, no período de 06 a 09 de maio de 1998, por ser a única sediada nesta cidade credenciada a dar manutenção no equipamento, através de seu exclusivo Sistema de Saneamento Sanitário, conforme atesta Certidão exarada pela Junta Comercial do Estado de Pernambuco, tudo de acordo com o disposto no artigo 25, inciso I, da Lei Federal nº 8.666/93, de 21.06.93. Recife, 28 de abril de 1998. Marcos Baptista Andrade, Chefe de Gabinete. Ratifico a Inexigibilidade de Licitação nos termos dos artigos 25, inciso I e 26, da Lei Federal nº 8.666/93. Recife, 28 de abril de 1998. José Carlos Gomes Viana. Diretor-Presidente.	

 PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE	FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE DISPENSA DE LICITAÇÃO
A Fundação de Cultura Cidade do Recife, torna público que reconhece a Dispensa de Licitação, para contratação da firma Eventos Produções Culturais Ltda., sediada na Rua Carlos Porto Carrero, 190/402, Derby, Recife, outorgando-lhe o direito para contratar com terceiros os serviços de montagem, desmontagem de instrumentos e equipamentos necessários à realização do III Festival Nacional da Seresta, bem como a exploração comercial dos camarotes e pontos fixos de venda de alimentação e gêneros afins, de acordo com o disposto no Artigo 24, inciso V, da Lei nº 8.666/93.	
Recife, 05 de maio de 1997 MARCOS BAPTISTA ANDRADE - Chefe de Gabinete Ratifico a Inexigibilidade de Licitação nos termos dos Artigos 24, inciso V e 26, da Lei nº 8.666/93. JOSÉ CARLOS GOMES VIANA - Diretor Presidente	

ANEXO J – INFRAESTRUTURA



Palco com telão do lado direito
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Palco com telão do lado esquerdo
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Palco sem telão
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Cabines sanitárias bem próximas ao palco
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Barracas de comidas
(Fonte: Blog de Maria Helena, Recife, 28 abr. 2012.
Disponível em:
<https://mariahelenareporter.blogspot.com>. Acesso
em: 10 mar. 2023.)



Público com barracas ao fundo
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Camarotes destacados em vermelho
(Fonte: Jornal do Comércio, Caderno C, pág. 6,
11/05/1998. Foto de Hans Von Manteuffel/JC)



Camarotes destacados em vermelho
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)

ANEXO K – POLÍTICOS



Gilberto Marques Paulo (1934)

(Fonte: Blog Fernando Machado, Recife, s/d. Disponível em: <https://www.fernandomachado.blog.br/recordar-e-viver-164/>. Acesso em: 11 fev. 2024.)



Raul Henry (1964)

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_Henry. Acesso em: 18 fev. 2024.)



Ada Siqueira (s/d)

(Fonte: <https://www.facebook.com/people/Ada-Siqueira/pfbid02isj9DBzhkWLYhj3S5fRqv7dqZZBsBqpCx6hF9Y88wDnhq3rkLM1GobxXS3Ksvqo2l/>. Acesso em: 18 fev. 2024.)



João Paulo (1952)

(Fonte: <https://www.alepe.pe.gov.br/parlamentar/joao-paulo/>. Acesso em: 06 jan. 2024.)



Joaquim Francisco (1948-2021)

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Francisco. Acesso em: 11 fev. 2024.)



Roberto Magalhães (1933)

(Fonte: <https://www.joaoalberto.com/2018/07/17/o-livro-de-roberto-magalhaes/>. Acesso em: 18 fev. 2024.)



Jarbas Vasconcelos (1942)

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jarbas_Vasconcelos. Acesso em: 6 jan. 2024.)



André Campos (1959)

(Fonte: <https://www.folhape.com.br/noticias/andre-campos-cotado-para-assumir-secretaria-importante/65457/>. Acesso em: 6 jan. 2024.)

ANEXO L – PRODUÇÃO



Wagner Gomes, apresentador, no palco do Festival da Seresta

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Wagner Gomes

(Fonte:

<https://www.facebook.com/wagnergomesoficial/photos/a.1100037140034986/3617523808286294/?type=3>.

Acesso em: 11 fev. 2024.)



Silvana Batalha, apresentadora

(Fonte: <http://www.clubepe.fm/a-radio-clube.php>.

Acesso em: 11 fev. 2024.



Daniel Bueno, produtor musical do Festival

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Geraldo Freire, radialista, idealizador do Festival

(Fonte: <https://www.cbnrecife.com/equipe>. Acesso em: 11 fev. 2024.)



Marcílio Monthier, coordenador de palco

(Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=812893130890746&set=ecnf.100065101989119> Acesso em: 18 fev.

2024)



Rogério Robalinho, empresário

(Fonte: <https://www.publishnews.com.br/materias/2021/10/29/quando-reencontrar-os-livros-e-um-grande-prazer>. Acesso em: 18 fev. 2024)

ANEXO M – PÚBLICO



O público na chuva
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



O público na chuva
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



O público no Marco Zero
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



O público na Praça do Arsenal
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



O público na Praça do Arsenal
(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)

ANEXO N – MOMENTOS



Bolo de aniversário para Ângela Maria, no palco do festival.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Bolo de aniversário para Fernando Mendes, no palco do festival.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Faixa em homenagem à Núbia Lafayette, que havia falecido no ano anterior.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Um frequentador com cartaz.

(Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5862922/>. NETV 2ª edição. Vídeo de 151 minutos exibido em 11/05/2017. Imagens de Marcos Correia. Acesso em: 11 fev. 2024.)



O Ministério da Saúde copatrocinou o Festival em 2003 e usou o slogan: “Velho é o seu preconceito”.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Fãs levam calcinhas para o show do cantor Wando.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Wando distribui calcinhas em seu show.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)



Geraldo Freire entrevista Jura Figueiredo, Cristinal Amaral e Leonardo Sullivan em seu programa Super Manhã.

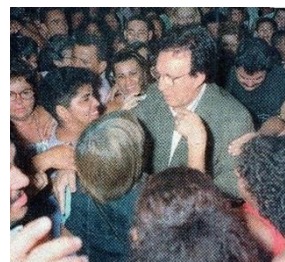
(Fonte:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1258221200892774&set=ecnf.100044134584347>. Acesso em: 18 fev. 2024.)



Altemar Dutra Jr, bem próximo ao público, seguido por um segurança.

(Fonte: Altemar na multidão – Jornal do Commercio: Capa Dois 10/05/2012. Pág. 2 Imagem de Clemilson Campos/JC imagem.



Moacyr Franco, no meio do público.

(Fonte: Acervo particular de Daniel Bueno)